LIVRO NEGRO

DE

PADRE DINIZ

TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO GOMES DA FONSECA
72, Rua do Bomjardim, 72

LIVRO NEGRO

DE

PADRE DINIZ

ROMANCE EM CONTINUAÇÃO AOS MYSTERIOS DE LISBOA

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
EM CASA DE F. G. DA FONSECA — EDITOR
72, Rua do Bomjardim, 72

NA DE VIUVA MORÉ
Praça de D. Pedro

A MESMA CASA EM COIMBRA
Rua da Calçada.

1863

ADVERTENCIA

O LIVRO NEGRO não foi escripto para ser publicado em fórma alguma, e muito menos em fórma de romance.

O grande homem, que rubricára com lagrimas essas paginas, não as escrevia para nós, profanos, que lh'as não comprehenderemos.

E não. Taes quaes elle as deixou ahi, são um mytho de amarguras, escriptas n'um estylo que não é estylo, n'uma elevação que nem a gente sabe se é um verdadeiro elevar-se para o céo, se uma desamparada quéda no inferno da dôr.

A verdade é que não sabemos ainda o idioma das grandes agonias, que parecem exilar o martyr da sociedade dos homens para a ideal convivencia de não sei que espiritos, divinisados pelo soffrimento.

Grande coragem foi a d'esse homem que tantos quadros, coloridos a sangue e lagrimas, deixou de si, como herança aos que desesperam!

Era «homem» por ventura padre Diniz?

A quem o pergunto eu?

A' minha consciencia que se accusa de mesquinha; ao meu entendimento que não concebe a resignação vencendo a dôr; ao meu coração, que se não unge dos oleos d'esse augusto sacerdocio do martyrio; ao meu espirito avariado nas tempestades, que não têem podido vencer-lhe o orgulho ingenito, se é que não vae antes aqui uma estudada philosophia!

Era «homem» padre Diniz?

Os homens nascem, soffrem, e morrem assim?

Aquelle corpo que se apalpava; aquellas faces que se abriam em sulcos ao queimar das lagrimas; aquelles olhos que vieram de longe, procurando um tumulo; aquelles labios que se erguiam da terra, para beijarem, em cada novo dia, o novo instrumento d'um supplicio novo sempre; aquelles braços que achegaram para o coração tantos desgraçados; aquelle coração que, por não ter já prantos, recebia os prantos de todos os infortunios alheios... tudo que se viu... aquelle homem por ventura era o homem que cae, que se aniquila, que reparte uma fibra por cada verme?

Esta interrogação, feita ao silencio — este apello, ancioso a todas as religiões e a todas as philosophias — é um espinho que vae muito dentro no coração do fraco, ou do forte, que não póde aliar-se á gélida indifferença com que se vê passar o anjo bemdito, e o Lucifer amaldiçoado — o reprobo dos grandes crimes, e o martyr das sobre-humanas virtudes!

Não o viram?

Poderam afferil-o no padrão vulgar d'esta milicia de sordidas batalhas de paixões ignobeis, de sangue deshonrado, de palmas ensanguentadas e de tumulos cospidos?

Acreditaram essa existencia?

Muitos ha que não.

Pois é a esses que eu pesso um culto de admiração e de respeito para esse homem, ou phantasma, que deve ter sido o elo que solda a creatura ao ultimo annel da cadeia — ao Creador.

Passou ahi. Poucos o viram, menos ainda o comprehenderiam, porque o LIVRO NEGRO não é uma biographia: é um longo gemido partido na garganta por mãos invisiveis que se succedem; por convulsões atormentadoras, que, de hora a hora, vem lembrar ao desgraçado que a escala dos soffrimentos varia até ao infinito.

O seu livro, por tanto, seria inintelligivel.

Que diz isto? — perguntariam muitos.

O que diz isto!

E' um homem despedaçado. Reuni-me todas essas lagrimas; com todas estas fibras fazei-me o milagre de um coração: pedi a Deus um sopro de vida para este coração, que eu vejo aqui, desfiado a golpes de instante a instante...

E depois poderei dizer-vos o que é este livro, vedado a todos os que não viram, no cenaculo dos martyres, descer a restea luminosa da santificação.

E quem são os que tem uma vida bem escura, um doer bem intimo, um desterro bem abundante de supplicios?

Ha por ventura um? Pertence a esse decifrar o enigma de cada linha.

Será esse o que, recolhido em si, como em consulta com a inspiração, será esse o que possa dizer:

«N'estas linhas vi tudo o que estava no coração do homem. Aqui vão uns vestigios... Segui o martyr... e parei com elle ao pé do tumulo!

Mas esse tal ha-de ter sido desgraçado como o filho de Silvina.

Hade ter sido criminoso como o duque de Cliton.

Hade ter sido homem como Sebastião de Mello.

Hade ter sido anjo como Diniz Ramalho e Sousa.

E onde está elle?

Quem abriu os sete sellos do apocalipse?

Quem falla com os mortos para arrancar-lhe o segredo d'esses confusos hymnos, que outra coisa não são as exclamações de penitente?

Eu não, que me arrasto, desprezivel gramma, bem no raso das paixões terrenas.

Eu não, que profanaria o Psalmo, se o fizesse entrar nos destoados sons do terreno alaude, em que tenho celebrisado paixões apoucadas, á feição de estimulos, uns ridiculos, outros miseraveis.

Ahi tendes...

Não pude, porque não devia reproduzir-vos lealmente o livro.

Dou-vos apenas as notas: commentei-as, porque são fugitivas.

Decifrei-as, porque o filho da condessa de Santa Barbara, durante as suas viagens, exhumou do esquecimento revelações que padre Diniz julgou levar comsigo ao tumulo.

Enganou-se! Seria homem?...

Quereis um romance; não quereis uma elegia.

E' preciso dar-vos um romance; uma biographia, uma historia em capitulos; um enredo interessante de peripecias. E tendes razão.

Se me dessem tal qual é, tal qual o encontrei o LIVRO NEGRO DE PADRE DINIZ, lançal-o-ia de mim com o desalento do avaro, que abrisse um livro em que lhe são indicados mil

presença do pavoroso, quadro d'uma agonia, era a v
nesiana, que acompanhára Albuquerque a Roma.

N'esta camara, lugubremente alumiada, estava u
moço de trinta annos, quando muito, braços cru
dos. olhos ardentes, faces pallidas, vestido á côrte
D. João v, como quem saíra do sarão d'um banquei
opulento da Italia, para entrar no quarto sombrio d'u
muribundo.

Era o marquez de Luso, mezes antes chegado
Romà, com poderes novos de D. Maria i, para neg
ciações secretas com S. Santidade.

E o certo é que, meia hora antes, o cortezão
casaca recamada de oiro, e o enfermo, que se esto
cia no lençol ensopado de suor, um e outro, folg
dos e alegres, tinham chegado d'um apolento festin
galhofando como rapazes, que não cediam a nenhu
em gentileza, ácerca de conquistas principiadas para
que viera de Portugal depois, e conquistas desprezad
para o que viera antès.

E bem podiam, porque mais d'uma sobrinha
cardeal, muito parecida com o tio, se lhes afigurava
legitimas representantes das Delias, das Lesbias e d
Messalinas.

Boas e conscienciosas eram as suas risadas, quai
do Paulo d'Albuquerque sentiu uma revolução repen
na, dentro em si.

Levou a mão ao peito, e disse:

«Tenho aqui uma lavareda!

Comprimiu com ambas as mãos a cintura, e e
torceu-se, como mordido nos intestinos por uma
bora.

Rasgou desesperadamente os doirados alamares
casaca, arrancou as fivelas dos calções, e lançou-se
bruços sobre o leito, pedindo a altos gritos um qua
quer remedio, que o salvasse das mortaes afflicçõe
que sentia dilacerarem-no por dentro.

O marquez de Luso saíra aterrado. Voltou com u
medico, homem de poucas palavras, e de intelligenc
penetrante para conhecer, ao menos, que não podi
dar vida áquelles que a morte lhe tomava, sem co
sultal-o.

«Morre, indispensavelmente.

Foram as suas unicas palavras.

«Que morte é esta?—perguntou o marquez.

«E' a morte do envenenado — respondeu tranquillmente o doutor.

«Retire-se — disse o agonisante.

O medico teve a prudencia de não disputar a presa ás garras do tumulo, e saiu, lamentando a mesquinhez da sciencia, ou a omnipotencia da morte.

Paulo d'Albuquerque apertou a mão do marquez, disse com a voz cortada por atormentados impetos de dôr:

«Quatro portas adiante da minha, mora uma mulher, que se chama Luiza. Vae lá e já. Diz-lhe que venha aqui... e traga comsigo a criança...

«A criança!...

Murmurou o marquez, e saiu.

Voltando, encontrou o envenenado n'um espasmo, que se lhe afigurou uma crise salvadora.

A um aceno, approximou-se ao leito.

«Morro envenenado pelo cardeal Pozzebonelli...

«Quando foste envenenado?

«Faz hoje vinte dias... n'um jantar... Era um rival perigoso...

Tens a certeza?!

«Tenho...

«Eu te vingarei!

«Não quero... A vingança antecipei-a eu. Esse homem deve morrer amanhã, porque foi envenenado hoje... por mim.

«Por ti!

«Sim... por mim... O demonio ludibriou-nos a ambos... não fallemos mais n'isto, que me foge a luz... Vem ahi essa mulher, com um menino...

«E' teu filho?

«Não...

«Pois de quem?

«E' segredo que vae commigo... Não te importe saber de quem... Entrego-t'o, e com elle um cofre, guardado alli n'aquelle caixão, e dentro cem mil cruzados em oiro, com algumas joias.

«E' tudo d'elle... Educa-o... Se te apparecer um homem, dizendo-te que esse menino é seu filho, has de pedir-lhe um signal. Se elle t'o der...

«Qual?

«Pergunta-lhe que legenda se lê na lamina d'um punhal, que lá está no cofre; se elle t'a disser...

«Entrego-lhe o menino?

«Sim; e, se não te apparecer tal homem, educa-o e dá-lhe o seu patrimonio aos vinte e cinco annos...

N'este momento entrou a ama.

Paulo d'Albuquerque, como vimos, quiz receber a criança nos braços e não podia.

Nos labios innocentinhos do anjo, um sorriso de festa, um candido jubilo!

Nos labios denegridos do moribundo, uma contorsão de desespero, um traço negro de sangue!

O marquez, absorto na contemplação d'este lance, tinha duas lagrimas na face.

Albuquerque estendeu-lhe os braços, como pedindo-lhe que afastasse d'alli a criancinha.

O marquez tomou-a dos braços da ama, que chorava.

«Por que m'a tiram? — perguntou ella...

Responderam-lhe os vagidos do menino, que lhe estendia os tremulos braços.

O marquez voltou, minutos depois.

Encontrou um cadaver no leito, e, aos pés do leito, uma mulher desmaiada.

....

No dia seguinte dobravam os sinos por alma de Paulo d'Albuquerque. Os representantes de todas as nações agglomeravam-se nos salões do palacio do embaixador.

Dizia-se ahi que Paulo morrêra envenenado. Attribuia-se o caso infausto a ciumes de uma sobrinha do cardeal Pozzebonelli; mas o boato dizia-se ao ouvido, porque o cardeal estava presente.

Quando levantavam o cadaver os quatro plenipotenciarios mais distinctos, ouviu-se uma pergunta do principe da egreja, que viera espargir-lhe agua benta:

«Não era mais natural que lhe viessem quatro damas fazer as ultimas honras?

A este sarcasmo, que o envenenador não podéra sopesar nas más entranhas, respondeu o marquez de Luso:

«Recommendaremos ás damas que venham fazer as honras do vosso saímento, senhor cardeal.

Sua Eminencia sorriu-se, mas impallideceu. Quiz replicar á resposta, mas o marquez, importuno, virára-lhe as costas. Procurou-o entre o cortejo e não o viu. Sufficientemente cynico, resolveu passar uma noite regalada.

E, para não dar brecha ao remorso, nem acompanhou o esquife, nem concedeu ao espirito repoisar-se da febre em que o tinha abrazado pelo contentamento de se ver tão bem servido pelo seu veneno.

Recolheu-se á cella das suas mortificações, e mandou-se servir d'alguns copos de decrepito syracusa.

A que o servia era uma gentil seciliana, d'olhos negros, e cabellos soltos, á maneira das lubricas estampas, que decoravam as paredes adamascadas do quarto.

E conseguiu o que queria. A bebida exacerbara-lhe a febre. A' embriaguez do sangue viera ajuntar-se a embriaguez do vinho.

«Canta-me versos do Petrarcha, minha gentil Laura! — exclamou elle.

E a napolitana cantou. Ria-se, n'um rir de doido, o cardeal. Em gratidão, cingiu-a pela cintura, e imprimiu-lhe na face um beijo de impuro fogo, mas do puro aroma do odorifero syracusa.

Esta scena foi cortada por um grito. Da seciliana não, que essa, toda alegria, como valida d'uma hora, revia-se ditosa nas faces incendidas do tremulo cardeal.

O grito era d'elle, e esse grito viera-lhe como do coração, rasgado a ferro.

E outro grito, depois.

E, depois, o collear das contorsões, os arrepios interiores do veneno, o despedaçar-se rapido d'uma organisação robusta.

A espavorida môça, dez minutos passados, sentiu que aquelle corpo, estrebuchando entre seus braços, paralisára de improviso.

Não podia com elle: deixou-o resvalar...

Quiz erguel-o e não póde. Pediu soccorro...

Acudiram os venerandos sacerdotes, que commungavam nas sôpas do cardeal.

E o mais é que nenhum chorou, quando um d'elles, deixando pender funeralmente as belfas, regougou em diapasão de profunda magoa:

«Sua Eminencia... morreu!

«Envenenado! — acrescentou o medico, n'este momento introduzido no quarto.

«Estamos no tempo de Locusta!

Murmurou o chantre da real capella.

«Falta-nos uma legislação como a de Lucius Cornelius Silla! — acrescentou um jesuita francez, que lamentava a morte do cardeal Pozzebonelli, porque tivera n'elle, por trinta mil libras, um incarniçado inimigo contra os Jansenistas.

II

O marquez de Luso horrorisou-se, e não lh'o levemos em conta de covardia.

Roma, a cidade de Christo, afigurou-se-lhe a prostituta dos imperadores pagãos.

Requereu immediatamente a sua transferencia, e concederam-lh'a para França.

O filho de paes incognitos fôra-lhe entregue sem nome. Precisava dar-lhe um nome e um appellido.

O dia em que saíra de Roma, era de S. Sebastião. Foi este e segundo baptismo da criança.

Entregou-o aos carinhos d'uma romana que o seguiu. Não era sobrinha de cardeal; mas fôra arrancada pelo portuguez ás vigilancias de muitos cardeaes, que não tiveram tempo de propinar-lhe o sublimado corrosivo.

Em Paris, o seu zelo com Sebastiãozinho era ex-

formoso. A romana amava-o como filho, e o marquez não o amaria mais se fosse pae.

Mas as affeições domesticas não bastavam ao coração do amigo intimo de Paulo de Albuquerque.

Paris de Luiz XVI era um mixto da mais fina corrupção de Luiz XV, e da mais hypocrita devoção do grande rei.

O marquez era rapaz de trinta annos, e as tentativas difficeis eram ahi menos perigosas do que em Roma; porque não se arriscava a vida contra o azar dos venenos, contra os ciumes homicidas dos cardeaes.

O embaixador lançou-se no mundo. Sobejava-lhe oiro, gentileza e intelligencia.

Subiu gradualmente de triumpho em triumpho, até altear-se á rainha, á fada, á divindade dos salões, dos poetas e dos banqueiros.

A fortuna caprichára em atiral-a para diante das suas ambições.

Atrás de si ficava uma desgraçada mulher que chorava sempre. Era a Laura, anjo de formosura e innocencia que elle roubára do regaço de uma mãe moribunda.

A'vante, nobre seductor!

Namorar Susanna de Mont-fort, neta do celebre cruzado Simão de Mont-fort, intitulado o *Macchabeu* do seculo XIII, parenta proxima dos velhos duques de Bretanha, e por isso enturgecida nas veias de sangue real, era já de si sonhada gloria para o orgulho d'um simples encarregado de negocios d'uma nação pequena.

Mas... ainda mais!

Ouvir-lhe dos labios d'ella uma calorosa expansão de amor, e uma proposta de casamento, não impedido por seu pae, nem estranhado pelos numerosos tios e tias que rodeavam o throno... era isto felicidade para endoidecer um simples mortal que não tivesse a presença de espirito do marquez de Luso.

Não convinha deixar arrefecer o enthusiasmo. O amor e a conveniencia davam-se as mãos, com rara fraternidade. A filha de Raymundo de Mont-fort, camarista do rei, esposou o marquez, calcando assim muitos orgulhos, zombando de muitos ciumes, e chaman-

do sobre seu marido muitas coleras que desprezavam ambos.

O mais fogoso dos seus amantes era Henoré-Gabriel Riquetti, conde de Mirabeau.

Divorciado de sua mulher, reputava-se bastante puro para fascinar o coração d'uma virgem.

Este homem, aos trinta e tres annos, morrêra para a honra, para o enthusiasmo nobre, e para o culto de todos os exemplos sublimes.

A corrupção celebrisava-o. Fugira de Nevers, sua patria, porque fôra alli o primeiro palco onde estreára o drama escandaloso das suas pervertidas propensões.

Em busca de victimas, estabeleceu-se em Paris, mas a fama viera adiante d'elle.

Dias depois que, a titulo de nobre, e nobre antigo de Florença, foi recebido na alta sociedade de Paris, commetteu um rapto e adulterio.

Perseguido, foi preso em Vincennes, e augmentou a sua popularidade, saindo dos ferros para provar que a solidão do carcere lhe ensinára systemas de corrupção mais promptos e menos perigosos.

Todavia, para Susanna de Mont-fort fôra impotente a sua astucia. Ferido no seu amor proprio, tragou surdamente o fel do ciume, logo que o marquez de Luso appareceu nos salões de Paris, e anniquillou todas as esperanças de tantos nomes illustres que porfiavam um sorriso de Susanna.

Mas o coração de Mirabeau não degiria o fel.

Mordeu os labios, que escorreram sangue: este sangue porém devia salpicar a face de quem quer que fosse.

Na ante-vespera das nupcias, o conde obteve uma audiencia secreta de Luiz XVI.

Era um arrojo inaudito, mas commetteu-o!

Era o derradeiro esforço que devia gerar n'um momento o mestre de Marat, Danton, e Robspierre, nove annos depois.

O que elle pediu ao rei foi um golpe decisivo entre o marquez de Luso e Susanna de Mont-fort.

O neto de S. Luiz sorriu-se. Mirabeau sorriu-se tambem. Era a mentirosa expressão do inferno que lhe tumultuava dentro.

«Fazei-vos homem honrado» — disse o monarcha.

«Sustentae-vos rei inviolavel» — respondeu o conde. Luiz XVI não o comprehendeu.

No dia seguinte partiu para Londres.

Ahi foi outro homem. A aspiração da vingança dera-lhe a mascara da honra.

Appareceram escriptos seus em politica.

Applaudiram-nos e ninguem viu n'elles o germen do tribuno.

O ministro Callone em 1787, seis annos depois que abandonava Paris, encarregara-o d'uma missão secreta na Prussia. Mirabeau tinha na imaginação o ruido do throno da França a baquear, quando escrevia a «Monarchia prussiana». As «Cartas a Sophia» pseudonimo da marqueza Monnier, sua abandonada amante, eram o residuo da immoralidade que se expurgava em feses de bonito estilo, para dar campo a outra que devia fructificar mais tarde.

Entretanto, o marquez de Luso esquecêra o rival terrivel: era feliz. A marqueza, incapaz de reservar rancor, não comprehendia o adiamento d'uma vingança, nem em sonhos se inquietava com a imagem do amante desprezado.

Sebastião ficára em poder de Laura, seduzida pelo marquez, e tão depressa precipitada das suas illusões d'alguns mezes.

Preza á criança pelo amor, não podia odiar o homem que lh'a confiava. Lagrimas para si, lagrimas para o innocentinho, que lh'as bebia em beijos soffregos, era essa a vida da generosa martyr, que recebia mensalmente, em muito segredo, umas tantas libras do marquez.

E chegou a convencer-se de que não era infeliz; mas foi um engano.

Sentíra entrar-lhe a morte no coração; mas não a ouvíra limar, fibra a fibra, os vinculos da vida.

Quando se apercebeu de que o ar lhe passava no pulmão como um halito de fogo, transgrediu o preceito do silencio, e chamou o marquez com quem não fallára durante dois annos.

«Creio que não viverei muitos dias — lhe disse ella com a placidez d'uma nobre dignidade.

Não o chamei para fazer-lhe accusações. Não se impaciente, senhor marquez.

Seria inutil, a esta hora, lembrar-lhe que deixei minha velha mãe para seguil-o.

Se ha crime, como realmente o ha, é meu... só meu. Deus me perdoará que é bom...

Não se impaciente... outra vez lh'o pesso...

Não foi para isto que o chamei... não foi.

Quero entregar-lhe um thesoiro com que v. ex.ª me recompensou com todas as amarguras...

E' este menino...»

E tomando-o nos braços para offerecer-lh'o, rebentaram-lhe as lagrimas, e não pôde fallar, porque os soluços lhe cortavam as palavras.

«Não hasde morrer...» — atalhou o marquez com certo ar de piedade contrafeita.

«Não heide morrer? Deus queira que não...

Este menino perde sua mãe, se eu lhe falto... Quem lhe fica no mundo? O sr. marquez é um homem... Não lhe sobram minutos da sua vida de regalos e de tumultos.

E' preciso soffrer para acarinhar um orphão...

Só a mulher desgraçada sabe ensinar uma criança, que não é sua, o chamar-lhe mãe.

Quem quererá dar-lhe tal nome?... Não sei!...»

O marquez commoveu-se, e tomou a mão ardente da pobre Laura. Retirou-lh'a com dignidade, para levar aos labios o lenço borrifado de sangue que lhe espirrava dos frouxos de tosse incessante.

«Deixe-me fallar-lhe d'um modo que eu nunca suppuz fallar-lhe... Veja quanto isto me custará... Sua esposa é sua amiga?

«Que pergunta!...

«E' uma pergunta louca?... Será; mas não lhe merece esse sorriso de zombaria...

«Eu não zombo da pergunta...

«Pois, bem haja, senhor marquez... E' sua amiga... de certo... Deve sel-o... O homem por quem me perdi, deve ser amado de todas as mulheres... Pois então parece-lhe que ella será tambem amiga d'esta criancinha?

«Seria... mas eu não lh'a entrego...»

«Porque? Envergonha-se d'uma acção que lhe faz tanta honra?

«Não quero suspeitas...

«Suspeitas... de que?... Perdoe-me... Eu tenho-me excedido... Abusei da sua bondade em ouvir a pobre Laura... Mas que hade fazer-se d'este menino?!

«Confial-o-hei sempre, como até aqui, aos teus cuidados...

. «Aos meus?... Ainda é meu amigo... Deus lhe dê tanta felicidade em todos os instantes da sua vida, como eu a sinto n'este momento... Mas... se eu morro!... Não acredita que a minha vida está no fim?

«A minha presença hade restituir-te a saude...»

«Já não... Ha quinze dias... pareceu-me que sim... Agora não queira enganar-me, porque perto da sepultura, os olhos do moribundo alcançam tudo... V. ex.ª pensava que uma mulher da plebe não morre de saudade, de remorso e de vergonha?... Enganou-se... Se visse como era nobre o meu coração... tinha pena de mim... ou, ao menos, honrava-me com duas palavras... Porque me não disse: «vou casar-me»? Nem uma palavra!... Não se trata assim uma mulher que deixa a deshonra no regaço d'uma velha mãe, para vir longe d'ella... morrer!... Foi um procedimento indigno de si... Se me não amava, fosse-me, se quer, reconhecido, pelo muito que eu quiz a este menino, que lhe foi confiado por um amigo á hora da morte...

«Laura!...

«Bem sei que o mortifico... perdoe-me...

«Não me queixo.

«Tem compaixão de mim!... Já não alcancei pouco com as minhas lagrimas.. Mas este menino?... A quem deixarei esta criança?... Meu filho, queres morrer commigo?

«Sim — respondeu Sebastião.

«Sim! não queres outra mãe?

«Não... a minha mãe é esta — balbuciava o filho de Silvina, afagando as faces de Laura.

«Mas aquelle senhor hade dar-te uma outra mãe.

«Não conheço aquelle senhor... Quero antes morrer comsigo... Vamos vêr os anjinhos...

Laura, banhada em lagrimas, apertou ao peito Sebastião. O marquez deu-lhe um beijo, e, retirando os labios, encontrou de proposito a face de Laura. A desgraçada orgulhosa affastou-se com arremesso.

O marquez, ante a sua propria consciencia, vexou-se, e com difficuldade reprimiu um insulto, que viria usurariamente desforral-o da affronta.

Saiu.

Laura, com o menino nos braços, ajoelhava á imagem de Santa Maria dos Anjos, pedindo-lhe uma inspiração que a encaminhasse no que devia fazer a bem d'aquella criança.

De subito, é accommettida por um pensamento que lhe fez subir á face todo o sangue agitado por um prazer estranho.

Sentiu passos atrás de si.

Era o marquez que voltava.

«Esqueceu-me dizer-te, Laura, que vou ámanhã para Portugal. Meu pae está muito doente e quer despedir-se de mim... Na minha volta, que será breve, fallaremos muito de ti e da nossa criancinha...

«Vae só? — perguntou ella com sobresalto.

«Vou só!... Porque?

«Por nada...

«Espero encontrar-te convalescida.

«Morta...

«Não... não hasde morrer, porque te heide restituir todo o amor que te tirei...

«Perdôo-lhe a divida... não a quero...

«Hasde desculpar-me quando eu te contar a minha vida...

«A minha campa lh'a ouvirá... Sabe o que eu padeço agora? E' a dôr d'um adeus eterno... Olho para si, e vejo o homem que nunca mais verei... Oh santo Deus! que poder é o vosso, que podestes crear estes momentos de afflicção!...

Laura, articulando alguns sons inintelligiveis, desmaiou.

Voltando a si, encontrou-se nos braços d'uma criada, e viu ao pé de si, ajoelhando e chorando, a criança de quatro annos.

O marquez, para não gastar-se n'uma dôr indigna dos seus altos destínos, retirava-se, lembrando-se d'esta passagem das cartas de Mirabeau a Sophia:

Estas pobres filhas do povo sabem representar scenas que não parecem suas.

Tem umas lagrimas, que nos deixam em duvida; se o verdadeiro amor está nas aguas furtadas, ou nos primeiros andares.

III

Dois dias depois annunciaram á marqueza de Luso uma pallida senhora, que fallava uma mistura de italiano e francez, e trazia comsigo um lindo menino.

A marqueza, na ausencia de seu marido, só recebia senhoras, e mandou entrar para a sua ante-camara a visita annunciada.

Na hypothese de que seria alguma viuva de militar, morto na guerra dos americanos contra a Inglaterra, proveu-se d'algumas moedas em prata, e entrou na ante-camara com o intono protector de uma legitima neta de D. João III, duque de Bretanha.

Laura, ao vêl-a, não pôde esconder a commoção. Achou-a mais bella do que suppunha; mais formosa que ella, e não sabemos, porque capricho da vaidade, soffreu e corou.

Susanna traduziu n'este corar a vergonha d'uma viuva, que, pela primeira vez, pede uma esmola.

Quiz portanto ser generosa, antecipando o remate da historia, cuja narrativa custaria á envergonhada viuva muitas penas.

«Vem naturalmente — disse ella — solicitar-me alguns recursos...

«Não, minha senhora; não venho pedir esmola...

«Se viesse, encontraria em mim...

«Uma alma generosa... acredito que sim; mas..... outras mais necessitadas, virão acolher se á caridade de v. exc.ª...

«Vejo que soffre muito... Cansa-se a fallar... Descance... Vejo que não é franceza.

«Sou italiana.

«Italiana!» disse, com sobresalto, a marqueza, fixando, pela primeira vez, os olhos nos olhos negros do menino. — «E' seu esse menino?

«Não, senhora marqueza... Não é meu...

«E' muito lindo! E' francez?

«Não, minha senhora... E' italiano ou portuguez... Creio eu que é...

«Pois não tem a certeza? Acho bastante mysteriosa a duvida!... Ora diga-me...

A marqueza conteve a pergunta.

«Queira dizer, minha senhora... Ia perguntar-me...

«Se conhecia meu marido.

«Conheço o senhor marquez.

«Conhece?... Parece que já decifrei o enigma...

«Não decifrou, minha senhora.

«Esse menino é filho de meu marido...

«Não é, senhora marqueza.

«Tem a bondade de explicar-se, e não receie magoar-me com qualquer revelação, porque esse menino deve ter quatro annos, e eu estou casada ha dois... Já vê que não tenho direito algum de pedir a meu marido contas do seu passado...

«Nem do seu presente... Eu vou dizer-lhe ao que vim, senhora marqueza.

Ha dois annos que seu marido era embaixador em Roma...

«Sei isso.

«Um amigo do senhor marquez, á hora da morte entregou-lhe este menino.

«Que é filho d'esse amigo de meu marido?

«Não é filho d'elle...

«Pois de quem?

«E' um segredo para seu marido... O unico, talvez, que podesse, a esta hora, responder a v. ex.ª, morreu... era o amigo do senhor marquez...

«E a senhora que parte tem n'este enredo?

«Tenho sido a ama d'este menino.

«Por consentimento do marquez?

«De certo, minha senhora.

«Por que m'o não tem elle dito?

«Talvez por não causar suspeitas a v. ex.ª

«E acha que estou livre d'ellas?

«Deve estar...

«Quem me affirma o contrario do que eu penso?

«Uma mulher, que brevemente irá dar contas a Deus d'uma falsidade, se ella a empregar com v. ex.ª

«Queira fallar...

«Eu vou sair d'este mundo... e preciso confiar esta criança a alguem...

E' uma herança sem onus pesado...

Não o deixarei como um orphão desvalido; porque o senhor marquez é o depositario do patrimonio d'este menino.

«Do patrimonio!... Pois será esse patrimonio um cofre que meu marido não abriu nunca, e que lhe hade ser pedido, passados vinte annos?!

«Deve ser.

«Porque m'o não disse elle?!

Susanna tomou no collo Sebastião, e deu-lhe um beijo.

Os olhos de Laura irradiaram toda a alegria do seu bom coração.

O beijo de Susanna, no entender de Laura, era a promessa d'uma amiga á criancinha, derradeira affeição, e entre todas a mais santa que se enraizára na vida, toda amor, da pobre seduzida.

E esta affeição, como ella disse, indemnisava-a da mentira de todas as outras.

O filho de Silvina não lhe era ingrato.

Feliz, cheia de vida, e talvez de esperança, quizera lêr, nos labios do menino, o seu futuro, como se á desventurada filha do povo, serva adscripta ao gozo d'um grande, fosse promettido lêr um futuro no sorriso da innocencia.

Moribunda, as unicas lagrimas, que viu, em consolação ás suas, foram as d'elle. Foi elle a sua companhia de dois annos, o seu mudo confidente de todos os instantes.

Sebastião entrára na vida consolando infortunios,

como padre Diniz entrára no tumulo, enchugando pran tos. O fim da vida fôra-lhe prophetisada no berço.

«Porque m'o não disse elle!» — repetiu Susann — Meu marido sabe que eu me dou de todo o meu co ração ás suas vontades.

Não o contrariei nunca em actos suspeitos e dolo rosos para a ternura com que o estremeço; como po deria eu impedir-lhe o gozo de ser o pae d'este or phão, e honrado amigo d'esse outro, que lhe deixo esta criança!? Parece que ha uma forte razão par que se me occultasse uma coisa tão simples... A se nhora talvez a saiba...

«Não a sei...

«A sua edade, a sua formosura, a sua patria, confiança que tem merecido ao marquez... tudo ist não se explica com tanta facilidade, e tanta innocen cia, como a senhora quer que eu entenda...

«Mas é que eu não venho dar explicações de mim senhora marqueza... A historia que vim contar é d'este menino...

«Pois creia que as minhas perguntas não merecem o azedume com que me responde... Eu queria ser-lh util...

«A mim?!

«Sim.

«Estou no caso de não precisar de ninguem...

Perto da sepultura, a independencia é falsa e na tural. Não tenho já sensibilidade para sentir privações nem para gozar a abundancia. A indigencia e o oir são-me coisas indifferentes...

«Se soubesse quanto me está interessando!... Ou o seu nascimento é illustre, ou a sua educação foi mui to distincta.

«Nem um nem outra. Nasci do povo e eduquei me com o povo... Não sou ninguem... Até me enver gonho de tratar de mim, rasteiro verme, na presen ça de v. ex.ª... O menino... o menino... fallemos d'elle...

«Pois sim, fallemos do menino... Como se chama elle?

«Sebastião...

«Sebastião?... E' mais bonito que o nome...

Se se chamasse Leopoldo... E' nome de meu marido e tão lindo!... Porque não hade este menino chamar-se Leopoldo?! Não acha tão brando, tão dôce este nome?

Laura respondeu, impallidecendo:

«E' muito... Póde mudar-lhe o nome, minha senhora; mas consinta que eu lhe chame Sebastião em quanto tiver voz...

Pouco tempo será... Cá lhe fica, se v. ex.ª m'o receber, então dê-lhe o nome que quizer, senhora marqueza.

«Pois vem entregar-m'o?!

«Ainda não... Quando me sentir sem forças para o apertar ao coração... quando os meus olhos o não virem...

«Pois assim se julga doente?!... Onde vive? Tem familia?

«Não tenho familia... Será então que v. ex.ª receberá o deposito sagrado de seu marido...

«Que pena ter elle partido hontem para Portugal!...

Talvez, estando elle aqui, a senhora recusasse o offerecimento que eu lhe faria da nossa casa...

«Não o acceitaria, senhora marqueza... Consegui tudo o que desejava... Agora beijo-lhe as mãos pela benevolencia com que recebeu as lagrimas d'uma estrangeira sem nome, nem recommendação para ser tão caridosamente acolhida... Sebastiãozinho, beije as mãos d'esta senhora, que hade ser a sua verdadeira mãe...

Agora posso morrer...»

Laura soluçava, e Susanna sentou nos joelhos a linda criança de cabellos loiros, e face angelica, sorrindo-lhe aos carinhos, se bem que não desenlaçava o braço do pescoço de Laura.

«Hade aqui vir com este menino todos os dias?» — perguntou affectuosamente a marqueza.

«Eu vivo longe, e as forças, que me vão faltando, não são já para caminhadas tamanhas.

«Mandar-lhe-hei a minha carruagem.

«Não mande, senhora marqueza. Eu não valho tanto, e, aos meus proprios olhos, cada vez sou menos...

«Porque me diz só meias palavras?! Queira fazer-me sua amiga...

«Não tenho a ridicula vaidade de acceitar uma amisade, que devia envergonhal-a, minha senhora...

«Envergonhar-me?! de que?

«Tristes explicações!... Não as queira!...

E' muito o que eu tenho dito... mas a sua bondade faz a gente atrevida... Agora, agradeço a Deus a occasião de conhecer a marqueza de Luso... Parece-me que a adivinhei, porque nunca lhe tive odio...

«Odio!... e porque?... Eu é que não me enganei.. O seu silencio confirma todas as minhas suspeitas...

«Suspeitas!...

«Sim... este menino é seu filho?...

«Não, minha senhora...

«E' filho do marquez?...

«Não, minha senhora..

«Não seja falsa sem precisão... Olhe que a não censuro nem aborreço... Sou capaz de estimal-a... de protegel-a...

«Da estima... não sou indigna.. Protecção, não a preciso... A respeito d'este menino, aquelle crucifixo é testimunha de que lhe disse a verdade...

«E a seu respeito?

«Fui...

«Diga... foi amante de Leopoldo.

«Abandonada no momento em que a honra de marido lhe impoz o facil sacrificio de abandonar-me.

Susanna descorou; mas o seu olhar não era odiento, e a mão que brandamente estendeu a Laura, cumpria o estimulo d'uma grande alma.

A romana não lhe vira os olhos, nem respondêra com a sua á mão, que se lhe offerecia. Escondêra o rosto no lenço, ensopado em lagrimas.

Ergueu-se impetuosamente. E, sem erguer os olhos do chão, fez á marqueza uma humilde cortezia.

«Não se retire... Veja que me não desminto... Augmentou o interesse com que a ouvi...

«Tenho muito que agradecer á Providencia... senhora marqueza!...

Laura saiu da ante-camara. Susanna acompanhou-a, balbuciando monosyllabos, em quanto atravessaram um longo salão. Uma desceu a longa escadaria, encostan-

do-se ás balaustradas, porque o pranto lhe enturvava os olhos. A outra entrou no seu quarto, vibrou com força uma campainha, e ordenou a um pequeno lacaio que seguisse uma senhora de véo preto, com uma criancinha, vestida de xadrez escuro, e um bonnet de velludo com pluma negra.

Depois principiou uma carta para o marquez de Luso.

IV

Laura entrando no pateo da sua casa, na rua *de Senteur*, viu um homem de má catadura, que a fixava com a penetração de quem se affirma nos signaes d'uma pessoa que busca.

«Tenho a honra de fallar á *signora* Laura? — perguntou elle.

«Sou eu.

«Concede-me a licença d'uma entrevista d'algumas horas?

«E' italiano?

«Sou.

«Romano?

«Napolitano.

«Queira subir.

Laura, em quanto o seu hospede, na sala de espera, por entre as cortinas de damasco vermelho, trocava signaes de intelligencia com um cavalheiro encostado ás columnatas d'um portão fronteiro, entrou na sua camara, despregou o véo, entregou o menino á criada valida, e reflectiu ligeiramente na imprevista missão do napolitano.

«Se fosse de Roma, viria dizer-me que minha pobre mãe morreu de saudade... De Napoles, que póde ser? Minha mãe, quando eu era criança, recebia cartas de Napoles; mas essas cartas, apenas lidas, eram queimadas... Se é uma nova dôr para esquecer as dôres antigas, Deus me dê coragem para recebêl-a...

E entrou na sala.

«Queira dizer-me o fim com que me procura.

«Em poucas palavras?... parece-me que é o que por delicadeza me não disse... Pois sim, eu serei breve... Laura é filha de Peppa Marcella?

«Sou... Minha mãe é viva?

«Morreu ha dois mezes.

«Morreu!... Jesus!...

Laura levantou as mãos ao céo, fez-se branca de marmore, tremeu toda ella n'uma convulsão, e dobrando-se em joelhos para orar, caiu desmaiada nos braços do italiano, que a transportou á cadeira.

O hospede, que n'este lance mantivera a sua côr natural, e a tomára nos braços com a insensivel frieza de quem muda uma cadeira d'um lado para outro, chegou á janella e fez um aceno affirmativo.

Poucos minutos depois, Laura abrira os olhos, e viu dois homens: o napolitano e outro.

Este outro tinha um aspecto nobre, era mais velho que o primeiro, trajava com mais riqueza, supposto que o seu traje fosse uma simples capa veneziana, e um chapéo de largas abas, negro sem enfeites, e, o que era mais extraordinario, immovel na cabeça de seu dono, que se não impunha a delicadeza de descobrir-se na presença d'uma dama.

Este homem encarava Laura com certo reparo que atemorisava, porque o rancor tem um olhar similhante ao d'elle.

«Sois de certo filha de Peppa Marcella? — perguntou o segundo, como respondendo ao olhar interrogador de Laura.

«Sou.

«Deixastes vossa mãe ha dois annos?

«Deixei.

O mysterioso abriu uma carta, e continuou:

«Seguistes um portuguez, que era em Roma enviado de Portugal?

«Quem é que me faz similhantes perguntas?

«Sou eu: não me vêdes?

«Mas eu tenho direito a conhecer quem me in-interroga em minha casa.

«Não tendes. Esse homem?

«Qual homem?

«O marquez de Luso.

«Está em Portugal.

«Não casou elle em Paris com Susanna de Montort?!

«Casou.

«Abandonou-a?

«Não a abandonou. Foi a Portugal, mas voltará.

«Que menino era esse que vos acompanhava ha momentos? E' vosso filho?

«Não é.

«E' uma criança que Paulo d'Albuquerque, morto com veneno, deixou ao marquez de Luso?

«E'...

«Essa criança deve ser entregue ao seu depositario.

«Sel-o-ha... brevemente...

«Não póde ser tão brevemente como é preciso que o seja. Vós saireis hoje de Paris: e esse menino ficará entregue a alguem.

«Não lhe obedeço, senhor! Não lhe reconheço a soberania das suas ordens.

«Haveis reconhecel-a... A fragil soberania de mãe nega-se com o desprezo...

Vós desprezastes a soberania da vossa...

Mas as ordens d'um pae são o direito da vontade e o da força...

«Não o entendo bem!... fallou ahi em pae?!

«Fallei... Experimentastes alguma vez o poder de um pae?

«Nunca! meu pae morreu antes de eu vir ao mundo...

«Disse-vol'o vossa mãe?

«Foi ella.

«Enganou-vos.

«Minha mãe não mentia.

«Vossa mãe era um anjo. Mentiu, santificando-se pela mentira.

«Oh senhor!... tudo isto parece-me um sonho! Quem é que me falla assim com uma auctoridade que me fascina?

O incognito lançou uma carta no regaço de Laura
Fez um signal com os olhos ao companheiro e sairan
Laura abriu precipitadamente a carta.

Leu :

«Minha filha. Morro perdoando-te. Em quanto tive
«te mãe, julguei-te abandonada. Assim que eu fechar o
«olhos, terás um pae. *Peppa*.

«Um pae!» exclamou Laura, e correu ao vestibul das escadas. Desceu ao pateo, impellida machinalmente. Já não viu os homens; mas ouviu, em francez um diaglogo entre dois individuos, parados em frent do portão.

«Acredita que é elle... Não ha ainda um mez qu estive com elle em Napoles... E' o cardeal Rufo, ta qual o diabo o atirou a este mundo.

«E o outro?

«O outro parece-me que o encontrei em Reggio na Calabria... Se é o mesmo, o que sou capaz de jura sobre a crúz de S. Luiz, mostraram-m'o como chefe d bandidos... Podemos nós saber quem mora aqui n'est casa?

«Podemos... Espera que eu volto...

O interlocutor do cavalleiro de S. Luiz entrou n'u ma loja fronteira, e voltou depressa.

«Quem é?» perguntou anciosamente o que ficára

«E' uma mulher com um filho, e algumas criadas

«Sim?!... Tenho entendido!... O cardeal Rufo ten mulheres *acontiadas* em Paris, em Napoles, em Veneza em Roma, e no inferno. . . . .

. . . .

Laura não pôde ouvir o resto. Subiu desorientada e abraçou freneticamente a criança, que a chamava a altos gritos

V

Tres horas depois param duas carruagens á porta de Laura.

A' terceira pancada, imperiosa como a do dono da casa que chega, foi aberta a porta.

O cardeal Rufo, visto que nol-o denunciaram tão depressa, deu a mão á marqueza de Luso, que apeava da sua berlinda.

Susanna fez-se annunciar. O cardeal ordenou ao escudeiro que o conduzisse á camara de Laura. O escudeiro cedeu á intimativa, e não teve um monosyllabo de recusa.

Laura estava na cama febricitante. Sebastião brincava-lhe com as tranças e beijava-lhe a testa.

«Podeis erguer-vos?» — perguntou bruscamente o cardeal.

«Se posso erguer-me!... Quem o conduziu aqui, senhor!?...

Esta pergunta era um tremulo de palavras, que o cardeal não comprehendeu.

«Erguei-vos, se podeis, Laura.

«Não posso...

«Espera-vos a marqueza de Luso.

«A marqueza de Luso?! Que me quer?

«Vem cumprir as minhas ordens. Laura... tua mãe ordena que obedeças a teu pae!... Quem ousaria aqui entrar se não eu, depois do marquez de Luso?

Estas ultimas palavras foram pronunciadas com a intonação de uma pungente ironia. O sorriso do cardeal matou o enthusiasmo instinctivo com que a filha de Peppa devia receber seu pae. Sentada no leito, sentiu-se esvahida. Luctou contra a impotencia da sua debilidade, e, n'este esforço, perdeu os sentidos. O cardeal tateou-lhe a face, e retirou a mão humedecida de um suor frio.

«Tudo isto é providencial?» — murmurou elle, e tomou o pequeno com arremesso.

A criança chamava sua *mãe* inutilmente. Laura nem se quer pestanejou ao grito doloroso do innocentinho.

O cardeal entrou na sala, em que a marqueza ficára contemplando o retrato do marquez de Luso, através de um filó negro.

«Senhora marqueza. Entrego-lh'o sem responsab-

lidades. Quando seu marido voltar, diga-lhe, da parte de um desconhecido, que ensine a este menino os preceitos da honra, se o não quizer collocar mais tarde, na posição de responder pela sua deshonra. Diga-lhe mais que Laura, a prostituida, a pobre filha da pobre Peppa Marcella encontrou um homem que lhe chamou filha. Diga-lhe que Laura tem um pae que não transige facilmente com a infamia. Seu marido de hora em diante tem um inimigo.

«Senhor!... exclamou a marqueza...

«Não nos fatiguemos, senhora, com evoluções de tragedia. A rudeza com que lhe fallo é uma generosidade. Eu não firo inimigos pelas costas. Aos mesmos que atraiçoam uma desvalida mulher, não sei atacal-os traiçoeiramente. E' nobre declarar-me um inimigo irreconsiliavel do marquez de Luso: elle que se guarde, porque o encontro será infallivel...

«Mas... meu marido...

«E' seu marido, não é o que me quer dizer?

«E' talvez indigno de tanto odio...

O cardeal riu-se com ar de zombaria sarcastica, e offereceu o braço a Susanna.

«Quer dar-me a honra de acompanhal-a á sua carruagem?

A marqueza acceitou o braço, tomou a mão do menino que soluçava, e entrou na carruagem tão aturdida, que nem ao menos respondeu ás *boas noites* do cardeal.

«Para onde?» — perguntou o bolieiro.

«Ao palacio da senhora marqueza» — respondeu o arcediago.

E entrou serenamente no quarto da sua filha. Nem um suspiro ouviu. Laura, com os olhos abertos, mas immoveis, fixava qualquer imagem que a phantasia lhe afigurou.

O cardeal tomou-lhe o pulso e franziu a testa.

Sentou-se á cabeceira do leito e limpou-lhe o suor da face.

«Laura!» — disse elle n'um tom affectuoso.

Não lhe respondeu.

«Minha filha!» — repetiu. Laura procurou com os olhos aquelle som.

«Minha filha!» — tornou elle, erguendo-se ante ella e tomando-lhe a mão insensivel.

«Sua filha!...» — murmurou a febricitante.

«Não achas n'esta palavra a ternura que só póde dar-lhe um pae?

«Isto é um sonho, meu Deus!... D'onde vem?

«De ao pé do cadaver de tua mãe...

«Morreu, amaldiçoando-me?

«Não... Perdoou-te... E eu perdoei-te.

«A' hora da minha morte?...

«Quero que vivas, Laura... tu hasde viver para teu pae...

«O menino?!» — exclamou ella espavorida, buscando-o em redor de si.

«Dorme no seu berço.

«O berço está alli!... não o vejo lá!...

«O seu berço não é aquelle...

«E' aquelle!» — replicou ella, querendo saltar do leito.

«Filha!» — disse o cardeal com severidade.

Laura recuou, tremendo.

«Coragem ou a morte, Virgem Santissima!» — balbuciou Laura, soltando uma torrente de lagrimas.

«Não tens uma parte do coração que dês a teu pae? — disse o cardeal meigamente, cobrindo-lhe os braços nus com o lençol. — Venho encontrar-te morta para todos os deveres de filha? Não sacrificas ao legado de tua mãe essa criança, que representava aqui o legado da tua deshonra?... Vê que sou bom, filha! Entra no coração que se abre para ti, e que se fecha para todo o mundo! Adoça-me com o teu amor este fel que hade queimar-me o coração, antes que eu possa cuspil-o na face de...

O cardeal susteve-se. Laura, como quem escuta o som dos anjos, abria nos labios um d'esses sorrisos, que parecem a resposta do martyr ao chamamento de Deus.

O padre continuou:

«Porque não hasde tu tambem conhecer a felicidade? Deve ter sido tão amargurada a tua existencia, filha!...

E tão amargurada para nós ambos!...

O que tens sido, e o que podias ser, Laura!... E eu posso indemnisar-te de muitas dôres, com alegrias que heide meditar de noite e de dia! Posso!,..

Hasde ser muito feliz, porque posso fazer que o teu passado seja uma reminiscencia de um sonho máo... Mas as trévas do sonho não poderão nada contra a luz da realidade... Tu hasde ser feliz!...

«Feliz! .. — exclamou ella, com um estremecimento, similhante ao de uma surpreza terrivel. — Eu... feliz?...

«Acorda, minha filha! Vive para teu pae, que conheceu hoje o primeiro dia de felicidade.

O cardeal curvára-se, tomando Laura nos braços. Na face d'ella caiu uma lagrima. Foi esta lagrima que percorreu n'um instante todas as fibras entorpecidas de aquelle coração. A filha de Peppa abraçou-se ao collo do desconhecido, porque só, n'esse momento, ouviu uma voz intima, que lhe dizia: «Este homem é teu pae.»

VI

A princeza Serbelloni, de Milão, tinha quatro filhos e duas filhas.

D'estas a mais linda chamava-se Lelia.

Os grandes de Italia requestaram-na para esposa, porque a sua formosura era um dom, um patrimonio que os mais ricos lhe disputavam, sem pedirem outro.

E eram desprezados.

Todos queriam saber a causa d'esta repulsa, e um só a sabia.

Esse, se a dissesse, seria varado por um faim, ou expulso de Milão, sem as orelhas. Era um napolitano, sem fortuna, sem nobreza, viajando sem prestito, e vivendo desconhecido na grande roda.

Lelia amava o napolitano, e tanto que mais sacri-

ficaria além da honra, se o sacrificio do coração não fosse de todos o primeiro.

Alta noite, o napolitano foi visto saltar o muro de um jardim. Este jardim era o da princeza Serbelloni.

Quem o viu era o filho do duque reinante de Parma. Quiz conhecel-o, seguiu o, e, ludibriado nas suas pesquizas impertinentes, ousou collocar-se em frente do desconhecido.

«Quem és?» — interrogou audaciosamente o principe.

Não lhe responderam.

«E's um ladrão que saltaste o muro de um jardim, ou o amante d'alguma d'essas mulheres?

O silencio irritou-o.

«Responde á ponta d'este florete! Se tens armas, guarda-te!

E viu lampejar a lamina de outro florete.

Travou-se um combate de minutos.

O principe caiu. O napolitano seguiu o seu caminho; mas caminho foi esse que ninguem lhe encontrou vestigios.

O real enfermo, interrogado municiosamente sobre o assassino, respondeu que o não conhecêra. Denunciou a casa d'onde o vira sair, e prometteu denunciar a cumplice, logo que o seu restabelecimento o permittisse entrar nos salões da princeza Serbelloni.

Restabeleceu-se com effeito, mas não cumpriu a promessa.

Na vespera do dia em que entrou nos salões da princeza, achou um profundo silencio nos salões, e uma profunda tristeza nas physionomias.

Interrogando a velha princeza, respondeu-lhe:

Minha filha Lelia fugiu. No dia immediato ao do seu ferimento, fechou-se no seu quarto.

Desde esse dia, recebeu-nos sempre com lagrimas inexplicaveis. Hoje procuramol-a, e encontramos a cama vasia, e um bilhete que diz: «Adeus para sempre!»

«Suicidou-se» — interrompeu o principe de Parma.

«E' o mais natural» — responderam os circumstantes.

«Se as informações não colherem nada, no praso

de quinze dias — acrescentou o bispo, que se achava presente — cumpre que sejam feitos suffragios por sua alma. . . . .

. . . .

Os suffragios com todo o esplendor do rito, faziam-se effectivamente, quando uma mulher, vestida de camponeza, dos suburbios de Roma, procurava na mais pobre rua d'esta cidade a mais humilde casa.

O locatario quiz saber o nome da gentil rapariga.

«Sou Peppa Marcella.

«Que modo de vida tens, minha galharda moça?

«Trabalho de costura.

«Não te faltarão em casa as alvas e as murças dos nossos clerigos de fino paladar.

E realmente não faltaram.

Esta mulher trabalhava e chorava.

Vivia só; mas uma noite gemeu algumas horas, e amanheceu com uma filha nos braços.

«Filha sem pae! — murmurou ella. — Tenho vivido para morrermos juntas.

Mas não morreram, porque se amaram muito depois. Peppa trabalhava noite e dia. A criança, se acordava de noite, e via sua mãe fitar-lhe os olhos, embaciados de lagrimas, sorria-lhe, e este riso era com um brado de coragem.

E esta criança era tão linda! Chamavam-lhe Laura, e invejavam-na todas as mães . . . .

. . . .

Passados annos, um freguez de Peppa instou-a por uma sobrepeliz com grande pressa. Um cardeal recebia a mythra: era um dia de festa em Roma.

«Acabae-me a obra — disse o padre á costureira — que vos heide dar em S. Pedro um bom logar para verdes a cerimonia.

Peppa trabalhou muito, e foi com sua filha. A cerimonia ia começar. Soavam os orgãos e os canticos. Pio VI estava no seu throno. O novo principe da egreja vinha ajoelhar.

Todos quizeram vêl-o, porque era um bello homem, um cardeal que nunca fôra padre, um prodigio de talento, uma excepção por isso a todos os padres con-

temporaneos, até na edade uma excepção, porque apenas contava trinta e cinco annos.

Peppa tambem quiz vêl-o. Ergueu a cabeça sobre as turbas... Soltou um grito, e caiu com sua filha nos braços da multidão, que se agrupou a indagar o successo.

«Que foi?» — perguntou Sua Santidade.

«Uma mulher que naturalmente não póde supportar o aperto. Já a transportaram para fóra do templo.

A cerimonia continuou.

O cardeal Diniz Fabricio Rufo, respeitosamente ajoelhado, nem ouvíra o grito da mulher nem voltára o rosto para o tumulto.

. . . .

E os annos correram.

Peppa envelheceu muito depressa. O cardeal Rufo, que a sociedade reputou um prelado virtuoso, pedíra longos annos a Deus um signal de que Lelia repoisava no seu santissimo seio.

Deus não lhe respondeu, e o cardeal acreditou em Voltaire.

A sua vida foi um longo supplicio, que os homens não devassaram nunca.

Quando aos quarenta e oito annos se sentiu combatido, por dentro, pelo verme da desesperação, saudou as roxas agonias da morte, que lhe acenavam de perto.

Por abreviar a existencia, preverteu-se.

O oiro affluia-lhe de ricos banqueiros, que se honravam do parentesco de um cardeal.

Doirou com elle a devassidão, e hombreou no escandalo com os seus collegas.

Vivia assim, quando recebeu uma carta assignada por Lelia.

Não acreditou. Riu-se da zombaria imfame. Mas quem sabia que era elle o pobre napolitano, que embebêra um florete no peito do principe de Parma?!

Existia Lelia?

Existia. Dias depois recebêra outra carta, e dentro d'essa uma para Laura, filha da costureira, que morria em Roma . . . .

. . . .

O leitor devia saber tudo isto. De certo não suppunha que a desprezada amante do nosso patricio era neta da princeza Serbelloni.

VII

Deixamos o cardeal, sentindo, pela primeira vez, as ternuras instinctivas de pae.

Vimos que o coração de Laura, instantaneamente ferido pela scintella electrica do amor filial, se abria, como a flor, ao orvalho das primeiras lagrimas, que os olhos de um pae lhe vertiam nas faces.

A transfiguração rapida d'aquella mulher, é um segredo dos que a Providencia não facilita ao homem, que se affoita a adivinhal-os todos.

A violenta febre arrefecêra gradualmente. As pulsações impetuosas, contadas entre os dedos do cardeal, regularisavam-se. O incendio das faces como a chamma da lampada funeraria, esvahecida pela claridade da aurora, esmorecia á côr alvissima de uma aurora de esperançosa felicidade, que lhe innundava o coração de luz.

A ventura sorria nos olhos cavos do cardeal. A sua pallidez terrena irradiava-se tambem de um brilho que só a esperança empresta aos que a desgraça traz envoltos de uma sombra escura. Não lhe cabia no peito o coração. Se a aridez do infortunio, e o resequir extemporaneo da devassidão lhe não tivessem seccado para sempre as alegrias da virtude, no semblante do cardeal reverdeceriam as flores da mocidade, e pullulariam os sorrisos da consciencia honrada.

O que elle fazia já era muito, porque nem tanto havia a esperar dos quarenta e seis annos, que povoaram aquella fronte de cabellos brancos, sulcaram aquelle rosto de profundas rugas.

Amor de pae, só esse, póde exumar uma lagrima

e um sorriso nobre do tumulo de todos os afl
Só esse desfigurou o aspecto patibular de Diniz
cio Rufo, na expansiva vertigem de um rosto. a
diar-se de todos os sentimentos generosos, que i
ceram no momento de se reconhecer o pae da
d'essa mulher, que lhe custára lágrimas... em
lo o coração lh'as deu.

Laura, fatigada de sentir extraordinarios l
cerrou as palpebras, e descaiu insensivelment
braços do pae, que lh'as fechou com o primeiro

«Providencia! tu existes! — murmurou o carde
Existes, porque, sem ti, esta felicidade não m'a
o acaso! Deus! eu reconheço-te, porque esta mi
que dorme nos meus braços, é minha filha! A
gem de Lelia está aqui!...

A noite passou rapida. Ao amanhecer, Laura
os olhos, e longo tempo pediu á sua reminiscei
explicação de um sonho.

«Pois não era um sonho? — perguntou ella a
que lhe affastava os cabellos dos olhos.

«Que viste tu, minha filha?

«Ouvi, meu pae... Ereis vós, por ventura, meu

«Não te diz o coração que o sou?

N'este momento, duas carruagens pararam á
de Laura.

No salão proximo ouviram-se passos, que c
deal reconheceu. Eram d'aquelle que o cavalleiro
Luiz classificára na numerosa tribu dos bandid
Calabria.

«Tens o tempo necessario para te vestires, L
— disse o cardeal.

«Já? tão depressa!...» — murmurou ella cor
mildade.

«Concedo-te horas, dias, e annos em Paris
hasde tu dizer-me o que queres d'aqui?

«Nada» — balbuciou a filha de Lelia com ter

«Pois bem... As carruagens esperam...

E saiu do quarto. Entrou no salão, onde es
retrato do marquez de Luso. Cravou-lhe um punl
peito, e não o arrancou do rasgo. O companheirc
presenciára com reverencia comica a solemnida
punhalada no oleo, disse comsigo:

«Bemaventurados os que são apunhalados em effigie!

Minutos depois, ouviram-se gemidos no quarto de Laura.

O cardeal entrou. Viu-a de joelhos, diante da imagem de Nossa Senhora. Parou. Cruzou os braços: teve um abalo de piedade, e chegou a curvar um joelho. Depois d'um impeto, ergueu-se em toda a altivez da descrença. Sorriu e disse no fundo do seu coração:

«A minha felicidade foi momentanea... A vingança principia n'este instante. Do amor de pae hade renascer o odio do algoz.

Ergueu a filha. Tomou-a pela mão, e atravessava a sala do retrato. Fixou-a com estranha penetração. Laura ia erguer os olhos para o retrato. O cardeal comprimiu-lhe o pulso. A amante do marquez de Luso desceu os olhos e corou.

Entraram n'uma das carruagens o cardeal e a filha. Mais adiante galopava outra, onde entrára o suspeito bandido, dizendo ao bolieiro:

«Para a barreira *de la Villette* . . . .

. . . .

Dois mezes depois, Sua Santidade e o rei das Duas Sicilias concediam a Laura Josephina Rufo o perfilhamento, e a successão na oppulenta herança do cardeal, seu pae.

Esta graça, mais pontificia que regia, foi acompanhada do alvará de thesoureiro de Pio VI ao benemerito cardeal.

No gozo de todas as delicias, divinisada por todos os cultos, pretendida de todos os nobres italianos, Laura era feliz?

Não.

Diante de seu pae, tinha um sorriso d'aquelles que se pagam com muitas lagrimas na solidão.

Era o marquez de Luso que lh'as arrancava?

Não era.

«O meu querido anjo!

Eram as unicas palavras de queixa, que ninguem lhe ouvia.

O anjo só podia ser-lhe um n'esta vida: o filho

d'outra mulher muito mais desgraçada que ella: o filho de Silvina.

VIII

O marquez de Luso voltára de Lisboa.

Corrêra aos braços de sua mulher, e encontrára n'elles o pupilo de Laura.

Fraco, para tamanha surpreza, descorou.

Por imbecil, segredára, quando solteiro, um compromisso em que ficára com o amigo morto.

A ambição é que lhe fizera occultar á mulher, cuja posse lhe parecia impossivel esse compromisso, que outro qualquer homem, menos receoso do seu merecimento, apresentaria como um diploma honroso.

O marquez de Luso era uma pequena alma.

Depois de casado teve tentações de revelar a Susanna a existencia d'aquella criança; mas o temor das suspeitas e o medo infantil que tinha de sua mulher, destruiam-lhe os projectos. E eram estes projectos quasi sempre instigados pela idéa de livrar-se de Laura, cuja subsistencia o infastiado conde despendia, porque não tinha outra pessoa, que, tanto em segredo, curasse da educação do pequeno. Nos chamados «bons tempos» abundavam estes cynicos. E os de então maravilham mais que os nossos contemporaneos, porque a sociedade dos primeiros não gastava tão depressa o sentimento, não tinha as iguarias causticas, que são, na sociedade dos segundos, o despertador de um paladar embotado para as sensações brandas.

Convindo, pois, em que o marquez de Luso estava sufficientemente gasto para atirar com a ponta do pé a pobre Laura ao abysmo da perdição, achal-o-hemos nervoso em demasia, para descorar na presença de sua mulher, que lhe apresentava, sorrindo, o pequenino arrancado á filha do cardeal.

«Descoras, Leopoldo?!

Perguntou ella, caminhando para seu marido, que permanecia estupefacto.

«Como veiu esse pequeno para aqui?!

«Como veiu!... Veiu na minha carruagem. Fui eu buscal-o...

«Tu?!

«Eu... Ora vamos, marquez... Nada de posições tragicas... Diz-me cá... Este menino é teu filho?

«Não.

«Acredito que não. Já vês que te acredito. Porque me não disseste este segredo? Porque tiveste mais confiança n'aquella italiana do que em tua mulher? Pareceu-te mais carinhosa do que eu? Olha que não é! Mais bonita, consinto-te que o seja, se assim o queres; mas nem mais carinhosa, nem mais digna de uma confiança, isso não, meu indiscreto Leopoldo... Ha vinte dias que este menino está commigo. Pergunta-lhe se me quer deixar para tornar á outra mãe, como elle lhe chama, e verás o que te diz... Em que pensas, marquez? Não me respondes?!

«A tua candura com essa criança surprende-me...

«A minha *candura!* Não sei bem a significação que devo dar a tal palavra! Será innocencia tola a minha *candura* com esta criança?

«Não é, Susanna. Se já sabes a historia d'este menino...

«Sei-a, contada por Laura, e por não sei que homem, de aspecto sombrio, que te veiu aqui procurar, e, á tua falta, me procurou a mim.

«Que queria elle?

«A ti, não sei; a mim, queria encarregar-me d'este deposito, que não fôra encarregado á mulher que o possuia. Em teu nome recebi o encargo, e eil-o aqui, marquez. Em quanto a Laura, penso que, a estas horas, está muito longe de Paris... Visto que, por este facto, te mereço a confiança, que só um acaso faria que me desses, deixa-me perguntar-te, marquez, que mulher era aquella...

«Acompanhou-me de Roma»—balbuciou o marquez.

«Isso tinha eu conjecturado... Pois não foi honroso para ti deixal-a em circumstancias de ser arrebata-

da por qualquer homem, se ella foi uma tua companheira, digna de ser a mestra d'este menino. Não lhe darias de certo uma tal importancia, se ella não fosse uma mulher digna d'ella. Confiar o filho de um amigo que morreu...

«Não é filho d'esse meu amigo esse menino...

«Complica-se o mysterio... Nem teu nem d'elle!... Pois de quem?!

«O meu amigo não m'o disse... Entregou-me o orphão, com cem mil cruzados, que são o seu patrimonio... Não sei mais nada, nem tenho podido saber. O mais que pude colligir é que é de origem portugueza, porque ha entre algumas joias um punhal em cuja lamina se lêem palavras portuguezas, e os cunhos de dinheiro são tambem portuguezes.

Fiz algumas indagações em Lisboa, e não pude saber nada... E' fóra de duvida que o nascimento d'este menino deve ser illustre. A não sêl-o, nem o meu amigo, um dos mais nobres portuguezes, se entregaria da criação d'este pequeno, nem m'o transmittiria a mim com um thesouro de tanto valor.

«Seja quem fôr, Sebastião viverá comnosco, pouco importa que o mundo o repute teu filho... Porque me não tinhas dado este anjo? Como elle me contempla! Que brandura de olhar! Parece que ha n'estes olhos uma lagrima que nunca se enchuga! Não sentes amor de pae por este menino?...

«Não fiques assim callado, que me fazes duvidar da tua sensibilidade... Eu queria ser sua mãe... Ha de chamar-me sempre sua mãe, sim, meu filho?»

Sebastião recebeu-lhe um beijo com carinho, e abraçou-se-lhe com estremecimento ao pescoço.

O marquez, receando que o episodio de Laura tornasse á discussão, retirou mansamente, calculando que homem seria esse, de aspecto sombrio, que, vinte dias antes, saíra de Paris com a italiana. Não eram as saudades que lhe faziam pezo. Até certo ponto, o desenlace das suas inconvenientes relações não era máo; fôra aquella a maneira de desquitar-se de uma mulher importuna com menos estrondo. Todavia dava-lhe que pensar esse homem mysterioso. Seria um amante? r

o homem que procurára Susanna era velho. Laura não tinha pae, nem irmão, nem protector. Seria por ventura um velho lord que a deslumbrou com vantajosas promessas? Conveiu em que era, e atirou-se a um colxão de pennas, pensando na bondade de sua mulher, que elle não julgava transigir assim tão amigavelmente com as suspeitas da italiana.

O marquez ia fechando os olhos para indemnisar-se do cansasso da viagem quando Susanna entrou.

«Esqueceu-me, marquez — disse ella — uma importante commissão que recebi por ti...

«De quem, minha querida amiga?

«D'esse homem que tinha sobre Laura um absoluto imperio.

«Que tem esse homem commigo?

«Não sei... Vê se respondes á tua pergunta, colhendo a significação d'estas palavras, que me foram ditas para que eu t'as dissesse; «Seu marido que se acautele, porque de hoje em diante tem um inimigo implacavel. Laura tem um pae.»

O marquez, como não comprehendesse bem as curtas palavras do supposto lord, sentou-se impetuosamente no leito e perguntou:

«O que? Que me acautelasse!... De quem?

«D'elle, naturalmente... Impallideces, Leopoldo?

«E' extravagante a tua commissão, Susanna!

«Que lingua fallava esse homem?

«Franceza; mas o typo era italiano...

«Como vestia?

«Com muita simplicidade. Uma grande capa, e um chapeo de grandes abas. Parece que te assusta a novidade!...

«Não me assusta... espanta-me...

«Pois a tua companheira não teria um pae?

«Não... não tinha pae... era uma costureira, desvalida, sem ninguem que tomasse a peito a sua fome nem a sua honra.

«Felizmente, appareceste-lhe tu, Leopoldo...

«Dizes-me isso de uma maneira tão secca... Ahi está porque eu me não abri comtigo...

«Pois o teu segredo é que me fez desconfiada, meu

querido marquez... As minhas desconfianças são uns ciumes que não podem molestar-te. O peor é a ameaça do tal homem da grande capa... Recommendo-te cautela, Leopoldo. O ar austero com que elle me fallou, tinha uma certa solemnidade que não devemos desprezar... Porque diria elle que era o pae da *deshonrada?!* Eu não torno a fallar-te em Laura. Estás perdoado, pela alegria que sinto em ser a mãe adoptiva do pequenino... O que eu quero é que te não esqueças da recommendação do homem. . . . .

. . . .

Esboçamos de fugida essas paginas, que são preliminares da biographia de padre Diniz.

Havia ahi assumpto para mais desenvolvimento. Não quizemos porém dilatal-o muito, para que o contingente não parecesse tão grandioso como o essencial.

Occorreram esses lances em quanto o filho de Alvaro de Albuquerque não podia avaliar o cortejo de desgraças estranhas, que o precediam na entrada do mundo, ligadas á sua existencia.

O seu berço apparece-nos rodeado de lagrimas, de sustos, e de mysterios.

O innocente, sem a consciencia do que é, representa já no drama do infortunio alheio.

Laura, a não ser elle, não valeria nada para o marquez de Luso. Seria abandonada, como todas as victimas da sua importancia, logo que a sua importuna sociedade prejudicasse os interesses ou as novas paixões do marquez.

Se recebia ainda uma protecção, se uma apparente estima lhe não dera logar a um desengano formal, é porque os seus serviços á educação do filho de Silvina alguma paga mereciam.

A não ter existido Sebastião, o abandono de Laura seria mais prompto, á tranquillidade do marquez mais segura, e o cardeal Rufo encontraria talvez sua filha chorando lagrimas de vergonha e remorso ao pé do cadaver de sua mãe.

O cardeal poderia ignorar a deshonra da filha. Leopoldo não recearia um inimigo, que deixára um punhal cravado no seu retrato. E Susanna não tremeria, a cada instante, pela vida de seu marido.

Seriam, portanto, mais felizes todos, e sobre todos feliz aquelle que não tivesse nascido. Sebastião, se adormecesse no somno eterno, a par com sua mãe no esquife, seria um anjo na corôa de uma martyr, santificada pela paixão.

....

....

Decorreram os mezes. O marquez de Luso não deparou nunca o inimigo que o mandava acautelar-se. Colhêra de todos os pontos de Italia informações a respeito de Laura. Eram todas negativas.

Ninguem lhe dissera que essa mulher existia de modo que uma diligente espionagem podesse conhecêl-a.

O marquez deduziu as melhores consequencias em seu favor: o supposto pae de Laura era um farcista de bom gosto, que empregou o terror da comedia para tirar de Paris uma mulher que lhe servia para amante. Os medos de Susanna eram medos mulherís. E o susto d'elle marquez um susto menos digno da sua coragem, e da sua alta posição, inaccessivel ao punhal de um sicario.

E, portanto, o marquez de Luso, dissuadindo sua mulher de temores infundados, continuou a ser feliz, tendo apenas para maior caução da sua pessoa, e louvavel cuidado de não sair a pé, sem companhia, que lhe garantisse de sobejo a defeza quando qualquer miseravel o aggredisse, á hora do dia, attentado inaudito em Paris.

Os melindrosos resentimentos de Susanna, á feição de ciumes, desvaneceram-se, por isso mesmo que o marquez, bom marido a todos os respeitos, dera todas as explicações, e convencêra sua mulher de que fôra um vil egoista com Laura, para ser um austero respeitador do thalamo conjugal.

Sebastião era o querido de ambos, e mais querido, se é possivel. do pae de Susanna, camarista do rei, especie de idiota, que jogava a cabra cega com o pequeno, e queria forçosamente que elle lhe chamasse pae.

O bom do velho deu a perceber que o maior favor que seu genro e filha podiam fazer-lhe, era consentirem que Sebastião fosse chrismado para receber outro nome. Este nome devia ser o d'elle.

O marquez annuiu depressa. Susanna resistiu, porue a sua intenção era chamar-lhe Leopoldo. O menino hamou-se, por fim Benoit, que assim se chamava o velho camarista.

O amor desmedido do senhor de Mont-fort ao peueno Benoit deu que entender aos parentes da casa, aos ociosos inquesidores da vida alheia.

Ninguem sabia como tal menino entrára no seio 'aquella familia. A historia contava-se de um modo tão mbiguo, que a sociedade, por não dar-se ao incommoo de tardias averiguações, concluiu que o pequeno era ilho do velho e de uma tal, sem nome, que o velho onquistador de mulheres, sem nome, conservava ainla no seu solar de Cliton, onde costumava passar o esio, para desenfadar-se de fadigas da côrte.

Benoit de Mont-fort, que parecia rejuvesnecer, se he fallavam dos seus triumphos em galanteria, não delinava de si a responsabilidade paterna que os seus inimos amigos lhe impunham.

Sorria-se em ar de surprendido, e parece que folgava de passar como pae do pequeno, que o acompanhava sempre na sua carruagem.

Agora, leitor, sejamos mais velozes que o tempo. Vamos procurando esta familia através doze annos.

IX

Sabeis demasiadamente o que foi a revolução franceza, essa tempestade de sangue, vaticinada nos reinados de Luiz XIV e Luiz XV, e cumprida como a prophecia indestructivel de uma logica de ferro, em que vemos um rei pagar com a cabeça os desatinos que lhe vieram, em herança, dos reis passados.

Se não conheceis os pormenores d'essa lucta, cuja historia contrista e horrorisa, nem por isso vos obrigo a estudal-a como preparatorio para a intelligencia d'este romance.

Vós prescindís, naturalmente, de tudo que são accessorios, e eu tambem prescindo de fazer-vos meu auditorio n'uma pezada prelecção dos successos decorridos entre 1789 e 1806.

Eu respigarei, n'essa vasta ceara juncada de cadaveres, as atrocidades (se é que não foram decretos providenciaes, como por ahi nos dizem illustres personagens que deduzem do christianismo a revolução franceza, e graduam na mesma escala Christo e Robespierre, os apostolos e os girondinos) as atrocidades, dizia eu, que se acham obrigadas ao desenvolvimento do romance.

E haveis de notar, por esta occasião, que esta especie de homenagem, que vos presto, dando explicações que me não pedís, é a maxima prova de que eu respeito muito esse sugeito anonymo, chamado publico, e acho sempre poucos todos os ensejos em que posso mostrar-lhe que não quero fazel-o saltar de um capitulo para o outro, sem convencel-o primeiro de que o salto é justificado pelo senso commum n'este genero de escriptos, onde é raro encontral-o.

Dito isto, recorrei ás vossas reminiscencias, e lembrae-vos das pretenções absurdas, que o conde de Mirabeau impozera ao coração de Susanna de Mont-fort.

As palavras ditas ao rei, que lh'as perdoou com um sorriso de benevolencia e talvez de desprezo, eram o programma revolucionario, desenvolvido pelo celebre tribuno na assembléa constituinte.

Mirabeau, que teria sido um Graccho em Roma, nos bellos tempos da republica, e na decadencia, um Catilina, como diz Mignet, achou-se, de improviso, enthronado n'uma altura onde as suas ardentes ambições de certo o não teriam exaltado.

Os seus primeiros discursos espantam a assembléa. O monarcha é interpellado com estranha audacia sobre as reservadas intenções que demoram o acampamento militar em Versailles. O erudito Maury encontra um inexoravel adversario onde esperava encontrar um defensor do clero e da nobreza. Mirabeau exerce instantaneamente uma ascendencia tal nos Estados Geraes que ninguem ousa do partido aristocrata annullar-lhe uma

soberania, uma popularidade que o elege chefe da assembléa.

A corrupção dos seus costumes, a fama da sua libertina mocidade, não empanavam o brilho fascinador com que Mirabeau arrastou os espiritos por estradas de flores ao despenhadeiro que conduzia á guilhotina.

De longe medira elle as paragens por onde a revolução deveria ser conduzida. Dez annos de rancor suffocado, longas vigilias occupadas no plano de uma vingança, uma grande cabeça para tirar todo o partido de um grande odio, ausencia completa de sentimentos generosos, talento e preversidade que se davam mutuamente o abraço da vilania, eram estes os estimulos que inspiraram as violentas apostrophes d'aquelle que as turbas denominaram o «Demosthenes da França.»

No partido da nobreza achava-se um homem, cuja presença lhe tingia a face de sangue negro da colera: era o marquez de Luso. Não era o talento que se gladiava com o talento, porque o marquez não tinha nome, como orador, não o tinha como privilegiado das graças do throno, perdia-se na obscuridade com a maioria dos seus collegas, que não ousavam proferir um som, quando Casales acabava de sustentar com eloquencia esteril os direitos do rei, os direitos do nobre e as prerogativas do clero. Não era pois o odio de inimigo politico que exacerbava a verrina fulminante de Mirabeau, se ante si deparava o vulto silencioso do genro de Benoit de Mont-fort.

Era o marido de Susanna que estava alli! Era o incentivo de velhos odios, que lhe escaldava a phrase como flecha de fogo que devia cortar direita á face da aristocracia, para resvalar depois no coração do monarcha.

O marquez de Luso adivinhou-o.

A coragem moral não o favorecia muito, e o temor de uma insurreição, annunciada por vagos boatos que se traduziam nas ameaças do partido popular, confiado a Mirabeau, inspirou-lhe o receio de ser a victima de um golpe traiçoeiro, planisado por um rival rancoroso.

Nos principios de Outubro de 1789, o marquez de

Luso retirou para uma quinta de sua mulher, em Caen, no departamento de Orne.

Ahi viveu, e parece que não devorou as longas horas do exilio, consumindo-se em saudades de Susanna.

A sua ausencia do parlamento tornou-se suspeita ao partido popular. As juntas d'Alençon, capital da provincia, instingadas por Sieyes, vigiavam os passos do marquez, fugido no momento em que se pleitiava uma guerra decisiva entre o privilegio e a soberania nacional.

A suspeita era aggravada, porque Barbaroux, Gaudit, Buzot, e outros deputados, tinham fugido da assembléa para Caen, onde o espirito monarchico predominava.

Diga-se a verdade: o marquez de Luso não conspirava, nem se inquietava com a sorte do rei, cuja vida andava já embaralhada no jogo das paixões.

A sua vida não corria por lá de todo dissaborida. O marquez estava já cansado de ser um fiel observador do decoro conjugal.

A sociedade em Caen não desservia as suas intenções de emancipação. O marquez encontrou uma mulher que lhe pareceu a primeira entre tantas que encontrára. Susanna era formosa, mas Maria Corday, se o não era tanto, sobejava-lhe em donaire, em viveza, em vertigem de affectos que lhe vinha á face brincar nos olhos, o que Susanna não tinha, o que a transparente Laura não tivera nunca, o que as portuguezas por quem o marquez repartíra o seu coração de rapaz, nunca poderam fingir.

Maria, de mais a mais, não pensava como o commum das mulheres. A epocha era de liberdade, e a enthusiasta donzella apostolisava, com ardor revolucionario, a liberdade do coração.

Descendente dos nobres Corday d'Armans, não esposava a inauguração da soberania nacional, e invectivava apaixonadamente Mirabeau, que atraiçoára a causa dos nobres, orando, como tribuno, sobre as ossadas de seus illustres avós, cuja memoria soffria com o vilipendio de tal neto.

O marquez tinha razão para descobrir o extraordi-

nario n'esta mulher. Amou-a, e callou esse sentimento, em quanto não foi ella a primeira a discorrer sobre a liberdade do coração, que os homens agrilhoavam ás anacronicas formalidades do matrimonio.

Esta philosophia, que era a do tempo, nas cabeças intelligentes de todos os homens, e nas menos intelligentes de algumas mulheres, agradou ao marquez. Animado pela excellencia da theoria, tentou experimentar a oradora na pratica, e viu que ella não se desmentia.

Esqueceu-se de Paris, abençoou a revolução que o expulsára da sensaboria domestica, e viveu, embriagado dos encantos, sempre novos de Maria, até que sua mulher, cheia de jubilo, lhe annunciou a morte de Mirabeau em Abril de 1791.

Esta noticia equivalia a dizer-lhe que o inimigo estava no Pantheon d'onde as illustres ossadas não vem pedir contas a ninguem. Todavia, o marquez desejava que Mirabeau vivesse. Um anno de convivencia com Maria não lhe bastou para separar-se sem lagrimas, com a promessa de voltar cêdo a continuar o gozo de uma felicidade um instante cortada pelas horriveis conveniencias sociaes.

A revolução corria ao seu desfecho.

Nunca fôra tão inconveniente a presença do marquez em Paris; mas Benoit de Mont-fort, sempre ao lado de Luiz XVI, confiava bastante nas esperanças do rei, e transmittia ao genro a coragem precisa para esperar que as armas estrangeiras viessem restituir a paz á França, e o esplendor deslustrado ao throno de S. Luiz.

E, com effeito, em Setembro de 1792, o exercito prussiano transpozera as fronteiras, e a carnagem, já ensaiada no memoravel dia 2 d'esse mez, devia repetir-se, por isso que Danton dissera: «Sou de voto que sejam incommodados pelo medo os realistas, para que o inimigo se detenha... Sim! é preciso metter-lhes susto!...»

N'esse dia fecharam se as avenidas de Paris. As portas do clero e da aristocracia foram abertas em nome da salvação publica. Padres e nobres foram acorrentados na *Conciergerie*, na *Force*, e em todos os antros, onde o braço do assassino podesse jogar um punhal

O marquez de Luso abraçava sua mulher, quando o braço musculoso de um encapotado o arrancou com impeto. «Não chores a ausencia, cidadão, porque tua mulher vae comtigo.» Estas palavras disse-as Marat. O encapotado não proferíra uma syllaba.

E entraram na escolta que a populaça insultava, gritando «morra»! Foram conduzidos aos Carmelitas, masmorra improvisada no momento em que as victimas eram de mais para o espaço acanhado dos dez carceres de Paris.

Depois fecharam-se as barreiras da cidade, sobre a qual o Senhor voltára a face, por não dizer que o Senhor não desce a intervir nas miserias do homem, formado de lodo e sangue...

.Os prussianos tinham tomado Verdum de assalto. Fecharam-se as barreiras de Paris. Deu-se um tiro de peça, e Danton respondeu a esse tiro, com esta exclamação: «O tiro que ouvistes, não é o tiro de rebate; é o passo de carga sobre nossos inimigos. Para vencêl-os e aterral-os, que é preciso? Audacia, mais audacia, e sempre audacia!»

Ao segundo tiro formou-se na commum, paga por ella, uma horda de trezentos algozes. Entre estes havia um, para o qual todos olhavam com ar sinistro. Era justamente aquelle que affastára com um repellão o marquez de Luso dos braços de sua mulher.

E depois, sem que ninguem os estorvasse, entraram os carceres, que se lhe abriram como espontaneamente, e «degolavam, sem rancor, sem remorsos, com a convicção de fanaticos e obediencia de algozes.»

Susanna, desmaiada nos braços de seu marido, quando ouviu os rugidos do tigre, que se avisinhava, já mal sentiu a pressão do braço que a arrancava, e o golpe de cutello que lhe cortou na garganta o primeiro grito de piedade.

O marquez de Luso, sem resistencia, sem balbuciar uma palavra, foi conduzido a um canto do carcere, passando sobre cadaveres que lhe vinham caindo aos pés.

O embuçado que o conduzia, apoiando-lhe a mão esquerda no hombro, e pondo a outra, armada de punhal, sobre o flanco direito, perguntou-lhe, sorrindo:

«Pensastes, cidadão, que te bastava ser apunhalado em estatua?

O marquez não comprehendeu a pergunta. O assassino continuou:

«Que novas me dás de uma pobre costureira, que roubaste aos braços de sua pobre mãe e atiraste aos braços da prostituição?

Não respondes! Morreria no hospital essa mulher perdida?

Não sabes nada! Menos sabias ainda que essa serva dos teus caprichos de alguns dias tinha pae!... Não te mandei eu acautelar?!...

— Oh lá, cidadão! — perguntou um dos algozes — parece que estás ouvindo de confissão um penitente! Eu vou cortar o dialogo...

E preparava-se para coadjuvar o companheiro, quando o marquez de Luso caiu debaixo do punhal do cardeal Rufo.

. . . .

Marat, callados os gritos dos moribundos, e adormecidos os sicarios que o sangue embriagára, abraçava Danton, exclamando n'um frenesi de contentamento:
«Com effeito, cidadão Danton, assustamos um pouco o inimigo!...

«Assustamos... Isto é um jogo, meu amigo... E' preciso ganharmos muitas vidas para não perdermos a nossa...

«Mas se tudo isto é jogo, confessa que este descarte de pessimas cartas fui eu que te aconselhei...

«Foste... mas ha remissas a decidir...

«Manda pagar aos trezentos cidadãos, menos a um que não é mercenario.

«Quem é esse um?

«E' um padre.

«Safa! um padre! Cuidado com alguma traição!

«Fico por elle. Viveu na intimidade de Marat um anno... não póde ser traidor.

Conheço-o de Napoles... Pelo diabo te juro que lhe furtava uma bella filha que tem, se eu não fosse casado... Bem vês que respeito a Santa Madre Catholica Romana!

«Mas que tem esse padre...
«Diz esse cardeal, cidadão Danton.
«Cardeal!... Que tem esse cardeal comtigo?
«Commigo nada... Tinha alguma cousa ahi com um *fidalgo* de velha raça hespanhola, que saldou esta noite contas com elle. . . . .
. . . .

X

Alguns deputados, cujos esforços na assembléa não poderam estorvar a mensagem dos assassinos, fugiram de Paris. Danton e Marat accusaram-os de traidores: a gironda pediu as suas cabeças, e o partido monarchico, quasi extincto no parlamento, abandonou as suas cadeiras ou transigiu apparentemente com o «Mirabeau da populaça» honroso epytheto com que brindaram Danton.

Dos deputados transfugas alguns levaram a Caen a nova da carnificina de 3 de Setembro. Unidos ao germen de opposição, que funccionava a occultas, formaram uma assembléa de dezeseis representantes, que proclamavam ao povo, chamando-o á união para se não deixar imbair das doutrinas subversivas da «montanha.»

E' ahi que vivia Maria Anna Carlota Corday, suspirando por uma carta do marquez de Luso, cujas noticias lhe faltaram duas semanas.

O marquez tinha sido em Paris o correspondente do Club. Os altos espiritos de Maria Corday animaram-o a cumprir uma commissão muito superior á sua coragem. A sua morte, pois, foi annunciada com muito pezar, e lastimada como perda irremediavel.

Todos perguntaram o nome do fautor da carnagem de 3 de Setembro. O nome de Marat foi ouvido com horror! O verdugo foi condemnado á execração, emquanto o algoz o não expunha, na ignominia do patibulo, á voracidade dos abutres.

Esta secção ruidosa passava-se em casa de Maria Corday. Estatua do terror, a amante do marquez de Muso assistíra impassivel, de braços cruzados, face de marmore, e os olhos cravados nos labios de cada orador que vociferava maldição contra Marat.

Os amores de Corday com o marquez tinham passado desapercebidos para a sociedade de Caen. Ainda assim, a immobilidade de Maria n'aquelle lance, estranharam-lh'a como um signal de coração sem sentimento.

Barbaroux perguntou a Carlota:

«Não lastimaes comnosco um amigo que perdemos, senhora?!

Corday não respondeu. Levou as mãos ás faces, affastou os cabellos que uma transpiração subita lhe empastára na testa, recebeu nas palmas das mãos as lagrimas que lhe vinham aos olhos quando o sangue principiava a collorir-lhe o jaspe do rosto, e caiu de joelhos, proferindo uma só palavra que soou como um rouco gemido; e palavra foi essa que cortou o coração de todos.

«Marat!» Foi o que ella disse, e desfalleceu.

A morte rodeou o leito d'esta mulher durante dez mezes. Primeiro a febre, depois a demencia, ultimamente a rehabilitação do juizo, para tornar-lhe mais pungente a saudade d'esse homem, que não teria talvez soffrido por ella um leve desarranjo nos seus costumes ordinarios.

A alma de Corday era grande para o amor, como para todas as paixões. Se até então as não sentíra, foi porque está escripto que os grandes heroismos abortem no coração, se o golpe os não faz resaltar como á faisca da pedra fria.

Ao cabo de dez mezes, Maria Anna Carlota Corday, mais conhecida na historia pelo seu terceiro nome, ergueu-se do leito. As suas feições tinham a serenidade de uma resolução indestructivel. As suas amigas intimas, mad^{me} Achard e mad^{me} Vaillant, queriam adivinhar-lhe o pensamento, que se lhe revelava nos labios por um sorriso de contentamento intimo. O nome do marquez não lh'o ouviram nunca. Sabiam tudo, porque o

delirio da febricitante lhe atraiçoára o coração; mas não ousavam, porque lhe temiam o orgulho varonil surprendel-a no seu segredo.

Um dia procuraram-na, e souberam que ella só e sem bagagem, saíra de Caen, ou se tinha dado á morte. As suas amigas explicaram então o silencio, o recolhimento, a abstracção, e sorriso imbecil com que Carlota simulava o pensamento do suicidio.

Malograram-se informações em toda a parte, onde a suppunham morta ou viva.

Um dia, justamente doze depois que Carlota Corday desapparecêra, Marat recebe a seguinte carta: *

Venho de Caen. Vosso amor pela patria deve fazer-vos desejar conhecer as tramas que alli conspiram. Espero vossa resposta.

Marat não responde, porque está doente. Carlota procura-o.

Negam-lhe entrada. A' noite apresenta-se outra vez, e insta porque lhe seja entregue a seguinte carta:

Escrevi-vos de manhã. Recebestes a minha carta? Posso esperar um momento de audiencia? Se a recebestes, espero m'o não recusareis. Vereis que vos interesso. Basta-me fazer-vos sentir que sou desgraçada para ter direito á vossa estima.

Marat, cerimonioso com mulheres quando a salvação publica o exigia, não saiu do banho, em que refrigerava os ardores da lepra, para receber a reveladora de importantes segredos.

Maria denuncia phantasticas conspirações, que o tribuno escuta com anciedade.

Ouviu-a e respondeu:

«Os conspiradores não irão longe: creio que serão elles os conductores das proprias cabeças ao cadafalso.»

Corday, á palavra «cadafalso», arranca um punhal do seio e crava-lh'o no coração.

* Textual, como todas as outras.

«Morro!» foi a unica palavra de Marat.

Carlota sorriu-se, voltou-lhe as costas, saía com audacioso donaire, quando a retiveram. Deixou-se prender sem a mais leve resistencia. Examinam-lhe as algibeiras.

Encontraram-lhe cento e cincoenta libras em prata e cento e quarenta em titulos: a certidão de baptismo, que lhe dá vinte e cinco annos; um relogio de oiro; no seio a bainha do punhal, e uma diatribe aos francezes em fórma de carta.

Carlota Corday vae ser sentenciada em tribunal extraordinario. Na sua physionomia não ha uma sombra de susto. Os seus olhos, ardentes de todo o brilho de uma gloria que lhe não cabe no coração, parecem estudar as physionomias que a rodeiam.

Voeja-lhe nos labios um sorriso de indignação para cada gesto de terror com que os circunstantes respondem ao seu olhar orgulhoso.

Quando uma testemunha estira um fatigante depoimento, Maria corta-lhe o discurso, e diz:

«Sim, fui eu que o matei.

«Que é o que vos induziu a commetter este assassino? — pergunta o presidente.

«Os crimes de Marat.

«Que entendeis por crimes de Marat?

«As desgraças de que elle é causa depois da revolução.

«Quem vos moveu a isto?

«Ninguem: a idéa é minha.

No final de cada depoimento, Carlota responde:

«E' um facto. Não ha depoimento mais veridico.

«Que fazem os deputados refugiados em Caen?» — pergunta o presidente.

«Fazem canções e proclamações.

«Que dizem elles de Robespierre e de Danton?

«Dizem que são, com Marat, os provocadores da guerra civil.

«Ensaiastes-vos antes de ferir Marat?

«Não. Eu não sou assassino de profissão.

«Mas está provado, pelos exames dos facultativos, que o golpe não seria mortal, se fosse ao longo em vez de ser ao largo.

«Feri-o como lá se viu: foi um acaso.

A mesma coragem em todas as respostas. Repara que lhe tiram o retrato, e colloca-se em posição mais vantajosa para o retratista.

E' nomeado um defensor á ré. Eis aqui a defeza:

«A ré confessa com animo frio o horrivel attenta«do que perpetrou. Confessa a longa premeditação. Con«fessa as circumstancias mais pavorosas. Emfim, con«fessa tudo e não tenta justificar-se. Eis aqui, cidadãos «jurados, toda a sua defeza. Esta tranquillidade imper«turbavel, esta completa abnegação de si, sem vislum«bres de remorso, em presença da morte, esta tran«quillidade e esta abnegação, até certo ponto sublimes, «não se acham na natureza: explicam-se só pela exal«tação do fanatismo politico, que lhe metteu na mão «o punhal. Incumbe-vos, cidadãos jurados, pesar esta «consideração moral na balança da justiça: reporto-me «á vossa prudencia.»

A declaração dos jurados não se faz esperar. Maria é condemnada á morte, e seus bens confiscados em proveito da republica.

Carlota dirige-se ao defensor com voz firme e semblante sereno:

«Defendeste-me de uma maneira delicada e generosa, não tinha outra: agradeço-vol-a. Por ella vos dou um apreço de que vou dar-vos uma prova: estes senhores decretam a confiscação dos meus bens: devo alguma coisa na prisão; vós saldareis essas contas.»

Carlota é reconduzida á prisão.

Ao padre que lhe enviam, diz, sorrindo:

«Agradecei da minha parte a intenção ás pessoas que vos mandaram: dispenso o vosso ministerio.

No carcere tem guardas á vista.

Carlota, escrevendo a uma sua amiga, dizia: «Estas companhias de dia, passe; mas de noite parecem-me uma indecencia!»

Quando o algoz a convida a acompanhal-o, está ella escrevendo uma carta: pede-lhe que a deixe concluir e fechar.

E' a seguinte:

A Doulcet-Ponté Coulant.

Doulcet-Ponté Coulant foi um cobarde, recusando-se a defender-me, quando a causa era tão facil. O que o fez, desempenhou o cargo com toda a dignidade: ser-lhe-hei grata até ao ultimo momento.

Maria Corday.

«Subindo ao theatro do seu supplicio (diz o *Moniteur Universel*, que se imprimia uma hora depois) a sua physionomia tinha ainda a frescura e o colorido de uma mulher satisfeita. O fatal cutello decapitou-a. Um tal Legros, erguendo a cabeça para mostral-a ao povo, esbofeteou-a. O povo murmurou, e o tribunal de policia castigou o miseravel covarde.» *

Maria Corday deixou um nome para o culto de todas as gerações; mas o mysterio teria morrido com ella, se algumas paginas do LIVRO NEGRO não viessem cingir-lhe o busto de uma aureola, que não deixa ver-lhe na fronte o estigma repulsivo do assassinio.

XI

E' necessario recuar.

O velho Benoit de Mont-fort, quando Luiz XVI saiu do templo para o patibulo, abraçou-se a sua filha, pedindo-lhe para os poucos dias attribulados que lhe restavam, um companheiro, o seu «filho» querido, que não largára de si nos ultimos annos de calamidades, porque só encontrára n'elle allivio aos desgostos que lhe apressavam a morte.

Este companheiro era o filho de Silvina. Susanna concedeu-lh'o, porque as lagrimas do ancião eram tocantes, e o amor do moço, aos quatorze annos, pelo

* Vejam o *Moniteur*, do anno 2.° da Republica franceza, pag. 139, 245, 253, 255.

velho a quem chamava pae, era a sua primeira e mais distincta affeição.

Mont-fort pedíra um passaporte: não lh'o concederam. As cabeças dos nobres, tão culpados como elle, caíam em cada novo dia no estrado ensanguentado da vespera. O velho esperava, a cada momento, o algoz, quando um desconhecido o procurou no seu esconderijo, e depositou nas mãos de seu filho adoptivo um passaporte para Inglaterra, podendo levar um velho criado em sua companhia.

«O velho criado sois vós, senhor de Mont-fort, até sairdes as barreiras de França — disse o desconhecido. Em quanto a vós, menino, conhecestes Laura?

Benoit já se não recordava do tempo em que fôra Sebastião; não podia, portanto, recordar-se de Laura. Respondeu negativamente.

«Não importa. Este passaporte deveil-o a uma mulher, que chamastes mãe, e o mundo chamava Laura... Saireis hoje de Paris.»

O confidente de Marat deu um beijo no pupilo de sua filha, e retirava-se, quando Mont-fort, tomando-lhe a saída, lhe perguntou, em tom commovido pela gratidão:

«A quem devemos nós este obsequio? Quem é o nobre coração que se condoe de um velho e de uma criança?

«Que vos importa o meu nome? Sou um cidadão da republica franceza, um cidadão da republica de todas as nações.

«Quanto é apreciavel a honra n'estes dias de desenvoltura, em que até a memoria parece esquecer-se das antigas virtudes! Querereis prestar ainda outro serviço a este pobre velho, que vol-o supplica, chorando?

«Quereis dinheiro? dar-vol-o-hei.

«Não quero dinheiro: é um serviço porque eu vos daria todos os meus bens de fortuna, se ella não fosse, como brevemente será, confiscada.

«Dizei depressa, que não posso demorar-me.

«Alcançae-me um passaporte, para meus filhos me acompanharem.

«Quem são vossos filhos?

«E' a minha filha unica, Susanna, casada com o marquez de Luso.

O cardeal Rufo não pôde esconder a commoção. Profundaram-se-lhe na testa dois sulcos: toda aquella physionomia coloriu-se instantaneamente de uma pallidez terrena; e dos labios que se descerraram n'um indiscriptivel sorriso, Mont-fort não lhe arrancou, ao menos, um *não*.

O cardeal voltou-lhe as costas, quando o violento abalo o deixou pensar no que lhe convinha a fazer. Mont-fort, impressionado pela mudança de rosto que lhe víra, não ousou impedil-o na saída.

Este acontecimento, noticiado ao marquez, impressionou-o muito. Lembrou-lhe então o lance desde muito esquecido, o punhal no retrato, e a ameaça de um supposto pae de Laura.

Quiz acautelar-se, mas era tarde. Os seus passos eram espionados de noite e de dia. Os seus criados eram subornados pelo ouro de um desconhecido, e o debil animo com que a providencia economica o enfraqueceu, caiu de todo.

Benoit de Mont-fort achou desimpedidas todas as saídas de Paris.

Em Londres encontrou a dôce segurança do proscripto; mas as lagrimas nunca se enchugaram nas fundas rugas do velho camarista.

Valiam-lhe as consolações do que elle chamava filho; mas as consolações do moço eram quasi sempre tambem misturadas de lagrimas. Joven, a madureza do seu juizo começou muito na manhã da vida a atormental-o. Quando sentiu em si o homem que pensa, lançou os olhos em redor, e deparou as scenas hediondas da revolução, e o pallido terror assombrando as faces d'aquelles que as não tinham salpicadas do sangue das victimas. Os nomes que se pronunciavam a todo o momento, eram Danton, Marat, e Robespierre. Ninguem fallava de coisas que a sua alma procurava encontrar. Não se solemnisava virtude alguma que viesse neutralisar a negrura do crime de todos os dias. Vivendo na côrte com o velho camarista, amava os filhos do rei, beijava muitas vezes a mão do monarcha

bondoso, que expirava abençoando a França. Um pezo de ferro caiu sobre tudo que lhe vinha expontaneamente borbulhando do coração. Todas as flores da infancia, exhalando perfumes innocentes, foram esmagadas. Mais depressa que a todos os outros homens, o conhecimento da preversidade desceu a desmentir-lhe na consciencia a confiança com que se sentia anhelante por uma felicidade que não víra em ninguem. Algozes e padecentes era tudo o que o rodeava.

Benoit de Mont-fort esperava todos os dias a terrivel nova do supplicio dos seus. Não lh'a demoraram muito.

A *Gazeta Nacional*, sem personalisar as victimas da carnagem de 3 de Setembro, fallava de nobres e padres conspiradores, mancommunados com os estrangeiros. Um jornal inglez publicou os nomes de alguns, e entre esses encontravam-se: Susanna Amelia Luiza de Mont-fort, ex-nobre, e o marquez de Luso, seu marido.

O camarista ignorou esta noticia até ao momento que as lagrimas incessantes do filho de Alvaro de Albuquerque lh'a revelaram. N'esse dia não recebêra o jornal inglez, e comprehendeu a significação d'esta falta.

Caiu doente. Não podia sustentar o repellão que a desgraça lhe dera. O fio delgado da existencia já não podia fortalecer-lh'o o carinho do filho adoptivo.

Quando a medicina o abandonou, porque não conhecia o balsamo da chaga aberta no coração de pae, que perdeu uma filha, Mont-fort chamou um notario e declarou que, supposto terem sido confiscados todos os seus bens de raiz, todos os seus fundos em França, se algum dia se restabelecesse a ordem, o seu herdeiro era seu filho Benoit de Mont fort, que se achava presente.

Deu todas as fórmas legaes a este testamento, e encarregou um lord, seu velho amigo, da educação de seu filho, em quanto podesse suppril-a com os meios não abundantes, que lhe podia dispôr na terra do desterro. E exhaustos esses meios, acrescentava elle, meu filho que siga um qualquer destino, que lhe dê honra e pão, até que um dia a Providencia restitua á França o seu legitimo rei.

Poucos dias sobreviveu á sua disposição testamentaria.

Horas antes de morrer, disse ao filho de Silvina:

«Ha tres annos que meu genro me entregou um patrimonio, que vos foi legado mysteriosamente. E' um cofre de ferro, não sei quanto contém. Conduzi-o comnigo, quando passamos uma primavera na minha quinta de Cliton. Esse cofre poderás um dia encontral-o no quarto em que dormimos. Occulto pela cabeceira de meu leito, ha um segredo que se conhece pelo som do toque. Não tem nenhum signal exterior. Quebrando o estuque, encontrarás o teu cofre. Não te animo a que o procures antes que a paz se restabeleça, porque a tua vida não deve sacrificar-se a alguns punhados de ouro. Todos os meus bens, a esta hora, são da nação; um dia te serão restituidos, e então procurarás esse cofre que será uma migalha ao pé da riqueza que te deixo.

Apressaram-se, desde esse instante, os passos da morte. O ancião, vergado debaixo da vida, saudou-a com jubilo.

Morreu nos braços de Benoit. As suas ultimas palavras foram estas: «Meu rei, o cadafalso separou-nos. Ter-vos-ia servido melhor, se o cadafalso nos approximasse. Fui tão martyr como vós. Se vos sobrevivi, foi para sentir mais vagarosa a agonia da morte! Rei martyr, pede a Deus que não se perca na terra este orphão!»

E o orphão viu-se só no mundo. O lord, a quem fôra confiado, não era o homem para aquella organisação.

O seu primeiro desvelo foi envial-o para um collegio, como quem sacode dos hombros um cargo importuno. No centro dos condiscipulos, Mont-fort, como todos o dominavam, achou-se mais sósinho ainda. Quando queria povoar a sua vida, procurava a solidão. Mas a solidão não lhe bastava. Sentia-se impellido por uma actividade que o atormentava. Tinha quinze annos e ambicionava a espada do homem; scismava em batalhas, em triumphos, em grandes sacrificios de sangue á memoria de Luiz XVI, que morrêra assassinado entre as mãos covardes de uma populaça, que elle odia-

va com rancoroso nojo. Padre Diniz, aos sessenta annos, dizia que a seu lado tinham caído todas as pessoas que quizera approximar do seu coração. Benoit de Mont-fort, aos quinze, recordava os amigos que lhe deram a mão para do berço entrar no mundo, e d'esses não existia um. Laura esquecera-lhe. Susanna, o marquez, e o velho, que lhe chamára filho, tinham saído d'este mundo repellidos á ponta do punhal, ou macerados pela disciplina do infortunio injusto. Os homens assassinaram os inimigos do orphão: o orphão concebeu o odio profundo á humanidade, e saboreou de anticipação o gosto de uma vingança.

Estas idéas, acolhidas e meditadas no coração de um mancebo, germinaram uma loucura. O coração não lhe cabia no peito, desde que uma especie de fanatismo o induziu a tomar parte no banquete de antropogaphos, que se dava na face da Europa.

Mont-fort, com a intimativa de homem, pediu ao lord, seu director, a liberdade. Pedidas explicações, não se recusou a dal as. Queria correr os riscos, ou compartir nas glorias em que andavam empenhados os realistas na França.

O lord riu-se da irrisoria coragem da criança. Perguntou-lhe onde queria hastear o seu balsão guerreiro, onde é que David colheria a pedra com que partisse a cabeça de Felisteu.

Mont-fort, respondeu, que queria entrar no exercito da Vandée.

O lord não foi insensivel ao enthusiasmo da criança. Recebeu-lhe a resolução como indestructivel. Seria loucura contrariar-lh'a, quando tão illustres nomes se alistavam n'aquelle punhado de homens, votados a um sacrificio sublime. Concedeu-lhe a licença pedida: deu-lhe cartas de alta protecção para Larochejaquelin, general em chefe da força contra-revolucionaria, e entregou-lhe algumas mil libras das que o «pae» lhe deixára para despezas da educação.

Partiu.

XII

Mont-fort foi recebido na Bretanha como a ultima vergontea da casa de Cliton.

As cartas apresentadas declaravam-no filho e herdeiro de Benoit de Mont-fort.

Larochejaquelin recebeu-o como ajudante de campo, lisonjeando-se de tanta coragem nos dezeseis annos do dedicado mancebo.

O general Lescure alcançára triumphos rapidos, e levára o desalento ao exercito republicano. Mont-fort distinguira-se em impetos de valentia, que o proprio general classificára de heroismo louco. Larochejaquelin, ferido na passagem do Loire, informado das proezas imprudentes do seu protegido, chamou-o a si, porque o reputou incapaz de exercer a responsabilidade dos seus actos. Esta opinião confirmou-lh'a o seu ajudante de ordens, quando lhe appareceu, com uma bala n'uma perna, pedindo, em recompensa dos serviços prestados, o commando de uma força de tres mil homens.

O ferimento era leve.

Seguiu-se a batalha de Nouaille.

A fortuna zombou dos valerosos esforços do general em chefe. Larochejaquelin foi morto, salvando os «vandéenses» de uma inteira derrota. O ajudante de campo foi arrancado do redemoinho das balas segunda e terceira vez ferido.

O exercito indisciplinado debandou. Alguns milhares de paisanos conservaram-se em armas, capitaneados pelo guerrilheiro Charrette. Foi terrivel e sanguinario. Não poupava a innocencia, nem respeitava o pudor das mulheres. Mont-fort, que não associava a infamia sordida a uma vingança heroica, abandonou esse lacerado espolio de um grande exercito.

Acordado d'aquelle delirio de um anno, achou-se

só, e refugiou se em Inglaterra, onde encontrou honrosas informações da sua bravura, dadas por Larochejaquelin.

Preparava-se então uma expedição contra a republica. Eram mil e quinhentos os emigrados, seis mil prisioneiros republicanos, sessenta mil armas, e um equipamento para um exercito de quarenta mil homens.

A frota ingleza desembarcou na peninsula de Quiberon. Puisaye foi o primeiro que pisou terra de França: o segundo era um bello moço com o fogo de enthusiasmo nos olhos e a vibração no grito glorioso do primeiro viva que as turbas saudaram com o frenesi da victoria.

A illusão durou vinte e quatro horas.

O general Hoche, auxiliado pela traição dos prisioneiros, retalharam carniceiramente o pequeno exercito dos emigrados.

O conde de Puisaye salvou-se, e os seus ajudantes de ordens comprehenderam a inutilidade do sacrificio de si proprio. em uma lucta desesperada.

O general voltou a Inglaterra com o estigma de traidor. Pediu uma residencia no Canadá, onde morreu, mendigando, em 1827. Mont-fort achava sempre abertos os braços do lord, que sentia pelo rapaz uma sympathia verdadeiramente ingleza, desde que o viu atacado de hydrophobia contra a França.

Estaes cançados de guerras e politica, leitores. Peza-me de todo o meu coração andar comvosco pela Vendée, pelo Quiberon, a fazer-vos respirar o aroma da carnagem e o vapor da polvora. Não vos impacienteis.

Scismei longo tempo no modo como eu havia de ser-vos um leal narrador, sem ser importuno. Não se fazem taes milagres no romance historico. Mondar os accessorios da essencia d'este complicado enredo, seria matal-o, porque até aqui, a meu pesar, vos digo, o filho de fr. Balthasar da Encarnação, escrevendo a sua vida, parece ter escripto alguns centos de paginas para a revolução franceza.

Se vos apraz a continuação da verdade, saibamos os novos planos de Benoit de Mont-fort.

Bonaparte acabava de assumir o commando do exercito de Italia. Aquelle nome era apregoado com ruido, e o Directorio confiava n'elle o desempenho de um repto a toda a Europa.

O joven general ganhára batalhas successivas, desde Castiglione até Vienna.

Muitos realistas francezes militavam no exercito austriaco. O ensejo para a distincção de um moço sedento de batalhas era precioso. Mont-fort, munido de recommendações, entrou nas fileiras de Austria com a patente que exercêra na Vandée e nas praias de Quiberon.

Bonaparte repoisava de fadigas no quartel-general de Monte-bello, depois do tratado de Campo-formio. A intriga valendo-se do descontentamento do Directorio, minava a reputação do conquistador da Lombardia. Napoleão meditava um golpe profundo nos seus inimigos, e um arrojo desmedido para as ambições de um homem que não fosse elle.

Ao mesmo tempo a Inglaterra tramava a morte de Bonaparte. A infame, nutrida de traições, sevada no sangue que tão robusta a engrandece da sua pequenez primitiva para uma magnificencia perecedoura, parece que farejava nos passos de Bonaparte os vestigios de um poderoso inimigo,

De intelligencia com a Austria, traçou o plano, cuja execução foi commettida, por insinuações de Inglaterra, ao joven Benoit de Mont-fort, cuja valentia era classificada em fanatismo ou desprezo da vida.

O lord, curador da educação de Mont-fort, pintou ao seu pupilo, em phrases enthusiasticas, o golpe mortal que o exercito francez receberia na pessoa do Bonaparte. Proporcionava-lhe todos os meios, comtanto que um punhal certeiro podesse chegar ao coração do general. Mandava-o entender-se com uma alta dignidade, residente em Vienna, e promettia-lhe uma promoção deslumbrante no exercito austriaco ou no britannico, se lhe aprouvesse servir a Inglaterra.

Ao mesmo tempo, Bonaparte recebia em Montebello uma confidencia escripta, que lhe era ministrada por um nobre emigrado em Londres, convertido á

espionagem pela promessa de entrar em França, e rehaver os bens confiscados pela republica.

Bonaparte estava senhor do segredo. O seu somno ligeiro, mas tranquillo, não foi perturbado. Apenas escreveu na carteira: *Benoit de Mont-fort, representante dos Mont-fort, idade 18 annos, ajudante de campo de um general austriaco.*

Mont-fort procurou o alto dignitario que lhe fôra indicado em Vienna.

Achou-se n'um basto aposento, ricamente ornado. A pessoa que procurava, saíra momentos antes e voltaria breve. Mont-fort esperou. Alguns segundos depois, entrava n'essa sala uma dama, que, pelo desembaraço, devia ser de casa. O ajudante de ordens comprimentou-a.

«Quem procuraes? — perguntou ella.

«O senhor cardeal.

«Já lhe noticiaram a vossa vinda?

«Disseram-me que Sua Eminencia não estava em casa.

«Não poderá demorar-se. Emquanto não vem, eu volto já a tornar-vos, se for possivel, menos fastidiosa a espera.

E entrou para o interior do palacio.

Esta senhora representava trinta e tantos annos. Recordava uma belleza peregrina. Os olhos, meio apagados de um lume que devêra ter-lhe queimado o coração, eram ainda bellos. A pelle tinha aquelle avelludado da camelia, que definha na atmosphera callida de um baile.

Mas o garbo e gentileza dos movimentos não podia ter sido mais flexivel.

«Eis aqui uma impressão nova!

Murmurou Mont-fort quando ella saiu.

Era, com effeito, uma impressão nova para elle. Qual ella foi, o modo como elle a recebeu, como é que essas impressões se contam, é o silencio nos corações noveis, e uma abundante florescencia de palavras melodiosas nos corações adultos; mas, por fim, som de lingua desconhecida, enygma indecifravel para o coração juvenil, e para o que já tem sentido repetidas impressões da mesma força.

Mont-fort vivêra até então n'uma esphera de sensações, n'um delirio de enthusiasmos, que lhe excitavam no coração todas as cordas que respondem n'elle ás paixões fortes.

Paixões brandas, essa voluptuosidade espiritual, que nos amanhece no curto dia do amor ingenuo, essas ainda elle as não sentíra.

Não se tivera achado ainda na carreira onde ellas nos vem ao encontro. A gloria que elle associava á rude paixão da vingança, trazia-o alheado a todas as outras ambições. Não conhecia as salas, porque se reconhecêra homem em Inglaterra, onde as salas não são o receptaculo de affectos nascentes, onde a seducção não capricha em seus triumphos, onde emfim a mulher não vem offerecer-se aos olhos avidos, como mercadoria, que perde muito, se a transportam da sala perfumada, da vertigem das nocturnas illusões para o claro dia da vida domestica, para o positivo calculo do viver em familia.

Em Inglaterra não se estranham as transições, porque a mulher é sempre a mesma. O fastio insulso que lhe traz a physionomia em permanente enjôo, é sempre o mesmo. O salão não é a ante-camara do thalamo nupcial. Ha n'aquelles grupos de mulher e marido alguma coisa que vos faz pensar que, debaixo d'aquelle céo de fumo, caza-se por *spleen*, vive-se para provar que o *spleen* não é uma palavra sem significação, e morre-se em suicidio serenamente para fazer as ultimas honras ao *spleen*.

Mont-fort não se dera a pensar n'isto, porque o tempo não lhe sobrava dos seus frenesis bellicosos. Eram lhe indifferentes todas as mulheres, porque nem sequer tivera um instante de se interrogar sobre a utilidade d'esta metade illustre do genero humano.

A mulher de Vienna, foi portanto, a primeira que imprimiu na sua alma um ponto de admiração, e outro de interrogação.

Admirou-a, e perguntou a si proprio que genero de sentimento novo era aquelle.

A austrirca, como elle a suppunha, voltou depressa.

«Sois inglez?» — perguntou ella.

«Não sou inglez, minha senhora. Vivo em Inglaterra.

«Sois acaso algum prisioneiro francez?

«Não sou. Bem védes que o meu fardamento é inglez.

«Desculpae a minha curiosidade; mas é preciso que digamos alguma cousa. Estaes ha muito tempo em Vienna?

«Cheguei hontem: venho militar no exercito austriaco.

«Odiaes a França?

«Odeio a republica, odeio o açougue em que foram espedaçados os homens que honravam a França... E' necessario que os algozes, para honra da humanidade, se vão despedaçando reciprocamente... Desculpae, senhora, esta linguagem impropria para fallar-se a uma dama; mas, como vós dissestes, é preciso que digamos alguma cousa.

«Sinto passos... Creio que chega a pessoa que procuraes... Espero ter occasiões de continuar o prazer de ouvir-vos.

A dama ergueu-se e retirou-se com presteza. O dignitario, esperado, entrou na sala.

Mont-fort, quando o viu, ao fundo da sala, aparamentado com as insignias simplices de cardeal, foi encontral-o, com reverencioso respeito, para beijar-lhe a mão. Já perto d'elle, recua, e fixa-o com ar de estupefacto.

O cardeal encara-o tambem, mudando de côr; mas de um para outro momento, a sua surpreza desapparece, e a côr natural desmente o reparo com que respondêra ao espanto do hospede.

«Parece que vos impressiono extraordinariamente!» — disse tranquillamente o cardeal.

«Decerto impressionaes, senhor! Eu sou aquelle a quem destes um passaporte em Paris...

«A quem dei um passaporte em Paris!... Olhae que eu nunca fui *maire*, senhor! Precisamente procuraes outro homem. Eu sou o cardeal Rufo; vivo na Austria, fugido de Napoles, e não me recordo de vos ter visto alguma vez.

«Pois não fostes vós que, ha tres annos, estando eu na companhia de Benoit de Mont-fort...

«Não tenho a honra de vos conhecer, nem á pessoa de quem me fallaes; creio que tenho dito bastante para que me não magoeis, duvidando da minha palavra. Sois enviado de lord Greenville?

«Sou: e tenho a honra de apresentar-vos..

«As vossas credenciaes...» — disse o cardeal, sorrindo.

Abriu a carta. Leu rapidamente, dobrou-a, e fez sentar o portador, que não podia convencer-se de que estava illudido a respeito do encapotado, que lhe dera o passaporte.

«Fallemos, que ninguem nos escuta — disse o pae de Laura. Tendes o preciso animo para acabar a empreza começada?

«Creio que tenho.

«Pois se crêdes, nada vos falta: a fé é a mola que faz transportar as montanhas. Dizem-me que quereis passar ao exercito francez, a titulo de apresentado. Quereis não só espionar os movimentos do Bonaparte...

«Eu não vou espionar os movimentos do Bonaparte... Não acceitei a vil commissão da espionagem.... O meu fim é outro...

«O vosso fim é cortar o mal pela raiz.

Quereis desfazer a Europa de um aventureiro que a incommoda. Estaes espiritualisado do animo de Carlota Corday contra o Marat, que renasceu das cinzas de outro...

«Justamente...

«Que vos falta para tentardes esse heroismo sublime, esse feito que fará esquecer Codro, Curcio, e Bruto?

«Não me falta nada, se me concedeis as guias que me garantam uma livre passagem até á Sardenha.

«Não encontrareis algum embaraço. Se a fortuna vos for avessa, à fama vos indemnisará. Se o resultado for tal, como eu vol-o desejo para bem do mundo, e especialmente da Italia, que esse aventureiro reduz a cinzas, sereis o primeiro homem d'este seculo. Recebei a benção de um principe da egreja, e um abraço de um companheiro de batalhas, que tem sabido merecer o nome do *cardeal-general*, na defeza da patria e da santa Religião Catholica Apostolica Romana.

«Quando devo partir?

«Hoje mesmo, se vos apraz.

Mont-fort olhou casualmente para a porta mal cerrada, por onde saíra a dama, e viu uns olhos que eram os d'ella. A dama, surprendida, retirou-se. Mont-fort beijou a mão ao cardeal, e saiu . . . .

. . . .

«Tive hoje um encontro extraordinario, Luiza.»

Dizia o cardeal, depois de jantar, animado pelas franquezas do ultimo copo de syracusa, a sua filha, que, quatorze annos antes, se chamára Laura.

«Um encontro extraordinario! que foi, meu pae?

«Vi homem uma criança que ha quatorze annos se chamava Sebastião.

Laura impallideceu. O cardeal continuou, sem reparar na physionomia d'ella:

«Saiu um heroe! Se não morrer por estes quinze dias, será o primeiro homem da historia contemporanea.

«Onde o viu, meu pae?» — perguntou ella, com voz tremula.

«Esteve em nossa casa alguns minutos.

«Esteve em nossa casa!... Era aquelle militar?...

«Não pensei que o víras!... Está bem desfigurado, não está?.. Agora, minha filha, a este respeito, silencio dos tumulos... Vamos á sala, que nos esperam visitas...

Laura não se erguia da cadeira.

«Então?! — disse o cardeal.

Não se moveu. Tinha desmaiado.

«Eis aqui uma organisação bem fraca! — murmurou o assassino do marquez de Luso. Transportae a senhora ao seu leito, que está incommodada — disse ás criadas, passando para a sala, onde era esperado.

XIII

Mont-fort achou francas todas as passagens até ao coração da Italia. Foi recebido no primeiro piquete do exercito francez, com acclamações. Atravessou, bem acolhido, alguns quarteis-generaes, até chegar a Monte-bello, residencia de Bonaparte.

A sua patente de ajudante de ordens, embora transfuga de um exercito inimigo, auctorisava-o a querer apresentar-se a Bonaparte.

Fizeram saber estes desejos ao general.

Respondeu que o recebia com muito gosto, e mandou retirar os ajudantes de ordens que o rodeavam, e os diplomatas que ouviam o oraculo com respeitoso silencio.

O filho de Alvaro de Albuquerque achou-se na presença de Napoleão.

«Sentae-vos n'essa cadeira» — disse-lhe este com affabilidade, indicando-lhe a cadeira que o collocava tres passos distante da meza em que Bonaparte escrevia as ultimas palavras de uma participação.

Mont-fort tirava do bolso um lenço para limpar o suor, e sentiu correr-lhe nas veias uma sensação estranha, quando o general lhe lançou de lado um olhar indifinivel.

«Sei que vindes servir no exercito francez.

«E' verdade.

«Sois francez, por consequencia.

«Sou... francez.

«Não titubieis nas respostas. A firmeza do animo revela-se na firmeza da palavra. De que departamento sois?

«Do Sena.

«O vosso nome?

«Severin de Tayrai.

«Sois nobre, por consequencia. Como quereis servir o Directorio, que representa Danton, Marat, e Robespierre, que naturalmente vos perseguiram? Não respondeis, senhor de Tayrai?

«Penso que não sou obrigado a dar-vos uma explicação tão minuciosa dos motivos que me trazem ao serviço da França.

«Eu gosto que os soldados da republica, antes de valorosos, sejam honrados: valentia, não inspirada pela honra, não se impõe á admiração, nem deve ser galardoada pela republica. Se arriscáes a vida na defeza de uma causa que vosso pae, como nobre, amaldiçoou a vossa morte pela republica, será uma deshonra... Senhor de Tayrai, quem abusou dos vossos dezoito annos, mandando-vos aqui?

«Vim expontaneamente... não entendo bem a vossa pergunta.

«Se estaes de face a face com Bonaparte,- porque não cumpris o encargo de homicida que vos traz aqui?... Vejo que descoraes!... Essa mudança de côr faz honra ao vosso coração. Falta-vos ainda muito para vestir a face da mascara da impassibilidade. Approximae-vos de mim, que já vos não receio, Benoit de Mont-fort.

O moço, aterrado, ergueu-se machinalmente.

Não teria já coragem para defender-se de uma agressão. Ouvir o seu nome, proferido por Bonaparte, foi collocar-se entre a misericordia do feroz vandalo da Italia e as seis balas de um espingardiamento sem processo.

«Sentae-vos n'esta cadeira — continuou Bonaparte, tomando-lhe a mão, que tremia. Este vosso tremer não é covardia: é uma surpreza que vos não deve trazer nunca uma recordação ignominiosa.

Dizei-me, meu audacioso joven, vosso pae, o senhor de Mont-fort, ainda vive?

«Morreu em Londres.

«Só assim se explica a vossa existencia aqui. Benoit de Mont-fort não consentiria que seu filho assassinasse Bonaparte, porque Bonaparte foi conduzido pela mão de Mont-fort ao ministro da guerra, quando foi necessario dar-se no exercito uma posição a Bonaparte.

Quem dirige vossos passos, depois que vosso pae morreu?

«A minha vontade livre.

«Vejo que recuperaes uma soberania de respostas, que vos fica bem. Quero-vos assim corajoso. porque se me afigura encontrar um amigo ou um inimigo que não impallidece ao meu interrogatorio. E viestes expontaneamente aqui?

«Expontaneamente.

«Excepto a victima destinada, que sou eu, ninguem sabe das vossas intenções?

«Alguem as sabe.

«Quem?

«Não denuncio.

«E' nobre a resposta. Lord Greenville, com quem estivestes a doze do corrente mez, não seria talvez capaz de recompensar com uma saudade o vosso segredo, se eu vos mandasse arcabuzar debaixo d'estas janellas. Continuae a ser assim honrado com os vossos socios de deshonra. Por que odiaes Bonaparte?

«Não tenho odio pessoal a Bonaparte.

«Sentis por elle a sympathia do punhal. Sou-vos indifferente?

«Indifferente.

«Terrivel indifferença a quem se manifesta por um acto de rancôr, dos que nos são provocados por um inimigo irreconciliavel!... Não abuso do vosso silencio. Quereis uma guia para tornar á Austria? Quereis que vos mande pôr a bordo de um navio inglez? Quereis entrar na França como um protegido de Bonaparte, que será um deposito sagrado que eu confiarei aos meus amigos?

Escolhei.

«Não posso responder-vos já, senhor. Sinto-me confuso, de modo, que não sei abraçar nenhuma das vossas generosidades. Dae-me algumas horas para que eu possa meditar.

«Meditae. Se quereis um quarto de soldado n'esta casa, dou-vol-o francamente, como vosso pae me deu, em Paris, um dos seus, sendo eu um simples soldado de artilheria. Acceitaes?... Aproveito o vosso silencio...

Napoleão sacudiu uma campainha.

Entrou um ajudante de campo.

«Conduzi o meu hospede a um quarto vago.

«Não ha nenhum, general.

«Dae-lhe o meu.

«Não acceito... — murmurou Mont-fort.

«Acceitae: *dormirei ao pé de vós.*

As palavras sublinhadas foram pronunciadas com força muito significativa para o filho de Silvina.

Conduzido ao quarto de Bonaparte, e deixado só, Mont-fort respirou do fundo do peito um d'esses ais, que parecem saltar de sob um pezo que nos esmaga. O conflicto de que saíra deixara-o n'um jogo de paixões adversarias, que lhe escaldavam a cabeça. A perplexidade durava ainda.

A confusão das suas idéas não o deixava encontrar uma só que o definisse. Em elogio á bella alma, que devia produzir um grande homem, digamos que a vergonha era o mais pungente espinho que o mortificava então. E a par da vergonha, os sentimentos generosos vinham de tropel á superficie d'aquelle coração, falsificado pelo ruim espirito da vingança, pela ancia fervente de uma gloria, cujo brilho o deslumbrava de modo que a negrura da infamia, preço d'ella, não podia ser vista por olhos de moço sem a consciência da verdadeira gloria.

«Que grande homem aquelle! — dizia Mont-fort, apoiando a cabeça entre as mãos. Que imperio tão facil elle alcançou sobre a minha vontade! E' este o feroz Bonaparte que me pintaram em Inglaterra? São os grandes preversos os que assim dão testimunho de uma virtude que eu julguei impossivel!...

Napoleão interrompeu o mudo monologo do seu companheiro de quarto.

«Venho ver se vos aquartelaram convenientemente, cavalheiro... Sentae-vos.

Se quereis descansar, atirae-vos a esta cama.

«Não tenho necessidade de descanso.

«Nem ao menos vos fatiga o espirito?

«Esse... sim.

«Não penseis por emquanto nos meus quesitos. A'manhã me respondereis.

Vou passar uma revista ao exercito de Italia. Temos brevemente de dar um abraço em Vienna, e é preciso insuflar no soldado o affago necessario para que o abraço seja bem carinhoso...

«Se me permitis, general, eu acompanho-vos.

«Se vos apraz, montareis um dos meus cavallos.

«Irei a pé.

«Aqui n'este quartel general reina o despotismo: ireis a cavallo. O peor é que a vossa gola é ingleza de mais para agradar aos vossos patricios.

«N'esse caso, não irei. Ou dae-me tempo que eu arranque esta gola.

«Mas se vos virem no meu estado maior, julgarão que sois meu ajudante, e a vossa honra póde offender-se com similhante conjectura.

«A minha honra...

«Continuae, Mont-fort... *A vossa honra*...

«Perdoae-me, general... Não posso continuar...

«Fallae... cedei á nobre inspiração que vos faz subir á face o rubor do enthusiasmo...

Nas faces do moço rolaram duas lagrimas.

«Que é isso, cavalheiro? Lagrimas em rosto de soldado annunciam uma grande dôr, ou um grande heroismo no coração! Mont-fort! Viva a França!

Napoleão abraçára o moço, que tremia sacudido pela electricidade das suas ultimas palavras. Mont-fort, que, no delirio da falsa gloria, se fizera homicida voluntario, foi instantaneamente accessivel ao enthusiasmo, ao delirio de uma outra gloria, que parecia projectar-se-lhe do olhar ardente de Bonaparte. A sua resposta ao brado do general, foi o silencio, e esse silencio era a unica resposta que poderia dar-lhe o moço de dezoito annos, sopitado sob a influencia de uma especie de terror santo. Quiz fingir animo varonil; mas atraiçoaram-no as commoções da sua edade. Napoleão comprehendeu-o. Tomou essa postura de braços cruzados que o acompanha na immortalidade do busto, e disse:

«Olhae que nos esperam, *meu* ajudante de ordens.

Mont-fort correu a abraçar Bonaparte. Quasi se vergava sobre os joelhos; mas os braços do general ergueram-no.

«Entrava um ajudante de campo.

«General — disse elle — quando vos aprouver...

«Marbois, dae um dos vossos casacos ao nosso camarada. Vinde ter commigo, que eu espero-vos a cavallo.

. . . .

Benoit de Mont-fort esporeava um fogoso andaluz, no estado maior de Napoleão.

Em Inglaterra, esperava-se a cada momento uma grande noticia.

Em Vienna, Laura pedia á Maria Santissima que protegesse o seu pupilo.

O cardeal Rufo calculava as consequencias da morte de Bonaparte, e enviava para a Italia proclamações assignadas por *cardeal-general.* Assim o conheciam, e Sua Santidade, fazendo-o seu thesoureiro, mostrava que o homem era digno de o ser. Infallibilidade!...

XIV

Mont-fort, desde esse dia, reconheceu em si um homem diverso. Um resplendor de luz, não vista nunca, irradiava-lhe a existencia de visões estranhas, que, mais tarde, padre Diniz denominava os delirios da felicidade.

Bonaparte, por um d'esses caprichos peculiares aos homens extraordinarios, chamára o joven á sua intimidade.

Entre Augereau, Masséna, Serrurier e Laharpe, via-se Benoit de Mont-fort, no gabinete do vencedor de Wurmser.

Mais privadas ainda eram as praticas de Bonaparte com o seu ajudante. O espirito do futuro imperador dos francezes expandia-se ás vezes em revelações que o atraiçoariam, se as deixasse fallar na presença dos velhos generaes. Mont-fort comprehendera-o, porque o seu desejo era que a revolução gemesse um dia, esmagada debaixo do pé do gigante.

Comprehendera-o, e parecia delicadamente affagar as intenções de Bonaparte, estimulando-o a que restituisse á França os seus melhores filhos, desterrados para, ao menos, procurarem as ossadas de seus paes.

O acaso ou a industria fez que a palavra «legitimidade» não soasse nunca nos labios do joven ajudante. Se a pronunciasse, teria talvez caído na desgraça do aventureiro, que via a corôa por detrás do consulado. Mont-fort conhecia Bonaparte. Afóra elle, Bonaparte era um segredo, que aterrava os politicos inermes do Directorio, mas ninguem designadamente marcaria a balisa que o ambicioso pisaria com o pé atrevido para passar além.

«Sereis um grande homem — dizia Napoleão a Montfort — quando eu por esforços incalculaveis tiver feito esquecer á França os seus grandes crimes.

O sangue de Luiz XVI tem sido usurariamente expiado. Os algozes despedaçaram-se, impellidos uns contra os outros pela mão da Providencia.

Hoje ha uma só missão para o homem que quizer uma reputação mais illustre que a de Verignau e Desmoulins: hade reconstruir de ruinas ensanguentadas um edificio novo: hade apertar ao coração n'um só abraço todos os filhos da França: hade restituir a Deus o imperio absoluto da sua supremacia; hade chamar o sacerdote para o altar, e erguer n'esse altar a velha imagem do Crucificado: hade restituir á França os seus velhos gaulezes.»

Foi assim que Napoleão fanatisou Mont-fort. O usurpador prophetisava em melodioso estylo os seus tropheus sobre a immoralidade.

Foi franco. Se a usurpação era um crime, geravam-se do mau germen excellentes virtudes, que Luiz XVIII desbaratou mais tarde . . . .

. . . .

O exercito francez levantou de Monte-bello a encontrar-se com o do principe Carlos. O inimigo voltou a face para a Allemanha.

Bonaparte perseguiu-o no territorio austriaco, e avistou Vienna, que vomitava dos flancos a explosão de uma cidade incendiada.

Mont-fort teve orgulho de desembainhar a espada ao pé de um homem, que sorria a cada zumbido de bala, que passava entre os bravos de Roveredo, deixando um sulco de sangue sobre uma esteira de cadaveres.

O assalto ia ser decisivo quando o imperador de Austria implorou a paz. Napoleão recuou diante da cobardia, e levou a França o dominio dos Estados de Veneza, como parias dos reis vencidos. O vencedor de Italia atára ao carro do triumpho a soberania do rei de Sardenha, do papa, e dos duques, nominalmente reinântes.

Bonaparte é recebido em Paris com freneticas ovações. Erige-se o altar da patria, e o pacificadòr do continente é coberto por um pavilhão de bandeiras conquistadas. O leopardo da Grã Bretanha é ameaçado pelas aguias vencedoras. Bonaparte é o eleito para passar uma esponja de sangue sobre a rancorosa inimiga da França, e riscal-a do mappa.

Mont-fort, reconhecido pelos republicanos como filho do camarista do tyranno, como elles dominavam o manso cordeiro da hecatombe, torna-se suspeito a Barrás. Bonaparte protege-o, e ninguem ousa denegrir os bons serviços do ex-nobre á causa do povo.

Mont-fort recorda-se ainda do palacio em que fôra criado nos braços de Susanna. Procura encontrar ahi as saudosas recordações de infancia, e depara um armazem militar. Bonaparte, que o ouvíra fallar d'essa casa com amargura, tocou-lhe no hombro, e disse-lhe, sorrindo:

«Deixae beber a sanguesuga. Um dia estoirará de farta, e esse palacio será vosso.

A expedição contra Inglaterra fôra uma cabala politica para contrariar as intenções de Bonaparte, suspeitas ao conselho dos quinhentos.

Preconísam-se as vantagens de uma expedição ao Egypto, para ferir de soslaio a potencia ingleza e Bonaparte é acclamado general em chefe.

Partiu.

«Voltaremos... Querem-me longe de França... E' cêdo ainda...» disse elle ao seu ajudante de ordens que

o Directorio promoveu, por insinuações do general, a coronel de cavallaria. Contava apenas vinte annos incompletos.

Malta, a inexpugnavel, abriu as suas portas ao raio do occidente. Alexandria gela-se de terror. Mourad-Bey borrifa com seu sangue as pyramides do Egypto. Entra no Cairo, e d'ahi ouvia por Kléber e Desaix algemas á raça degenerada dos farahós. Condemna a Syria á servidão. Atila passa sobre El-Arich, Gaza, e Jafa; mas, em redor dos muros de San João-d'Arc o flagello de Deus pune o desmedido orgulho do homem. A hoste invencivel é rareada pela fome e pela peste.

Napoleão recua sem desdouro, e vem em Aboukir vingar a affronta providencial.

Mont-fort, por cada ferida que recebêra sempre de face com o inimigo, atou um novo grilhão ás sympathias de Bonaparte.

«Agora é tempo — disse-lhe este, depois da batalha de Aboukir. Vamos a França.

Em 1799, o vencedor de Italia surge de improviso em Paris. Reina o descontentamento. O Directorio está desacreditado. O conselho dos quinhentos é expulso de Saint-Cloud á ponta de bayoneta. Bonaparte nomeia-se consul. Seguem-se Hoenlendem e Marengo. Consolida-se a reputação do grande homem. Voltam os desterrados. Assumem a sua dignidade os sacerdotes do Christo. Levanta se o confisco da propriedade. A França prospera. Bonaparte é coroado imperador pelo pontifice que inspirado pelo Espirito Santo, ungiu dos sacros oleos a usurpação.

No mesmo dia 2 de Dezembro de 1804, Benoit de Mont-fort, filho de outro Benoit de Mont-fort, é agraciado com o titulo de gentil homem, e duque de Cliton, por ser Cliton o velho solar de seus avós.

XV

O filho de Silvina tinha vinte e seis annos. Completava-se aquella bella organisação. Uma fronte larga, serena e lisa, sem uma ruga de soffrimento precoce, era a feição mais distincta que vos mandava reflectir, porque a reflexão estava alli escripta, e tudo que a phantasia inventa, grandioso e severo parece alli transparecer e irradiar-se. Olhos grandes e negros, profundos no olhar fallava-lhes só o movimento vertiginoso nas orbitas, o lance prescrutador e febril, que tanto falla e tantas vezes vos assegura que dentro existe um motor de paixões freneticas, uma inquietação, quasi sempre peculiar do genio. Era pallido. O sol ardente dos arraiaes queimára o avelludado das mimosas feições, que disputavam a brancura ao lyrio. Era magro, magro talvez em excesso, mas as sombras profundas que lhe desciam dos malares aos cantos dos labios, imprimiam no composto d'aquella physionomia um signal de dôr que captivava a sympathia, estimulando a curiosidade das mulheres. Eram bellos os labios; mas não sabiam as delicias do sorriso brando, nem assustavam com visagem do sarcasmo. Os cabellos negros ondeavam-lhe nos hombros, e o bigode, côr dos cabellos, espesso e recurvado, cavava, por assim dizer, mais fundas as sombras cadavericas.

Quem, vinte e seis annos antes, visse, em Roma, Alvaro de Albuquerque, diria ao filho de Silvina: «Teu pae não era Benoit de Mont-fort.»

O duque de Cliton, sem mais habilitações que o testamento do pae de Susanna, e a vontade do imperador, achava-se na posse de uma grande casa. Nenhum ramo dos Mont-forts ousou questionar-lhe o direito. Pelo contrario, honravam-se elles todos de tal parente, e acolhiam-se á sua protecção para que ninguem lhes

impedisse a posse dos bens confiscados. O duque tinha de Napoleão carta branca. A sua vontade era omnipotente, supposto que mui raras visitas fizesse á côrte.

O gentil homem foi a Cliton. Deitou-se no leito, onde dormira os somnos da innocencia. Consagrou ahi saudosas lagrimas á memoria do velho Mont-fort, e perguntou á sua consciencia se tanta saudade poderia dar-se em coração que não fosse de filho.

As notabilidades de Angoulême vieram comprimental-o. Os realistas de Luiz XVIII, seus companheiros de Vandée, perdoaram-lhe a apostasia. Entre estes, o que mais cordialmente o abraçára, foi o visconde de Armagnac, moço da sua edade, gentil homem tambem, e valente como elle em loucas temeridades, sob as ordens de Larochejaquelin.

O duque sentiu pelo visconde uma dedicação distincta. Precisava de uma outra alma, porque a de Napoleão era pouca para as vertigens da gloria: encontrou-a no visconde de Armagnac, mais cultivada que a sua em dotes da intelligencia, e mais experimentadas nas pequenas coisas da vida que os grandes homens ignoram, e morrem, ignorando.

Inseparaveis, fizeram pacto de serem uma alma, uma mesma vontade, e uma recordação das famosas amizades, que tanta honra davam á antiguidade.

O duque reservou apenas um segredo para si. Não disse nunca as duvidas em que estava do seu nascimento. O segredo não era do escrupulo.

Visitou o esconderijo que o moribundo Mont-fort lhe ensinára. Encontrou um cofre. Abriu-o. Viu uma grande porção de dinheiro que não contou. Além do dinheiro, viu objectos que o impressionaram, e foram, longo tempo, o flagello da sua curiosidade.

Eram adresses de mulher. Um cinto com uma preciosa fivela de brilhantes. Objectos de toucador, de ouro e pedras finas. Um collar de diamantes com uma lamina de ouro em que se viam entrelaçadas duas lettras, um *a* e um *s*. E de envolta com objectos de tão suave melancolia para a alma do poeta, assombrada pelo mysterio via-se um punhal de luzente aço, e cabo de ouro. Cada face da lamina tinha uma legenda. Em uma: MUCIO SCEVOLA. Em outra: MORTE A PORSENNA!

O que póde aqui descobrir já foi muito para a sua imaginação atormentada: conheceu que a legenda era portugueza. O duque sabia com perfeição o idioma do marquez de Luso, porque Susanna, em lisonja a seu marido, quiz aprender e fallar sempre o portuguez.

Supersticioso, achou n'aquelle deposito um sêlo sagrado: conduziu-o comsigo para Paris. O dedicado visconde de Armagnac acompanhou-o, e foi seu hospede.

Abre-se um novo cyclo na existencia do filho de Silvina.

Paris recorda os tempos da monarchia. Depois dos gritos sanguinarios renascem os canticos voluptuosos. Janus esconde a face bellicosa, e Venus, engrinaldada, ostenta-se em todo o viço, reanimado do repoiso forçado de vinte annos. As mulheres do imperio são bellas como as mulheres da monarchia.

Napoleão auctorisa, com o exemplo da côrte, a libertinagem. Abrem-se os salões, e o duque de Cliton é o ornamento dos mais distinctos.

As emoções que ahi recebe são froixas.

As mulheres reputam-no cansado ou orgulhoso. O visconde de Armagnac espanta-se da gelida impassibilidade do seu amigo.

«Não te animas, duque?» — perguntou-lhe o visconde n'um baile da côrte.

«Estou animado; mas onde está a duqueza de Bouillon? Queria ver essa mulher.

«Que curiosidade é essa?

«E' uma justa curiosidade. Disseram-me que esta mulher fôra tomada nas bagagens de uma guerrilha da Calabria, por Paulo Luiz Courrier.

«E' verdade.

«Acrescentaram que o general da divisão se apaixonára por ella, de modo que a roubou a Courrier, e não duvidou cazar com ella.

«Tambem é verdade.

«O general é duque de Bouillon...

«Quando tu foste duque de Cliton.

«E a vivandeira, por consequencia, é duqueza de Bouillon.

«E que tem isso?

«Nada de extraordinario, se a duqueza fôr uma linda mulher...

«E' linda quanto póde sel-o uma mulher de quarenta annos, pelo menos...

«Já a viste?

«Fallei hoje com ella em casa da marqueza d'Alibaud. Tem cabellos brancos, e é um anjo. Falla como quem quer matar fallando. Diz coisas pequenas com uma linguagem magnifica. Tem abstracções encantadoras. Está fallando em flores, e de repente falla-te em guilhotinas. Se lhe fallas de amor, ri-se com uma amargura que te gela. E o peor é que sinto disposições de sobejo em mim para amal-a... Desde já, meu caro duque, exceptuo esta mulher das tuas conquistas: de resto, concedo-te em homenagem todas as outras. Ella ahi vem... Eu apresento-te.

Approximaram-se da duqueza, que entrava pelo braço de Luciano Bonaparte.

O duque de Cliton fixou-a com estranho reparo. A duqueza tremeu, comprimindo o braço de Luciano:

«Honro-me, apresentando-vos, senhora duqueza, o duque de Cliton.

A dama abaixou a cabeça, e quasi arrastou Luciano Bonaparte fóra do grupo que a rodeava.

«Aqui ha um segredo! — disse o visconde. Conheces esta mulher?

«Penso que sim.

«Onde a viste?

«Em Vienna de Austria, em casa do cardeal Rufo.

«Não te enganas?

«Creio que não. Foi ha oito annos... Não podia esquecer-me, porque me impressionou muito. E' bella ainda como era então.

«Que houve entre ti e ella?

«Absolutamente coisa nenhuma. Uma troca de palavras sem importancia, durante seis ou sete minutos. E nunca mais tornei a vêl-a, supposto que muitas vezes tentasse informar-me do seu destino. Como foi esta mulher parar na Calabria? Do mesmo modo que parou em Paris! Vou vendo que ha coisas muito singulares n'este mundo. O fumo da polvora não me deixava ver

a sociedade! Agora, *cedant arma*, e triumphem, não direi as togas, mas os vestidos sim.

Foram interrompidos por Luciano Bonaparte:

«Que fizeram os olhos dos cavalheiros á duqueza de Bouillon?

«Vossa alteza verá que os olhos do duque confessam a culpa...

«Não sei o que foi... A duqueza retirou-se.

«Retirou-se! — exclamou o visconde.

O principe alongou-se do grupo.

«Não foste verdadeiro, duque! — disse o visconde com resentimento. Tu amaste aquella mulher...

«Podia amal-a. Posso ainda hoje se ella tiver esse capricho.

«Seria um acto bem desagradavel...

«Para ella? Não entendo bem...

«Para ambos nós...

«Parecemos duas crianças, visconde. Eu sei pouco do mundo; mas tu pareces-me um rapaz de collegio, que veiu passar as ferias em Paris.

Sejamos homens, ou caminhemos cada um para seu lado.»

A' intimativa d'estas palavras, franziu a testa do visconde. Separaram-se por entre os grupos de generaes, titulares e diplomatas, que se embriagavam *patrioticamente* no esplendido festim que o usurpador lhes dava. Os filhos dos guilhotinados exultavam, esquecidos dos paes. Os republicanos convictos transigiam com a monarchia mascarada. N'aquelle tumultuar vertiginoso, um espirito serio julgaria vêr o despotismo, vestido de histrião, sacudindo os guizos, e escarnecendo os servos agaloados de ouro.

Onde estavas tu, Mirâbeau, Danton, Robespierre, Billaud-Varennes?

....

XVI

O hospede do duque de Cliton era brioso até ao excesso. As ultimas palavras do seu amigo, molestaram-lhe o pundonor.

No departamento de Angouleme, a cavallaria andante contava ainda sectarios. O visconde de Armagnac, provado em valentias na Vandée, capacitara-se de que a susceptibilidade, o repto e o duello, eram accessorios indispensaveis á legitima raça de Bernardo VII e Raymundo de Poitiers.

O seu orgulho desmedido fez-lhe vêr uma affronta nas enfastiadas respostas do duque.

Reputou-as uma soberba ascendencia, que o grande queria exercer sobre o que reputava somenos. Estes fumos annuviaram o juizo ao neto de Bernardo VII, senhor de Armagnac, a ponto de julgar-se invilecido, não desaggravando a sua honra.

O duque esperou-o debalde em sua casa.

O visconde, desde o baile, exonerou-se das obrigações da hospedagem. O seu amigo não explicava a falta.

Na madrugada do seguinte dia, o duque recebia a seguinte carta:

A duqueza de Bouillon pede ao duque de Cliton a mercê de uma visita, hoje, ao meio dia. Tanto confia ella no cavalheiro a quem escreve que não hesita um momento em arriscar este bilhete.

Duqueza de Bouillon.

Esta carta viera encontral-o, recordando as poucas palavras que trocára oito annos antes com essa mulher familiar do cardeal Rufo.

O temperamento do duque, nos lances que mais impressionam o commum dos homens, era serenamente lymfatico.

Não se agitára muito com a surpreza.

Parece que similhante bilhete fôra previsto, ou a sua vaidade se enfatuava pouco d'elle.

A' hora aprazada, o duque de Cliton apresentou-se no palacio da duqueza.

O visconde de Armagnac passára n'essa occasião e reconheceu os cavallos e a libré do lacaio. Mordeu o labio inferior, e julgou-se duas vezes affrontado.

A duqueza não fez esperar o hospede. Deu-lhe a mão com familiar agrado, mas a mão tremia, e a voz cortada balbuciava monosyllabos em resposta ao cumprimento respeitoso do duque.

«Recorda-se — disse-lhe ella em portuguez — de me ter visto?

«Recordo, senhora duqueza, em Vienna são já passados oito annos.

«Sabe quem sou?

«Não, minha senhora, começo porém a admirar-me por ouvil-a fallar uma lingua, quasi desconhecida fóra de Portugal.

«E como póde o duque de Cliton conhecer esta lingua?

«Na minha infancia, as pessoas que me educaram fallavam portuguez.

«Lembra-se de todas as pessoas que o educaram?

«De todas, penso eu.

«Eram o marquez de Luso e...

«Susanna, minha irmã...

«Sua irmã! Sabe que Susanna de Mont-fort era sua irmã?

«O mundo o diz; e v. ex.ª sabe o contrario?

«Sei que não era sua irmã...

«Sabe, portanto, quem sou?» — interrompeu com anciedade o duque.

«Sei que é o duque de Cliton. Oh senhor!... — exclamou ella, passando de uma tranquillidade violenta a uma exaltação impetuosa. Eu preciso chorar... Não se espante diante d'estas lagrimas, que são talvez a minha salvação. Não o chamei aqui senão para isto... Ninguem nos vê... Preciso d'este desafogo... Diga-me que se recorda de mim, porque é impossivel que se não

lembre de mais alguem... é impossivel que os traços d'esta mulher não ficassem gravados na sua alma...

«Eu já disse a v. ex.ª — interrompeu o duque aturdido — que me recordava têl-a visto em Vienna...

«Não me falle em Vienna... Temos ambos uma longa vida anterior a Vienna...

Recorda-se, de Paris...

«De Paris?! não a comprehendo!... V. ex.ª esteve commigo em Paris? Esclareça-me quanto lhe seja possivel!...

«Enganei-me, meu Deus!... Pensei que devia conhecer-me!... Talvez... se eu lhe der um nome... por esse nome... deixe-me fazer a ultima experiencia... Veja se o seu coração estremece ao som d'esta palavra... *Sebastião*... Nem mudou de côr!...

Perdi todas as esperanças!...

«Que esperanças, senhora?! *Sebastião!*... que nome é esse?!

«Não devo dizer-lhe mais nada... Que valeria esclarecel-o? O que eu queria era uma reminiscencia... e essa é impossivel... Essa reminiscencia se podesse existir... Oh!... que instantes de felicidade para ambos nós!... Viria aos meus braços como um filho aos braços de sua mãe...

«*De sua mãe!*.... Falla-me de mãe... nunca essa palavra me feriu tanto o coração!... Quem é, senhora?

«Um prodigio de infortunios, senhor duque... O derradeiro é este...

«Qual?! Sou eu desgraçadamente a causa involuntaria de algum soffrimento de v. ex.ª?...

«Não é... Se Deus quizesse, poderia restituir-me o meu anjo, que perdi ha vinte e tres annos...

«O seu anjo!?

«Sim... era um anjo que eu tinha nos meus braços... Chamava-me mãe, e eu bebia-lhe nos labios esta santa palavra, que tambem me desceu ao coração... e aqui ficou... saudade nunca extincta do meu querido filho... Roubaram-m'o dos meus braços, porque não era meu; não era, não... mas tambem não era d'elles, que m'o roubaram...

Foi um crime tirarem-m'o, porque me levaram

com elle o amor que eu tinha á morte, porque a morte era a minha felicidade, e desde esse dia arrasto a vida, desejo-a mesmo assim amargurada, porque não queria morrer sem encontral-o... Encontrei-o... e não me conheceu!... Reservou-me Deus para esta dôr!...

«Senhora duqueza!... — exclamou o duque, tomando-lhe as mãos em que ella escondia a face. — Eu vou comprehendendo este mysterio... V. ex.ª é...

«Pergunta-me se sou sua mãe? Não, não sou...

«Quem é, pois? quando me conheceu? Sabe o segredo do meu nascimento? Responda, não receie desvanecer-me illusões orgulhosas do que represento injustamente...

«Nem eu posso desvanecer-lh'as, duque de Cliton... Sei que o embalei sobre o meu coração um anno... Eu era desgraçada, e o seu amor indemnisava-me do desprezo de todos... Não era sua mãe, mas o Altissimo condoeu-se da minha solidão no mundo, e encheu-me o peito de um amor de mãe... era o mesmo encher-m'o de fél... E, comtudo, tenho-me alimentado d'elle... Estou velha... Ha tantos annos que este infortunio aconteceu... e vejo-o ainda no seu pequenino berço meu filho...

A duqueza, como estranha a si propria, cortou a animada exclamação em qué a fantasia a levava delirante para o passado. O duque, perturbado e ancioso, colligia todas as palavras d'ella, para formar um juizo d'esta mysteriosa mulher; mas a vehemencia da exclamação não o deixava comprehendêl-a.

A duqueza ouviu passos nas salas immediatas:

«Senhor duque — disse ella com sobresalto — meu marido saiu do quarto mais cêdo que o costume... Deve retirar-se...

Heide merecer-lhe a honra de uma outra visita?

«Heide escrever-lhe... Adeus...

Laura apertou com ternura a mão do pupilo do marquez de Luso. Emquanto elle descia, a filha do cardeal disfarçava as lagrimas mal enchutas. O duque de Bouillon chamava sua mulher pela terceira vez.

....

Nos salões, abertos na noite d'esse dia, dizia-se que

o duque de Cliton encontrára no baile da côrte uma das suas proezas amorosas da guerra de Italia. Acrescentavam, auctorisando-se com Luciano Bonaparte, que a duqueza de Bouillon não soubera sustentar o caracter de mulher do grande mundo, por isso que, sobresaltada com a presença do duque, retirára desmaiada, em ar de dama dolorida, e passára uma pessima noite de febre, segundo informações authenticas de seu marido, que por signal madrugára á uma hora da tarde, para saber o que sua mulher faria, erguendo-se antes do meio dia.

E mais dizia a chronica da noite que a duqueza, por momentos, não foi surprendida com o duque de Cliton, môço audacioso que visitava as amantes ao meio dia, e deixava, para que ninguem alegasse ignorancia, os seus cavallos á porta entregues ao seu criado, com a muito conhecida libré dos Mont-forts.

Rematava o escandalo com o boato de uma entrevista que a duqueza tivera com o visconde de Armagnac, em casa da marqueza de Alibaud, no mesmo dia em que encontrára o duque. E d'aqui as prudentes linguas deduziam que o visconde fôra desalojado pelo duque, o que não era muito lisongeiro para um, nem honroso para outro, visto que passavam, na opinião publica, por Pilades e Orestes.

Quando assim ingenuamente, e em galardão á moral publica, se discutiam as aventuras do dia, o duque de Cliton, absorvido no turbilhão de conjecturas em que o deixaram as revelações incompletas da duqueza, procurava aquietar as suas idéas para definir a sua posição com tal mulher.

Recorria ás reminicencias dos seus primeiros annos, e a primeira imagem que lá via, era Susanna. Precorria depois as variadas evoluções da sua vida, e encontrava apenas em Vienna aquella physionomia mais viçosa, menos arada pelas lagrimas, sem alguns cabellos brancos que lhe víra agora, mais flexivel na gentileza dos modos, e mais soberba no outono das palavras. Era todavia a mesma.

A firmeza com que ella desmentíra o seu nascimento, que todos julgavam ser uma bastardia da casa

de Mont-fort, importava a certeza de que todo o mundo ignorava o que ella só podia dizer. Não passou pela imaginação do duque de Cliton que ella fosse sua mãe; mas porventura conheceu-a ella? Este segredo será descoberto com deshonra para elle? A fortuna que possue ser-lhe-ha tirada com ignominia? Que mysterio é este do seu nascimento? Porque o fazem herdeiro de um grande nome e de uma grande riqueza? Será elle inteiramente estranho a Benoit de Mont-fort, que o declára seu filho em Inglaterra, e legalisa em seu favor um testamento? Que nome seria aquelle «*Sebastião*» que nunca lhe proferiram outros labios? Será o nome de seu pae? Seria elle o dono d'aquelle punhal? Seria sua mãe a dona d'aquellas joias? Quem recebeu aquelle cofre? De que mãos veiu elle para o poder do marquez de Luso?

Tumultuavam estas inuteis perguntas na cabeça febril do filho de Silvina, quando as seguintes cartas lhe foram entregues. Conheceu a lettra da duqueza de Bouillon e a do visconde de Armagnac. Leu primeiro a que devia responder á sua anciedade:

«*Para ser queimada depois de lida*

Tenho apenas meia hora para escrever-lhe. Estou debaixo do imperio da calumnia. O nosso encontro de hontem á noite deu pabulo á malidicencia. A sua vinda aqui acaba de ser revelada por um anonymo a meu marido. Passo por sua amante, duque. Nem os meus annos me justificam já. Diante de meu marido, quando fui interrogada, chorei; mas estas lagrimas silenciosas condemnam-me. E calei-me, porque não sei mentir. A verdade não podia dizêl-a. Heide morrer com ella, depois de a dizer ao duque de Cliton.

Quer saber quem é? Não sei: já lhe disse que o não sabia. Sei que nasceu em Veneza. Morreu em Roma um homem illustre que o confiou ao marquez de Luso. Eu era amante d'este homem. Chamava-me Laura, e foi a segunda mulher que lhe beijei as faces. O marquez ignorava o seu nascimento, duque. N'este momento ha duas pessoas que podem sabêl-o, ou não ha

ninguem, se essas duas pessoas já não vivem: são seus paes. Não se deixe atormentar pela curiosidade, porque não ha nada a esperar das informações. Ha um anno que eu procurei em Veneza uma mulher que o alimentou ao seio um anno. Essa mulher tinha morrido, e só ella poderia dizer-me quem lhe entregou em Veneza uma criança recem-nascida.

A seu respeito, duque, não sei mais nada.

De mim, se lhe interessa uma historia triste, hei-de contar-lh'a alguma vez. Escrevia em paginas que trago sempre occultas á vista de todo o mundo. Se a sua vida for tormentosa, escreva um LIVRO NEGRO, e as primeiras paginas sejam as minhas. Ahi verá que Laura era princeza antes de ser duqueza de Bouillon...

Estou menos afflicta, desde que lhe escrevo. As lagrimas, misturadas com as revelações, são um desafogo.

Seja generoso. Se me encontrar na sociedade, o que não julgo possivel, olhe-me com indifferença. Se tem vontade de me fazer um sacrificio, retire-se de Paris. Não quero, com a sua saída, assegurar a minha tranquillidade: é a sua... Meu marido é imprudente. A vida de ambos é-me muito preciosa.

Adeus.

D. de B.»

A segunda carta continha o seguinte:

«Ao duque de Cliton.

As affrontas, recebidas do amigo, são duas vezes ignominiosas. O visconde de Armagnac não transige com um impostor, nem absolve uma traição. A nossa amizade expirou hoje ao meio dia... E' tarde para explicações: quero um desaggravo summario. Escolha testemunhas para um duello o homem indigno da minha amizade.

V. d'Armagnac.»

O duque de Cliton releu esta carta.

Ha golpes moraes tão profundos que parece não bastar o espirito para elles. A dôr torna-se physica. O gume do ferro toca o coração. O sangue regorgita dos pulmões, e as paredes do peito arfam agitadas por

uma respiração difficil. Para estes embates não ha organisações inabalaveis. A coragem moral é impotente. O homem, indurecido no infortunio, dá testimunho da sua fraqueza.

O duque de Cliton experimentou essa agonia para elle nova. A affronta immerecida era-lhe um tormento novo. A provocação grosseira, vinda de um amigo, pareceu-lhe impossivel. Tantas immoções em tão poucas horas, desorientaram-no de modo, que nem elle antevia o expediente natural de similhante conflicto.

Apresentaram-se-lhe os enviados do visconde, para o effeito diplomatico do duello. O duque pediu uma entrevista com o visconde. O seu nobre intento era dissuadil-o de uma illusão, sem esclarecer-lhe a verdade. O caprichoso neto de Bernardo VII recusou-se a explicações. Os padrinhos do duque, em honra do seu afilhado, não instaram por ellas.

Nos illustres circulos, onde existe o privilegio da jurisdição, com baraço e cutello, para julgar os escandalos, correu rapida a noticia do duello, e a sua causa immoral... A maioria dos suffragios eram favoraveis ao visconde, visto que o duque lhe extorquíra indecorosamente a duqueza. E' aqui onde batia o escandalo! A natureza do crime não se discutia: era o direito de antiguidade!...

Forçado a escolher uma arma, o duque pediu um florete. A poucos passos das barreiras encontraram-se os dous amigos da vespera.

O duque, de braços cruzados, tomou a posição que os padrinhos lhe marcaram.

«E' ao primeiro sangue» — disseram elles.

Travou-se a peleja. O duque parece que acordou de uma profunda contemplação, ao tinido dos floretes.

Dous golpes simultaneos decidiram rapidamente. O visconde recuou ferido no peito, e foi na quéda amparado pelos padrinhos. O supposto amante da duqueza deixou pender o braço direito, atravessado pelo florete adversario.

Durante os minutos d'este encontro, ninguem ouviu uma palavra do duque de Cliton. Approximou-se do visconde que perdêra os sentidos, e examinou-lhe a

ferida. O medico chegára tambem: comprimiu-a, cerrou-a, e disse aos circumstantes: «Não é perigosa.»

Quizeram pensar o ferimento do duque, e não conseguiram sequer um «obrigado» Entrou na carruagem, fleugmatico, ou abstracto, como saíra, e apeou em sua casa.

Chamou um criado, ligou o braço, e sentou-se a escrever. Era ordem ao seu mordomo de Cliton, para mobilar e confortar o palacio de modo que não fosse penoso habital-o de inverno.

A vontade da duqueza de Bouillon devia ser cumprida.

Saiu. Procurou a residencia do visconde, no Hotel do Imperador. Sentou-se á cabeceira do seu leito:

«Tive o prazer de observar que a tua ferida não era perigosa.

«Como devo eu definir a vossa visita, senhor duque? E' uma nova affronta?

«Se é uma affronta, é a primeira, senhor visconde. Eu não vos affrontei. As explicações não são tardias. Repelliste-m'as ha pouco; mas não duvidareis ouvil-as agora. A duqueza de Bouillon, senhor, não é minha amante.

«Como se póde dizer isso com tal serenidade? Zombaes, duque?

Juro-vos pela minha honra que a duqueza de Bouillon não foi, não é, nem póde ser minha amante. Se a visseis chorar ao pé de mim, e me pedisseis explicação d'essas lagrimas, dir-vos-ia, senhor visconde, que ao pé de um homem de vinte e seis annos, a mulher de quarenta póde assim chorar, como se chora ao pé de um filho. Olhae, senhor, que a minha vida tem mysterios insondaveis para os estranhos e para mim tambem. A duqueza foi não sei que na minha vida... Deixae-me calar-vos este segredo, e pela vossa honra, meu amigo de infancia, calai-o vós tambem. Não digaes a alguem que eu vos fallei esta linguagem. Mas se vos não dá prazer injuriar a pobre senhora, dizei a todo o mundo que aquella desgraçada não podia ser minha amante nem vossa. Tenho dito tudo, visconde. Não sei se vos fallei á cabeça, se ao coração.

Sêde honrado e justo... Adeus.

«Espera, duque... Juraste que eu fui injusto? A du queza não foi nem é tua amante?

«Jurei que não.

«E's hoje meu inimigo?

«Não posso sel-o. Joguei comtigo a vida, porque a não prezo muito com uma mancha infame. A minha educação na guerra não me deixa ser covarde. Feri-te para acabar uma lucta que me incommodava. Ferindo-te, descobri-me: era necessario que saissemos ambos salpicados de um inutil sangue, para que a victoria não fosse exclusiva de nenhum. Não te odeio. Não conheço outro de quem seja mais amigo... Não sinto a mais ligeira desegualdade na affeição que te dei...

O visconde, com as lagrimas nos olhos, apertou com ternura a mão do amigo, quando entraram visitas que pararam perplexas diante d'aquella scena inconcebivel. O enfermo, com voz tremula e commovida, disse aos cavalheiros maravilhados:

«O injusto fui eu, senhores. Se ha deshonra n'este acontecimento, é toda minha.

Esquecei-vos do nome da duqueza de Bouillon, indignamente envolvido na minha imprudente provocação ao meu amigo. Esta senhora e este cavalheiro estão innocentes. Se fostes orgãos da minha calumnia, senhores, appello para a vossa honra: ide desmentir o boato. Dizei que me vistes abraçar o meu adversario.

«Eu vinha dar-vos uma noticia, visconde» — disse um dos cavalheiros.

«Que é?» — perguntou elle com afflicção.

O duque saiu de Paris com sua mulher. Suspeitam algum successo estrondoso os que sabem quanto é colerico o general. O duque soube que disputaveis a posse de sua mulher á ponta de florete. O nosso desmentido á calumnia será tardio. Ouvisseis as explicações do duque de Cliton, visconde. O bom conceito da duqueza está morto. Uma reputação posthuma é juntar o escarneo á infamação. Fiquemos aqui. Consummada a loucura, é atiral-a á torrente dos acontecimentos.

XVII

Expliquemos a imprevista saída da calumniada amante do duque de Ctiton.

Laura ou Luiza, ou a duqueza de Bouillon foi surprendida, chorando ainda, quando o filho de Alvaro de Albuquerque saiu do pateo, sem presumir a scena que ficava substituindo aquella de que saíra allucinado.

O general encarou sua mulher com silenciosa interrogação. Laura, perturbada, não levantou os olhos denunciantes para seu marido. A innocencia, surprendida em apparencias criminosas, condemna-se quasi sempre por uma especie de mudez idiota, similhante á do crime sem defeza.

Coincidiu o tropel de cavallos que saíam do pateo. O general abriu impetuosamente a janella e reconheceu o duque de Cliton. Voltou-se para sua mulher, silencioso ainda; sorriu-se com uma expressão, talvez a unica para denunciar a raiva, que não póde manifestar-se pela ponta de um punhal.

Fechou a janella com placidez, e veiu sentar-se ao pé de sua mulher.

«Luiza — disse elle, destacando, forçado pela commoção mal reprimida, as syllabas de cada palavra. Luiza, que veiu aqui fazer aquelle homem?

«Fui eu que mandei chamal-o» — respondeu ella, cobrando subitamente uma coragem que aterrou seu marido.

«Com que fim?

«Precisava vêr bem perto de mim o homem que, ha vinte e dois annos, era uma criancinha nos meus braços.

«Nunca me fallaste d'essa criancinha...

«Não, duque: é a primeira vez e a ultima que te fallo d'ella.

«Conta-me essa historia, Luiza... Entretem uma criança de quarenta e cinco annos com a tua criancinha de quatro... Dize lá, que todo eu sou attenção...

«Não tenho que dizer: a historia terminou.

«E' cêdo de mais, minha amiga... A um marido contam-se essas historias, particularmente se ellas esclarecem suspeitas deshonrosas a uma mulher... Esse olhar de desprezo que me lanças, parece-me comico, e tu queres que eu t'o receba como tragico. Vamos lá... defende-te, Luiza. Eu sou juiz, e os processos no meu tribunal são summarios. Responde: que ha commum entre ti e o duque de Cliton?

«Nada.

«Má resposta... e a paciencia do homem tem um termo.

«Julga-me, duque.

«Ainda não. Que foi o que te fez retirar hontem do baile?

«A presença do duque de Cliton.

«Elle conhecia-te de outra qualquer epocha?

«Tinha-me visto, cinco minutos em casa de meu pae, em Vienna.

«Ficaste-o amando desde então?

«Amava-o desde os seus dois annos.

«Altos mysterios! E elle conhecia-te desde os seus dois annos?

«Não tem de mim a mais leve lembrança.

«Onde o conheceste n'essa edade?

«Não sou obrigada a responder pelo meu passado. As minhas obrigações comtigo contrahi-as ha quatro annos, perante Deus. Desde esse dia, não ha na minha vida uma acção que me envergonhe. Repara bem, duque... a minha voz é firme, e se palpares o meu coração verás que são tranquillas as pulsações.

O semblante do general mudou. A nobre altivez de sua mulher impressionara-o. Parece que o anjo da innocencia lhe fallava com ella.

«Esse segredo que me occultas, reflecte alguma deshonra na tua posição actual?

«Nenhuma.

«Pois se nenhuma, que importa o segredo?

«Tudo para elle...
«Para o duque de Cliton?
«Sim... e nada avillante para mim.
«Não sou eu digno das tuas confidencias, Luiza?
«Das que forem minhas... apenas. Não tentes, duque. Se depois do terror recorreres ao carinho, não me obrigarás a mais. Disse tudo o que podia.
«Ha uma carta anonyma que diz mais do que tu...
«Deus julgará o calumniador... Bem sabes que para mim não acabou ainda a Providencia... Eu appello para a justiça divina, e encontro-a sempre.
«Deixa-me só, Luiza.
A duqueza retirou-se. O general passeava na sala, fazendo estalar as articulações dos dedos, e mordendo as espessas guias do bigode.
Um lacaio annunciou o general Massena.
«Bem vindo, amigo — disse o duque, abraçando-o.
«Mal vindo — digo eu.
«Por que? O imperador manda-nos sair?
«Não tardará. E' muito mais dolorosa a mensagem. Fóra de Paris estão-se batendo o duque de Cliton e o visconde de Armagnac. O pomo de discordia é a duqueza de Bouillon.
«Espera, Massena.
O duque entrou na sala immediata, e voltou com sua mulher.
«General, repete a tua mensagem á senhora duqueza.
«Não tenho duvida, porque as minhas intenções são o zelo da sua reputação. Acabo de dizer ao duque o que me foi communicado por amigos d'esta casa. A estas horas, dois cavalheiros travam-se em duello. O ciume é o motor d'este escandalo. Dá-se como causa a senhora duqueza de Bouillon.
«Esqueceu-vos dizer, general, que os dous cavalheiros são o duque de Cliton e o visconde de Armagnac» — acrescentou o duque.
«Tendes a certeza que sou eu a causa d'esse escandalo?» — perguntou Laura, serenamente.
«E' voz publica.
«Que respondes, Luiza?

«Nada. Entrego a Deus a minha causa.

«Obrigado, Massena — disse o duque, apertando-lhe convulsivamente a mão — concedei-me a liberdade de vos despedir.

O general, zeloso da honra de seu camarada, saiu.

Estavam sós.

«Continúa o interrogatorio, duqueza. Que tens com o visconde de Armagnac?

«Não sei quem é.

«E' incrivel! Este homem fallou-te antes de hontem em casa da marqueza de Alibaud...

«Eram muitos: não distingui nenhum.

«Porque se batem?

«Não sei, duque. Vae consultal-os a cada um em particular.

«Não receias as informações?

«E' ociosa a pergunta... Escandalisas-me dolorosamente, meu marido! E's o primeiro na infamação. Não devo valer nada a teus olhos!

«Ainda vales muito... Na lentidão do processo verás que te quero fazer justiça inteira... E' preciso sair de Paris.

«Já... Em nome de Deus te peço que seja já.

«Ficarás longe d'aqui, e eu voltarei a Paris.

«Todas as tuas acções são livres, duque. Ordena a nossa partida... Eu vou preparar-me.

....

Uma hora depois entraram na carroça de viagem.

A duqueza, transposta a barreira, murmurou:

«Paris! adeus para sempre!»

«Para sempre... não! — replicou o duque.

Laura sorriu-se.

....

Oito dias depois, o duque de Bouillon entrava só em Paris.

A opinião publica faria a apothese de sua mulher. Caprichosa em aviltal-a, exaltou-a por capricho. Agora quem dava o escandalo não eram os contendores: era o barbaro marido que as damas casadas declaravam verdugo da duqueza.

O general foi direito aos melhores informadores.

Não era homem de duellos, e por isso apresentou-se em casa do duque de Cliton, sem enviar adiante os arautos do desafio.

O seu interrogatorio era laconico e peremptorio como em conselho de guerra. Ás respostas do interrogado eram tambem singelas, promptas e firmes.

«D'onde conhece o senhor duque a duqueza de Bouillon?

«Conheço-a de a ter visto em Paris, faz hoje dez dias. Vi-a ha oito annos em Vienna, durante alguns minutos, em casa do cardeal Rufo; mas nem ao menos lhe soube o nome de baptismo.

«Com que fim a procurou?

«Não respondo á pergunta, senhor duque. Basta dizer-lhe que fui ser testemunha de lagrimas, que são para mim um mysterio. Posso, porém, affiançar ao duque de Bouillon que essas lagrimas recordavam successos, anteriores vinte e quatro annos a este momento.

«Por consequencia, nenhum de nós sabe cabalmente explicar essas lagrimas.

«Eu de mim, não.

«Garante-me com a sua palavra de honra o que me diz?

«Quando eu for desmentido, receberei impassivel uma bofetada na face.

«Acceito a condição; mas quando o momento da bofetada chegar, não quererei encontrar impassivel um militar corajoso: seria uma segunda infamia a covardia... A's vossas ordens, duque de Cliton.

«Esperae, senhor. — Fallastes ahi em covardia...

«Cavalheiro, não nos irritemos com explicações. Se vos offendi, tende a bondade de pegar na vossa espada. Eu não sei nada de diplomacia de um repto. Sou soldado rustico, affeito a offerecer a frente ás balas, sem me sujeitar á prescripção das posturas e das distancias.

«A vossa vinda a minha casa é uma provocação.

«Não é, cavalheiro. Se o fosse, nem eu nem vós teriamos prodigalisado tanta palavra. Vim pedir-vos uma explicação, e retiro-me satisfeito com ella. A darse a necessidade de novos esclarecimentos, terei a honra de procurar-vos, e vós a bondade de attender-me.

O general saiu, e apeou á porta do Hotel do Imperador.

O visconde de Armagnac estava ainda em curativo. O duque de Bouillon não indagou se a enfermidade lhe vedava a entrada. O visconde atraiçoou-se pela perturbação que lhe causou o marido de Laura.

«Sinto incommodar-vos, senhor visconde. Vejo que não tendes a melhor saude no corpo; mas o espirito estará, porventura, robusto e sadio para responder-me. Que tendes com a duqueza de Bouillon?

«Nada, senhor duque.

«Que promoveu o vosso duello com o duque de Cliton?

«Uma phantasia minha.

«Explicae-me a vossa phantasia.

«Não me forçareis a isso, sem que eu possa responder-vos com uma espada, se a resposta vos não satisfizer.

«Esperarei, visconde.

«Devo, todavia, dizer-vos que apprehendi durante algumas horas uma opinião injusta a respeito da senhora duqueza. Já reparei com sangue e palavras a injustiça. Se todavia, depois da reparação, devo ser julgado por vós, o réo não foge do tribunal.

«A duqueza auctorisou-vos a que a julgasseis infame?

«Não, senhor.

«Como podestes, pois, trazer a sua reputação na ponta do vosso florete?

«Foi essa a injustiça. Puno-me com a humildade da reparação.

«Restabelecei-vos, senhor.

O duque, retirando, cortejou ligeiramente o enfermo e as pessoas que entravam.

Quiz immediatamente sair de Paris; mas o Imperador acabava de confiar-lhe o commando do exercito de Italia. Era irremediavel a partida. Obteve licença para despedir-se de sua mulher, e partiu para Languedoc.

Vinte e quatro horas depois da sua chegada, a duqueza saíra, acompanhada de duas criadas, e não vol-

tára. Colhidas informações, seguiu-lhe os passos até Tolosa. Entrou no hotel d'onde sua mulher saíra momentos antes para o palacio do arcebispo. Ahi disseram-lhe que a duqueza de Bouillon acabava de entrar n'um mosteiro com suas criadas, declarando que os meios da sua subsistencia seriam recebidos de seu marido, como administrador do seu patrimonio.

O duque de Bouillon procurou sua mulher. Deram-lhe em resposta duas linhas:

O marido, que reputou um momento sua mulher infame, não é digno d'ella, ou ella não é digna d'elle.

O general empenhou o arcebispo, na saída de sua mulher. Laura, com a soberania de uma resolução inflexivel, respondeu que saíria do seu quarto para o seu eterno leito do claustro.

Era urgente a presença do duque em Paris. Esta surpreza não foi punhalada que entrasse dentro no coração endurecido do soldado. Salva a sua honra, o general resignava-se christãmente com os infortunios d'este genero. Reflectindo maduramente no successo, chegou até a convencer-se de que a duqueza, na sua ausencia, ficava perfeitamente escudada dos tiros da calumnia.

XVIII

O episodio de Laura esqueceu na turbulenta sociedade de Paris. Os escandalos de todos os dias vinham em soccorro das victimas da vespera. As scenas corriam rapidas, e o publico, irrequieto, só applaudia, assobiando espectaculos novos.

O duque de Cliton esqueceu tambem a duqueza de Bouillon. A fortaleza da impressão enervou-lhe depressa a sensibilidade, e essa mulher, que deveria ser toda a vida um problema para elle, passados mezes era-lhe

apenas uma lembrança indifferente, a pagina de um romance que elle promettia escrever um dia.

E porque a natureza humana é tal, não accusemos o homem. Deixemos ao Creador a consolação ou o pezar de o ter feito assim.

O duque de Cliton, não foi, como tencionava, viver no seu palacio rural. O imperador dispensava-o da guerra, mas da côrte não. A velha amizade não esmorecêra, e em prova d'ella, supposto que não seja demasiada moralidade a prova, é que o marido da duqueza recebeu irrevogavel ordem de commandar um exercito *longe de sua mulher*. O Bonaparte de Monte-bello cuidava servir assim o enviado da Inglaterra... Em coisas insignificantes é que um verdadeiro amigo se avalia...

O duque, porém, não agradecia ao Imperador o seu expontaneo serviço. Amanhecera-lhe na vida um horisonte mais largo. O coração, repoisado das batalhas, pedia novas emoções, e affeminava-se na voluptuosidade do amor. As mulheres, vistas por outro prisma, eram-lhe mais radiosas, fallavam-lhe uma linguagem que o amollecia, imprimiam-lhe no coração certos olhares, que o môço recebia com vaidade, e indemnisava, desejando que os labios curassem as feridas abertas pelos olhos.

E não lhe faltavam d'essas pequenas glorias, affluiam-lhe á porfia as aventuras, e abraçal-as-ia todas, se o ciume, filho do amor proprio, lhe não rareasse cada vez mais as fileiras das bellas que o abandonavam ressentidas.

Entre todas, Branca de Clermont demorava-se-lhe mais tempo na imaginação, porque era essa, entre tantas, a menos fallada nas proezas amorosas do tempo, a mais obscura ás intrigas da côrte, e até por admiravel capricho da dadivosa fortuna, a mais formosa e mais modesta entre a myriade de formosuras que rodeavam a imperatriz Josephina.

Branca de Clermont, descendente de reis, tinha em si a realidade d'esses traços imaginarios com que a phantasia creadora recompõe uma fronte real. A' parte os traços negros, que desfeiam a formosura real das

rainhas que passaram manchadas á posteridade, quem visse Branca voava ao passado com a imaginação, e organisava as cinzas de Cleopatra, de Lucrecia Borgia, de Maria Stuart, de Leonor Telles, porque ha duas paginas na historia d'essas mulheres: uma para o crime, outra para a formosura.

Os olhos de Branca tinham a branda suavidade da innocencia; mas se o coração batia descompassado, reflectia-se n'elles um clarão vivaz, que denunciaria a uns orgulho, e a outros o frenesi da voluptuosidade. Os cabellos, vidrentos como o brilhante negro, e affastados em ondas naturaes, annellando-se ao longo do pescôço, deixavam a nú as fontes, assombradas de uma penugem voluptuosa, encanto dos olhos, que sabem vêr bellezas, que o vulgar não aprecia. As preeminencias faciaes, eram n'aquelle rosto, longo e magro, as delicias de um artista. Sobre ellas desciam as orlas azuladas, que tanto podiam accusar o enojo de uma vida cansada de gozos apaixonados, como o soffrimento surdo de um espinho, que as lagrimas não deliam. Qual véo de setim, amarellecido pelos annos, a pallida tez, sem sombra de carmim, encarecia a amargura que os olhos confessavam, e os labios, sem juntarem á formosura um fugitivo sorriso, pareciam confessar tambem no seu silencio. A gentileza caprichava em vestir-lhe todas as fórmas dos seus mais peregrinos encantos. Do espaçoso colo, mal velado por festões de tranças em adoravel desalinho, desciam os amores, roubando ás graças o donaire, a contornar-lhe os braços, onde esvoaçavam beijos como lucidas abelhas na colmea do Himeto. Ahi, na curva comprimida do ante-braço, em que Branca recostava a face triste, esmorecida em deliquios ternos, o setim dos musculos, como no marmore de Phydias, sobresaía em rofegos tenues, que fariam martyres os mais castos olhos, ou tentariam a peccado o austero subdiacono, que rugiu imprecações contra o pescoço nú de Arria Marcella. A cada passo seu, ardia o coração, e d'este foco partiam raios, que accendiam nos olhos o desejo, e escaldavam o sangue em gyro tumultuoso. Tal era Branca de Clermont.

A adoração supersticiosa que a rodeava, não era

obsequio adulador. Indifferente aos incensos, distrahida no seu melancolico scismar, quando as lisonjas se emulavam por distrail-a, Branca, como o anjo de Deus caído entre os homens, que não sabem fallar a lingua do céo, ouvia, se ouvia, taciturna, o ruido impertinente dos thuribularios pertinazes.

O duque de Cliton presenciava, maravilhado, a isenção de Branca. Orgulhoso, não se arriscava á derrota de seus amigos. Bem reputado na felicidade das suas pretenções, receava entrar com animo frio n'uma lucta d'onde poderia sair mal ferido no coração.

Consultando amigos, dissuadiram-no na empreza. O visconde de Armagnac, de todos o mais astuto, fôra repellido com duas palavras: «Não posso.» Era este, até por amor proprio, o primeiro a desanimar a coragem indecisa do duque para uma empreza de capricho.

A contrariedade estimulou o amor nascente. Branca desviava os olhos do penetrante olhar do duque. A's raras perguntas, ensinadas pelo calculo, respondia-lhe com frialdade natural. A algumas, mais expansivas e audaciosas, baixava os olhos, e vingava-se no silencio.

A vaidade de Mont-fort converteu-se em amor. Forte sempre, desceu da sua altivez, confessando-se vencido ao Imperador que lhe adivinhava as intenções.

Este desbarate no seu orgulho era notorio. Os infelizes, como elle, consolavam-se do companheiro que os honrava. Os zelosos, que temeram o novo rival, bateram as palmas á nova victima. O duque soffria; e, desmentidas as esperanças, desistia do triumpho, quando o Imperador o animou á pertinacia.

Bem sabia o protector a que devia ater-se.

O pai de Branca, Ricardo de Clermont, desejava casar sua filha. Apresentava-lhe com frequencia gentis homens, dignos d'ella, e a filha curvava a cabeça e chorava. O pae enfraquecia diante das lagrimas, porque era ella a sua filha unica, e bem sabia elle se não era uma crueldade tyrannisal-a...

A pretenção do duque de Cliton pareceu ao velho que seria acceita. A belleza, a riqueza, a aristocracia, e o valor, reunidos no representante dos Mont-forts, embora bastardo, pareceram-lhe a elle armas com que Branca não poderia luctar.

Foi elle mesmo o advogado do duque, e encontrou como resposta, o costumado silencio, e as lagrimas que o commoviam. Perdeu tambem as esperanças, e principiou a lastimar a impossibilidade da descendencia illustre dos Clermonts.

O Imperador fallou-lhe um dia na conveniencia de casar sua filha, cujos vinte e sete annos não soffriam delongas.

Clermont deu as suas razões, lamentando a negação da filha para o casamento.

«Não sois vós, pae? — disse Napoleão. Onde acabam os carinhos, começa o preceito: obrigae-a.

«Ha um precedente que me tem cohibido... Eu violentei o coração de minha filha uma vez... não devo violentar-lh'o segunda...

«Como violentastes o coração de vossa filha?

Obstando a um casamento desegual... Fostes pae então, e deveis ser pae agora. Agrada-vos o duque de Cliton?

«Quanto é possivel.

«Sei que elle ama vossa filha.

«Eu tambem o suppuz.

«Proponde-lhe este vantajoso consorcio.

«Propuz: achei-a inaccessivel a este como aos outros.

«N'esse caso, empregae outro processo mais decisivo. Um pae não é um brinquedo com que uma filha capriche. Respeitar melindres de mulheres é auctorisal-as a tudo. Já vol-o disse, como conselho: obrigae-a. Eu quero ser padrinho do vosso primeiro neto. Se for menino, será duque de Clermont; se menina, será duqueza de Cliton... Não demoreis o dia sponsalicio: quero dar um baile.

Branca foi outra vez afagada por seu pae. Estes afagos eram sempre o proemio do casamento.

«Tens pensado, minha filha, no que te disse?

«Que me dissestes, meu pae?

«Fallei-te no casamento com o duque de Cliton.

«E eu respondi-vos...

«Chorando... Foi a tua resposta.

«Pensei que meu pae não me obrigaria a outra.

Eu, chorando, queria dizer que é uma cruel violencia cazar-me.

«Pois não amas um môço que é inveja dos melhores partidos da França?

«Não o amo.

«Talvez com o tempo viesses a amal-o.

«Não me quero sujeitar a essa contingencia... Poderei não amal-o nunca... é o mais natural, meu pae.

«Não tiveste ainda tempo de conhecel-o... Vejo que foges d'elle... que o evitas...

«E' uma força a que não posso resistir...

«E' um capricho, minha filha. O tempo hade desenganar-te de que tenho sido pae austero, mas verdadeiro amigo.

«Assim o creio... e esta crença anima-me a esperar que meu pae me não leve de rastos a ser mais do que posso... Eu posso apenas ser vossa filha e boa filha, mas talvez não seja nunca boa esposa.

«Hasde ser digna filha de tua mãe... Serás tão boa esposa como filha. O Imperador interessa-se no teu consorcio com o duque.

«Não temos nada com os interesses do Imperador, meu pae.

«Temos muito... e eu quero que este cazamento se faça... Basta de lagrimas... Tenho sido um pae imbecil com as tuas lamurias. Hoje não proponho nem peço: quero e mando.

«Será feita a vontade de meu pae.

«E verás depois, minha filha, como tornas á ventura dos tempos passados. Terás outra vez o teu riso de jubilo, as tuas alegrias, que uma desgraça converteu em tristezas, que não são remedio para coisa nenhuma.

«Praza a Deus!

«Hasde ser feliz, Branca!

«Heide ser feliz, meu pae!... Vós perdeis uma filha, e eu perco a consciencia dos meus infortunios... Abençoada seja a morte...

«Fallemos na vida... Queres que o duque de Clifton te visite?

«A vossa vontade, meu pae... Sempre a vossa vontade.

....

XIX

O duque de Cliton não podia, ou não queria convencer-se da pungente indifferença com que eram repellidos os seus carinhos. Para illudir-se, explicava o phenomeno do modo mais satisfactorio á sua vaidade offendida. Queria elle que a razão de tal frieza fosse a reputação que adquirira de inaccessivel a muitas das mais requestadas damas. Esta explicação lisongeava-o, e os amigos, rindo-se interiormente, confirmavam-na, fazendo valer a adulação, sem descobrir a má vontade.

Outros, porém, que não tinham a aproveitar favores pela lisonja, ridicularisavam os esforços infelizes do vaidoso duque, e encontravam nas mulheres, que o tentaram debalde, o agudo epygramma com que se desforravam da ultrajosa indifferença com que foram recebidas.

E o duque, sabendo isto, mortificava-se tanto, que quizera antes ser aborrecido, mas amado apparentemente, para salvar o seu orgulho, embora o coração fosse a occultas ludibriado.

Pela propria lettra de Padre Diniz, encontram-se estas palavras memoraveis:

A MINHA VIDA TORPE DATA D'ESTE MOMENTO.

Disse uma verdade, que viu reproduzida. annos depois, no cazamento de Angela de Lima com o conde de Santa Barbara.

ESTE ENCONTRO, diz elle, DEPAROU-M'O A PROVIDENCIA, PARA QUE A FERIDA, NÃO CICATRIZADA, LAVRASSE MAIS LARGA E SANGRASSE AS ULTIMAS GOTAS DE SANGUE, ONDE SE ME FOI O RESTO DE ESPERANÇAS NA MISERICORDIA DE DEUS SOBRE A TERRA.

Ricardo de Clermont, procurando-o horas depois do violento preceito imposto á filha, encontrou-o absorvido em planos que o fizessem parecer amado de Branca, a não podel-o ser na doce realidade que imaginára.

A apparição de Clermont agitou-lhe o coração, abalado pela esperança.

«Venho convidar-vos para meu filho» — disse, sem preambulos o pae de Branca.

«E' um convite que eu acceito como a realisação de todos os meus desejos!» — respondeu o duque, radioso de risos.

«Minha filha, por fim, soube avaliar o vosso merecimento.

«Que dizeis, senhor? Eu não tenho merecimentos que valham vossa filha! Não concebo como se póde ser surprendido por tamanha ventura! Ainda eu hontem era um ente imperceptivel ao pé de Branca! Alguma coisa estranha e sobrenatural se deu no coração de vossa filha!...

«Acreditae que a tendes, como esposa. desde este momento.

«Daes-me a certeza de ser amado?

«Sois: sem isso, minha filha, não vos acceitaria, porque até hoje os seus pretendentes, todos illustres, como vós sabeis, encontraram-na sempre inflexivel. Espero que sereis hoje nosso commensal, e agradecei a Napoleão a influencia que eu tomo na brevidade d'este auspicioso cazamento.

Na ausencia de Clermont, o filho de Silvina não se deu á canseira de explicar-se a rapida transfiguração de Branca. O jubilo inutilisou-lhe a philosophia, e todo o seu cuidado foi esmerar-se, porque os numerosos amigos, n'esse mesmo dia, girassem com a noticia nos circulos, onde a sua reputação era empalada em linguas de senhoras, irritadas pelo despeito, e de cavalheiros indignados pelo ciume.

O duque de Cliton esperava achar em Branca um sorriso, que nunca lhe víra; um olhar apaixonado, que nunca lhe merecêra, uma palavra branda que o indemnisasse das asperezas passadas. Esta esperança era natural; mas a natureza desfigura-se muitas vezes, quando o egoismo a obriga a representar o artificio.

Enganou-se.

Branca de Clermont era a mesma mulher da vespera. O que se notava de mais na sua bella physionomia, eram a pallidez mais arada de lagrimas de pouco enchutas, e as orlas azuladas mais escuras, e as palpebras mais flacidas como cansadas da vigilia do soffrimento.

Recebeu a mão do duque friamente. Esforçou-se em vão por animar a morbidez dos gestos, e pôde apenas, n'um sorriso triste, corresponder ao vívido enthusiasmo do promettido esposo.

Ricardo de Clermont, e alguns convidados da velha nobreza, estavam presentes. O duque, precisando definir a indolente recepção de Branca, suspeitou que a presença de estranhos impunham ao seu pudor uma reserva natural.

A' meza, onde as expansões são superiores ás conveniencias do salão, Branca respondia em phrases curtas ás instantes delicadezas dos hospedes, que a despertavam de meditações profundas. Nem olhos nem coração estavam alli. A vista dobre dos que vêem a desgraça, que mais se esconde, iria deparar a imaginação d'aquella mulher no céo, que pedia a Deus, ou no fundo do inferno onde a lançavam.

Os hospedes, alegrès e inquietos, ergueram se da meza, e derramaram-se pelos jardins, a combinar as delicias de Baccho ás de Flora.

O duque de Cliton, graças á discrição dos hospedes, achou-se n'uma sala a sós com Branca.

As *saudes* frequentes do festim, que se não acceitam nem propõe com o copo vasio, infiltraram-lhe a eloquencia precisa para não succumbir em silencio á presença de Branca.

Nunca lhe parecêra tão formosa nem tão triste! Encostada ao peitoril de uma janella, sobranceira ás flores, fixava uma vista humida nas petalas de camelia, que remoinhavam n'uma balça de marmore, borrifadas pela chuva do repucho.

Aspirava, arfando em convulsões que lhe ondeavam o seio de estatua, o odor do geranium, do myrtho e do jacinto.

Em disfarce, passava pelos olhos o lenço menos candido que a mão, e n'esse rapido perpassar embebia uma lagrima teimosa, que vinha responder á hilaridade dos hospedes turbulentos.

O duque, afastado um passo, imaginou que Branca não sentíra a sua chegada, e talvez n'aquelle olhar immovel para o jardim, o procurasse anciosa.

«Senhora...» — murmurou elle.

«Ah! — disse ella, voltando-se, sem corar nem denunciar ligeiro signal de perturbação. Não quizestes ir ao jardim, senhor duque?

«Sou avaro dos momentos que a felicidade me concede. Esqueço as vossas flores, quando vos posso fazer as confidencias, que, na vossa ausencia, lhes tenho feito.

«Se vos apraz, iremos dar um passeio no jardim.

«Concedei-me uma desobediencia, que será a primeira e a ultima. O vosso jardim está povoado de mais para duas pessoas, que se amam. Estes instantes... de solidão, trocal-os pela sociedade... é ser ingrato á sorte amiga, que nol-os dá. Animae-me a que vos possa dizer o pouco de tanto, que a minha alma tem reservado para no futuro vos assegurár uma constante felicidade.

«Como quereis que vos anime, senhor duque?

«Tende para mim um sorriso, para que eu me convença de que não foram sonho as palavras que vosso pae me disse esta manhã.

«Que vos disse, meu pae?

«Que serieis minha esposa.

«Se elle vol-o disse, cumprir-se-ha a promessa.

«Comprehendeis toda a ventura que essas palavras me dão?

«Ventura nenhuma... Que mais vos disse meu pae?

«Não disse elle tudo n'essas poucas palavras?

«Se vos não disse mais nada... devêra...

Branca susteve-se e corou.

«Devêra... Dizei, senhora...

«Devêra não sacrificar-vos.

«Não vos comprehendo... ou, se o que eu penso é verdade, não é livre a vossa escolha...

«Eu sou filha... não sou livre... mas, senhor duque, sou vossa... E d'isto que vos disse, promettei-me não revelar uma palavra a meu pae... Repito-vos, senhor duque: se me quereis, sou vossa esposa.

«Se vos quero!... Que repugnancia vos causo?

«Nenhuma.

«Mas a vossa indifferença até hoje... Seria um estudo?... Seria...

«Não, senhor...—interrompeu ella, sorrindo amargamente. Nem vós, nem eu estamos no caso d'esses estudos... Conheço-vos apenas pelo nome e pela figura.

«Sem me distinguirdes na mistura de todos aquelles que vos prezam?

«Sem vos distinguir; e desculpae a rude franqueza a quem quer ser verdadeira. O vosso amor proprio não deve soffrer, por isso que eu não fiz valer ao meu orgulho as vossas homenagens. Tendes visto, senhor duque, o desinteresse com que eu tenho presenciado os vossos planos, instigando-me a vaidade com o cortejo de senhoras, que valem mais que eu, e por isso vos deveriam ser mais caras. Não me tenho sentido d'esses desprezos. Magoava-me só que vós não tivesseis a necessaria penetração para me ver a alma, se é que nunca me vistes as lagrimas...

«Quereis, dizer, senhora:..

«Quero dizer que vos não amei, que vos não estudei: respondo a uma pergunta, e receio ter sido incivil na demasiada sinceridade com que o fiz.

«Não me amastes, Branca de Clermont; mas a vossa annuencia a um proximo cazamento dá-me licença de que eu me supponha menos repugnante hoje á vossa alma.

«Já vos disse que não ha repugnancia em minha alma. A mulher que se vos dá como esposa, é esta que se desenfeita na vossa presença de todas as illusões, que não saberia fingir vinte e quatro horas. Entretanto, se assim a quereis, a filha que um pae vos prometteu é vossa esposa.

O dialogo foi interrompido pelos convivas, que fugiam ao ar fresco da noite. Os servos entraram com os castiçaes, e, ao primeiro clarão, o duque de Cliton

viu reflectir-se o brilho da luz nas lagrimas de Branca. A sua voz, comtudo, tinha sido firme e sonora.

O sarao prolongou-se em jogos e conversação. Algumas velhas damas, escapadas milagrosamente á carnificina de 93, recordavam lagrimosas Maria Antoinette. E' que não tinham assistido ao jantar opiparo. Os velhos, ainda rubidos da animação do champagne, davam ao diabo as lamuriantes recordações, e no afogo da sua nobre adhesão á politica reinante, não se lembravam de Luiz XVIII, nem acreditavam mesmo no direito divino dos reis.

O duque de Cliton, porém, melancolico e taciturno, ficára debruçado na janella, d'onde Branca se retirára a cumprimentar as damas.

Ahi sentíra o apaixonado môço um accesso de virtude, mas incompativel com a sua allucinação. O accesso era a renuncia delicada de Branca; mas o amor, accêso pelo orgulho, venceu á generosidade.

Ricardo de Clermont, suspeitando o que realmente existíra entre o duque e a sua filha, retirou-se ao seu gabinete, e fez chamar Branca. O seu aspecto era severo, e antes de fallar, a indignação fallava no seu silencio

«Que disseste ao duque, Branca?

«A verdade, meu pae.

«O que chamas tu á verdade?

«O contrario da mentira.

«Menos cathegoria nas tuas respostas.

«Disse tres vezes ao duque de Cliton o que vós, meu pae, lhe dissestes uma só naturalmente. Disse-lhe tres vezes que era sua esposa.

«Disseste-lhe que o amavas?

«Meu pae sabe que eu não minto. Quando ha seis annos me perguntou se eu amava...

«Não te pergunto se amavas: não me importa se amaste ha seis annos: trata-se do que é, e não do que foi. Disseste-lhe que o amavas?

«Não, senhor.

«Por consequencia, desmentiste teu pae...

«Eu não sabia que meu pae, dispondo de mim, se fizera interprete da minha alma, sem m'a consultar...

«E se o soubesses...

«Não o desmentiria... Deixaria correr as minhas lagrimas, em silencio, se ainda tenho algumas.

«Sempre as tuas lagrimas, Branca! E' preciso talvez que vejas correr as minhas para que as tuas cessem...

«Deus me poupe a esse desgosto... Que quer, meu pae, de mim? Resisti eu alguma vez á sua vontade?

«A tua obediencia não me lisongeia. Ahi não ha amor de filha... E' a humildade do fraco ao forte.

«Permitta-me, meu pae, que eu não acceite a humildade como dever de filha. Aqui ha estima e amor. Sem elle eu resistiria, morrendo, e morreria, amaldiçoando o despotismo da sua vontade que fez um cadaver, não podendo fazer uma esposa infeliz... Meu pae, se é necessario que eu minta, para lhe não dar uma pena, mentirei...

«Minha filha, porque não amas o duque?

«Não posso, não tenho coração... aqui dentro sinto a frialdade da sepultura...

«Hade resuscitar esse amor. Tens vinte e oito annos. Hasde sentil-o reviver com os carinhos de um marido, com a brandura de affectos, que teu pae não saberia dar-te. O duque hade tirar da sua paixão todos os recursos da tua felicidade. Tens uma nobre alma, minha filha. Se soffres... se soffreste... vem ahi da mão de Deus a indemnisação de magoas, que não deveram nunca ter existido... para meu descanso e teu... Alguns dias depois de casada, virás abraçar teu pae, cheia de alegria e de gratidão. O passado... mas não fallemos do passado... esse hade lembrar-te como um delirio de mocidade... uma criancice da alma sem experiencia... e mais nada...

«Deus o permitta...

«Permittirá, que as supplicas de um velho, se as tuas me acompanharem, não serão desattendidas... Pedirei ao céo a benção para um dos seus anjos, e a terra, minha filha, se tem sido purgatorio, ser-te-ha um céo.

«Deus escute as supplicas de meu pae... Eu pedirei tambem... o esquecimento ou a morte...

«Vamos á sala, minha filha... não te afastes do duque... Dá-me um beijo... Têns o coração de tua mãe... não o mancharás...

....

Branca entrou, risonha, na sala. N'esse semblante, sem nuvens, transparecia a luz de uma nova estrella, que lhe ensinava o caminho da felicidade: o tumulo. Aquellas mudanças póde só a resignação fazêl-as. O desgraçado, quando recebe de cima um animo sobrenatural, a convicção do irremediavel, vive para morrer. Para muitos, essa convicção é o suicidio: para Branca de Clermont a faisca da esperança saltou das cinzas de todas as esperanças.

O duque estranhou-a. No sorriso e olhos d'ella havia uma contemplação maviosa, que se lhe afigurou o pesar de ingrata, que de repente se doeu de o ser. Affavel e prompta nas suas respostas, sorrindo até a ditos que não tinham direito a risos, Branca, maravilha para todos, poderia ser tida como febril, para um, d'entre tantos, que podesse vêl-a no seu passado.

Não ousava interrogal-a o duque, porque não queria desvanecer a cara illusão, que tanto lhe promettia. A mudança era pasmosa; quem lhe affiançava, porém, a elle que, momentos depois, não viesse a immobilidade do marmore paralisar o sorriso de um instante, e pasmar na fixidez da dôr os olhos, ora languidos, ora vivazes, que o accusavam agora de pouco amor, e logo se justificavam de não terem correspondido a tanto!?

Mas o arrobamento do gozo não o deixou vencer a tentação.

«Parece-me que sois feliz...» — disse elle, com a emoção do receio e da incerteza.

«Muito feliz» — disse ella, risonha e carinhosa.

«Mais feliz seria quem podesse reputar-se a causa...

«A causa! sois vós, duque... Sem vós esta felicidade... esta alegria... era impossivel...

«Fallaes-me n'um sonho, Branca?!

«Quereis mais evidencia da realidade? Não vêdes as luzes? não ouvis os sons do piano? vêdes aquelles cavalheiros a rirem tão desentoados? não vêdes meu pae, que nos observa tão satisfeito? não reparaes n'a-

quellas velhas senhoras, que nos olham, suspirando, saudozas dos seus tempos felizes? Reparae bem, duque: estamos acordados... Não vos fallo n'um sonho...

«Mas que devo eu pensar do que ha pouco me dissestes?

«Pensae segundo o vosso claro juizo vos inspirar...

«Mas no vosso riso d'agora ha uma retratação das lagrimas de ha pouco...

«Não dizeis mal... Ha plena retratação... E' verdade... A mulher de ha pouco morreu... Sou outra... Lagrimas e risos são a condição da vida... A sorrir será o meu fim... Verdadeira esperança, esperança que não mente, ha só a minha. Queridos são do céo os que a recebem, quando cá em baixo se lhe negam todas... Vereis como eu sou feliz... Heide ensinar-vos a encontrar o balsamo, onde os outros encontram veneno... Heide ensinar-vos a respirar o aroma das flores que matam, e viver d'esse aroma como se vive da esperança... Se quizerdes uma esposa para exemplo, tel-a-heis como quem possue o segredo de apurar a felicidade no infortunio...

«Que fallar é esse, Branca! A vossa linguagem é como a exaltação de um delirio!

«Ai d'aquelle que não delira, se a exaltação do gozo lhe queima o sangue!... Achaes que deliro? Pobre de mim, se ficasse de pedra fria e morta para este raio de esperança que me aquece! Não me quereis assim feliz? Apreciaes-me mais nas lagrimas? Máo coração é o vosso! Recebei-me assim, radiante d'este jubilo, que eu quizera repartir por vós... Quanto devo a Deus!...

E de repente as lagrimas saltam-lhe dos olhos em torrentes. O escarlate da febre desvanece-se em alvura cadaverica. Roxeiam-se os labios côr da violeta ressequida. Os olhos param nas orbitas, cercadas de uma zona escura. Um tremor convulsivo corre-lhe os braços descaídos. A mão quer em vão erguer-se para pedir um gesto de silencio. Os olhos cerram-se de todo, e Branca desfallece, gemendo um ai de insupportavel afflicção.

Correm todos em redor a contemplal-a nos braços das damas consternadas. O duque de Cliton, perplexo

e aterrado, não sabe o que diga ás perguntas que o importunam.

Ricardo de Clermont, o mais tranquillo de todos, manda transportar a filha ao seu quarto, e diz que não é funesto o accidente, porque similhantes casos são muito frequentes em sua filha, quando o calôr é forte.

Despedem-se os hospedes, menos o duque de Cliton.

«Sou o ultimo a despedir-me, senhor de Clermont — disse elle gravemente — porque é preciso que nos illucidemos mutuamente.

«Fallae, duque.

«Vossa filha não me ama.

«Disse-vol-o ella?

«Em termos delicados.

«Quando?

«Hoje encontrei-a com duas physionomias. A primeira era de lagrimas; a segunda era de risos. Qual devo acreditar?

«Acreditae-as ambas: a primeira é um adeus ao passado; a segunda é uma saudação ao futuro. Minha filha será vossa esposa, e cada novo dia vos será uma prova de que ella é digna de o ser.

«Ha, por desgraça, n'este consorcio, uma violencia?

«Violencia, não: ha uma deliberação paternal que eu julguei necessaria para impôr a felicidade a minha filha. Se não tendes outras reflexões a fazer-me, ide na certeza que o desmaio de minha filha não tem nada com a alma. E' um incommodo de organisação que acaba com o estio. Preparae-vos, senhor duque, e ámanhã serão lavradas as escripturas. Tencionaes ficar em Paris?

«Casado, sairei para a minha quinta de Cliton.

«Era a quinta predilecta de vosso pae. Lá vos vi em pequeno, brincando-lhe nos braços. Recordo-me ainda d'estas palavras d'elle: *estou aqui educando o esposo de vossa filha.* O prognostico realisa-se, e o senhor de Mont fort hade abençoal-o. Notae, meu caro duque, as observações que conscienciosamente devo fazer vos. O caracter de minha filha é triste. Não vos inquietem as suas melancolias. E' uma syncope que tem periodos, e que só o tempo, e talvez a mudança de costumes,

possa desvanecer. Se ella chorar, não a interrogueis, porque ella chora e não sabe porquê. E' a organisação. Rodeai-a de distracções quando ella as receber com agrado. Se as evita, não a violenteis ao gozo. Digo-vos isto para que não estranheis a indole especial de minha filha. São tristes attributos estes, é verdade; mas talvez os não presencieis, porque a sua vida vae ser outra, e não ha mudança que não traga uma modificação.

O duque ouviu, com ar de surprendido, estas revelações. Umas pareceram-lhe extemporaneas, outras inexplicaveis. Todavia, não era aquella a occasião de illucidal-as com perguntas novas. Informou-se do estado de Branca: disseram-lhe que tornára a si e pedíra que a deixassem só.

«E' a mania d'ella depois dos accidentes — atalhou o pae. Chora um pouco, e fica perfeitamente desafogada da oppressão, que os medicos mais habeis denominam cephalalgia, mas não sabem o nome do remedio com que se cura. Hade cural-a o amor, meu caro duque...

«Um amor, que nascerá ainda?

«O amor que já nasceu; mas que ainda não teve tempo de desenvolver-se. Vós conheceis minha filha ha tres mezes e trataes com ella de perto ha poucas horas. Tende confiança em vós, que sois muito querido de todas, para o ser menos de uma excepção...............

....

XX

O duque de Cliton passou o resto da noite com o visconde de Armagnac, mais alliado á sua intimidade depois dos tragicos successos da duqueza de Bouillon.

O visconde recolhia de um sarão, onde largamente, como convinha e era de uso, se fallára no improviso consentimento de Branca, a um cazamento repellido.

O facto existia, e era necessario explical-o, ou da um tiro no ouvido, em ultimo desalento. Uns disseram que Branca era violentada pelo pae. Outros, e n'este numero entravam as mulheres faceis ás pretenções do duque, diziam que Branca soubera sustentar a impostura, para apertar os anjinhos nos pulsos do môço apaixonado. Algumas, por não deixarem nada a desejar na explicação, diziam que o cazamento era já um *preceito de honra e dever* para o duque. Estas eram aquellas que se acharam no caso de cazarem por *preceito de honra e dever*, e nem assim deram alta na enfermaria das celibatarias incuraveis, a despeito dos emplastos de carmim e das compressas dos espartilhos.

Um homem honesto, que ouvira silencioso a discussão calorosa, tomou de parte o braço do visconde, silencioso tambem, porque a sua opinião era suspeita, e teve com elle este curto dialogo:

«Vou exigir a vossa palavra de honra, em guardardes sigyllo inviolavel n'uma revelação, que confio ao vosso juramento.

«Ides revelar-me alguma coisa a respeito de Branca de Clermont?

«Sim.

«Se o segredo da revelação importa deshonra para o meu amigo duque, não m'o reveleis.

«Deshonra, não; mas póde mortifical-o se lh'o revelardes.

«E da mortificação póde seguir-se a renuncia da mulher com quem vae cazar?

«Tambem não: é uma coisa passada, que não implica nada com o prezente.

«Dizei e confiae na pontualidade do meu juramento.

«Branca de Clermont, ha seis annos, amou um official de artilheria, de baixo nascimento, mas de rara audacia e talento seductor. O pae foi avisado e admoestou a filha. Branca não mentiu nem aproveitou a correcção. Disse que o amava e continuou a amal-o. O pae resolveu empregar outros meios sem dar escandalo. Como tinha amigos no Directorio, pediu que o official de artilheria fosse enviado na expedição ao Egypto com Bonaparte. Ernesto Lacroze foi promovido a

ronel uma hora antes de marcha. Quiz exonerar-se, as era tarde. O Directorio mandava, ameaçando, e naparte, affecto a Clermont, como a todos os homens portantes em dinheiro ou nobreza... bem sabia elle rque... deu ordem de marcha, e Lacroze marchou. la d'ahi uma desfiguração espantosa no caracter de ranca. Sei que Lacroze lhe escrevia: mas as cartas am abertas e rasgadas pelo senhor de Clermont. Boparte voltou a Paris, para fazer-se consul, imperador despota, mas Lacroze não voltou com elle. Primeiro sse-se que o bravo official ficára commandando a guarção de Alexandria; depois correu que fôra morto de bre. Não sei o que é verdade, e tambem não tenho ais nada a dizer-vos.

Com estas informações veiu o visconde de Armanac encontrar o seu amigo:

«Sopra-te a felicidade, duque?

«Não sei se o sopro ameaça tempestade... Eu não omprehendo aquella mulher! As suas palavras caemhe dos labios como gotas de ferro fundido: sinto-as no oração, e, homem do mundo, sou forçado a corar da inha fraqueza na presença d'ella. Penso que me não ma...

«E' possivel!

«Como possivel!? Fazes côro com os invejosos?

«Faço côro comtigo!... pois que dissestes tu?

«Suspeito, não affirmo.

«Nem eu, duque. Porque suspeitas?

«Quasi que m'o disse claramente.

«Pois, se t'o disse, é possivel que te não ame.

«Não m'o disse, visconde!

«Estás irritavel como a sensitiva! Disse ou não isse?

«Suspeitei que m'o queria dizer. Póde-se ser amalo de um modo extraordinario por uma mulher extraordinaria.

«Certamente. Appliquemos o aphorismo: és amado le modo que te deixa suspeitar que és aborrecido... lha, duque: não precindes d'este cazamento?

«Não, emquanto ella se não recusar.

«E se o consenso fosse uma violencia?

«Não ha tal violencia.

«Estimo-o de todo o meu coração; mas não te comprehendo melhor do que tu a comprehendes a ella.

«Pois concebes que Branca, tão altiva e independente, com vinte e oito annos, se deixaria tyrannisar por seu pae?

«Concebo; mas, se me engano, és tu quem lucra e eu felicito-me da minha ignorancia. Queres a rasga da franqueza de um amigo?

«Diz...

«Não cazes com essa mulher.

«Porquê?... Responde! Essas palavras parecem-me de um inimigo.

Respondo: porque não podes ser amado depois se não conseguiste sêl-o *antes*...

«Temos figura de rethorica... Fallemos francez de Paris. Sabes alguma cousa de Branca?

«Sei.

«O que?

«Amou e amou para sempre.

«Hasde proval-o.

«Não quero.

«E esse amor... deslustrou-a?

«Não.

«Por consequencia, não tenho nada com o preterito.

«E a virgindade da alma?

«E's orgão de uma calumnia... Devolvo-a por ti aos meus inimigos...

«Não me encarrego da commissão, duque... São 25 de agosto de 1805. Duas horas da manhã.

«A que vem a chronologia?

«Palavras de um amigo, datam-se. Escreve na tua carteira que o visconde de Armagnac, em tal dia, anno e hora, como amigo sincero, ou como orgão de de inimigos, te disse, positiva e formalmente: NÃO CAZES COM BRANCA DE CLERMONT.

«Escreverei; mas, se podemos associar a hygiene á chronologia, deixa-me dormir, antes de inscrever a tua prophecia, porque, emfim, o teu conselho é uma prophecia, não é?

«E' uma cousa, sem enfatuamento de prophecia... eja o que fôr, dorme, e quando acordares, desenha a pois a caricatura de um Ezequiel, vaticinando cazamentos infelizes.

«Está delicioso, visconde... A'manhã fallaremos seriamente... Eu cá vou consultal-a em sonhos. Se a pythonissa não desmentir em sonhos o que disse acordada, hasde assistir á tarde ás escripturas...

«Não é possivel que parto de manhã para Angoulême.

«Não consinto.

«São ordens paternas.

O visconde adormecêra. O duque, ás cinco horas a manhã, passeava no jardim, para fatigar os membros que repelliam o repouso, ou arrefecer a cabeça que lhe atejava em convulsões de fogo.

Eram attribuladas essas horas de transição para o perpetuo infortunio! A Providencia dá-nos sempre a previsão confusa de uma grande calamidade! O orgulho, o egoismo, a paixão, não reconhecemos annuncios da Providencia...

XXI

O visconde de Armagnac resolvêra deixar Paris, logo que a cegueira desatinada do seu amigo era impenetravel aos raios de luz clara com que elle quizera alumiar-lhe o futuro. Uma revelação inteira não devia fazer-lh'a, porque a sua honra garantíra o segredo; mas, como honrado amigo, era uma consciencioa obrigação abalal-o com palavras equivocas, dando-se um ar de propheta. Foi o que elle fez, e o chasco irrisorio, ou a injuria impetuosa, foram a resposta do duque.

Para não ser testemunha de um acto funebre, com apparencias festivas, o visconde inventou a ordem paternal. Tentava sair de casa do duque, sem ser visto, quando este o surprendeu, afivelando as esporas.

«Pois já?!» — exclamou o duque, contrafazendo o tormentos, que lhe não deixaram um instante de re pouso.

«Já. E tu? que maravilha é esta? A's 6 horas d manhã a pé! A felicidade não te deixou dormir?

«Vejo que te levantas de bom humor, visconde.. Deitaste-te funebre como Jeremias, e levantaste-te folga zão como o eremita *de la chaussé d'Antin!*

«Fallaste em sonhos com a pythonissa?

«Fallei... Confirmou as palavras da pythonissa rea

«Parabens!

«E tu... pões contrariedade ao agouro da fada? E tás sombrio agoureiro como a ave da noite?

«Sou o que era, meu caro duque. Fiz-te reflexõe muito serias: recebeste-m'as com zombaria...

«Com zombaria, não... *Difficile est tristi fingere men te jocum...*

«E agora recebes-m'as com latim, que é um pou co peor que a zombaria em francez...

«Sejamos velhos por alguns minutos, visconde.. Tu não me fallavas com tanta formalidade, se não ti vesses um segredo muito importante de Branca...

«Disse-te tudo, duque, Resumi tudo em duas pa lavras: NÃO CAZES. Reporto-me ao que disse... empreg n'este conselho toda a força da minha convicção, e to do o interesse que me inspira a tua felicidade. Não t digo mais nada. Sei avaliar o melindre da tua situa ção e da minha.

«Não cazarei, visconde.

«Que dizes, duque? Posso dar-te um abraço de ir mão?

«Podes... mas, como irmão, tens um rigoroso de ver a cumprir. Hasde dizer-me porque não devo ca zar. Seja o que fôr, vou escutar-te com animo tran quillo.

«Não posso: hypothequei a minha honra ao se gredo.

«Tens a certeza de que se não forjou uma intriga infame, para me dissuadir d'este invejado consorcio?

«Certeza... não tenho nenhuma, mas probabilidades muitas. O que sei revelou-m'o um homem, incapaz de infamias.

«Quem?

«Não digo... Não és generoso, tentando a quebra ı minha dignidade.

«Mas como foste tu, geralmente conhecido como ›eu intimo amigo, o encarregado d'esta commissão?... ›rque não é publico esse facto, esse amor que im›ssibilita Branca de amar outro homem? Porque ĭo é ella a primeira a fallar-me n'essa paixão? Inven-se uma impostura! Os dentes da calumnia mordem reputação immaculada da mulher, que se tem destaıdo das outras pela sua virtude!... Eu seria um miıravel, aos olhos d'ella e do mundo, se desistisse esıpidamente de um consorcio em que tenho posto ıda a minha esperança...

«Queres dizer, no fim de toda essa psalmodia lauıtiva ás virtudes de Branca de Clermont, que a tua ova resolução de ha pouco foi um meio astucioso paı me arrancares o segredo!? Ora, meu caro duque, a ıaixão transfigura-te. Pareces-me criança, que não sabe ı que é um pundunor, para se dar uma egualdade de ıracter...

«Acho forte a tua linguagem, visconde!

«Pois terminemos a palestra. Deixa-me vêr de lonıe as tuas alegrias... e eu virei de baraço ao pescoço ıesdizer-me a teus pés, se, por ventura, tiver sido o ırgão da calumnia, como tive a honra de ser mimoıeado pela tua benevolencia.

«Se vaes para Angouleme, ver-nos-hemos brevemenı. A minha residencia, desde casado, é em Cliton...

«Até lá, meu amavel duque.

A' saída do visconde, seguiu-se-lhe um intervallo ıucido.

O filho de Silvina, obedecendo á inspiração que ıentava salval-o, procurou Ricardo de Clermont a horas ıue a boa sociedade não recebe visitas.

O escudeiro da camara, por muito instado, levava ıo amo, profundamente adormecido, o recado do duıue. A resposta demorava-se, e o agitado môço, vendo ıbertas as cancellas gradeadas do jardim, entrou.

Dera alguns passos, aspirando o ar embalsamado a ıgrandes sorvos, quando através das murtas viu o per-

passar de um vulto. Pareceram-lhe brancos os vestidos e afigurou-se-lhe mulher a visão que colleava flexivel, entre os caramanchões, como as fadas do jardim de Antinous.

Seguiu-a de longe por não assustar a perigrina camelia, que esposava os zephiros matutinos, e, sem o querer, achou-se na extrema de um renque de platanos e loureiros, por entre os quaes vinha a passos largos... Branca de Clermont!

O duque parou aturdido da surpreza. Branca estremeceu, recuando. O seu primeiro olhar, o olhar do instincto, foi para si. As faces, brancas até alli como as flores da acacia que lh'as beijavam, coraram de repente. Era o pejo: o medo, não. As tranças, confusas em anneis desalinhados, destacavam sobre a alvura da tunica romana, que um laço de fita escura mal comprimia ao seio convulsivo. As pregas do corpete largo, sem roubar ás fórmas a belleza natural, convergiam na cintura, cingidas por um cordão, tambem escuro, que descia a encontrar o setim verde dos sapatos com as pequenas borlas de fio de ouro. O braço meio nú, velado no hombro pela transparente cassa da guarnição, era mais alvo que os lyrios e jasmins na mimosa mão do anjo, que parecia não poder contêl-os.

Mais bella ainda pelo corar da surpreza, não era por ventura um sonho esta apparição? O duque de Cliton, titubiando, mais perturbado que ella, se póde ser, quiz recuar; mas o bom senso não o desamparou de todo.

«Desculpae-me, senhora... Bem vêdes na minha perturbação que não esperava encontrar-vos...

«Nem eu... a estas horas! Sois assim madrugador, senhor duque?

«Não sou... Depois de uma noite tormentosa, eterna e afflictiva... não podia esperar tão larga indemnisação aos meus desgostos... Suppunha-vos soffrendo ainda do accidente de hontem...

São passageiros estes meus incommodos... Sinto-me com forças para outros... Procuraveis meu pae, senhor duque?

«Procurava...

«Será difficil fallar-lhe a esta hora, salvo se tendes muita precisão... Os criados não entram na sua camara antes do meio dia, e, depois de noite de saráo, é necessario que elle toque a campainha...

«Em tal caso, eu não quero de modo algum que o despertem... Ouvir-me-heis vós por elle... Sereis vós, Branca, o anjo consolador das amarguras que me trazem aqui a taes horas...

«Amarguras? Sinto-as! Que posso eu fazer em vosso bem?

«Matar-me, se não podeis realisar-me o céo que eu imaginei...

«O céo?! existe elle na terra? Tendes ainda muitas esperanças se o procuraes aqui...

«Procuro-o, porque sei que existe... A vossa vinda entre os homens é um signal de que a perfeita ventura não é uma chimera.

«E', duque... é uma chimera... uma flor ephemera, que regam de lagrimas os que a perseguem... Não espereis encontral-a...

«Nem em vós?

«Em mim!... em mim, que não posso dar aos outros o que não tenho... Quem se chegará á sombra de mansilhineira que não morra!... Não sabeis que a desgraça é contagiosa?

«E sois desgraçada, Branca? por que o sois?

«Porque o mereço a Deus...

«Que sois vós para mim?

«O que sou para vós? vossa esposa, brevemente...

«E depois? não poderei dar-vos outro titulo, mais intimo do coração, mais dôce que essa simples palavra, que todos proferem machinalmente?

«Que titulo quereis dar-me?

«Sereis minha amiga?

«Heide sel-o... sou-o já... posso ser uma vossa verdadeira amiga... Uma irmã extremosa não vos estimaria tanto...

«E essa estimação... é o amor?

«O amor?...

«Respondei...

«Dizei a este jasmim ámanhã que reverdeça na haste murcha...

«Comprehendi-vos, Branca...

«E não vos basta uma amiga?... não tendes saudades de vossa irmã? Eu, de mim, desejo encontrar em vós um irmão.

«Achal-o-heis... com o coração de amante... incapaz de recordar... nem esperar autras affeições...

«De *recordal-as?*... se as tivestes... recardae as, que eu não vos crimino por isso!.. sêde do passado, se o passado vos é caro...

«Como a vós...

«Eu não tive passado que o coração recorde com saudade... Infeliz sempre! Fui como quem não pode entrar no banquete de prazeres, que Deus concede á innocencia illudida, e á esperança que morre esperando, menos a minha, que morreu, deixando-me no principio da vida... com tantas forças para viver e chorar...

«Sêde sincera, Branca. O vosso passado não correu tão depressa ao desengano, sem alguma grande decepção... Eu sei o vosso segredo...

«O meu segredo?! — exclamou ella, com anciedade.

«O vosso segredo, sim... Vós amastes...

«Amei... Para que heide desmentir-vos? Que tendes vós com o que eu fui?

«Nada... certamente nada... mas alguma coisa com o que sois, em relação ao que fostes.

«Não vos tenho eu dito o que sou? Senhor duque, não me lançareis nunca em rosto uma reserva... Que quereis que eu vos diga? Respondo a todas as vossas perguntas, comtanto que não se refiram á minha vida anterior ao dia que meu pae vos disse que eu seria vossa esposa...

«Não vos farei perguntas indiscretas... Offereceste-me a vossa amizade: não exijo mais. Se um dia comprehenderes a minha, o amor renascerá na vossa. A estima que daes ao amigo sèrá convertida em paixão com que dareis o céo ao amante... Bem vêdes que vos amo muito, Branca! Quando o homem assim se resigna, dando uma paixão em troca de uma simples estima, esse homem dá-se voluntariamente ao martyrio, e suffoca as expansões do orgulho, e o proprio amor da sua dignidade. Bom é que o mundo ao menos igno-

re quantas amarguras surdas me tem custado essa amizade com que me retribuis. Beijo os ferros, Branca! Nunca me revoltarei contra a frieza das vossas palavras... Haveis de amar-me por compaixão... Tenho ainda um recurso extremo, esta esperança que me não deixa ver em que aviltamento o homem está, quando já não póde confiar-se a outra... Venha da compaixão o vosso amor... mas nunca eu seja accusado de exigente na vossa consciencia... Dizei, senhora... que lagrimas são essas?... São as da victima?... E' necessario que o algoz as enchugue?

«Não, duque... não sois o meu algoz... Poderieis ser o altar do sacrificio; mas eu caminho para vós como o martyr da religião para o seio do eterno esposo... Deixae-me chorar... A'manhã começará o meu sorriso, sem fim...

«Branca!...

O duque de Cliton, beijou-lhe, pela primeira vez, a mão. O braço estremeceu, e o rubor incendiou-lhe a face, aljofrada de lagrimas, como a rosa branca, ao romper d'alva, coberta das bagas tremulas do orvalho. Sem ser maravilha, o duque tambem corou, e o silencio do extasis succedia ao beijo audacioso, quando o escudeiro da camara de Clermont appareceu através dos arbustos.

O duque não esperou ser encontrado. Obedecendo ao olhar significativo de Branca, antecipou-se a saber que ordens trazia. O escudeiro disse que, sem ordem da menina, não se atrevia a chamar o pae... Que estivera muito tempo em observação a ver se elle acordava; mas cada vez o ouvia resonar mais alto.

O duque estimou o resultado. Depois do dialogo com a filha, que tinha elle a dizer ao pae? Volveu a procurar Branca, que lhe estendeu a mão em despedida.

«Até logo, Branca... Sabeis que nos devemos hoje reunir?

«Sei... Lavram-se as escripturas...

«Como podeis assim fallar, sem commoção?

«Não acho as palavras dignas d'ella... São de todas as que podem dizer-se, em vespera de noivado, as mais despidas de sentimento... Até logo, duque.

Cheio de uma felicidade, que a consciencia, raras vezes ouvida, chamava falsa, o filho do frade de Santarem entrou em sua casa a descansar o espirito da lucta de doze horas attribuladas, e encontrou uma carta; era este o seu contheudo:

Senhor:

«Perguntei aos meus irmãos da França quem seria o amigo intimo do imperador. Citaram-me o vosso nome. Pedi a definição do vosso caracter. Disseram-me que ereis bom, honrado e compassivo. Sois pois o homem a quem devo recorrer. Conheço-vos de vista: bati-me perto de vós na Africa, e fui por vós levantado, quasi cadaver, ás portas de Alexandria. Fomos ambos soldados; eramos ambos coroneis. Talvez se vos não varresse ainda da memoria Ernesto Lacroze, coronel de artilheria. Se o conheceis, saudae-o no desterro: se vos esqueceu este nome, esquecido em França, dae ao desconhecido a vossa mão valedora.

«Tenho saudades da minha patria: supplico ha dous annos uma licença. Acabo de pedir a minha baixa. Nem uma nem outra. Sou como proscripto. Servindo a França, tive em paga de meus serviços um desterro. Privaram-me de amigos, de irmãos, de mãe, e de... tudo que me era mais precioso que esta tardia existencia que as balas respeitam.

«Comprehendeis a minha situação aos trinta annos? E' muito dolorosa.

«Valei-me, duque de Cliton! Abri as portas da patria ao soldado do imperio, que não vae pedir-lhe galardões, e promette esconder as suas feridas. Restitui-me aos braços de minha velha mãe, que me chama do leito da morte. Fazei que eu possa valer a minhas irmãs que tem honra e fome. Pedi ao imperador que me perdoe como a inimigo, se eu não sou d'aquelles que o serviram como amigos.

Vosso camarada

Ernesto Lacroze.

Alexandria — Julho de 1805.

O duque tinha os olhos rasos de lagrimas. O amor despertara-lhe toda a sensibilidade pelo infortunio alheio.

Vestiu o grande uniforme de marechal de campo, e entrou em Saint-Cloud.

O Imperador franqueou-lhe prompta audiencia.

«Bravo! — exclamou Napoleão. Folgo de ver-vos em attitude guerreira!

«O soldado que pede pelo soldado, apresenta-se de modo que recorde batalhas em que ambos mereceram a consideração da patria.

«Excellente! Fallae, duque.

«Venho pedir-vos a presença de um camarada que deixei na Africa.

«Morto?

«Morto para a memoria da França; mas vivo para a gloria que nos vem da consciencia.

«Quem é?

«O coronel Ernesto Lacroze.

Napoleão sorriu-se.

«Dignae-vos responder, Imperador?

«Respondo, duque. Dizei ao coronel Ernesto Lacroze que póde recolher á França. Eu faço expedir as ordens.

«Beijo as mãos de Vossa Magestade...

«Quando cazaes, duque?

«Lavram-se hoje as escripturas.

«Estaes contente?

«Um contentamento de horas que me não compensa os momentos de amargura.

«São maus auspicios para quem se caza; mas, em quanto a mim, o amor está entre as cortinas do thalamo, desde que os poetas o fizeram fugir do coração com as bombardas metricas. Não descoroçoeis. Começae por Epicuro e acabae por Platão. O amor, desde Luiz XIV, que ensinou a resar a Maintenon, continua a prestar-nos os seus serviços, mas ás avessas... Vinde almoçar commigo, duque. A imperatriz está hoje rabugenta, e repartiremos a paciencia a meias... Esquecia-me um aviso importante. Prohibo-vos de dizer a alguem que recebestes uma carta de Ernesto Lacroze.

«Não direi nada, senhor.

«A ninguem... entendeis a força do *ninguem*?

«Penso que entendo...

«Nem áquella que vae ser vossa... Nem pronunciar esse nome!

«Se eu ousasse entrar na importancia d'esse segredo...

«Ousarieis em vão porque não entrareis... Vamos almoçar...

....

O duque encontrava um segredo horrivel nas mais simples cousas! Os presagios de um anjo bom, repetiam-se! Os abysmos a rodearem-no, e elle cego!...

A desgraça conduziu-o pela mão.

Crê-se no fanatismo, quando o resvelar no despinhadeiro é rapido, fatidico e irresistivel.

O homem pára um pouco a medir a profundidade da quéda, e atira-se, como impellido, á attracção que o fascina.

Assaltam-no os temores do perigo, a razão desopprimida respira um momento, a paixão em trévas recua ao clarão do juizo... mas o relampago apaga-se, as trévas dobram de espessura, a paixão reage, e a fatalidade triumpha!

Foi assim o duque de Cliton.

As ameaças do visconde impressionaram-no um instante. E comtudo tanta força tinham!

As lagrimas de Branca, choradas sobre o pó das suas esperanças, cairam-lhe no coração. E o coração acolhe-as... sente o doloroso travo d'ellas e esquece-as!

O imperador prohibe-lhe fallar em Ernesto Lacroze na presença de Branca. O duque pasma do mysterio. Negam-lhe uma explicação. Isto que deveria irritar-lhe a curiosidade, ao menos esquece-lhe uma hora depois que almoçára com Napoleão! Fatalidade ou providencia, acaso ou destino, quando deve o homem estremar a desgraça que deve a si da que deve aos outros?

A' hora aprazada, o noivo de Branca de Clermont assigna, com punho firme, as escripturas. Entrega-lhe, com o enthusiasmo de uma felicidade plena, o annel de noiva. Offerece-lhe, com o temor das almas grandes, o rico presente do estylo, as melhores alfaias de gosto e riqueza, os adresses oppulentos que podiam lisongear uma rainha.

.A esposa agradece-os, como agradeceria a um cavalheiro levantar-lhe o leque. Apesar da delicadeza, o fastio denuncia-se em seus gostos. Apesar da compostura artificiosa do rosto pallido, a humidade incessante dos olhos desmente a arte. Aquelle scintilar não é fervor de amante; são lagrimas que vencem o dominio da vontade: é a dôr que protesta até ao fim contra a violencia:

Em banquete esplendido todos fallam. folgam todos, o chiste das anecdotas salta em risos sobre o escarlate de todos os rostos. Mas ella não. Branca é como a moribunda. em redor da qual tripudiam homens embriagados. Nem elle! O duque está melancolico; os seus olhos, fixos em Branca, não encontram os d'ella; as suas palavras, raras e forçadas, não a fazem acordar do extasis.

Enchem-se os salões de Clermont. Os inimigos do duque transigem com o facto e dançam. As mulheres que aborrecem a rival orgulhosa, acham animado o baile e desanimada a noiva. Branca, cingida pela cintura no braço do duque, não palpita de desejos, nem sente o aquecer do sangue, nem o arrobamento do espirito. E' a machina que vae aonde a leva o impulso estranho.

Por que não veste a fronte de uma grinalda de flores? Onde está o jasmim, a violeta, o myrtho da corôa de esposada? Que pensamento de fogo calcina aquella fronte nua? Por que lhe descahem as palpebras amortecidas? Que sorriso sinistro lhe védes encrespar os labios, como retraídos para conterem um ai, que lhe vem do coração rasgado?

Vae terminar o festim. Os raios do sol vem descorar os lustres de milhares de vidros. Todas as feições descoram. O pallor do cansasso requinta a lindeza de muitas. As flores, requeimadas do halito de fogo, juncam o chão, e rescendem os ultimos grãos de perfume. Branca tira do seio uma camelia desbotada. e offerece-a em despedida ao esposo, que a não comprehende. Apartam-se. A tristeza vem sentar-se nos coxins do salão deserto. O duque expede ordens sobre ordens para accumular riquezas em Cliton. Branca desafoga em lagrimas a oppressão de longas horas.

O filho de Silvina depara casualmente uma carta, carimbada em Tolosa. Abre-a, tremendo, porque receia mais um mysterio no conflicto de tantos. A assignatura é uma surpreza. *Laura!*

Lê:

«Duque:

«Não vos esqueci na minha Thebaida. Peço a Deus por vós, todas as vezes que o exemplo d'estas virtuosas mulheres me eleva para Deus. Não me sois indifferente. Acabo de saber que associaes um anjo á vossa existencia. Parabens, meu querido filho! Não desdenheis este titulo que o coração vos dá. Esta posse de mãe é muito antiga. O duque de Cliton não se peja de ser hoje o que foi quando era Sebastião. Mandaes-me o retrato de vossa esposa? Não vos sobra de certo o tempo para ler cartas de velhas. Quero ser discreta. Se vos mereço uma linha, dirigim'a ao convento das dominicanas.

Vossa amiga

Laura.»

O duque envergonhou-se de ter esquecido esta mulher. A carta que lhe escreveu, é uma explosão de sinceridade, que o define melhor que as conjecturas do historiador.

Vejamos por ella o que ha de inexplicavel no coração d'este homem:

«Senhora duqueza:

«Sois sempre mysteriosa. Em Paris ignora-se a vossa nova residencia. Dizem que viveis n'uma quinta: e a vossa carta é escripta n'um mosteiro! Deve ter sido bem trabalhosa a vossa existencia! Não vol-a interrogo, porque me afiz a considerar-vos um mytho, um não sei que phantastico similhante ao sonho, e terrivel talvez na realidade do meu e de vosso passado. Silencio, pois, se assim importa á ventura de ambos! *Ventura*... disse eu! Qual de nós será o feliz, ou o mais infeliz?...

«Dae liberdade ao meu coração para que falle... Peza-me sobre elle um excesso de vida, que eu imagino um tormento dos que tocam o extremo do gozo.

«Uma paixão immensa pelo anjo, que satisfaz todas as ambições de um homem... sinto-a, devoro-me com ella, desejo a vida e a morte, assim n'esta vertigem deliciosa e infernal, suave e frenetica...

«Tenho um presentimento, duqueza! Vou ser desgraçado! Como e porque? Não sei. D'este amor deve morrer-se. O declinar deve ser sobre um tumulo. Tive-a ainda ha pouco nos braços... Voava com ella n'uma sala... Tudo era vida e luz a irradiar-nos... E eu tive alli, no relance de alguns segundos, uma visão atroz. Branca afigurou-se-me um cadaver! Vi-lhe côr de chumbo os labios. Senti-a resfriar entre os meus braços... Ouvi-lhe a ultima pulsação do seio, e o aroma do nardo, que perfumava a sala, mudou-se no odor funerio dos brandões de um esquife!

«O que eu senti!... Que pungente convicção da realidade que me espera!

«E a visão fugiu-me! Maldita ella seja! Mas eu estou triste, e não sei divertir a imaginação d'aquelle quadro! Parece que oiço o dobre final da minha ventura. Vejo pelo prisma da morte a mulher que amo com delirio.

«Não me ama! Isto é infernal de dizer-se. Ligo-me á mulher *que me não ama!* Sou um vil! Mas tenho a escolher entre ella e morrer. Primeiro foi orgulho: depois amor; hoje paixão, demencia, frenesi, mixto de ancias suaves e enfurecidas... Quero penetrar o futuro... tudo trévas! Como posso eu ser desgraçado? Pela deshonra? não! Pela indifferença d'ella? E' impossivel! Hade amar-me... este fogo communica-se... Futuro! tu que és?...

....»

Não encontramos no LIVRO NEGRO o resto da carta. Essas palavras, porém, são a pagina de um dia, e esse dia é o padrão levantado a meio caminho do filho de fr. Balthazar da Encarnação.

XXII

Branca de Clermont é duqueza de Cliton. Vem saindo o prestito nupcial de Nossa Senhora de Paris. Velha e nova fidalguia rivalisa em magnificencia para o esplendor do acto. O Imperador levou apoz si os representantes da velha França, reconciliados com os representantes da idéa nova, mascara que o despotismo afivela sempre.

Na noite d'esse dia ha baile em S. Cloud, para celebrisar o abraço de duas vergonteas illustres.

A alegria é contagiosa: querem todos quinhoar do contentamento dos noivos; mas os noivos parecem tristes! A duqueza recebe com graça as felicitações de amigas e inimigas; mas esse sorriso affavel é sem alma, sem calôr, sem enthusiasmo, frio como o coração, e sombrio como a lividez do rosto.

O duque acceita os abraços importunos da etiqueta; mas acceita como o dorido recebe na sala escura do esquife o abraço de pezames, e a palavra banal da consolação.

«Que excentricidade!» — murmurava um.

«Quem nos explicará o segredo d'este cazamento de duas larvas que se olham espavoridas?

«O tempo...

«Foram encontral-a, chorando com a imperatriz.

«E elle passeava nos jardins, atirando com as melenas para as costas, e rugindo suspiros cavernosos.

«Affiançaram-me que Branca desmaiára quando lhe pozeram á força a grinalda de rosas brancas.

«Ha quem diga que o duque de Cliton, á vista do estranho successo, entrára com Ricardo de Clermont em conferencia muito secreta...

«E tão secreta que não sabes nada, marquez.

«Tenho o desgosto de te dizer que não. A minha

espionagem não pôde introduzir o nariz no orificio da chave.

«Por consequencia, não sabemos nada positivo... Ella ahi vem pelo braço d'elle... Não ergue os olhos das franjas de ouro do vestido.

«A cauda do vestido é côr de laranja! Faz-me lembrar um cometa funesto!... — disse a viscondessa d'Alençon.

«Vão retirar-se!» — veio, pressuroso, annunciar um cavalheiro.

«Segue-se que a impaciencia os rala... — disse o marquez.

«E está, portanto, explicada a melancolia... — continuou, sorrindo maliciosamente, a viscondessa.

....

Algumas horas depois, convergiam numerosas carruagens para o palacio do duque, e entraram em linha na rectaguarda de um trem esplendido. N'este entraram a imperatriz e a duqueza de Cliton; em outra o imperador e o duque. Os vivas urraram de todos os angulos. Festões de flores choviam das janellas povoadas. As musicas, estanciando nas praças principaes, saudavam o imperador com os seus variados hymnos. Os tambores dos quarteis rufavam ao grito da sentinella. O estrondo acordava os eccos e arripiava as carnes. Quem parecia dormir era Branca, encostada ao hombro da viuva de Beauharnais. Quem parecia um rei desthronado, perseguido pela vozeria insultuosa da populaça, era o filho de Silvina, com os olhos cravados nas almofadas em que assentava os pés.

A uma legua de Paris, os noivos entraram n'um trem de viagem. Ricardo de Clermont entrou em outro com o secretario. Um esquadrão de cavallaria, mordomos e capellães, escudeiros e lacaios, afóra as carroças com as aias da duqueza, formaram um novo cortejo. Viram lagrimas, quando Branca apeou, na face da imperatriz. Napoleão, abraçando n'um terno adeus o duque, não podéra esconder a commoção. As rugas extemporaneas d'aquelle aspecto austero profundaram-se. Saudade, remorço, ou compaixão, era um d'esses tres, senão todos, o sentimento que o entristecia.

«Que te disse a duqueza? — perguntou Napoleão á imperatriz.

«Quasi nada... chorou sempre.»

«Esse *quasi nada* que foi?

«Disse que dava um adeus a Paris, e citou o adeus de Maria Stuart, quando foi para a Escocia.

«Que disse do duque?

«Lamentava-o... Daria toda a sua existencia se podesse convertel-a n'um dia de prazer a seu marido.

«Queixou-se de alguem?

«De ninguem.

«Teve comtigo alguma franqueza do seu passado?

«Nenhuma. Perguntei-lhe se amava o duque... — respondeu-me, chorando. Quando se despediu, pronunciou palavras que me arrancaram estas lagrimas que não posso conter...

«Que disse?

«*Ver-nos-hemos no seio de Deus.* E o duque pareceu-te feliz?

«Não. Compadeci-me d'elle. Tambem me commoveu o seu adeus... *Imperador, abraçae um homem que honraste tanto no primeiro dia da sua eterna desgraça...* E' um terror panico... Heide affastar d'elle os espectros...

Estas ultimas palavras não as ouviu Josephina. Eram ditas ao seu confidente leal — á consciencia.

Minutos depois, uma ordem confidencial era enviada ao general de operações no Egypto. Recommendava-se-lhe toda a vigilancia sobre Ernesto Lacroze. Ao mesmo tempo, dous decretos honrosos se publicavam: um promovia-o a marechal de campo; outro prestacionava sua familia, durante a ausencia de Lacroze, com seis mil francos annuaes.

XXIII

Digamos um adeus a Paris.

Eu, que vos denuncio uma grande desgraça, e vós, leitores, que a viestes adivinhando a cada linha que vos deu o prologo do lance capital do LIVRO NEGRO, paramos em frente d'esse palacio, onde trinta e oito annos depois encontrastes D. Pedro da Silva, e a lastimavel amante de Alberto de Magalhães.

Ahi vivem dous entes, casados ha tres mezes. Mas o aspecto do edificio é triste como nunca! Aquellas janellas d'onde os velhos dizem que antigamente os senhores de Mont-fort faziam sair reflexos de mil luzes e harmonias deliciosas, em noutes de estio, nunca mais se abriram. N'aquella alamêda, que conduz ao portão, não escarvam os fogosos cavallos, não latem os lebreos ao som do busio, não se apres tam damas e cavalheiros para as caçadas folgasãs da lebre e do coelho.

Reina em redor d'aquelle vasto tumulo, o silencio da morte. Os arvoredos gemem á noute nma toada melancolica. A coruja faz o seu ninho nas cornijas da capella. O guincho do mocho repercute-se nas quebradas da montanha fronteira. Um raro lampejar de luz perpassa de um a outro ponto, por detrás dos vidros bassos das janellas.

O passageiro, maravilhado ante a grandeza do edificio, pára, medita, se o coração lhe propende a cousas tristes, absorve-se em contemplação vaga, se a poesia o dotou das suas melancolicas abstracções, e pergunta ao camponez:

«De quem é aquelle palacio?

«Do duque de Cliton.

«Está abandonado?

«Não. Vive alli.

«Só e triste?

«Só, não, que ha tres mezes entrou para alli com sua mulher. Triste... não sei.

«Pois vivem alli esposados de tres mezes?!

«Vivem... se vivem. O que posso dizer-vos é que a duqueza tinha uma face celeste. Vimol-a entrar n'esta terra: tinha a brancura das imagens que se adoram na egreja; mas, para ser em tudo como ellas, olhava para a gente com certa tristeza, que faz doer o coração dos estranhos.

«E depois, nunca mais os vistes?

«Raras vezes: uma vez, perto da noite, passeando sósinha entre os arvoredos do jardim; outra vez, no angulo d'aquelle castello velho, debruçada sobre os fossos. Parecia um phantasma: era de manhã, mal se via ainda.

«E o duque?

«Esse ninguem o vê; mas sei que vive lá. Passeia constantemente n'uma sala, e desce á noute ao jardim a colher flores, que dá á senhora duqueza.

«Ninguem o visita?

«Ninguem, excepto o visconde de Armagnac, que vive além n'aquelle outro palacio.

E o passageiro seguia seu caminho, lançando para lá um olhar de melancolica sympathia.

Que vida era pois aquella? A' hora que estes homens fallavam, que fazia o duque de Cliton?

Branca de Clermont está sentada n'um sophá, dispondo, em rigorosa symetria, as flores do inverno em jarras de ouro.

Em frente scintilla um vivo lume do fogão abandonado.

A claridade do dia penetra a custo entre as frestas das portadas interiores das janellas. O clarão, que derrama no recinto uma luz azulada, é mais da lavareda que do dia.

Uma criada, silenciosa e sombria como um phantasma, depõe sobre uma meza um taboleiro, com apparelho de chá, e retira-se.

Logo depois, entra o duque de Cliton. Senta-se á meza, em que foi pousado o taboleiro. Prepara uma chavena de chá, que offerece a sua mulher. Branca,

orrindo com dôce agrado, recebe a chavena, e, por um gesto, recusa tomar um dôce da bandeja.

Correm alguns minutos, sem a troca de uma palavra. O duque encontra frequentes vezes o brando olhar de Branca. Demoram-se, contemplando-se. Descaem ao mesmo tempo as vistas, que a violencia sustentára fixas, e turvam-se de lagrimas os olhos de ambos.

Branca depõe a chavena. Pende um pouco sobre a almofada do sophá, e recusa a segunda chavena que lhe offerecem.

«Não posso, meu amigo...» — murmurou ella.

«Que sentes, Branca?

«Um desfallecimento... uma sensação desagradavel, como todas as vezes que me esforço por tomar qualquer alimento... Bem sabes que não tem consequencias este incommodo...

«Se quizesses dar na sala um passeio curto...

«Pois sim, passeemos... Estivesse lindo o dia, e dariamos um passeio no jardim... Ha mais de um mez que não sahi d'esta sala e do meu quarto.

«Tanto tenho instado comtigo...

«Se eu podesse!... Bem vês que não posso... Nem tu, meu amigo... A tua saude não é melhor que a minha... Era tão bom se Deus nos desse o sabor da vida... a ancia de gozar!... Perdemos o que se chama *viver*...

«Mas a esperança não.

«Sempre a esperança nos teus labios, duque!... Tem-l'a, porventura, no coração?

«Tenho...

«Não te illudas... infeliz!... Essa esperança matei-a eu... E's minha victima...

«Fosse-o eu até á morte, e acabaria contente! Não és tu para mim tudo o que prometteste ser? E's minha amiga... Não tenho ambições maiores...

«Inutil amiga, que te não vale aos teus soffrimentos... Cruel inimiga, que t'os aggrava, não podendo esconder os seus!... Deus do céo, por que me não ouves?

«Que pedes a Deus, Branca?

«Uma morte proxima, ou outro coração, digno de ti...

«Sê feliz com o coração que tens... Queixei-me eu Branca?

«Não... mas o teu silencio é o meu martyrio!.. Como tu és nobre! Que raro homem és tu! Fazei um milagre, meu Deus!... Sentemo-nos, duque... Não tenho forças...

«Pois sim... mas não fallemos em coração nem amor...

«Em que poderemos nós fallar? Nunca tive tanto desejo de fallar muito... Temos vivido sósinhos tres mezes, e tão pouco temos dito! O teu amigo, o nosso amigo visconde vem aqui tão raras vezes!... O soffrimento repelle... Ninguem atura desgraçados... E tu não queres viver de outra maneira! Tenho-te pedido que vás a Paris, que folgues, que viages, que vivas... Não queres... Pois devéras acceitar o conselho de uma amiga... Eu exultaria, se me dissessem que a alegria te acompanhava longe de mim... Porque não vaes?

«Aonde, que a desgraça me não acompanhe?

«Tens razão... dizes bem. Convenci-me de que a Providencia me mandou ser o instrumento do teu infortunio. Se me quizeres fugir, não fugirás. A lettra do destino é inexoravel... hade cumprir-se... Tem de ser... Não t'o disse eu?

«Que me disseste, Branca?

«Mal me recordo já... Penso que te disse que a minha amizade, sózinha, sem o coração, não te faria feliz.

«Sou feliz... sem o teu coração...

«Se o fosses... se me dissesses «bastam-me os teus extremos de irmã» salvavas-me!

«Salvava-te? Pois crê-me, Branca, convence-me de que te salvei, jurando-te que me basta a tua amizade.

«Convencer-te... como?

«Resuscitando d'esta morte de tres mezes... apparentando ao menos uma felicidade que me illuda a mim e seja invejada dos outros.

«Pois, sim... pois, sim!... — exclamou ella com exaltação — convence-me tu de que... Oh, meu Deus! — tornou ella em subito desalento — tudo isto é uma illusão!... E' irresistivel o infortunio... Não podemos nada... duque!... Que serei eu aos olhos da tua alma?...

«Um anjo...

«Essa palavra é mais pungente que uma hyronia... Um anjo que te dilacera... Anjo és tu, meu bom amigo, que não tiveste ainda uma queixa contra o teu algoz, uma palavra amargurada d'esse immenso fel que tens acceitado das minhas mãos... Anjo és tu, que nem ao menos me perguntaste o que me reduziu a isto que sou

«Não devo fazêl-o...

«Porque?

«Esse interesse seria para ti uma affronta... Prohibiste-me de sentil-o pelo teu passado... Disseste-me que eu não devia importar-me com a tua existencia anterior ao dia em que teu pae me convidou a ser teu esposo...

«Disse? Desdigo-me hoje... Não me perguntes nada, que eu tudo te direi... e seja já... Esta coragem que sinto, é providencial... não a desprezarei... Queres ouvir-me? Olha... eu fui uma mulher frivola como todas as outras, risonha para todas as folias, soffrega com todos os prazeres... Fui feliz... Tinha vinte e dois annos, e o meu coração, inaccessivel, trasbordava de vida. Ambicionava um grande amor; tinha tambem o meu sonho; idealisava a imagem de um homem... e esse homem... encontrei-o. Não sei como este amor nasceu... não sei como elle morrerá... Amei muito, meu irmão... Amei muito esse infeliz...

«Infeliz?! porque?

«Morreu...

«Amado. Infeliz, não!

«Amado, sim; mas, por minha causa, arrastado, violentado a arriscar-se na guerra, e talvez morto traiçoeiramente pelos seus proprios irmãos.

«Quem era?

«Um homem sem nome... Que importa nomear-t'o? Um soldado, com uma alma de quem a tinha para mandal-a sem mancha á presença de Deus...

«Como soubeste a sua morte?

«Uma carta, escripta uma hora antes de expirar...

«Aonde?

«No cerco de Alexandria.

«Devo conhecer esse homem, porque eu assisti ao cerco.

«Já disse que não tinha nome; e se na morte o adquirisse, não t'o diria... Quero que elle morresse para todos como para mim.

«Como sabes que esse homem foi arrastado para longe de ti? Quem o arrastou?

«Meu pae, com a sua influencia.

«Teu pae...

«Não t'o disse elle?

«Nunca.

«Fez mal... Que eu me callasse... tenho uma desculpa nobre; mas elle... que te dava uma filha, que devia ser a companheira de uma vida longa, a confidente do teu coração identificado ao d'ella... dar-te assim uma mulher, que elle víra morrer de saudades, e resuscitar para o martyrio... enganaram-te vilmente, duque!

«Não accuso teu pae... A Providencia mandou-o... Soffreste muito, não é assim?

«O inferno, a desesperação, a demencia! Sempre a minha saudade tormentosa! a mesma força todos os dias! a mesma imagem com os traços ensanguentados do moribundo... Quem poderia levantar esta mulher? Nem tu!

«Ninguem!... Se me tivesses contado essa historia...

«Contei-t'a, duque...

«Devia adivinhal-a nas tuas lagrimas... Comtudo, se m'a contasses...

«Não serias hoje meu esposo.

«Era... teu irmão! Amava-te como te amo. Adorava-te como martyr...

«Meu querido amigo!

A duqueza lançou-se ao pescoço de seu marido, que o beijou na face.

«Choras, Branca?

«De gratidão a Deus e a ti... Vejo que posso ainda ser feliz! Acolhes bem as minhas lagrimas! E's o unico que me não injuria por eu ter amado um homem sem nome... Tu! meu marido, que se não envergonha de encontrar sem vida o coração que eu dei

a esse homem! Como póde ser-se o que tu és pará mim?... Sinto-me com muita vida... Oh! como é grato respirar assim! Ouvir-me-ia Deus?! O que eu sinto! Poderei... amar-te?

O sangue refluíra á face de Branca. A exclamação vehemente que lhe estremecia nos labios abrazados, poderia reputar-se demencia. O duque pasmava os olhos absortos n'ella. Pouco e pouco, as forças que a vibravam sentiu-as elle gradualmente enfraquecer. O carmim desmaiou em subito marmore. Os olhos esgaziados fundaram-se nas orbitas orladas de roixo. A duqueza colava os labios na mão de seu marido, que lhe affastava da face as tranças humidas de suor.

Na mente do duque raiou uma idéa terrivel... Vencendo o abalo, que lhe sacudia o peito em ancias convulsivas, perguntou:

«Tens a certeza de que esse homem é morto?

«Tenho-a...

«Dada por quem?

«Uma carta sua, escripta por mão estranha, mas ditada por elle, horas antes da morte... já t'o disse... era um adeus... até á eternidade...

«Ouvirás com indifferença um nome que vou pronunciar-te?... *Ernesto Lacroze*...

«Meu Deus! — exclamou Branca, pendendo a face nas mãos erguidas, em gesto supplicante. — E' esse o nome... Conheceste-o, duque?

«Devia conhecel-o; mal me rècordo da pessoa...

«Viste-o morrer?

«Esse homem não morreu.

«Santo Deus!... isto é um sonho! Lacroze não morreu?... Que nova existencia é esta que me dás, meu amigo!... Tens a certeza de que elle vive?

«Vivia ha menos de quatro mezes... Tenho uma carta d'elle, datada em Alexandria.

«Tu!... uma carta! para que?

«Pedia a minha protecção para voltar á patria, visto que o desterraram. Deve estar hoje em França.

«Pois bem... — murmurou com serenidade a duqueza. Não fiz a desgraça d'esse homem... Vive!... não peza sobre mim a accusação da sua morte... Desde es-

te instante, o meu mundo é outro, duque... Arrancaste-me do coração o espinho... Póde ser que ella se erga do seu abatimento... Posso ainda ser feliz, se tudo o que se passa não é o delirio de uma febre... Não me cabe a vida no peito!... Lacroze vivia, sem me dizer que vivia!... Esse esquecimento salvou-o a elle... e salva-me hoje a mim... Exaggerei os meus soffrimentos... Não devia soffrer tanto... Remiu-me do meu juramento, e ser-lhe-ha indifferente a noticia do meu destino... Ainda bem!... que triste semblante o teu, meu caro irmão!... Ha uma cousa sinistra nos teus olhos!... Arrependes-te do que me dissestes?

«Não... E' compaixão...

«De mim?

«De mim, Branca... Invileceu-me o amor, e preciso ser heroe na desgraça... Mais nada... Não vês que me humilhas?... Só á ingratidão de Lacroze, não te escrevendo, póde salvar-te! E' horrivel a franqueza!... Eu nada pude!...

«Pois que disse eu, meu Deus!... perdoa-me, duque! Piedade para o infortunio, meu querido amigo!... Faz-me boa e nobre, se tenho sido perversa e vil! Ensina-me a ser digna de ti com generosidade... Accusa o destino... não me condemnes a mim..................

....

E se tres mezes depois, o passageiro d'esse dia ahi tornasse, perguntaria ao aldeão:

«Vive-se em Cliton como ha tres mezes?

«Não, senhor. Já se vêem luzes n'aquella casa. Já os titulares de Angouléme visitam o senhor duque. A formosa duqueza passeia risonha com seu marido. Mas elle, cada vez mais acabado, só tem sorrisos para ella. Quando passeia só, nem vê a gente que o corteja. Embrenha-se por essas florestas, e deixa folgar os amigos nas suas salas. Emquanto a ella, parece outra. Vem dar esmola aos pobres, e gosta muito das criancinhas dos fazendeiros. Como em breve será mãe, já vae sentindo com os filhos alheios uma sombra da ternura que terá pelo seu! No dia do baptisado dizem que ha grande festa em Cliton, e nos seus arredores. As nossas camponezas querem fazer arcos de flores, e pro-

metteram uma novena a sete Senhoras se ella fôr menina.

«Muito me contaes! E não sabeis como essa mudança se fez?

«Isso agora... está lá em cima quem lê nos corações. A verdade é esta...

XXIV

Eram, pois, felizes?

Eis aqui uma pergunta que o leitor nos faz. Não lhe responderemos como o camponez, apontando o céo, emquanto o LIVRO NEGRO nos illucidar cousas cá da terra, em que Deus, por honra sua, não se intromette.

Será Sebastião de Mello, successor do duque de Cliton, e antecessor de padre Diniz que nos responda. E' uma pagina textual do LIVRO NEGRO:

«A expansiva confissão de Branca aniquilou-me a desanimada esperança que puz em seu coração, no correr dos annos.

«Li o impossivel no seu delirio por um homem morto. Achei-me esmagado pelos pés d'essa imagem, eternamente erguida entre mim e ella.

«Desde esse momento, o imaginario cadaver do amante de Branca fallou-me em sonhos, comprimiu-me o coração, e despertava-me, pezando-me no peito.

«Verdadeiramente desgraçado! Recebi como expiação da violencia que lhe impuz a ella, desprezando as suas lagrimas generosas, os tormentos surdos, que altraiçoei com sorrisos na sua presença.

«Branca desfigurou-se. Era outra. Choraria solitaria; mas diante de mim revelava a serenidade da alma, e a ternura de uma boa esposa.

«Mas os seus carinhos afiguravam-se-me um artificio; e eu, envergonhado de mim proprio, evitava-os, sem magoal-a.

«Se ella me dissesse então que sentia abrazar-se de amor por mim, não lhe ouviria sem desprezo esse favor.

«Nunca a interroguei, nem ella me animou a isso.

«Procurei de proposito a concorrencia a minha casa. Tinha hospedes de dia e de noite, porque me atormentava estar só com Branca.

«Estes hospedes insultavam innocentemente a minha dôr, e eu fugia-lhes, para chorar, e, chorando, adquiria forças para sustentar a mascara.

«Deus condoeu-se de mim, e deu-me instantes de felicidade, quando beijei minha filha Elisa.

«Porque eu disse no fundo da minha alma: «Farei que este coração seja meu!»

XXV

Nascêra Elisa.

Foram reaes as festas do baptisado. O programma, delineado pelo camponez, realisara-se com todas as singelas oppulencias da tradição patriarchal. As aldeias circumvizinhas vieram á festa com as suas pastoras, toucadas de flores, com as suas violas enramalhetadas, com os seus arcos de festões de acacia e amoreira, com as suas bandeiras de fitas variegadas, que no descer das montanhas, simulavam, desfraldadas ao vento, as mil flamulas de uma frota real.

De Paris viera um emissario de Napoleão assistir ao baptisado, como padrinho. No livro do baptismo inscreveu-se Elisa de Mont-fort, duqueza de Cliton, por especial mercê de seu padrinho.

Das cidades vizinhas vieram cathegorias de primeira plana celebrisar o acto. Angouléme, principalmente, contribuiu com os seus ornamentos para decorar os festivaes salões de Cliton.

Branca ouviria apenas um remoto ruido do festim. A' sua camara era apenas concedida a entrada ao arcebispo, ás damas, e ao medico inseparavel.

Diziam-lhe que a maior parte da nobreza, de vinte leguas em roda, por não caber nas salas, occupava os atrioso, nde os camponezes, expontaneamente, improvisaram pavimentos de flores.

Deixemol-a, estremecendo de melindroso susto a cada vagido que a criancinha solta. Vamos ás salas, onde doideja o jubilo. Vejamos essas mulheres que não viram as de Paris, e enlanguescem apaixonadas com ellas. E se as mulheres nos não prendem a attenção rebelde, paremos ao pé d'estes tres homens que conversam.

Um é o nosso já conhecido visconde de Armagnac. Outro é o marquez de Soutenville, de Angouléme. O terceiro... algum dos outros nos dirá quem é.

«Meu caro visconde — diz o marquez — tenho a honra de apresentar-te o cavalheiro Luiz Le-Pont d'Auvergne, oriundo de uma illustre familia de Picardia. Viaja no seu paiz como bom patriota, depois de ter percorrido a Europa, a Asia, e a maior parte da Africa occidental. E' meu hospede ha quinze dias, e não o quiz deixar sair do nosso departamento sem conhecer o duque de Cliton, e o primor das festas reaes que esta casa nos dá... Deve ter visto festas mais brilhantes; mas não hade, por isso, baratear a nossa...

«Decerto, não... — atalhou d'Auvergne. Em raras côrtes hei visto mais luzimento, mais propriedade, e mais fervor de enthusiasmo.

«Deveis ter começado cêdo as vossas viagens, para tão novo poder abranger tanto mundo? — perguntou o visconde.

«Comecei de dezoito annos, e tenho trinta.

«Fazia-vos quarenta, cavalheiro.

«Não vos contrarío a conjectura... senhor visconde. Todos me dão essa edade.

«O vosso bigode tem cabellos brancos.

«E a minha cabeça tem poucos negros. Os que vós não vêdes, cavalheiro, são os cabellos da alma. A vossa physiologia decerto reprova uma alma com cabellos; mas não me reputeis por isso materialista da eschola «voltaireana.» Muitas vezes imaginei que as pupilas dos meus olhos recuavam nos nervos opticos, su-

biam ou desciam onde quer que o espirito existe, e viam lá o rapido branquear dos cabellos da alma. Isto que vos digo aqui, sorrindo, custava-me então lagrimas... Desculpae, senhores... eu esquecia-me que estamos em um sarão, onde as bellas damas fazem esquecer o que foi, e os attenciosos cavalheiros, como vós, indemnisam bem as amarguras passadas de um forasteiro, que acolheis tão hospitaleiramente...

Chegava o duque de Cliton, e perguntou ao hospede da Picardia:

«Senhor de Auvergne, não entraes no numero dos mancebos que vem aos bailes por servir caprichos de damas? Não vos vejo dançar!

«Não danço, senhor duque, a não mandardes o contrario. Emquanto ás damas, tão bem servidas as vejo dos seus cavalheiros, que seria importunal-as augmentar um servo bisonho n'um serviço tão melindroso, e que requer muita experiencia e arte. As viagens muito aturadas, senhor duque de Cliton, enchem a cabeça de sciencia, mas desgastam a polidez do coração... Ás vossas damas, se eu as molestasse com impertinencias de elegante recem-vindo, rir-se-iam dos meus cabellos brancos; e quando eu lhes dissesse que tinha trinta annos, pedir-me-iam a certidão de edade.

«Responder-lhes-ieis com o brilho dos vossos olhos, cavalheiro.

«E' o brilhar do pedaço de velho cristal, que a ponta do pé affasta do caminho, para que os passageiros se não firam.

«Mas as vossas palavras ser-lhes-iam testimunhas de um coração juvenil.

«Não lisongieis um velho, senhor duque. Vejo que quereis levar a benevolencia da hospedagem até á lisonja... Sois um consummado cavalheiro...

«Capaz ao menos de avaliar-vos como outro, que não desconhece os mais pequenos accessorios de uma fina delicadeza, e prende o interesse d'aquelles que vos offerecem a mão de amigo.

«Mão, que eu não acceito nunca, senhor duque.

«Não acceitaes? Assim vos tem sido ingratos todos?

«Não conheci nenhum: e já agora é tarde para

xperimental-os. Saí de França aos dezoito annos. Em oze dias de viagem não tive tempo de contrair amiades. Alguma que deixei, não a encontrei, voltando. rfão, e só, só morrerei, para não deixar orfão da miha amizade os que me sobreviverem. Já vêdes que a minha recusa é um mixto de egoismo e amor do proimo. Cazam-se duas idéas repugnantes... Ha d'estes phenomenos...

«Ha d'esses phenomenos, senhor de Auvergne... Eu ei que os ha... — atalhou o duque, passando de repene a uma das suas frequentes abstracções.

«Demoraes-vos em Angouleme? — perguntou o visonde.

«Alguns dias ou algumas horas. Nunca tenho programma, porque amanheço um homem differente em ada dia.

«Heide impor-lhe com severidade o preceito de e não retirar tão cêdo» — disse o marquez.

«E se conseguires domestical-o á tua vontade, consentirás, marquez, que o cavalheiro de Auvergne venha passar alguns dias na minha quinta?

«Consinto, e vós, senhor de Auvergne, confirmaes meu consentimento?

«São honrosas para mim as vossas ordens; se me acrificar, a honra custa sacrificios...

«Virei gozar a vossa companhia, senhor visconde.

«E' pena — tornou o marquez — que não possaes cumprimentar a senhora duqueza. Conhecerieis um anjo, uma perfeição de espirito e de materia, um composto de seducções da alma e primores do corpo.

«Pintaes a senhora duqueza de um modo tão seductor, que me principio a lamentar de a não conhecer. Conhecendo, porém, seu marido, digo que elle é digno d'essa senhora.

«Tereis occasião de conhecel-a quando vierdes passar alguns dias aborrecidos commigo. Será ella o talisman que vos prenda algumas horas a estas montanhas, onde o homem vive correndo veados.

«E corças... — atalhou, sorrindo, o marquez — que se deixam pilhar facilmente pelos galgos da tua destreza, meu caro visconde.

«Ainda assim por cá é necessario correl-as; mas tu, em Angoulême, costumas têl-as em jaulas, onde entras em rob-de-chambre, sem o incommodo de vestir as botas venatorias, e puchar do peito pela trompa...

Os remoques, mais ou menos semsabores, duraram pouco. De Auvergne sorria a elles, por delicadeza, e espreitava a occasião propicia de furtar-se aos importunos, que o apresentavam a cada cavalheiro que se approximava.

Affastado do grupo, a titulo de tomar um copo de agua, escoou-se entre as multidões, e perdeu-se nas devezas do jardim, até ao mais sombrio, onde os reflexos das lampadas pensis já não chegavam.

Julgava-se só. Mergulhou a vista nas profundas trevas da montanha fronteira, e cruzou os braços. Era alta a sua respiração, como a do asmathico em afflicções de asfixia. Corria pela testa a mão ardente, e retirava a mão como queimada do fogo que lhe calcinava as fontes.

Ouviu passos. Viu um vulto a caminhar para elle. Encarou-o com indifferença, e o vulto passou ao seu lado como se o não visse ou imaginasse alli uma estatua.

E' que o não vira. De Auvergne, impressionado d'esta apparição meio phantastica, involuntariamente deu um signal de vida, fazendo fremir a folhagem debaixo dos seus pés.

O duque de Cliton voltou-se, surprendido, e deu alguns passos para o vulto:

«Quem sois, cavalheiro?

«O vosso hospede, senhor duque de Cliton.

«Quem supporia encontrar-vos aqui? Assim fugis das salas?

«E vós, o dono d'ellas, o rei d'este festim, sem ser o dos festins da Babylonia, tambem fugis?

«Precisava de ar...

«Tambem eu vim respirar...

«Amarguras?... forçosamente...

«E o peor é que se aspiram novas quando a gente pensa que as exhala...

«Somos, pois, os unicos que precisamos fugir de

uma sala de prazeres e luz, para melhorar o coração da escuridade de uma floresta... Parece que o infortunio nos trouxe aqui para nos abraçar, pela sympathia do soffrimento... Vinde, cavalheiro...

«Vamos, senhor duque, se vos apraz.

«Porque não vindes aqui passar alguns dias?

«Tenho um convite do vosso vizinho visconde... Contiveremos todos...

«A duqueza estará então em circumstancias de reunir comvosco algumas das suas amigas de Angouléme...

«Terei a felicidade de receber a honra do seu conhecimento...

«Se os medicos lhe não prohibissem a conversação, apresentar-vos-ia.

«Penhora-me a distincção, senhor.

«Vejo que tendes passado uma triste noite.

«Triste, senhor duque, e desculpae-me, a rudeza de esta verdade... Eu não sei o que é prazer. E vós, sois feliz?

«Não vêdes o que sou? Póde-se presidir a estas funcções sem coração para ellas. O desgraçado isola-se do tumulto, não o chama a sua casa.

«Sois contradictorio, senhor duque. Ainda agora vos vi surgir das trévas como só quatro hómens surgem assim: o assassino, o amante, o desgraçado, e o ladrão. E vós... desgraçado, não... então alguma infidelidade á senhora duqueza...» — disse d'Auvergne, sorrindo, com affectada amabilidade. O duque tambem sorriu.

Estavam nas salas e separaram-se. Ao romper d'alva, o cavalheiro viajante, a par do marquez d'Alençon, seguia caminho de Angouléme.

O duque revia-se nas facês de Elisa, que humedecia com lagrimas de prazer.

A duqueza dormia serena o somno da manhã. E o visconde de Armagnac, ao pé do seu amigo, fallava das excentricas idéas do cavalheiro da Picardia. Dizia sympathisar com aquelle selvagem, e desejava estudar um typo original, que faria grande impressão entre as trivialissimas mulheres de Paris.

«Dito isto, que o duque ingenuamente não ouviu, porque embalava a filha nos braços, adormeceu o mais

vulgarmente que se póde n'uma cadeira «voltaireana» visto que a casa do duque era, com excepção de poucas horas, a sua habitual residencia.

XXVI

Quinze dias depois, o visconde recebeu em casa o hospede do marquez de Alençon. A duqueza de Cliton, da janella fronteira ao palacio do visconde, víra entrar o cavalheiro com um lacaio. Voltou-se para seu marido que passeava na sala, e disse:

«Vê com o oculo quem entrou no pateo do nosso visconde.

O duque demorou-se um instante na observação:

«E' o cavalheiro que elle esperava hontem. O tal picardo, que viaja ha doze annos. Naturalmente têl-o-hemos por cá hoje. Vou cumprimental-o.

«Mas não te demores, não? Habituaste-me a não poder estar sem ti. Vês os resultados? Não te deixo viver para os teus amigos!

«E' dôce a escravidão. Se não queres que eu vá...

«Vae, meu filho... Eu estou gracejando...

«Não queria que fosse uma graça ao teu egoismo... Vê tu, até das algemas sou avarento.

«Então não vás... A'manhã... Não temos obrigação de saber se o tal senhor chegou, sem que o visconde, ou alguem, nos participe. Mandemos buscar a nossa filha, e repartamos por ella os nossos beijos... Mas o primeiro é teu...

«Branca beijou-o. O duque respondeu com o silencio e immobilidade melancolica da indifferença.

«Não és meu amigo?

«Muito teu amigo.

«Em amor... já me não fallas...

«Não te disse eu tudo?

«E eu... sinto tanto que dizer-te.

«Diz, Branca...

«Não tens adivinhado o meu coração? E' preciso que u t'o diga?

«E'... Do teu coração está tudo por dizer.:. Não está elle morto?

«Não... revive... amo-te...

«E' tarde, Branca!

«Tarde! que horrivel palavra é essa! Tarde!

«Resuscitas quando eu morro...

«Não me amas?

«Não. Estimo-te.

«Desmereci do que era, duque? Não sou...

«E's o que foste. Vejo-te como te via. E's uma necessidade na minha existencia; mas... eu é que sou outro homem. Gastou-me o infortunio... Pensei muito, chorei muito, accendi no coração uma lavareda que devia queimal-o... Cancei! Não achas tão natural este fim, quando o principio tão desgraçado foi? As forças do homem são limitadas. Estimo-te; mas o enthusiasmo, a vertigem, o suave doer da paixão, passou do tormento á morte. Aqui tens o meu estado... é lamentavel!

«E o meu? Duas dôres insupportaveis... O remorso... e a consciencia de que não sou amada, quando te amo!

«Não chores, Branca... A amizade não te satisfaz? Aprende commigo, minha irmã. Queixei-me eu, quando me offereceste unicamente um affecto de amiga?

«Tens razão... mas a vida assim não se sustenta...

«Sustenta. Eu não te darei occasião de ambicionares um gozo, que o não tenhas. Farei que os prazeres te persigam...

«Não os quero... Torno a ser desgraçada... Torno para as minhas trévas...

«Tua filha não te será um allivio, como o está sendo para mim? Vivamos para Elisa... Convençamo-nos de que somos responsaveis pela felicidade d'ella, por isso mesmo que temos uma experiencia amarga do que é a desgraça. A minha filha é para mim a gloria depois do martyrio. Porque não hade ser para ti um favor de Deus, que te fez martyr de um amor impossivel?

«Impossivel, não... que o sinto!...

«Que o sentes!... E' extraordinaria a tua expansão, aos onze mezes de casada! Longo foi o somno da tua alma!... Não era mais feliz, acreditando-te; mas... não te acredito, Branca...

«Não me acreditas!... Minto-te vilmente! Respeita-me, ao menos, duque!

«Minha amiga, que mais respeitos póde tributar um homem a sua mulher? Até os teus delirios por Lacroze respeitei! Até esses quiz minorar, contando-te os serviços que fiz a esse desconhecido! A tua tranquillidade reappareceu, quando eu te assegurei que esse homem não morrêra! Reviveste com elle!... Isto é muito lisongeiro para a vaidade e para o amor de um marido!

«Não me comprehendeste! E' impossivel que não! E' verdade... senti-me outra com a noticia da vida de esse homem... E' porque eu não queria a responsabilidade da sua morte. Imaginei-o feliz, esquecido, e a sua imagem deixou de perseguir-me. Sendo elle feliz, o meu voto estava desfeito... Não viria pedir-me contas de uma perfidia...

«Perfidia!

«Perfidia, sim, porque na mão d'esse homem existiu, e existirá uma carta em que lhe juro ser sua, ou morrer na violencia de ser d'outro... Não viste a face generosa da minha alma n'esta alegria que a tua noticia me deu!...

«Branca! não nos impacientemos... Estas praticas são penosas e estereis... Nada de passado... Vive-se sem coração? Vive, porque tu, minha mulher, e mãe da minha filha, não sentiste a precisão de o ter... Vivamos assim... Ninguem dirá que nos não amamos como duas crianças... O mundo, os nossos hospedes, os nossos criados, ignoram as longas horas de silencio que vivemos em face um do outro... Valha-nos a hypocrisia do infortunio...

A duqueza caiu n'um sophá, soluçando. O duque entrou no quarto de sua filha, e trouxe-a, lançando-a nos braços de sua mulher.

«E' tudo o que temos, Branca! Permitta o céo que

nossas lagrimas lhe sejam desconto nas que ella ha
chorar.

O duque chegou á janella, e viu o visconde que
le acenava das ameias do castello com uma bandei-
a. A par com elle estava o hospede.

«O visconde chama-me, Branca... Volto logo.

Branca derramou copiosas lagrimas na face de Eli-
a. Assaltada por um vago presagio, ergueu-se com el-
, e sentia ancias mortaes. Queria encontrar o que era
he a apavorava, e não via a sombra negra que lhe
assava sobre o coração.

«Dae-me luz, meu Deus! aclarae-me este presenti-
mento! Que fiz eu, para tanto? Eu era ainda hontem
liz! Meu marido não é meu inimigo... Dá-me todos
seus momentos, sem fastio, nem azedume! Que des-
enturas posso eu recear...

....

O duque chegára ao solar de Armagnac. O viscon-
e e d'Auvergne vieram recebêl-o ao patio.

«Tem-me contado celebridades da Africa o meu pe-
egrino sem concha nem bordão — disse o visconde.

«Ha lá muitas — respondeu o duque.

«Tambem visitastes a Africa.

«Estive no Egypto, com o Imperador, commandan-
o um regimento de cavallaria.

«Admirastes, portanto, as ruinas de Racoudak, os
estes dispersos do hyppodromo, da columna de Pom-
eu e das Agulhas de Cleopatra. Napoleão respeitou es-
es restos; mas os inglezes, em 1803, declararam guer-
a sem quartel aos monumentos que tingiram de san-
ue... Não fallemos em cousas tristes... Como está a se-
nhora duqueza?

«Restabelecida. Agradeço-vos muito a delicadeza de
os interromperdes para honral-a com o vosso cuidado.
Vejo que os nossos sitios não vos desaprazem.

«Ha aqui bellezas selvagens que me fazem lembrar
s regiões inhospitas da Capadocia. O que lá não ha
ão cavalheiros, que nos fazem esquecer a delicada pon-
ualidade de Londres, e os cordiaes affagos de Paris.
ois vós que daes o brilho a esta natureza, que veste
le lucto, aos olhos de um quasi desterrado no seio de

sua patria. Não sei como encontrarei a Picardia, mas, quando a abandonei, era triste. Mais triste é ainda, porque já lá não encontro mãe, e minhas irmãs hão de abraçar-me frias e receosas como quem abraça um estrangeiro... Cá estou nas cousas tristes... Dizei-me, senhor duque, a vida de casado é boa? Vou resolvido a descansar nos braços de uma mulher... Aconselhae-me...

«Não se dão conselhos em materia tão melindrosa...

«Não quereis servir-me de exemplo? Creio que sois feliz.

«Sou feliz; mas nem por isso me dou como exemplo.

«Quem encontrar mulher com os attributos da vossa, não póde receiar o arrependimento.

«Decerto, não...

«A difficuldade é colher essas raras flores que a mão de Deus semeia entre os espinhos da terra... Previno a vossa resposta, senhor duque.

«Não vos será difficil encontral-a com as vossas qualidades pessoaes.

«Porventura, conhecei-l'as?

«Calculo-as. Tendes trinta annos?

«Trinta annos... que importam os annos?

«Na vossa edade todas as ambições são nobres, a vida é toda do coração, o espirito não desce ao baixo tremedal dos vicios infamantes, e portanto o que vos garante uma feliz escolha, é o puro paladar que ainda tendes para estremar, entre todas, a mulher digna de vós.

«Animaes-me a procural-a...

«Pois, sim — atalhou o visconde — havemos de cazar ao mesmo tempo... Jantas comnosco, duque?

«Não posso; a duqueza espera-me. O cavalheiro de Auvergne, se não estiver fatigado, dignar-se-ha honrar-me com a sua companhia esta noite?

«Decididamente... — respondeu o visconde.

Ao fim da tarde, desciam os cavalheiros de Armagnac em direcção a Cliton. A duqueza, violentada pela etiqueta, predispunha-se com fingido ar de graça, que os successos de manhã não lhe concediam a affabilidade natural.

O duque saíra a recebêl-os na alamêda que mediava entre o palacio e o portão da quinta, Branca, distraídamente através de uma vidraça, reparou no aspecto do celebrado cavalheiro.

Ao primeiro lance de olhos, sentiu correr-lhe nas veias um gêlo de morte. Firmou a vista como quem quer desmentir-se o terror de uma apprehensão. Aqui os labios oscilaram uma palavra tremida como um gemido de angustiosa surpreza: DEUS! E o cavalheiro, sobre quem os olhos pavidos de Branca se fixavam na immobilidade do pasmo, approximava-se... Outra palavra ainda: LACROZE! E como espavorida, fugiu para a sua camara n'um impeto de doida. Ahi, quando dobrava os joelhos em afflictiva supplica, a face bateu no pavimento, e a luz fugiu dos olhos á desgraçada.

A ama de Elisa, ao estrepito da queda, acudiu do quarto proximo. Tomou-a nos braços, lançou-a sobre o leito, desapertou-lhe os vestidos, fez-lhe respirar um anti-spasmodico, de felizes resultados nos frequentes deliquios da duqueza.

Queria chamar o duque; e não podia deixal-a só. Na indecisão, tocou uma campainha, e esperou. Branca abriu os olhos, e acenou á criada que não chamasse alguem. Um escudeiro veiu dizer-lhe que era esperada na sala. A criada respondeu que era impossivel ir.

O duque entrou no quarto.

«Que tiveste, Branca?... Não respondes?

«Foi um desmaio — respondeu a criada.

«Agora mesmo?

«Vim encontral-a caída aqui no chão.

«Mas eu nunca a vi assim! Com os olhos abertos, sem responder-me!... Minha filha, que sentes? A tua cabeça tem fogo! Corram a chamar o medico!... Eu volto já...

O duque entrou na sala, onde os hospedes o esperavam:

«Senhor d'Auvergne, a duqueza acaba de soffrer um ataque cerebral.

«Decerto! — exclamou d'Auvergne, escondendo o sobresalto.

«Talvez exaggeres, duque! Será um d'esses desmaios passageiros do seu costume.

«Não é... Tem os olhos enjectados de sangue, e a cabeça é uma braza viva... Desculpae-me, cavalheiros...

«Se me permittis — disse d'Auvergne — demorar-me-hei até me retirar com segurança de que não é funesto o padecimento da senhora duqueza.

«Obrigado, cavalheiro... ficae com o visconde; eu voltarei logo que possa.

Na ausencia do duque, o supposto viajante perguntou ao visconde:

«Esta senhora costuma soffrer estes accessos de sangue á cabeça?

«Não tanto: soffria uns accidentes sem consequencia; mas ha mais de seis mezes que se não repetem.

«E antes dos seis mezes soffria-os com frequencia?

«Quasi todos os dias.

«Consequencias de algum soffrimento moral?

«Penso que sim: causas complicadissimas...

«E essas causas com o tempo não desapparecem?

«A julgar pelos effeitos...

«Sabeis, senhor visconde, que me não parece feliz o duque? Acho n'aquella physionomia um toque especial de amargura, uma aridez que as lagrimas costumam deixar por onde passam! Não sei se é de eu ser triste; mas tenho uma intuição miraculosa para me não enganar com os que soffrem. Este homem não é feliz.

«Adivinhastes, senhor d'Auvergne.

«Bem me parecia a mim! Se eu visse a physionomia d'ella, confirmava plenamente a minha certeza com a infallibilidade que a duqueza me daria, supposto que ajuizar de uma mulher pelo semblante é difficil empenho... Conheceis ha muito esta senhora?

«Conheço-a desde criança: vi-a crescer na Vandée, onde esteve refugiada com seu pae, e convivemos em Paris, onde ella cazou com o duque.

«Deveis, portanto, saber se ella cazou expontaneamente com o vosso amigo...

«Porque me fazeis similhante pergunta?

«Por uma curiosidade que não é de toda van. Não escrevo novellas nem tragedias, mas gosto de imaginal-as... pensão de quem guarda em si o doloroso as-

sumpto de muitas... Fiz-vos esta pergunta, que retiro se não é discreta, porque me interesso na sorte d'estes quasi desconhecidos, e queria pelos antecedentes tirar uma consequencia, que additaria aos meus apontamentos de infortunios alheios. Não ha muito que eu encontrei na Allemanha um homem tão tenebroso, que parecia ter ajustado á face uma mascara de ferro. Sympathisei com aquella catadura que apavorava os outros. Relacionei-me. E a primeira cousa que lhe disse foi uma audacia, que elle poderia ter-me recebido com uma cutilada. Perguntei-lhe se fôra atraiçoado por mulher. Fixou-me com ferocidade e respondeu-me: «Fui.» Dias depois era meu amigo, porque eu lhe arrancára pouco a pouco, não os espinhos, que isso era impossivel; mas os segredos do coração, esses sim. Soube que era parisiense, que amára a filha de um gentil homem, sendo elle simples tenente, que por causa de ella fôra expatriado, servindo a patria, que tivera d'ella uma promessa sagrada de ser sua, ou morrer, amando-o; que, por fim, essa mulher casára e vivia feliz. Eis ahi porque o pobre homem soffria diabolicamente! Sabeis a phylosophia do conto? Foi que eu pude, com a minha phylosophia, insufflar-lhe certo sentimento de dignidade que o amor lhe fizera perder: o que não aconteceria jámais, se eu não tivesse o arrojo de interrogal-o.

«Como se chamava esse homem, podeis dizer o seu nome?

«Digo: era o marechal Ernesto Lacroze.

«Lacroze!

«Conheceis o meu amigo?

«Não; tenho uma vaga idéa d'esse nome. E o nome d'ella sabei-l'o?

«O meu amigo teve a demasiada honra de o não proferir. Saberei-l'o vós?

«Eu... decerto, não... Vou-vos pedir um distincto favor...

«Fallae, visconde.

«Não pronuncieis o nome do vosso amigo n'esta casa.

«Por Deus, que me dá que pensar a vossa recom-

mendação! Andae com lealdade n'este mysterio! A apostar que a duqueza de Cliton é a...

«Silencio, que vem o duque... — atalhou o visconde.

«Não vos disse eu?

«Pois que é, senhor duque?

«Vae ser sangrada minha mulher... E' uma congestão cerebral.

«Pobre senhora!... Retiro-me vivamente magoado. Permittireis que eu tenha o cuidado de saber das suas melhoras?

«Ella vos agradecerá, e desde já vos beijo as mãos por tantas attenções, senhor d'Auvergne.

O duque voltou para ao pé do leito de sua mulher. Estava febril e desaccordada. Murmurava, delirando, palavras inintelligiveis: duas só o duque podéra, mais de uma vez, ouvir distinctas: *perdão* e *Lacroze*. Os cabellos eriçaram-se-lhe, e o coração estremeceu-lhe no peito, como varado pela faisca de um raio. Calou o ouvido aos labios da febricitante, e só duas palavras, claras e vibrantes, como gritos de amor supplicante: *perdão* e *Lacroze*. Mandou retirar o medico, o capellão, e os criados da camara. Ficou só com ella, escutando ancioso o balbuciar do delirio. Sempre as mesmas palavras. A's ultimas levou as mãos á cabeça, como se as fontes, archejantes de lume, se lhe partissem. Branca abriu os olhos espavoridos e estendeu-lhe a mão. O duque retirou a sua, cruzou os abraços, e contemplou-a com o primeiro sorriso de demonio, que rebentava n'aquelles labios. Os olhos da duqueza cerraram-se outra vez, e o delirio continuou.

Affastemos a vista d'este drama de indisivel agonia, e vamos ao palacio do visconde de Armagnac.

Ahi ha outro que prende muito áquelle.

«... Tendes, pois, a certeza de que Branca de Clermont foi violentada a cazar-se com o duque? — perguntou o hospede.

«Tenho.

«Recebeu ella effectivamente uma carta de Lacroze muribundo?

«Recebeu: já vos disse que o sei do proprio duque.

«E durante dous annos não recebeu outra?

«Mais nenhuma: julgou-o morto.

«E ainda assim, cazou violentada, podendo-se julgar exonerada do seu juramento?

«Sim... violentada.

«Sois testemunha dos soffrimentos que vieram amargurar a vida do duque?

«Fui. Vejo-vos cada vez mais solicito em profundar a vida do proximo!

«Não é em vão... Ora, dizei-me se a vossa bondade é tanta como a minha curiosidade: desde que tempo Branca de Clermont apparenta mais resignação ou menos tristeza?

«Desde que o duque lhe affiançou a existencia do marechal Lacroze.

«Como explicaes vós esse phenomeno?

«De duas maneiras: uma que lhe é muito lisongeira: outra, bem pouco lisongeira a seu marido. Ou a duqueza se julga alliviada da culpa indirecta na morte de Lacroze; ou tem esperanças de encontral-o um dia para *lhe provar* que o não esqueceu.

«A segunda hypothese é bem deshonrosa para ella! Sois amigo d'esta senhora?

«Verdadeiramente amigo.

«Não a ennobreceis muito com uma das vossas explicações...

«E' uma conjectura porque me não responsabiliso. A mulher, susceptivel de uma falta, não é por isso indigna da minha estima. Sou francez *né malin*, como diz o poeta.

«Sois, portanto, amigo d'ella, senhor visconde... Quereis fazer-lhe um grande serviço?

«E' desnecessaria a resposta, cavalheiro.

«Entregar-lhe-heis uma carta do marechal Lacroze?

«Chamaes a essa commissão um grande serviço?

«E': garanto-vos a certeza com a minha palavra de honra, segunda vez que a offereço como segurança. Acceitaes?

«Acceito; mas preveni-me das consequencias.

«Levareis uma completa tranquillidade á duqueza. Livral-a-heis de uma congestão cerebral, que póde ámanhã repetir-se e matal-a.

«Serei o portador d'essa carta.

«Dar-vol-a-hei ámanhã: ireis entregar-lh'a, só a ella, entendeis?

XXVII

Na manhã do dia immediato, o visconde de Armagnac foi recebido no quarto da duqueza. Seu marido repoisava da constante vigilia que tivera ao pé do leito d'ella. O medico, seguro do triumpho sobre a morte repentina que fugíra diante da lanceta, garantia, em nome da sciencia, e particularmente com o seu nome, a convalescença da duqueza.

Branca estendeu a mão, tremula de mysterioso receio, ao visconde. Consultava-o com os olhos pavidos, porque não ousava articular um som.

O medico foi chamado ao quarto do duque, e o visconde, por não perder o ensejo, sem preparar a enferma, deu-lhe a carta.

«De quem?» exclamou Branca, purpureando-se outra vez do sangue que lhe enturgecia as arterias temporaes.

«Vereis...» — respondeu o visconde, retirando-se.

A duqueza, tremula e assustada de uma surpreza, abriu a carta. Debruçou-se para chegar a um castiçal. Viu que eram poucas as linhas, e animou-se a lêl-a. Era isto:

«Ninguem sabe, excepto vós, que sou Ernesto Lacroze. Não receeis a minha presença. Não venho pedir-vos contas de um juramento. Sou feliz; mais feliz que vós, duqueza. Sei a vossa historia. Sou vosso amigo. Recebei-me com indifferença. Não reveleis o mais ligeiro indicio de surpreza. Não vos comprometto. Creio que é innocente o prazer de ouvir-vos. O passado não tem nada comnosco.

Lacroze.»

O seu primeiro acto foi queimar esta carta. Depois embrulhou as cinzas n'um lenço, que lançou n'um jarro de agua. Pegou do jarro e occultou-o debaixo do leito. Em todas estas acções havia uma simplicidade de idiota, uma precaução tão fóra do natural em casos taes.

Tocou uma campainha. Fez chamar por uma criada o visconde, que passeava na saleta proxima.

«Quem vos entregou esta carta?

«O cavalheiro d'Auvergne.

«Disse-vos de quem era?

«Disse...

«Acreditaes o que elle vos disse?

«Por que não heide acreditar?!

«Sabeis se a carta tem resposta?

«Perguntaes-m'o a mim, senhora duqueza? Eu ignoro o contheudo d'essa carta. Disseram-me que era ella para vós um grande bem; não quiz syndicar a natureza d'esse beneficio. Enganaram-me?

«Não, visconde... Disseram-vos a verdade...

«Como vos sentis?

«Melhor... muito melhor. Tenciono levantar-me brevemente. Já vistes meu marido?

«Ainda não.

«Ide vêl-o... Sêde seu amigo... O infeliz precisa de consolações... As minhas são inuteis... Não me abandonou um instante, em toda a noite! Que anjo aquelle!... Olhae, visconde... dizei-lhe que me ame...

«Será necessario dizer-lh'o? Que mais provas quereis, senhora duqueza? Quantos maridos tendes visto com tanto carinho? Quem poderia esperar tanto de um homem, rapaz de fogosas paixões, ancioso de um amor que lhe tendes negado com uma cruel ingenuidade?

«Hoje não, visconde! Ha muito que o amo. Se soubesseis em que... momento a minha alma resurgiu do seu abysmo, para ver a luz, para affagar a nova esperança que me vae mentindo como todas as outras...

«Sei tudo, senhora duqueza... e por tudo saber, espero muito... Esperemos ambos uma nova primavera no coração do duque... Não me esqueça dizer-vos, senhora duqueza, que o hospede, sem vos conhecer,

representa entre nós um extraordinario amigo da vossa felicidade. O que elle pensa a vosso respeito, denuncia n'elle uma importante missão a cumprir. As perguntas que me fez, desde hontem, as revelações completas da vossa historia infantil com Lacroze, o desfecho da carta, que tive o prazer de entregar-vos, tudo me induz a crêr que este homem preveniu alguma grande fatalidade que vos ameaçava.

«Qual?... dizei, visconde...

«Qual não sei eu dizer-vos. Não existia um vosso juramento, escripto a Ernesto Lacroze?

«Existia... mas eu tive como certa a morte d'elle.

«Mas elle não teria como certo o vosso engano. A que desatinos o arrastaria uma paixão? Com que intenções voltaria esse homem á França?

«Pois sabeis onde elle está? — perguntou a duqueza, entendendo que o visconde se referia ao seu hospede.

«Não sei, decerto: supponho que está na Allemanha, onde ha tres mezes estava. Devo acreditar que d'Auvergne veiu a Angoulême, encarregado por Lacroze. Este homem, desde que eu lhe fallei na violencia do vosso cazamento, transfigurou-se. Não sei que aspereza tinham as suas palavras, que não tem agora! Não posso bem comprehender a sollicitude de um estranho n'este objecto! Mas sei que elle existe... Podereis vós saber mais que eu; mas não vos peço confidencias...

O duque entrou com o medico. Branca deu-lhe a mão com pressurosa ancia. Levou-a ao coração, e do coração aos labios, que queimavam ainda.

«Pareces-me muito melhor, Branca» — disse o duque, affagando-lhe a face.

«Muito melhor. Se me abrisses aquella janella... Queria ver-te á luz do dia... Este clarão faz-te tão pallido...

«Não consinto que se abram as janellas — disse o doutor, abanando o pescoço na gravata dogmatica.

«Não estou doente, minha filha. A pallidez é a minha côr natural. Como está o teu hospede, visconde?

«Bom: não é necessario dizer-te que te envia os seus respeitosos cuidados pela saude da senhora duqueza.

«Parece-me um perfeito cavalheiro! Deve-me uma sympathia d'essas muito raras que me captivam. Acho-o apurado n'esta finura de sentimentos que se depuram no infortunio. Tem uma physionomia de intelligencia, que te ha de maravilhar, Branca. O que não terá passado por aquelle homem! Aos trinta annos, cabellos e bigode, semeados de cãs, é coisa extraordinaria!

«Não é tanto assim — atalhou solemnemente o doutor — esses casos são frequentes: pertencem á organisação, e não tem nada com o espirito. São attributos hereditarios de que muita gente môça tira partido para se affectar martyr de paixões; mas a sciencia ri-se d'esses actores de tragedia.

«Achaes, portanto, doutor, que os cabellos brancos do cavalheiro d'Auvergne são hereditarios, como um vinculo? Então não sabeis o que podem paixões...

«Já por lá passei, senhor duque. Fui rapaz, grande tributario da loucura; mas não posso dar-me como exemplo na especialidade dos cabellos brancos, porque sinto dizer-vos que aos dezoito annos era calvo. O que posso assegurar-vos é que o meu chinó de tempos a tempos fazia-se de uma côr extravagante. Se isto era effeito das paixões, não sei; mas creio que não; salvo se os proprietarios legitimos dos cabellos se apaixonavam, e reflectiam a sua dôr no meu chinó.

O duque e o visconde riram-se. Branca parecia não ouvir o medico.

«Perdeste uma rajada de espirito do doutor...» — disse o duque a Branca.

«Perdi? elle me indemnisará, porque o seu espirito é sempre fecundo.

«Graças, senhora duqueza. Querem convencer-me de que o hospede do senhor visconde é um velho de trinta annos, que anda por cá fugido dos romances negros de Radcliffe! Queiram dizer-me: não é elle em Angouléme o hospede do marquez de Alençon?

«Justamente» — respondeu o duque.

«Já fallei com esse cavalheiro, e não sympathisei com aquella cara! Teve a audacia de perguntar-me qual era o medico que mais serviços fizera á medicina. Respondi-lhe com Haller, Blumembach, Brown, Hoffmann,

etc., etc., e elle, depois que me ouviu com desdenhoso sorriso, replicou que o medico mais prestante á humanidade tinha sido Moliere! Deu-me vontade de o ver atacado do ataque apopletico, de que morreu o seu favorito *medico*, para vingança da ultrajada medicina!

«Sois cruel, doutor! — atalhou o visconde, motejando a indignada seriedade do doutor. E que mais vos pareceu o fautor de Moliere?

«Pareceu-me um homem celebre! E' original! Responde a dormir, e falla sonhando. Desconfio que seja somnambulo. Diz o marquez que o sente passear no quarto ás quatro horas da manhã. Das duas, uma: lunatico ou poeta, que é um pouco peor. Tende cuidado com elle, senhor visconde! Se é poeta, desfazei-vos de essa fazenda, que, desde André Chenier, tem avaria. Eu tenho um filho com essa vocação; mas prezo-me de vos dizer que pude materialisal-o, fazendo-o medico, e cazando-o depois.

«Achaes, portanto, que o casamento materialisa?

«Não, senhor duque, quando se tem a felicidade de encontrar, em vez de uma mulher de carne e osso, no rigor anathomico, se encontra um anjo, como vossa esposa, no rigor metaphysico.

«Agradcida, amavel doutor... — murmurou a duqueza com um forçado sorriso.

«O que vós não podeis explicar — tornou o visconde — é o erguer-se de d'Auvergne ás tres horas da manhã.

«E ainda menos certas qualidades que elle tem, exclusivas das damas.

«Exclusivas das damas! Isso é originalissimo! Esclarecei-me esse artigo, porque eu pensava que tinha hospedado um homem! Que tem elle improprio de um homem?

«Chora. Já viram chorar um homem? O marquez de Alençon, na melhor boa fé, contou-me que o tal picardo chorava, sem ninguem o molestar!

«E' assim que se explicam os cabellos brancos...» — atalhou o duque.

«Cá em physiologia não se explicam as coisas tão depressa. Não ha relação nenhuma entre a sensibilida-

le moral e as raizes capilares. Os tegumentos da ca-beça ou pericraneo, não communicam através da abo-bada encefalica...

«Olhae que fallaes com francezes, doutor. Nós não vos entendemos o vosso grego, se é que fallaes grego, abusando da nossa ignorancia para nos fulminardes com um fragmento das phylippicas de Demosthenes.

«Sois muito instruido, senhor visconde, para me não comprehenderdes. Dizia eu...

«Não digas mais nada... — interrompeu o duque. Chamam-nos para o almoço. Não te convido, visconde, porque és esperado em casa. Dá um abraço em d'Auvergne, e diz-lhe que me honre de tarde com a sua vinda. Se a duqueza não estiver peor, não importa que elle a cumprimente no seu quarto. Permittes, Branca?

«A tua vontade, meu amigo.

Quem avaliará a alma d'esta mulher, respondendo a seu marido? Que poder da vontade sobre as lagrimas! O que póde esconder-se no coração! Que profundos golpes, recebidos surdamente, sem transsudarem sangue no rosto!

Outra vez sózinha, Branca recordava as palavras de Lacroze. O anjo da sua infancia, o phantasma de seis annos, a sombra implacavel, sempre erguida entre ella e uma felicidade em vão, pedida a Deus, ia erguer-se, na realidade, diante de si.

Lacroze era o homem que envelhecêra aos trinta annos, a devorar-se em vigilias dolorosas, a desafiar com as suas lagrimas um sorriso impio! Este infeliz, farto de dôres, talvez só no mundo, morto para todas as esperanças, escreve uma carta á mulher que se deixou arrastar, e diz-lhe que é seu amigo! Branca recua aos dias mais claros da sua vida, é vê lá esse homem, cheio de vida, sonhador de glorias, mas todas ellas do coração. Concentra-se na situação real da sua dôr, e sabe que vae ser accusada por esses cabellos brancos, por essas rugas intempestivas, embora os labios, piedosamente cerrados, não vociferem a accusação da perfida!

E a par d'esta imagem, o anjo de Deus colloca-lhe a do duque de Cliton, resignado martyr que bebeu o calix da ingratidão, offerecido por sua mulher! E' bem

diverso o prisma porque ella hoje o vê! O amor, contrariado pelo marasmo da boa alma de seu marido, renasce-lhe como na infancia, dulcifica-lhe a existencia como um presente do céo, condoido do seu padecer; e peza-lhe como um tardio remorso, porque soou tarde a hora d'esse amor, não esposado pelo duque.

Estas duas imagens, como dous punhaes que devem encontrar-se nas pontas, entram-lhe no coração. Ha ahi no seio d'essa pobre mulher o problema de uma agonia, compativel com a vida, sendo muitas vezes a morte o resultado de uma dôr instantanea! Se lhe vêdes a face, espanta-vos a serenidade! Se lhe contaes as pulsações, vereis que o sangue não circula, que as extremidades pertencem ao tumulo pelo frio que as congela! Vêde, porém, que todo o sangue e fogo regorgita e ferve no seio de Branca. Que ancias não vão alli! Quem se julgaria desgraçado ao pé d'aquella!

XXVIII

A' noite foi annunciado o visconde e d'Auvergne.

Branca, inferior ao estudo em que empregára a vontade, desde manhã, entrou n'um tremor, imperceptivel a seu marido. O que elle notou foi a extrema alvura, e o frio instantaneo em que ficou a mão de Branca, interposta nas d'elle, quando d'Auvergne se fez annunciar.

«Que repentino frio!» — disse o duque,

«Estou continuamente... n'estas alternativas... — balbuciou a duqueza, em som quasi abafado.

«Não te custa a apresentação de d'Auvergne no teu quarto!

«Como quizeres...

Desejava dar-lhe esta distincção, porque me parece que é digno d'ella.

«Pois, sim... que venha...

«Mas... que agitação a tua!... Se não estás disposta...

«Estou... isto é o meu sentimento ordinario... Diz-lhe que entre; mas... espera, meu filho, se vires que dou signaes de muito incommodada, faz que se retirem.

«Sim; tencionava fazel-o.

O duque saíra do quarto. Branca levantou as mãos, e soluçou duas palavras, que eram a mais expressiva historia da sua alma n'aquelle indisivel aperto: *Coragem, Senhor!*

O duque entrou com o cavalheiro pelo braço. A distancia do leito, d'Auvergne parou, fixou os olhos no chão, sentiu uma paralysia enervar-lhe as pernas, e uma sensação atroz que a sua vontade de ferro não escondia. Era froixa a luz do quarto, e o duque não reparou no aspecto do hospede, e pela transição repentina da claridade para a quasi escuridão do quarto, tambem não viu o de Branca.

«O cavalheiro d'Auvergne, que temos a honra de contar no numero dos amigos d'esta casa» — disse o duque, tomando a mão do viajante, e approximando-o do leito.

«Tive a felicidade — balbuciou d'Auvergne, como um novel das salas, apresentado á mulher que ama em segredo — de ser recebido com tanta distincção... que... começo desde já... a interessar-me no prompto restabelecimento da senhora duqueza...

Branca respondeu uma confusa mistura de sons.

O visconde de Armagnac dizia, com a sua consciencia:

«Que cumprimento tão vulgar o d'elle! Não parece cousa sua.

O duque achou muito natural o titubear do cavalheiro, e o imperceptivel murmurio de Branca. Como quer que fosse, os olhos do cavalheiro tinham uma expressão terrivel; essa todos a viram; mas, principalmente o duque, reputou-a á impressão da luz artificial. A anciedade de Branca era a mesma em que elle a deixára. Quem reparou, com mais critica, nos semblantes de ambos, foi o visconde.

«Não esperaveis encontrar, cavalheiro, este aspecto

funeral no quarto de uma pessoa viva... — disse o duque.

«E' a luz em que eu mais vejo. Muitas vezes, por prazer, accendo castiçaes, e imagino-me na eterna noite polar. Não sei porque a imaginação quer pouco á luz do sol: expande-se mais ao clarão da lua, e povoa mais luminosos os seus sonhos nas trévas cerradas. Tenho conhecido grandes genios que corrigem a obra do Creador, mudando o dia em noite, e respirando o ar da vida á hora em que os assassinos meditam o crime. Eu não sou grande nem pequeno genio; mas tenho cousas de que me não enfatuo, porque as não teria decerto se podesse gozar tranquillamente os dias, e dormir, com a placidez do idiota, as noites.

«Se dissesseis isso ao medico da senhora duqueza — atalhou o visconde — fulminava-vos com um raio em grego, que é peor que o feixe de Jupiter Tonante.

«Pois o medico da senhora duqueza é inimigo das trévas?

«Não póde transigir com a idéa de que vos ergueis ás tres horas da noite, e passeaes como um somnambulo.

«Sabe muito da minha vida o doutor Diafoirus d'estas aldeias.

«Foi o marquez de Alençon que o informou. Tambem declara o mesmo, em nome da sciencia, que os vossos cabellos brancos são hereditarios.

«Serão... Não me opponho á sciencia do vosso doutor, que eu não deixo de prezar muito desde que elle me fez uma larga exposição das reformas medicas desde Hypocrates até elle; e muito mais o respeito desde que o vi restituir á senhora duqueza uma saude tão preciosa.

«Muito agradecida... O doutor é um pobre homem...

«Vejo que é rico de boa sciencia, e arrependo-me de o ter flagellado com allusões de Molière. Emquanto ás minhas vigilias, ou aos meus passeios de somnambulo, heide consultal-o, na certeza de que me manda tomar opio desde um grão até ao infinito. Para os cabellos brancos, hereditarios ou adquiridos, talvez que o illustre doutor me receite qualquer pomada de in-

venção sua, que deve exceder os calculos chimicos do perfumador Birotteau, que foi na minha infancia o meu fornecedor do oleo de prolongar a mocidade, que me não serviu de nada.

O duque sorria-se, olhando para sua mulher, como convidando-a a rir-se tambem das facecias argúciosas de d'Auvergne Branca sorria-se, e a lividez cadaverica do rosto purpureava-se.

«A vossa mocidade — disse o duque — tem sido proveitosamente consummida. As riquezas do espirito, adquiridas em viagens, valem bem a pena de sacrificar-lhes os negros cabellos e as faces rosadas.

«Pois sinto-me pobre, senhor duqne. Mais pobre do que saí dos braços de minha mãe. A minha riqueza era o coração: e esse ficou-me em pedaços por sobre um chão inhospito, onde nenhuma lagrima descerá sobre elles... Eis aqui uma preposição que faria endoidecer. em honra da medicina, o vosso doutor! Se eu lhe dissesse que estou aqui sem coração, o bom do homem apresentava-me como uma variedade á Academia medica de Paris! Tende a bondade de lhe não dizer que me falta esta viscera.

Riram-se todos, excepto Branca.

D'Auvergne continuou:

«Eu penso que me tornaria importuno, senhor duque, acceitando um convite, que vós me fazeis, á exposição das amarguras associadas á minha mocidade. Importuno, sim, porque ao pé do leito de uma dama enferma não se fallam tristezas que o coração de uma senhora recebe sempre n'um valor superior ao que ellas tem. E' de proposito que tenho conduzido a conversação ao estylo jocoso, que não sei se é das salas, mas ao menos deve ser a dos quartos, em que ha doentes a distrair. Pela primeira vez que tenho a honra de ser um dos privilegiados na apresentação á senhora duqueza, não queria retirar-me com o remorso de ter-lhe fallado demasiadamente ao sentimento. Desgraças de homens contam-se a homens, e eu, por maldito vezo de lamentar-me, associo sempre uma pagina de lamurias infantis a cada pagina das minhas viagens. Peor seria ainda se me tornasse fastidioso... senhora duqueza, re-

tiro-me, porque a visita do hospede não deve ser mais extensa que a do medico...

«Não me incommodaes, senhor...» — disse a duqueza.

«A polidez tem martyres, e eu não quero inscrever-vos no martyrologio.

«Demorae-vos, senhor d'Auvergne... — disse o duque.

«O vosso pedido seria uma ordem, se eu não tivesse de partir esta noite para Nantes...

«Partis?! — interrompeu, maravilhado, o visconde.

«Parto, sim... Sou obrigado...

«Não tinheis dito nada!

«Resolução posterior ás minhas penultimas tenções. Foi uma reminiscencia improvisa...

«E voltaes? — perguntou o duque de Cliton, com interesse affectuoso.

«Brevemente, se qualquer fatalidade me não impedir. Não me despeço ainda dos cavalheiros obsequiosos, e na minha volta a Angoulême, espero ter o prazer de encontrar a senhora duqueza mais disposta que hoje a ouvir um garrulo viajante...

«Não vos dei algum signal de indisposição, senhor d'Auvergne...

«Decerto, não... Foi uma injustiça á vossa delicadeza; mas... perdoae-m'a, senhora duqueza.

Saiu com o visconde. O duque, voltando de acompanhal-os, perguntou a Branca:

«Estiveste contrafeita, minha amiga? Não instei que elle se demorasse, porque te vi inquieta.

«Fizeste bem... estive sempre em estado de não o ouvir...

«Notei o teu silencio e a tua seriedade, quando eu e o visconde tanto chiste lhe achamos...

«Não pude gozar comvosco... Pareceu-me que era mais para entristecer que para alegrar o que elle dizia.

«Viste-o pela sua verdadeira face. Este homem converte em galhofa o seu infortunio, emquanto a mim. Conheceu que a sociedade era frivola e folgasan, recebeu talvez uma gargalhada, quando pedia compaixão, e ho-

je, por decoro a si proprio, dá-se em espectaculo de riso... A desgraça tem os seus histriões. Ainda assim, eu penso que lhe sondei o coração. Ha alli uma grande dôr. Se um dia lhe merecermos a confidencia do seu passado, verás que a mão da Providencia é prodiga em repartir fructos amaldiçoados por nós, por elle, e por muitos, que sabem, como elle, grudar á face uma mascara de bronze.

N'este momento, chegaram de Angoulême as *Gazetas Nacionaes,* subscriptadas ao duque de Cliton.

Leu os titulos de alguns artigos distraídamente, e devorou com os olhos scintillantes o seguinte:

SUSPEITA DE DESERÇÃO

Napoles, 28 *de agosto,* 1807

«Desappareceu ha vinte dias do exercito francez o marechal Ernesto Lacroze. Suspeitou-se, ao primeiro intuito, que se suicidára, por isso que, desde um anno a esta parte, dava signaes d'essa intenção, por varias cartas que lhe foram abertas, por ordem superior, onde se despedia de alguns amigos, e especialmente de sua mãe e irmãs. Esta conjectura é em parte destruida por informações colhidas nos portos de mar. Diz-se ter passado o canal de Inglaterra, um homem com todos os signaes do marechal Lacroze, supposto que os seus trages o não denunciassem. Pediram-se para Londres informações que devem assegurar-nos de uma infame deserção ou de um lamentavel suicidio. E' forçoso confessar que Lacroze era um valente soldado. Nas memoraveis batalhas que deram, e continuam a dar a Europa á França, a valentia de Lacroze era uma vertigem que muitos explicaram pelo desejo da morte, no campo da honra. Morto ou desertor, a França perdeu um filho, que amaldiçoará se elle a renegou, e cobriria de loiros a sua campa, se o cadaver podesse ser restituido ao seio de sua mãe, que lhe não foi bastarda.»

Branca reparou na agitação do duque.

«Alguma noticia triste?

«Não, filha.

«Vi-te tão commovido, quando lias...

«São as participações do quartel general de Italia... Não posso ler, sem commoção, coisas de guerra...

«Tens saudades d'esses tempos?

«A's vezes, tenho... Lá é que a vida tem emoções.

«Fortes de mais...

«Brinca-se com a morte, e habitua-se a gente a abraçar os companheiros sobre o fosso, onde uma bala os derruba, e outro cadaver vem cobril-os. Morrer por cá, n'esta preguiçosa agonia, de minuto em minuto, isto é que é cruelmente insipido... Eu volto já... Vou ao meu escriptorio escrever algumas cartas.

O duque de Cliton, lendo outra vez o artigo da Gazeta Nacional, perguntava como era possivel similhante suicidio! Pedíra a Napoleão a licença de Lacroze, e essa licença fôra-lhe concedida. Vira-o depois promovido a marechal, na ordem do dia. O que deu logar ao suicidio mais provavel, pelos precedentes, que a deserção pela simples similhança de um homem que passára no estreito de Inglaterra? Se os soffrimentos o levaram a tal extremo, foi decerto o casamento de Branca. A infeliz, quando o soubesse, julgar-se-ia, mais que nunca, responsavel pela sua morte! Se ella sentíra allivio na certeza de que elle vivia, que terrivel lhe não será agora a noticia do suicidio, como effeito de uma paixão invencivel, de uma perfidia que deu em terra com a coragem do mais valente filho da França!

O duque de Cliton, convencido da morte de Lacroze, chorava. N'aquella grande alma dava-se um tributo de compaixão para as dôres estranhas. A morte ou a deshonra de um rival doeu-lhe tanto como a de um amigo. E poderoso rival era aquelle que de longe fizera do seu leito nupcial um leito de espinhos, e estendêra, entre elle e Branca, a mão de espectro, que lhe algemára a ella os labios, para não proferirem a palavra «amor», e lhe esmagára a elle o coração, para que esse sentimento, embora tarde, não podesse gerar-se no fel de desprezo, que bebêra a longos sorvos...

O duque fechou o jornal n'um sobrescripto, e endereçou-o ao visconde de Armagnac, com a marca — *confidencial.* —

O cavalheiro d'Auvergne despedia-se do visconde, quando a carta chegou.

«*Confidencial!*» — leu o visconde com espanto. Esperae um pouco... não monteis a cavallo sem que eu veja esta carta, que deve ser alguma coisa horrivel! Se quereis ver que a carta á duqueza foi vista... Esperae... Um jornal... que é isto? *Suspeita de deserção... Napoles... Desappareceu ha vinte dias do exercito francez o marechal Ernesto Lacroze...*

O visconde leu até final.

«Que dizeis a isto, cavalheiro?

«Que é o que me perguntaes?

«Desertou ou suicidou-se Lacroze?

«Perguntaes-m'o a mim, que estou tão longe d'elle como vós!

«Penso que poderieis responder-me... visto que terieis d'elle uma commissão, que decerto não seria participar a Branca o seu suicidio.

«Sei que lhe participava que morrêra ao menos para ella. Não sei mais nada com que possa satisfazer a vossa anciedade. Se morreu, seja-lhe a terra leve. Se desertou, seja-lhe pesada a ignominia. Adeus, meu querido senhor visconde, que é noite, e eu não conheço bem o caminho.

«Um meu lacaio acompanha-vos.

«Tenho o meu, visconde. Lá iremos dar, guiados pelas estrellas, que não serviram só para os monarchas pretos. Até de volta.

O visconde ficou enleado com o jornal na mão. Tudo aquillo pareceu-lhe mysterioso, e o cavalheiro da Picardia, emquanto a elle, reflectindo duas horas seriamente nos precedentes, era o proprio marechal Ernesto Lacroze.

Rapaz, pouco reflectido, inimigo de calcular futuros, romanesco, bom de coração, poeta, fatalista, e um pouco doido, sabendo guardar as apparencias, o visconde de Armagnac, convencido de que fôra o portador de uma carta de Lacroze para Branca, ainda assim não previu o desfecho do drama que estava em scena. Pensou duas horas, mas adormeceu depois. O velho amigo de D. Pedro da Silva devia ser isto em rapaz.

XXIX

Correram dias afflictivos para o duque de Cliton. O constante pensar, no tragico fim de Lacroze, apurou-lhe o espirito até á superstição, enfermidade das almas em demasia tibias, e das mais esforçadas e enthusiastas. A idéa fixa encorporou-se em espectro, que o attribulava em sonhos. O ponto negro visitava-o primeiro que a luz do dia: era como um centro de trévas; pouco e pouco alargava-se como a nuvem torva que traz no bojo a tempestade; envolvia-lhe a alma n'um espesso manto de terror; e prendendo a visão dos sonhos á imagem febril da vigilia, convertêra-lhe a existencia em noite infinita, em pesadelo incomportavel, em terror de assassino que Deus puniu com o remorso.

E' que a desgraça de um anno debilitára aquelle espirito até lhe enervar a fortaleza do juizo e a consciencia do falso. Tornára-se como organico o seu soffrimento moral. Tem-se visto, e elle é um exemplo, a desgraça destituir o homem de senso commum: um revez de malogrado crime requintar a virtude até ao fanatismo: uma dôr intensa reduzir o incredulo á ridicula fraqueza do visionario.

Este phenomeno deu-se no filho do dominicano de Santarem.

Os terrores pueris de Branca, em outro tempo convencida da morte do seu perseguido amante, produzem agora effeitos similhantes em seu marido.

O duque de Cliton occulta de sua mulher a tragica noticia da Gazeta Nacional; mas espera todos os dias que ella receba uma carta de Lacroze escripta entre a desesperação e o suicidio. Essa carta virá abysmar o coração de Branca no inferno do remorso, e impelil-a de um só abalo á sepultura.

Depois, o duque repara mais que nunca na melan-

colia tetrica de sua mulher. E' o presentimento! — disse elle. E' a alma que contempla, silenciosa, a mortalha que se avisinha.

O visconde de Armagnac não podia revelar ao duque as suspeitas. Seria consolar uma afflicção com a demencia. Seria levar áquelle homem uma surpreza de incalculaveis effeitos. Seria collocar Branca na precisão de mostrar a carta que recebêra. Seria deshonrar-se elle proprio, por isso que denuncía o homem de quem voluntariamente se fizera intermedio para uma mulher casada.

O visconde limitava-se a dizer que parecia impossivel o suicidio de Lacroze. Discorria, ainda mesmo provado o suicidio, com a desempoada phylosophia do tempo, querendo provar ao seu amigo: primeiro, que nada havia commum entre o marechal Lacroze e o duque de Cliton: segundo, que o seu cazamento com Branca não era uma traição a um amigo, por isso que nem ao menos o conhecia; terceiro, que nenhuma responsabilidade lhe vinha da loucura de um homem fraco que se suicida; quarto, que não era de espirito cultivado deixar-se imbair de apparições phantasticas: afóra quinto, sexto, setimo, oitavo, e ultimo, que o marechal Lacroze poderia muito bem suicidar-se por causa de algumas libras perdidas no jogo. Todos estes artigos, se não eram reforçados por convincentes textos de Diderot e de Helvetius, vinham perfumados de uma subtileza sarcastica, e de um gracejo tão asado para destruir preconceitos, que foi pena não ter o duque nascido com uma alma, digna do seculo do visconde.

Vinte dias, amargurados como dissemos, corriam para o duque, para Branca, e talvez para o visconde, apesar da sua phylosophia, quando o cavalheiro d'Auvergne chegou a Angouléme.

Esta nova foi dada em Cliton pelo medico, que vinha ainda mais maravilhado do hospede do marquez de Alençon. Contava elle que o vira entrar em costume hespanhol, extravagante vestido, se não era um insulto á França, na occasião em que os francezes declaravam guerra aos barbaros da Peninsula. Dizia mais que o vira sem bigode, com a cabeça nua de cabellos,

tonsura absurda e fradesca n'uma epocha em que as cabelleiras de cachos saudavam a epocha do grande rei e eram a paixão mais preeminente do espirito do seculo. A'vista d'isto, era legitimo o espanto do doutor.

O visconde apressou-se a procurar o cavalheiro em Angouléme. Era preciso que elle lhe definisse a sua posição.

Encontrou-o com a mesma affabilidade triste, com a mesma fleugma imperturbavel.

«Cavalheiro d'Auvergne — disse o visconde, a sós com elle — não sei se vos deva dar este nome.

«Dae-me qualquer outro, se o não achaes euphonico.

«Vós não sois d'Auvergne... Sois Ernesto Lacroze.

«Tende a bondade de ver que não descorei. Sou Ernesto Lacroze. Quem vol-o disse? Sabe-o alguem mais?

«Disse-m'o as vossas confidencias, o encargo que tomei de uma carta para Branca, a noticia do suicidio ou deserção do marechal Lacroze, a febre cerebral da duqueza que vos vira através dos vidros, a vossa perturbação e a d'ella, quando lhe fostes apresentado.

«Deverieis ter-me conhecido com menos provas. O duque sabe quem sou?

«Não: quem lh'o diria? Eu? Estou compromettido de mais para commetter imprudencia tal. Devo acreditar que não tornaes a Cliton.

«Torno.

«As vossas intenções quaes são?

«Não tenho nenhumas.

«Ha sempre um plano, quando se abandona um posto importante no exercito, quando se falsifica um nome, quando um homem se apresenta desfigurado em casa da mulher que amou.

«Não tenho algum plano, já tive a honra de vol-o dizer. Sigo uma inspiração superior. Ando atrás da felicidade.

«E esperaes encontral-a? Seguis de todos os caminhos o mais tortuoso... salvo se a vossa felicidade consiste no infortunio dos outros.

«Não, visconde. Já tendes uma prova do contrario. Destes uma carta á duqueza de Cliton, e ella, desde que a recebeu, sentiu uma paz, um allivio, que não

sentiria sem ella. A estas horas estaria talvez morta ou doida. Vistes que a minha presença não a agitou de modo que se denunciasse. Passados os primeiros momentos da minha apresentação, Branca ouvia-me tranquilla, revelava a sã consciencia de quem é absolvido de um crime, sorria com o agrado expontaneo, que não vereis nunca florir nos labios da mulher atormentada pelas ironias do seu verdugo.

«Mas a que vindes, senhor?

«Já vos disse, visconde. Cégo de soffrimento, venho, cégo, atrás da felicidade. Se a não encontrar...

«Sim, se a não encontrardes, que fareis?

«Retiro-me, desenganado, sem deixar após mim vestigios do que o mais infeliz dos homens ahi passou.

«Tencionaes pedir contas a Branca da sua deslealdade?

«Não, porque essa deslealdade não existe. Branca de Clermont julgou-me morto, e não podia fazer o juramento de morrer commigo, porque a sua vida era de seu pae e da sociedade.»

«Mas...

«Fallae, visconde... Bem vêdes que não medito as respostas...

«Parecem-me impuras as vossas intenções. Seguis um expediente que póde satisfazer-vos o coração... e saciar-vos a sede de uma vingança.

«Não me falleis em vingança, que me offendeis; nem inventeis expedientes impuros que ultrajaes a mulher do vosso amigo. Aqui n'esta alma, senhor, ha a nobreza do filho do povo. Não vos imponho a minha dignidade como marechal. Estaes fallando com um servo mercenario de França, que deve umas dragonas ao seu valor, e pisou aos pés essas dragonas, julgando-se ainda assim muito honrado sem ellas.

«Eu não quiz ultrajar-vos, Lacroze. Acreditae que não senti ainda uma affeição tão ardente por outro homem. Tenho, porventura, instado de mais em comprehender-vos, porque vos quero poupar a um desenlace funebre, quero velar a honra de um amigo, interesso-me em que a duqueza se emancipe de um jugo de ferro que a traz de rastos; quero, emfim, salvar-me de

uma imputação infame, que me será o premio dos serviços que vos fiz, se o desfecho d'este enredo extraordinario for tal como eu o prevejo.

«Que prevêdes?

«Que sereis fraco ao pé d'aquella mulher. Que vos allucinareis quando ella estiver perdida. Que a forçareis a morrer involuntariamente.

«Não morrerá. A sua vida hade irradiar-se por tudo que a rodeia. Eu viverei d'ella tambem, com a consolação de lhe ter sido um irmão, quando devêra, segundo a ordem do mundo, ser-lhe um algoz.

«Tencionaes conviver muito com ella?

«Todo o tempo que eu possa. Virei a Angoulême de mezes a mezes, e procural-a-hei como se tivesse n'ella o resumo de todas as affeições, que perdi pae, mãe, irmãs e amigos.

«E n'essa convivencia, não receaes ser conhecido pelo duque?

«Não, visconde: ninguem me conhece; e quando me conhecessem, o duque de Cliton estender-me-ia a sua mão, dizendo: «E's um infeliz honrado.»

«Vêdes as cousas pelo melhor prisma! Eu sou pessimista, supposto que a experiencia me não tenha feito mysantropo.

«Quando este prisma se quebrar, o fio que me prende á vida quebrará tambem. Deixae-me revaslar ao abysmo por um desfiladeiro de rosas. Tenho saldadas minhas contas com o mundo. Espero a convicção de que tudo se acabou para mim. N'esse momento, a noticia da Gazeta Nacional será a preexistencia do suicidio do corpo, que a alma já não existia, quando me noticiaram morto.

«E não vos peza a deshonra da deserção que vos imputam?

«Já me não peza nada. Quem não tem brios para acolher os loiros, já os não tem para se doêr dos insultos immerecidos. Deixae cair essa nodoa na minha face. Um dia, e cêdo elle vem, o meu sangue a lavará. Terminemos a elegia, meu caro visconde. Por ultimo, fazeis-me um serviço que vos supplico em nome da vossa honra?

«Dizei, Lacroze...

«Não me descubraes.

«Por Deus! é necessario lembrar-me a minha honra?!

«Dou vos direito a que me digaes: «Abandonae Cliton», no momento em que virdes a duqueza necessitada d'esse meu sacrificio. Heide obedecer-vos, e vós me dareis um derradeiro abraço com as lagrimas nos olhos.

«Acceito a condição; mas não basta essa... Não direis nunca á duqueza que eu vos conheço nem uma só palavra que lhe suscite uma desconfiança.

«Vêde que tenho de mentir, cavalheiro.

«E eu não minto ao duque? não minto a ella: não desminto o meu caracter, occultando o vosso nome perigoso?

«Tendes razão... Mentirei, visconde! Farei mais não me aproveitarei da vossa hospedagem. Virei de Angouléme a Cliton. A nossa convivencia ser-vos-ia desairosa, se uma imprevista fatalidade acontecesse. Acceitae esta terceira condição.

«Não acceito, porque continuo a receber-vos, perante o mundo, como Luiz d'Auvergne, e perante a minha consciencia como um digno amigo.

....

XXX

A duqueza de Cliton passeava no jardim, quando Ernesto Lacroze atravessou a alameda.

O duque vira-o chegar da janella do visconde, e saíra com o seu amigo, maravilhado de não ter sido primeiramente procurado.

Branca viu Lacroze: quiz refugiar-se nos caramanchões, sem pensar no fim da fuga. Lacroze tambem a vira e apeou. Sereno e respeitoso como quem, pela se-

gunda vez, encontra uma pessoa, como a duqueza de Cliton, caminhou para ella.

Branca mal se sustinha. Desmaiada de uma alvura mortal, mais transparente ainda que a da estatua em que encontrára um apoio, acceitou, tremendo, a mão que se lhe offerecia, tremula tambem.

«Não devo perder um momento, senhora duqueza. Estamos sós... Ninguem nos escuta? — disse elle, olhando em redor.

«Ninguem...

«Tendes comprehendido o que eu quero ser para vós?

«Um amigo...

«Um amigo... justamente um amigo... Não vos accuso, porque vos não amo, Branca de Clermont. Não vos accuso, porque não tenho direito algum para tanto. Sei que fostes um anjo, e a Providencia, que vos fez martyr, quer que eu seja o vosso juiz. Não vos encontro culpada. Ninguem faria mais do que fizestes. Honrastes com um soffrimento continuado as cinzas de Ernesto, que julgastes morto. Sei-o, Branca; não preciso que as vossas lagrimas m'o digam. Nenhum homem foi mais amado que eu. Violentaram-vos a rossar-me nos labios a esponja de um fél em que encontrei doçura. Se vos esqueci... se a vossa imagem se desvaneceu no dia em que me vi sem alma, é porque a mão de Deus interveiu no grande heroismo, que deviamos praticar, vós morrendo mil vezes, e eu morrendo uma só. Foi a mão de Deus que me susteve o braço: não me suicidei, porque era necessario que eu viesse dizer-vos: «Branca, não tenhas remorsos; morri, perdoando-te.» E quem vol-o viria dizer, senhora duqueza!? Ninguem, porque a minha exclamação não subiria do coração aos labios, que morreriam honrados pelo segredo... Vim eu... Pedi á morte uma espera de alguns dias... Foi generosa, porque me tem suspenso pelos cabellos... Concedeu-m'os... Está na vossa presença o homem que a sociedade insultaria se o conhecesse. O algoz, que vos perseguiu talvez na sombra pavorosa de um espectro, vem aqui pedir lagrimas de piedade e não sangue. Choraes... pois sim; mas sejam es-

sas as ultimas lagrimas. Ao pé de um amigo não se chora. O amante já não existe. O amor é impossivel entre nós. Não receeis que uma vingança infame, um plano vil venha um dia infamar estas palavras... Branca... o coração não vos diz que tendes diante de vós um homem que não póde trair-se?... Respondei...

« Acredito-vos, Ernesto...

«Pois então encontrei a felicidade, que persigo desde a infancia... A fé, a crença, é tudo que podieis dar-me... Eis aqui o primeiro momento feliz da minha vida!

«Que tencionaes fazer, senhor?

«Que tenciono fazer!...

«Não receaes ser descoberto, e... depois... affrontado, calumniado... no innocente fim, que vos traz aqui...

«Não receio...

«E depois... fallastes em suicidio... suicidio, meu Deus!... Não fareis tal, Ernesto!... Pede-vol-o uma amiga... Não consentirei... Deveis viver... Não sei o que vos digo... Tenho mais animo do que é possivel... A mão occulta de Deus... devo crêr que me ampara n'esta vida... não sei para que martyrio... com que devo ganhar o céo... Ernesto... meu marido... brevemente aqui estará... Viu-vos entrar... Por quem sois... nem uma palavra que vos denuncie... Eu tremo por vós!... de mim... á custa de soffrer, estou esquecida... sinto dobrarem-se-me os joelhos diante de vós... Sois um homem que tem a visivel protecção do céo... Não sejaes nunca indigno d'ella... Não falleis mais em suicidio... Olhae que ha na terra um dom superior a tudo... é a amizade... Dou-vol-a, porque posso... porque não é crime... porque morreria, sorrindo ás injurias, se tivesse de ser apedrejada, porque vos estimo... Era impossivel não vos estimar, Ernesto!... Não posso... Entremos em casa... Eu preciso de repoiso, antes que meu marido entre... senão, atraiçôo-vos.

«Vejo que vos atormento, senhora... Vae-me fugindo o instante de gozo... A vossa perturbação manda-me retirar... Não podereis nunca ver-me como se vê um amigo, sem mais precedentes que os da amizade... sem outros comprimissos, que não sejam os de uma sympathia immaculada?...

«Poderei... heide poder... não vos retireis, sem que eu fique na certeza... de que sereis feliz... vivendo para o amor de um anjo, que vos mereça sacrificar-lhe a amizade de Branca... vossa irmã... porque eu não posso ser outra cousa... meu Deus!

«Não me deis explicações dos vossos deveres, duqueza. Acabae de ver a minha alma... Se um dia me fallardes de um amor renascido do que morreu ha um anno, heide repellir-vos... Se fosseis mulher fraca, das que não podem confiar em si, Ernesto seria a fortaleza do vosso pundonor... um olhar d'elle queimaria de vergonha a vossa face...

«São palavras novas para mim... mas eu vol-as agradeço, Ernesto...

O marechal Lacroze entrou n'uma sala. Branca separou-se, occultando-se aos olhos das criadas. Fechou-se no seu quarto, para enchugar os vestigios das lagrimas, e ellas rebentaram-lhe mais copiosas.

«Valei-me, Deus de misericordia!» — exclama ella, abafando os soluços, que a não deixariam, momentos depois, mostrar-se serena na presença de seu marido.

Lacroze respirava em ancias de uma felicidade, incomprehensivel para os que a não tiverem encontrado á beira da sepultura, cavada pela mão suicida.

Um quarto de hora depois entrava a duqueza na sala. Trazia a filhinha ao colo. Lacroze, com um sorriso de extremo affago, tomou-lhe dos braços Elisa. Beijou-a. Mirou-a com expressão de amor. A criancinha sorriu-lhe e balbuciava os primeiros sons com que se entra na vida. O duque de Cliton veiu encontral-os n'esta situação, e riram-se-lhe os olhos de prazer de pae, quando viu o hospede embebido nos risos innocentes da criança.

«Bem vindo, cavalheiro. Vi-vos entrar. O visconde que estâva commigo, vem ahi. Já sabia da reforma capillar que fizestes. Gostava mais de vos vêr com o vosso bigode meio grizalho, e com vossa cabelleira de jornalista revolucionario.

«Cortei o bigode e a cabelleira, para evitar trabalhos e mortificações ao vosso doutor.

«Pois augmentastes-lh'os! O homem viu-vos hontem,

e appareceu aqui a transpirar bagas de suor e de espanto! Não póde conceber a causa da amputação que fizestes á cabelleira no seculo que saúda o reinado do grande rei, como elle diz em estylo de chronista.

«Sou o perseguidor inexoravel do pobre medico! Cuidando que o folgava de estudiosas canceiras ácerca dos cabellos hereditarios, augmento-lhe a inquietação do espirito! E' minha victima o vosso medico, senhora duqueza. Que entendeis que eu deva fazer para dar-lhe uma plena satisfação dos meus actos?

«Concordae com elle...

«Em que a medicina explica perfeitamente os cabellos brancos...

«Justamente, e não andeis vestido á hespanhola.

«Pois até o mortificam os meus vestidos?

Vejo que estou debaixo das baterias epygrammaticas do illustre mestre em sangrias e tisanas! Prometto captar a sua benevolencia na primeira occasião...

«Tendel-a propicia, que elle ahi está na sala proxima...» — disse o duque, rindo muito. Branca, sorrindo, nunca fôra tão bella. As rosas da face tingiram-se-lhe sobre o pallido coado. Os olhos reflectiam extraordinaria alegria, transição mysteriosa que será sempre um problema como muitos outros phenomenos do coração da mulher.

«Com effeito, entrava o medico. Deu de face com a seriedade comica do supposto d'Auvergne, e franziu a testa, piscando os olhos esverdeados e felinos.

«Bellas apparencias, senhora duqueza! — disse elle, congratulando-se da cura. Vejamos o pulso... Como passou o senhor d'Auvergne, desde hontem?

«Por emquanto, meu caro senhor doutor, á prova de medicina.

«Isso é bom. E o espirito á prova de soadoiros lacrimosos?

«Esse soffre, na supposição de que vos tem sido causa de profundas cogitações scientificas. Os meus bigodes, os meus cabellos, os meus trages aragonezes molestam a vossa curiosidade, e eu soffro, tornando-me causa de inquietações, dignas de melhor assumpto.

«Pois, senhor d'Auvergne, eu perdôo-vos o mal que

me tendes feito, se me disserdes que affecção moral vos embranqueceu o ex-bigode, porque trago entre mãos um *Tratado das paixões*, e poderia com a vossa noticia enriquecel-o muito.

«Eu vos digo, senhor, o que é verdade, a respeito dos meus cabellos brancos, que são outros tantos alfinetes que vos picam a curiosidade scientifica. Quando meu pae morreu, foi aberto o seu testamento. Encommendava a sua alma a Deus, perdoava aos medicos para que Deus lhe perdoasse, e acabava por me fazer herdeiro dos seus cabellos brancos. *Ergo*, como diz o dr. Thomás Diafoirus, os meus cabellos brancos são hereditarios. Honra, louvor e gloria, á vossa explicação, doutor!

O ornamento medicinal de Angouléme mordeu o beiço inferior, e não achou de prompto epygramma condigno. Branca sustinha o riso para não vexar o doutor desmastreado. O duque, porém, fazendo côro com o visconde, que acabava de chegar, ria desentoadamente.

Lacroze proseguiu n'outro tom:

«Creio que sois um sabio, doutor. Acabo de presenciar, na cura prompta da senhora duqueza, o triumpho da medicina. Não posso esconder a veneração que me inspiram as vossas cãs e a vossa sciencia. Quero fallar-vos com a seriedade que se vos deve, supposto que a feição predominante da vossa afortunada indole é a galhofa. Quero-vos para o numero dos que me vêem pelos olhos da benevolencia, e não d'aquelles que me observam pelos da satyra maliciosa. Se quereis effectivamente escrever o *Tratado das paixões*, eu felicito desde já a minha patria, porque vae ter um excellente livro, e o coração humano um verdadeiro interprete. Se o meu depoimento, em artigo de cabellos brancos, vos interessa, escrevei lá, doutor, que encontraste um dia um homem que chorava, quando os outros riam: que velava quando os felizes sonhavam: que aberrava dos attributos da mocidade, envelhecendo quando os outros floresciam. Se me perguntaes os effeitos psycologicos, a causa moral d'esta revolução physica, dir-vos-hei com a segurança do homem verdadeiro, que não foi

o odio, nem a ambição roedora, nem o verme da vingança impossivel, nem a perda de uma fortuna dissipada, nem a deshonra adquirida em habitos infames. Dou-vos uma simples palavra, que tem a significação de um grande livro: SAUDADE. Aqui tendes a minha vida, e o lemma que poderá um dia dar-vos a solução da minha morte. A saudade é, pois, um flagello que abre nas carnes estes sulcos que vêdes. As lagrimas não contidas no coração, caem dos olhos, d'onde a luz vae fugindo, ao passo que a noite infinita da desesperação vem descendo. Onde ellas caem, nunca mais viçou a flor da alegria. A lividez da velhice extemporanea nunca se confunde com o inverno da vida. Estou que a alma é o relogio onde batem as horas que marcam a decadencia do homem. A caducidade é a corda que estalou. Acreditae, doutor, que a vida eterna é o marmore amassado em lagrimas, quando a respiração dentro do peito é tardia, o sangue é frio nas arterias, e os archejos do coração são violentos como os lampejos de uma luz que se apaga. Não sei fallar-vos a linguagem da sciencia; mas a verdade rude, como eu posso dizel-a, é esta. Ficareis, porventura, fazendo de mim o juizo injusto que vos teem merecido as minhas excentricidades?

Ouviam-no todos commovidos. As lagrimas irresistiveis que chorava Branca, tinham desculpa. A sua verdadeira significação quem melhor a conhecia era o visconde. O duque ouvira-o com a seriedade melancolica do dorido que vae nos vôos expansivos de uma dôr alheia. A sympathia por aquelle homem, lançava-lhe raizes no coração cada vez mais fundas. Era assim que elle precisava encontrar um confidente, porque o visconde, seu unico amigo para a confidencia de dissabores mysteriosos, não o comprehendia bem, ou não tinha no coração a ferida que recebe o balsamo das alheias penas.

O proprio medico tambem sentiu um extraordinario dó pelas tocantes confissões do cavalheiro d'Auvergne.

E' que a solemnidade dolorosa com que eram ditas, impunha uma respeitosa attenção á propria incre-

dulidade, ao resfriado coração do medico, que se conhece respeitavel a pathologia do corpo, ao cynico de risos injuriosos, que perverteu o espirito entre perversos, ou achou-se sem alma para conceber o soffrimento nobre.

A' pergunta de Lacroze respondeu o medico:

«As vossas excentricidades, cavalheiro, têm uma dolorosa significação. Não quero entrar n'ella, porque a tenho adivinhado. No principio da vida tivestes uma esperança: morta, como todas, ficou a saudade. A saudade não coube na alma que a recebeu. O vaso quebrou se, e a saudade ficou, alimentando-se nas lagrimas... e depois... já agora deixae que o velho acabe o seu recado, fallando a linguagem da infancia... e depois as lagrimas exhauriram-se; a flor fanou-se; e as faces do homem myrraram-se com ella. Parece que vos vejo admirada da elevação poetica dos meus cincoenta e cinco annos, senhora duqueza! Olhae que eu nem sempre fallei em causticos, decoctos e sangrias. Tambem tive coisas que se não davam com a medicina; mas vi o meu amigo Gilbert morrer no Hotel Dieu; meu pae tinha visto morrer de fome Malfilatre; e entendi que esvoaçar nas regiões do ideal era cair no lençol da misericordia, deixando lá em cima todos os folegos do coração de poeta. Embruteci-me por um esforço de vontade. Fiz-me medico para matar illusões sobre a discussão de um cadaver. Despi-me das galas emprestadas pela natureza, que abandona os excellentes filhos que produz, e vesti a sotaina de aprendiz de uma sciencia, que ainda hoje é para mim uma sinecura, com muitos cuidados para a consciencia. Ora, senhor d'Auvergne, aqui tendes a minha biographia em troca da vossa. Perdôo-vos os epygrammas saborosos com que vos desforçastes, e perdoae-me vós os reparos inoffensivos que as vossas lagrimas, as vossas vigilias, e os vossos bigodes brancos me suscitaram indiscretamente.

A intimativa melancolica do doutor causou pasmo ao duque, affeito a julgal-o um homem todo arte, todo materia, incapaz de entender enfermidades do espirito, e enfatuado das suas zombeteiras allusões.

Estabeleceu-se a boa harmonia entre o doutor e

d'Auvergne. Passaram algumas horas em conversação de sentimento. Branca, reanimada pela confiança, e superior aos presentimentos funestos que a cada instante, a intristeciam, fallou com a alma tambem abalada, mas com o juizo necessario para a não deixar expandir-se em sinceridades molestas a seu marido.

D'Auvergne, horas depois, quiz retirar-se. O duque impediu-o com extremos de bom amigo. Sentou-se á meza de Branca, ostentou uma alegria de um parente, no seio de sua familia, longo tempo separada, e experimentou accessos de prazer a cada prova que a duqueza lhe dava d'uma doce quietação de espirito.

A' hora do crepusculo, passearam juntos no jardim. Despediram-se, cerrada a noute, com a condição de se reunirem, no dia seguinte, para um longo passeio a cavallo. Branca não desfez o prazer do duque. Era a primeira vez que se prestava, sem ser rogada, a esse gôso. A infeliz cavava insensivelmente uma pá de terra no seu abysmo. O visconde de Armagnac, tambem convidado, ia mais longe com a vista penetrante do pressagio, e via la uma nuvem.

Fizeram o passeio aprazivel. A duqueza ia risonha; o duque, animado com a conversação agradavel do seu hospede, sempre triste, não tinha cousa que mais occupasse o coração fascinado pela eloquencia da dôr, pelo talento que se impunha com modestia, fazendo-se apreciar em cousas do espirito, sómente.

Alguns minutos, Lacroze foi a par de Branca. O visconde e o marido, para fatigarem os cavallos inquietos, galopavam n'uma esplanada.

«Dizei-me que sois feliz, Branca!—disse Lacroze com vehemencia.

«Quanto posso sêl-o nas minhas circumstancias.

«Está tranquilla a vossa alma?

«Está.

«Nada receaes de mim?

«Nada... nada receio...

«Conseguireis ter em mim a segurança de irmã?

«Hei-de conseguir.

«Não a tendes por ora?

«E' cêdo ainda... o coração por em quanto sonha...

Será uma fraqûeza... mas que quereis? Eu sou Branca de Clermont, e vós sois Ernesto Lacroze... Não sei que mais possa dizer-vos...

«Isso é muito... Mas é necessario que essas duas pessoas não existam, Conheço-vos, apenas, duqueza de Cliton, ha menos de trinta dias. Vós conheceis d'Auvergne, não ha mais tempo. Não nos convem outra situação...

«Decerto, não... Jurovos que não é preciso lembrarme a situação que me convem.

Voltou o duque, soffreando as redeas ao cavallo indomavel. O visconde, a par com elle, trazia os olhos fixos na physionomia purpurina de Branca.

Recolheram a jantar. O duque instou com o hospede para que pernoitasse alli, como prova d'uma eterna alliança d'amisade. Esta prova, tão pequena, para tamanha alliança, pareceu mysteriosa a Lacroze. Não sabemos o que elle prophetisou deste facto, realmente impossivel, apesar dos desejos d'elle. Achou no convite uma ingenuidade patriarchal. Reparou na duqueza, que não póde occultar uma oppressão afflictiva como um vaticinio de maior desgraça.

Para Lacroze o vinculo de taes relações não lhe instigava o escrupulo da deshonra: mas para a duqueza havia alli alguma cousa atrozmente infame para a que fôra amante de Lacroze, e era hoje esposa do homem, que acolhia com innocente affecto o que fôra seu rival, e poderia, na opinião do mundo, ser tambem hoje... A palavra era horrivel! Nem a imaginação da infeliz senhora podia concebêl-a!

A' meia noute, Lacroze recolheu-se ao seu quarto. Recopilava as sensações do dia. Pedia ao futuro illações do presente. Calculava os abalos que poderiam accordal-o do extasis feliz. Julgava-se feliz. Julgava-se só, só, debaixo do tecto de Branca, para saborear algumas horas de remeniscencias acerbas, á mistura com as emoções suavissimas d'aquelle dia.

Foi interrompido por uma voz:

«Estaes ainda a pé?

«Sois vós, duque? Entrae...

XXXI

«Imaginei isto mesmo....—disse o duque—Lembrou-me que o somno vós não visitaria, segundo o seu costume, e, como bom hospedeiro, venho trazer-vo-l-o. Quereis conversar, d'Auvergne?

«Conversava comigo, por não ter com quem... Calculae quanto me será agradavel a vossa companhia!

«Acreditaes que sou vosso verdadeiro amigo?

«Taes são as provas de estima, que não posso duvidar...

«Não citeis provas de estima. Tenho sido comvosco delicado, e mais nada. A amisade, qual eu a sinto, significa-se com outras provas... Um verdadeiro amigo não é o hospede que recebemos em nossa casa, que sentamos á nossa mesa, e agasalhamos nós nossos lençoes. O verdadeiro amigo é o confidente que recebemos no coração. Estes são muito raros. O accaso deparanos um: ao passo que nos esforçamos inutilmente se o procuramos. Um tal amigo, ao menos para mim, hade ter soffrido muito, hade ter perdoado todas as affrontas, hade ter bebido um caliz de fel, sem gemer uma queixa. Sois vós. E, depois, ha mais alguma cousa a desejar n'um verdadeiro amigo. Querolhe a intelligencia, para saber, com a historia do coração extincto, arrancar lagrimas áquelles que ainda tem alguma. O soffrimento do imbecil tem a inercia que não commove, é surdo para os gritos alheios, é esteril de consolações para si e para os outros. Vós tendes uma historia de infortunios, e uma eloquencia apurada n'elles. Se não tendes coração, ficou-vos o que Deus não tira ao martyr: é o poder do exemplo para o martyrio. Dizei-me, agora: não vos sou repugnante? Podeis ser meu amigo, sem desmentir com o tempo que hoje me digaes por uma simples formalidade?

Lacroze luctava com a honra para responder. O seu silencio era um golpe, uma quasi affronta ao desafogo do duque.

«Vou responder-vos, não sou indigno das vossas confidencias; mas se me perguntaes se me sinto pela amisade extrema com direito a ellas, respondo-vos que não. Eu não posso ter amigos. Para estes ha muito a dar do coração... Já vol-o disse: não tenho já o estimulo que gera as sympathias imperecedouras...-Posso ser para o duque de Cliton um cofre dos seus segredos: mas não ousarei nunca mentir-lhe propondo-me como seu amigo, com as virtudes indispensaveis a tal parentesco. Um verdadeiro amigo não é só o homem que soffreu, e diz com palavras commovidas a sua historia áquelle que pode contar-lhe outra. Energia d'alma, sentimentos vividos, sympathia ardente, riquezas do coração são essas as que retribuem uma confidencia. Se as procuraes em mim, duque, eu não as tenho. Depois que principiei a respondervos sinto-me tocado d'uma sensação estranha. Entre mim e vós, ha alguma cousa mysteriosa que nos repelle... Se me julgaes extraordinario, prestae ouvidos a este prejuiso... Nunca tivestes nenhum?

«Muitos... acredito até que elles são uma forçosa condição da desgraça...

«São: digo-vos que são... Mas, ouvi, duque... Esperae... E' possivel a ressurreição da crença, que eu sinto ás vezes, estremecer no seu sepulchro... Revivirá um dia? Ha phenomenos! O vosso contacto... pode ser que me salve... Se eu poder ter um irmão, sereis vós.

«Não me surprehendeis, d'Auvergne... Estaes no vosso caracter... Consenti, porém, que eu vos chame amigo, em quanto não posso chamarvos irmão...

«Pois, sim... Vêde que a resposta é accelerada... Eu ouço em mim a profecia d'um milagre... Nunca me julgareis indigno de qualquer revellação... Sois desgraçado, duque?

«Sou.

«Tambem uma saudade?

«Não...Uma paixão recebida com despreso... e depois acolhida com piedade...

«Mas *acolhida*... Que mais querieis?

«Uma alma que se queimasse no fogo da minha... um sentimento que achasse fria sempre a adoração que eu lhe consagrava... uma mulher ambiciosa dos meus carinhos... queria encontrar um delirio onde achei uma reflexão de gêlo... uma zombaria, que não era um riso injurioso: mas, peor ainda, eram lagrimas saudosas por outro homem...

«E esse homem opprimia-vos com o seu triumpho?...

«Não. Esse homem soffreu tambem por sua mulher... julgou-se atraiçoado... e suicidou-se. Ouvistes fallar do suicidio do marechal Lacroze?

«Ouvi; mas tambem fallam d'uma deserção.

«Não creio n'ella. Lacroze não desertava; morria de uma bala, ou inclinava-se na ponta da sua espada, que não era capaz d'uma infamia.

«Conhecestes Lacroze?

«Uma vaga recordação deste nome. Militou comigo no Egypto. Levantei-o ferido no assalto de Alexandria. Foi elle que me recordou este facto, porque eu levantei tres officiaes feridos, e não sei qual era Lacroze.

«Foi elle que vol-o recordou! Tivestes portanto occasião de vêl-o depois da conquista do Egypto.

«Vêl-o não... Escreveu-me, ha um anno, pedindo o meu patrocinio para voltar á França. Fui, apenas li a sua carta, ao imperador. Consegui a licença, obtive a promoção desse homem, que eu não conhecia como meu rival, fiz que a sua familia recebesse seis mil francos por anno; mas fui atraiçoado! Lacroze não voltou á patria...

«Pois se fizestes tanto em favor d'esse homem—interrompeu Lacroze violentando com impossivel serenidade os assaltos do coração denunciados no semblante — não tendes a consciencia de terdes feito quanto podieis?

«Tenho; mas as torturas d'aquelle homem pezam-me, porque fui eu que quebrei os vinculos que prendiam desde a infancia dous corações! Fiz dous entes desgraçados, sem aproveitar um instante de felicidade.

«Imaginae, snr. duque, uma hypothese que pode aliviar o vosso pesar, parecido com um remorso, mas que não deve passar de compaixão... Imaginae que Lacroze valtava á França, e não tinha a honra necessaria para renunciar os seus direitos ao coração d'uma senhora

casada, que lhe prometlera não o ser... Por ventura, fizera-lhe ella tal promessa?

«Fez.

«Pois bem; imaginae que esse homem encontrava no coração da snr.ª duqueza disposições para o crime, e, vilmente vingativo ou cegamente apaixonado, aproveitava o infame partido que a fragilidade d'uma mulher lhe dava.

«Essa hypothese é atroz!

«E'; mas nem por isso deixa de ser trivial. Dizei-me, senhor: qual das duas situações escolherieis: a real, ou a imaginaria? darieis pelo remorso de ter desligado duas almas a deshonra de ser punido vendo-as outra vez ligadas?

«Ligadas!... não!... havia de separal-as com um punhal!

«Terieis, depois, o remorso do assassino para consolar o da violencia ao coração da mulher que vos repelliu! confessae que serieis muito mais desgraçado!

«Incomparavelmente mais!..:

«Pois então agradecei ao acaso ou á providencia o suicidio do marechal Lacroze. Deixai-o dormir, que não accordará já mais para amaldiçoar-vos. A vossa honra, e a tranquillidade de vossa mulher precisavam do sacrificio d'esse homem. Foi elle o que se sacrificou? Que importa? Foi ao encontro da morte, quando ella caminhava para elle... Não é justificado o vosso soffrimento. Eu tenho, em poucas horas, presenciado que a duqueza de Cliton procura sempre a sua felicidade no vosso sorriso. Juraria que ella vos ama, por que me parece que vejo até ao fundo o seu coração...

«Ama!...

«Ama? Tendes disso uma convicção?

«Tenho.

«Santo Deus! que mais ambicionaes?

«Uma alma com que responder ao tardio amor de Branca...Eu tambem morri! Mataram-me despresos... e depois os remorsos... e ultimamente um desalento desesperado.

«Não tendes uma filha? Pedi áquelle anjo uma nova alma. Vivei muito para ella.... Pelo contacto com a in-

nocencia recuae aos vossos primeiros annos... Sêde supersticioso com a felicidade assim como o sois com a desgraça.

«Podeis muito, d'Auvergne! Ha um elemento estranho na minha alma... Principio a crêr que tendes alguma cousa sobrenatural!

«Não sonheis, duque! Eu sou um miseravel barro, amassado na lama, endurecido ao fogo do inferno, feito pedaços pelo calcanhar de todos, e esperando a minha hora de voar em pó do vento que leva da terra á memoria do justo, e do amaldiçoado... Snr. duque, tenho horas de profundo soffrimento... são as minhas infernaes intermitentes... costumo supportal-as em silencio... Concedei-me a franqueza...

O duque de Cliton comprehendeu-o. Apertou-lhe a mão que, não comprimiu a sua, e retirou-se.

Ernesto Lacroze não mentira. Attacara-o a vertigem d'uma demencia periodica. Os effeitos d'ella eram a immoralidade; mas o aspecto era terrivel. Não sabemos como essas agonias se dizem. Era uma sessão de duas horas; o preludio d'uma demencia eterna : a recordação do paroxismo que sentira todas as vezes que tentara contra a vida. Se punha a mão no peito é porque ahi sentia uma pontada que o não deixava respirar. A fysiologia explicará o fenomeno? não. Mas eu já vi, sobre um cadaver, as membranas d'um coração laceradas. Imagino que se dava esse trabalho de morte no peito ainda archejante de Ernesto Lacroze. Poderia responsabilisarme por esta idea perante a sciencia, porque a sciencia é o methodo de não saber nada, fora do tacto, da conjectura, e do mycroscopio.

XXXII

A affeição do duque a d'Auvergne, desde essa noite, converteu-se n'uma especie de idolatria, de cegueira, de

fanatismo! Fallava d'elle com férvido enthusiasmo a Branca, e deleitava-se escrevendo-lhe nos dias em que o não esperava.

As visitas de Lacroze eram frequentes. As do visconde de Armagnac eram menos assiduas que no principio. O duque explicara por um mal entendido ciume a irregularidade do visconde. Branca, porém, começava a suspeitar um mysterio, qualquer que fosse, nas faltas do seu constante hospede de todas as noites.

D'Auvergue fizera a sua residência nos suburbios de Angouléme, durante o outono, para depois continuar a sua peregrinação sem roteiro.

O duque instava-o para ser seu hospede: quizera interessar a duqueza n'este seu desejo, e encontrára uma resistencia que elle não soube explicar-se: «Querem talvez, privar-me d'um amigo, por que me vêem menos infeliz! Seria muito que me negasse este innocente goso quem me negou o coração!» Foi este o mudo juizo que o duque fez da reserva de Branca.

E a infeliz comprehendeu-o, adevinhou-o, e não balbuciou uma palavra em sua defesa. A presença de Lacroze era um prazer misturado de amarguras. Queria-o, ao pé de si, como irmão: mas a cada momento, desapparecia a bella chimera do parentesco ficticio, e vinha o amante desmentir as illusões do irmão. A's vezes, desejava-o longe de si, sem que uma fatalidade o impellisse; outras vezes, a idea de que era impossivel vêl-o sempre atormentava-a. Via-o feliz, julgava-o erradamente pela apparencia, e não queria contribuir de novo para a anniquillação d'um prazer sem macula. Desejava-lhe uma affeição, que o restituisse ao passado, e, ao mesmo tempo, ouvia, sem pezar, a consciencia que lhe dizia que para tal homem, era esteril o amor d'outra mulher.

No palacio de Cliton deu-se um baile, solemnisando os vinte e nove annos do duque.

Mulheres formosas, como anjos, reparavam com interesse na frialdade insociavel de d'Auvergne. A nomeada encarregara-se de celebrisal-o pela lingua liberal do medico, e pelos elogios do marquez de Alençon.

Era mysterioso, e triste. Estes dous attributos, tão importunos na sociedade com mulheres francas e alegres,

davam a d'Auvergne a importancia que não tinha o visconde que dizia tudo que sabia de si, e timbrava de ser o primeiro gracejador.

Lacroze, por informações do duque, sabia o apreço em que uma provocante bellesa de Angouléme o tinha. Por mais destincta em formosura, não levava vantagens sobre as outras, que o discutiam com censuras despeitosas, e acabavam por se confessarem reciprocamente que desejavam conhecer o homem celebre.

Lacroze suspeitou que o seu desdem poderia ser traduzido de modo que Branca fosse a victima. Estremando-a d'entre todas, para a simples cortezania do salão, e encontrando-lhe, muitas vezes, um olhar equivoco, e talvez commentado pela satyra das mais amestradas em intelligencia de olhos, Lacroze afivelou a mascara moral, e disse, sorrindo, ao duque, em presença de sua mulher, que não era insensivel ao olhar fulminante da languida viscondessa de Namur que viera de Angouléme.

A duqueza estimou esta resolução, que não ousava aconselhar-lhe, porque temia comprometter a sua dignidade, lembrando a Lacroze que a sociedade poderia reparar nos seus assiduos cuidados para com ella. Branca não queria, se quer, imaginar-se na posição d'uma censura. Revelando-lhe a elle similhantes temores era o mesmo que lembrar-lhe a calumnia como cousa possivel de realisar-se.

D'Auvergne achou um agradavel acolhimento. Os seus logares communs tinham um colorido original que não desmerecia o conceito em que era tido. Quando a fraze nubelosa e equivoca, trazida n'um incidente em que o assumpto era o amor, veio reanimar a eloquencia de Lacroze, os olhos da viscondessa elanguesciam, as palpebras como indolentes n'um spasmo de voluptuosa ternura accusavam uma paixão nascente, e a mão que se lhe offerecia para a dança meio lubrica d'aquelles tempos encontrava outra, que tremia, sem que o pudor significasse no rosto a puresa da sensação.

E a duqueza vira tudo. Sentiu descompassadas as pulsações no peito. Levou á face a mão para disfarçar o rubor do sangue, que lá subia em estos vertiginosos. Perguntou a si propria que sentimento era aquelle: e a

consciencia, austera sybilla que nunca mente, respondeu-lhe que era o ciume.

O ciume! Branca odeou-se n'aquelle momento. Outro momento se segiu, e reputou-se muito desgraçada. Veio, depois, a consciencia inexoravel, e disse-lhe ainda que a faisca saltara das cinzas, e que a sua virtude poderia ser incendiada.

Chamou o duque:

«Parece-me que o coração d'Auvergne está ressuscitando! Seria para nós uma gloria se a nossa salla fosse o sepulchro d'aquelle Lazaro! Admira, porém, que a viscondessa de Namur tenha o milagroso poder de ressuscital-o!

«Não o creias, Branca. D'Auvergne não pode amar. Conversa, porque a viscondessa tem ridicularias eloquentes, que entretem um homem que sabe interiormente rir-se dos outros, depois que tem chorado muito por si. Não o conheces ainda, Branca... Aposto que elle detesta aquella mulher...

«Não vês a animação com que ella o escuta?!

«Vejo, e não admiro. D'Auvergne força quem o ouve áquella animação. Em ti tenho eu visto admiraveis toques de pasmo quando o escutas. Não sou eu o mesmo?

A duqueza conteve-se, O que ella hia dizer era uma demencia. O anjo do infortunio inspirara-lhe uma idea maldita. Quiz encarregar o duque de levar-lhe, da sua parte, os parabens!

A virtude, porém, não podia gemer, muito tempo no coração d'aquella mulher entre as garras do crime. A reacção venceu. Branca, affastada da sala, chorou no seio de sua filha. Os labios, collados aos da innocencia, murmuravam uma oração, que devia ser ouvida no céo. A duqueza entrou, outra vez, na sala, e recebeu os costumados respeitos de Lacroze, sem um signal de fugitivo ressentimento.

O duque veio ao encontro de ambos.

«Posso dar-vos os parabens, d'Auvergne?

«Não zombeis com o infortunio, duque...

«Eu e a duqueza reparamos na vossa influencia sobre as requebradas visagens da viscondessa.

«E' uma excellente falladora. Tem o coração como não sei que flôr: arde assim que se lhe toca.

«E vós... sempre o Achyles das mulheres?
«Mas invulneravel em todos os tendões.
«Mas que fareis áquelle coração queimado?» — perguntou juvialmente a duqueza.
«Confial-o-hei aos cuidados do doutor. E' um grande estudo, que elle ali tem... São duas horas, duque...
«São duas horas... ah!... sim... comprehendo-vos...
«Adeus... snr.ª duqueza, tende um feliz dia...
«Retiraes-vos?
«Se não mandaes o contrario.
O duque disse, a meia voz, a sua mulher:
«E' a hora da sezão... Não instes, que o violentas.
Ernesto Lacroze respirou nas trevas. Meia hora depois, entrou no seu sacrario de amarguras. Era um pequeno quarto onde as lagrimas corriam sem testemunhas.
E ao mesmo tempo, a viscondessa das pupilas languidas tomava o braço á duqueza, e convidava-a a passearem n'uma sala desoccupada.
«Minha amiga—disse ella—a vossa amisade, e o meu coração authorisam-me a uma confidencia...
«Fallae, minha amiga.
«D'Auvergne, é um homem perigoso»... Branca estremeceu. A tibia luz da sala não a denunciou. E a viscondessa proseguiu:
«Não concordaes que d'Auvergne é um homem perigoso?
«Não sei o que chamaes um homem perigoso! Eu acho que elle é um cavalheiro digno de toda a confiança, e quem lh'a der não corre perigo.
«Não me entendeis, duqueza... Quero dizer que se é impellida para elle por uma força irresistivel. Não ha segurança de corações, se elle quizer inquietal-os... Entendeis?
«Entendi, viscondessa.
«Não é preciso dizer-vos que o amo.
«Não é preciso, decerto...
«E tenho a modestia de confessar que o encontrei de marmore! E' um homem que diz, com termos delicados, a uma mulher: «não posso amal-a.»
«Sim? E deu-se comvosco esse desagradavel acontecimento?!

«Deu; mas aquelle homem não é o que representa. Ha muito amor n'aquelle coração Has-de fallar-me com sinceridade... D'Auvergne ama-vos?

«Viscondessa!» Branca recuou pallida, como se a viscondessa lhe desse uma punhalada traiçoeira.

«Não vos sobresalteis, minha amiga! Estas perguntas não deshonram, nem mortificam uma pessoa de boa sociedade. Acredito que não o amaes. Precisava desta convicção, porque sou a primeira a dar testemunho da vossa superioridade, e não tentaria nunca entrar comvosco em competencia... Minha amiga, a vossa agitação mortifica-me!... Que simples cousa vos faz soffrer tanto! A quantas perguntas semelhantes eu respondi nos bailes da corte em Pariz!

«Ereis solteira, viscondessa?

«Casada, minha querida duqueza... Parece que sahistes hontem d'um collegio de Urselinas!... Vejo que vos molesto... Vamos para a sala... d'Auvergne retirou-se, sabeis dizer-me?

«Retirou... senhora...

....

Separaram-se.

A viscondessa disse a uma sua amiga:

«Fiz agora uma importante descoberta.

«Sim? algum escandalo? Foram-nos tomados os nossos maridos?

«Não, penso eu... E' mais que tudo isso...

«Falla, que me tens sobre um vesuvio de curiosidade...

«Sabes quem faz inaccessivel o sombrio d'Auvergne?

«Não.

«E' a duqueza...

«Bravo! Como fizestes a descoberta? Surprehendestel-os beijando se em algum corredor como dous pombos maviosos?

«Não... consultei a duqueza, espinhou-se com a pergunta, fez caretas virtuosas, recuou um passo segundo as prescripções da tragedia, e deu-se ares de victima... Descobri o enygma.

«Queres roubar-lh'o?

«Será inutil: mas sabes tu... que o homem é fascinador como Lucifer? Hei-de perseguil-o! E' um capricho...

«Pois elle resiste-te, viscondessa?!

«Teve a petulancia de me dizer que o amor tinha cahido com os rabichos de Luiz XV, e que as mulheres casadas do seculo XIX não deviam inspirar-se da libertinagem da regencia! Que tal está o «Tartufe» !? O peor é que o amo satanicamente! Se em vinte e quatro horas não arrefece a lava, faço loucura.

«Qual?

«Eu sei cá! Declaro guerra á duqueza!

....

XXXIII

A viscondessa de Namur dava um baile oito dias depois. O fim era precizamente chamar, com pretexto honesto, d'Auvergne a sua casa.

Appareceram ahi o duque e a duqueza.

Deu meia noite, e d'Auvergne, que todos discutiam, não chegava. Perguntado o duque, respondia que se despedira d'elle uma hora antes em Cliton, e ficaram de encontrar-se alli. Branca respondia o mesmo ás intencionadas perguntas que a viscondessa mandava fazer-lhe.

E d'Auvergne não appareceu nunca. No dia seguinte um bilhete de visita e agradecimento era entregue á viscondessa pelo guarda portão, que o recebêra do cavalheiro d'Auvergne.

A viscondessa despedaçou-o, e rugiu, em todo o dia, imprecações contra o innocente marido.

A' tarde, estava o duque em casa d'Auvergne, cuidadoso da contrariedade que o privara do baile. D'Auvergne desculpou-se com uma forte febre, que o não deixava sahir. Na presença do duque, recebeu uma carta

anhilada da viscondessa, perguntando-lhe se um grave incommodo a privára da honrosa concorrencia do cavalheiro. D'Auvergne respondeu que sim, o mais respeitosa e laconicamente que lhe foi possivel. Mas o portador d'esta carta disse á viscondessa que vira o cavalheiro sahir com o duque, na direcção de Cliton. A colerica dama rasgou a carta de d'Auvergne, e vomitou contra o visconde, litterato pacifico e erudito que escrevia a historia da Revolução franceza, a segunda edição correcta e augmentada dos insultos. O visconde prestava-se resignadamente a bode expiatorio com tanto que lhe deixassem as noutes livres para cotejar os gravissimos documentos da sua historia. A d'elle foi escripta por um romancista francez, vinte annos depois.

A viscondessa de Namur tinha compromettido o seu amor proprio. Os seus lapsos tinham sido causados pelas reiteradas instancias dos pretendentes. O idolo fôra accessivel em ondas de perfume; e, agora, é o idolo que desce, e o pé despresador de d'Auvergne passa por cima d'elle. O amor, n'aquellas organisações, nasce da impudicia e morre com a saciedade. Não ha meio termo. Transigir com as circumstancias é enfurecer-se, é escandalisar, é odiar, sacrificando victimas á libertinagem offendida para applacar-lhe as iras.

Em quanto seu marido censura um grave erro sobre o systema financeiro de Luiz XVI, a viscondessa vem a Cliton, em ar de amiga saudosa, comprimentar a duqueza que se retirára do baile incommodada.

Encontra ahi d'Auvergne, e maravilha-se, comicamente, de encontrar alli o enfermo, que tantos cuidados lhe dera! Este seu espanto é misturado d'um sorriso perfido, e d'um relance d'olhos, que faz subir a indignação ao rosto de d'Auvergne.

Passou, repentinamente, a outro assumpto. Fallou de modas, das suas amigas de Pariz, dos desgostos de Josephina com o imperador, dos boatos a respeito de divorcio, da litteratura do dia, excepto da «historia da Revolução franceza» de seu marido, que, dizia ella, não entrava na litteratura do dia, porque era feita de noite. Ingrata!...

Ao despedir-se, não póde retrahir o fel. A duqueza

acompanhou-a até ao vestibulo da escada. Recebeu o beijo atraiçoado, que recompensou com repugnancia, e ouviu, quasi ao ouvido:

«Minha querida duqueza... tende cuidado na saude do cavalheiro d'Auvergne... não o demoreis muito, que as noites correm frias, e o ar da madrugada, supposto seja a brisa mais grata aos amantes felizes, não é das melhores temperaturas para as compleições melindrosas... Adeus, minha querida duqueza.

Branca ficou gelada. Immovel no logar onde a deixou a esposa do historiador da Revolução franceza, permaneceu ahi atrophiada como quem perdeu a consciencia de ser physico. Voltava o duque de acompanhar á carruagem a viscondessa, e reparou na transfiguração de Branca.

«Que tens?

«Nada... que posso eu ter?

«Qualquer cousa extraordinaria... diz, minha filha...

«Porque não hei-de dizer?... Esta mulher é uma infame mulher!

«Não o é ella ha muito?!... Ainda agora a conheces?

«Ainda agora... E' necessario que as nossas relações acabem hoje com tal mulher...

«Acabarão... Mas que é?... Que palavras te disse ella, escondendo-se de mim?...

«Que palavras seriam essas?... Foram palavras que me não esquecerão mais, em quanto eu tiver dignidade e pejo... Não me obrigues a repetir-t'as...

«Fallaremos, Branca... Eu não calculo qual foi o insulto... Vamos, que ficou sósinho d'Auvergne...

«Vae... mas deixa-me recolher ao meu quarto... Desculpa-me com d'Auvergne...

«Acaba de dar-se um caso extraordinario... — disse o duque a d'Auvergne — não sei o que a viscondessa disse á duqueza que a deixou n'um estado de stupor mortal! Recolheu-se, e pede-vos desculpa. Que haverá commum entre a viscondessa de Namur e minha mulher?!

«Sim... dizeis bem... que ha de commum entre a duqueza e a dissoluta?...

Lacroze tinha interiormente respondido com mais

precisão á pergunta do duque. Soffreu um golpe. Adevinhara tudo.

«Não sabeis — tornou elle — o que se passou entre ellas?

«Não... Diz a duqueza que não esquecerá as palavras que ouviu, em quanto tiver dignidade e pejo.

«Por consequencia, uma infamia!

«E accrescenta que acabaram hoje as suas relações com ella.

«Deve ter sido acerba a affronta!

«Sabel-a-hei...

«Não lh'a pergunteis.

«Porque?

«Não se póde exercer uma vingança sobre mulheres, como a viscondessa, impermiaveis á vergonha... Ignorae o que ella lhe disse... — Basta eu que o saiba...

«Vós?! por ventura sabeis...

«Sei, duque... Não conheceis a viscondessa?... Não vos constam os seus costumes?

«De mais.

«Quando se vos disse que ella se interessava por mim, imaginastes que a curiosa libertina me queria estudar pelo amor da arte, como o vosso medico?

«Não... calculei o que era...

«Já vos disse que recebi com despreso as franquezas d'essa mulher indigna das vossas salas?

«Já... Basta.. comprehendi tudo... Essa mulher suppõe que a duqueza é...

«Não continueis. Se sabeis tudo, callae-vos. Sobre a infame não póde estalar um chicote... não ha outra vingança airosa... Meu caro duque, a hora da deniencia antecipa-se hoje... Adeus.

N'essa mesma noute, Ernesto Lacroze recebia esta carta, sem nome, todavia revelando desde a primeira linha a pessoa que lh'a escrevera:

«Não posso crêr que o cavalheiro d'Auvergne seja o «homem que se ostentou de bronze no baile de Cliton.

«Aos trinta annos não se sustenta muito tempo a mascara, e a morte do coração é um embuste com que desviamos a attenção dos curiosos de sobre o objecto em que temos escravo o coração, com muita vida.

«Fingis o que não sois.

«Alguem se deixou arrebatar d'um amor delirante, e, tão alto subiu, que não póde cahir sem estrondo.

«Não é necessario dizer-vos quem sou. E' audacia, e indignidade até escrever-vos; mas o pudor succumbe ao despotismo do coração.

«Ha n'esta mulher uma grande alma. Odio e amor são os dous pedestaes que me tem servido de throno, alteando-me ao ponto donde tudo se vê e tudo se adivinha...

«Não vos digo que me deis uma escassa indemnisação a todo o amor que vos dou; mas quero que me avalieis d'um modo diverso d'aquelle porque se avalia uma mulher imbecil.

«Não morrestes, cavalheiro d'Auvergne... E, se morrestes, quem vos procurar o tumulo hade encontral-o no coração da *muito austera* duqueza de Cliton.

«Já vêdes que me sobra em esperteza o que me falta em encantos para seduzir-vos,

«E'-me caro este desengano; mas são raros aquelles que se alcançam sem lagrimas.

«Sabeis que me indigna a hypocrisia? Gosto da coragem no vicio, se por ventura é vicio o bem empregado amor da duqueza, e a bem estudada «tartufice» do cavalheiro d'Auvergne.

«Sê-de feliz; mas não vades aos salões apregoar virtude, como é d'uso no seculo que reprova, pela vossa bôca, as liberdades da Regencia.

«Deixae correr o mundo. Quando vos cansardes delle, entrae na Cartuxa, cingi os rins com o cilicio, e vinde a Angoulême declarar que se abriram as gargantas do inferno para as adulteras.

«Boas noites cavalheiro.»

Resposta.

«Devolvo a vossa carta, senhora viscondessa de Namur. Apresentae-vos com ella n'um bordel, e sereis admittida. As vossas companheiras hão-de ceder-vos a supremacia na immoralidade.»

A viscondessa não corou lendo a resposta; mas cho-

rou. As lagrimas do rancor devem ser amargas como as do impio que morre blasfemando! Eram assim as da viscondessa.

Deu um murro varonil sobre a mesa a que se encostara: murro foi esse que perturbou os estudos nocturnos de seu marido, e aguou-lhe o capitulo mais intrincado que versava sobre as notas diplomaticas da Austria com a França.

O visconde de Namur veio, contra o seu costume, syndicar a indignação de sua mulher. Foi recebido com uma descarga de insolencias que lhe fizeram tremer as cangalhas na baze do nariz. Retirou vergonhosamente. Pediu consolações a Clio. A musa estava surda, e o litterato, no auge da sua dôr, adormeceu antes da hora costumada, promettendo escrever um pampheleto, á laia dos de Gaulo Luiz Courier, em que provasse que nenhum homem sensato devia casar com mulher mais nova quinze annos, pena de não escrever tranquillamente a historia da sua patria. E vingar-se-hia, assim, de sua mulher, dando á França um primor de estylo, por essa occasião. *O' felix culpa!* O' indignação d'um marido que fazes proza!

Ressonava sinceramente o erudito, quando a viscondessa, rodeada de furias, inventava uma vingança, pedindo-lhe a inspiração condigna.

A primeira inspirou-lh'a um anjo bom: era o silencio. A segunda, e a terceira, e a ultima trouxe-lh'as o demonio como um presente que a fez sorrir de jubilo satanico. Era uma carta, duas cartas, trinta cartas anonymas escriptas ao duque de Cliton, vexando-o pela condescendencia infame com os amores de sua mulher.

Pegou da penna, e traçou as primeiras linhas. Mas o demonio astucioso lembrou-lhe que era cêdo para serem accreditadas as informações, visto que d'Auvergne lh'as attribuiria.

Conteve-se: esperou, e consolou-se calculando as consequencias do seu legitimo desforço...

No dia immediato, Lacroze foi a Cliton. O duque sahira a passeio. Branca não sahira ainda do seu quarto. Lacroze retirava-se, quando a duqueza lhe fez saber que se levantava para fallar-lhe.

A infeliz estava reduzida ao que era, quando Lacroze a viu, pela primeira vez, em Cliton. As horas da noute passada, contou-as minuto a minuto por accessos de atormentada febre. O colorido da saude, a serenidade do coração escripta na branda suavidade dos olhos e do sorriso, tinham desapparecido em algumas horas. Branca, na presença de Lacroze, não podia senão soluçar, quanto mais violencia se fazia.

«Que tendes, minha irmã?

«A morte... Lacroze!... Eu não posso assim viver... Deus me tire d'estas penas...

«Sei-as, minha querida amiga...

«Sabeil-as? Vejo que me denuncio a todo o mundo... Como é que sabeis este novo soffrimento, que eu quisera occultar de mim mesma?

«As ultimas palavras da viscondessa de Namur...

«Sim, sim; mas calai-as... Que mysterio, meu Deus!... Foi ella que vol-as disse, Lacroze?!

«Não, Branca... Eu sabia que essa infame, cêdo ou tarde, deveria dizel-as...

«Pois bem...eu não fui que a authorisei a dizer-m'as... Serieis vós?

«Branca!...

Lacroze erguera-se impetuosamente, livido, tremulo, desfigurado como deante d'uma fera, que lhe mostrava nas fauces a morte inevitavel.

«Ernesto! de que modo me encaraes!... Até vós!... Que mal vos fiz?... Não me comprehenderieis?... Eu não queria offender-vos.... lembrou-me uma loucura... imaginei que terieis dado áquella mulher uma esperança... uma palavra que a authorisasse a calumniar-me... Mas não é possivel... ella mesma me disse que vós a despresastes... quer vingar-se... e prova a vossa innocencia, vingando-se tão cruelmente... Perdoae-me Ernesto... Não olheis assim para mim...

A supplica era feita quasi de joelhos. As mãos de Branca apertavam com frenesi a de Ernesto. Da face d'elle desappareceram as sombras synistras, e nos olhos cavos brilhou um novo raio de luz, a reflectir-se nas lagrimas.

«Vós perdoastes-me, Lacroze...

«Branca!.. a nossa felicidade sancta, sem mancha, sem remorso... foi uma mentira... E' inevitavel o destino... Eis-nos aqui mais desgraçados que nunca... A nossa separação é uma força que nos vem d'um braço infame... um debil braço de mulher, que vem entre nós cavar a sepultura!...

«*A sepultura*!... que horrivel palavra é essa!...

«E' a predestinação, minha irmã!... O que será sem ti, a minha vida...Deixa-me perder um momento nos sonhos do meu passado... Não cores porque ouves dos labios deste homem a linguagem de ha sete annos... Será curta a illusão!.. deixa-me, em troca d'uma realidade atroz, estes momentos... E' um amor condemnado, Branca... eu sei o que é... mas não sei condemnar-me a mim. Tão pequena tem sido a expiação para que eu possa julgar-me impuro! Depois de tantos annos de martyr, haverá quem me rosse uma esponja de fel nos labios que deixam sahir a pedaços o coração! Não poderei eu dizer que te amo, se não tenho uma pequena culpa que me envergonhe deante da honra! Não poderei apertar a mão de teu marido, com a consciencia pura de que não ajunto ao descaro a ignominia!... Posso!... tu bem sabes que posso! Entro em tua casa com a serenidade no rosto; retiro-me dos braços do duque sem que o remorso me acompanhe; medito, noute e dia, a maneira de nos salvarmos d'uma imprevista fatalidade sem fugirmos pela porta da deshonra! E, com tudo, eu serei um infame, quando o meu nome se descobrir! A minha memoria seria execrada, se n'esse momento eu me atirasse á sepultura, como quem cumprira neste mundo a sua missão abominavel!...

«Lacroze!... podem ouvir-nos... Eu não entendo bem as vossas palavras... Deliraes, meu irmão?...

«Eu não deliro, Branca. Vê que vou fallar-te no tom do martyr, que caminha ao seu fim sem voltar a face ao mundo que deixa, e sem magoar com uma reprehensão os algozes, que vão matal-o... se é que elle não vem já insensivel para o cêpo... Queres palavras comprehensiveis?... Tens razão, Branca... No meu mundo falla-se uma linguagem que não é a d'este... Acabou tudo entre nós.

«Meu Deus!...» —exclamou a duqueza, erguendo as mãos em ar de supplica.

«Acabou tudo entre nós... deixa-me fallar uma linguagem simples... porque não podia durar mais tempo o engano. Eu menti, sem saber que mentia. Tu eras fraca, e acreditaste-me. Pedi-te a amisade d'irmã; não m'a negaste. Se te pedisse o coração, negar-m'o-hias; e se o passado viesse animar-te a ser uma esposa indigna, a estas horas, Branca, a nossa condemnação estava proferida, e o punhal de teu marido estaria sobre o teu coração, ou o meu punhal sobre o d'elle. Não haverá sangue, que não seja o meu. A victima ha-de necessariamente ser sacrificada. Aquelle que póde, sem infamia, partir d'este mundo... que parta. Sou eu.

«Lacroze!... que me matas!...

«Sou eu! e tu não morrerás, porque tens uma filha, que virá pedir-te as lições da desgraça; tens um marido que te deve merecer o amor, que as almas boas prodigalisam ao desvalido de todos os affectos. Julgaste-me, ha muito, morto. O duque de Cliton, tambem, já verteu lagrimas de piedade ao desastrado fim do marechal Ernesto Lacroze...

«Não, Ernesto, meu marido não te julga morto...

«Julga, e toda a França, excepto tu e o visconde de Armagnac me vituperou ou honrou a memoria... O que podias soffrer por mim, Branca, soffreste-o já...

«Não, Lacroze... eu não poderei sobreviver-te!

«Não falles assim... que me cavas um inferno aos pés... Vê que desvirtuas a nobreza da alma, que te não pertence, duqueza de Cliton. Tu não és a Branca de Clermont, que se atirava cheia de confiança, aos braços d'um tenente, aos vinte e dous annos tão escravo da virtude como aos trinta! Esse homem cahiu das esperanças, mas não cahiu da honra! Duqueza, queres outra vez a simplicidade d'um irmão que falla a sua irmã? Eu venho dar-te um adeus... O perigrino vem agradecer o gasalhado que lhe deram, e segue o seu caminho...

Branca sentiu a morte. Ergueu-se. Estendeu-lhe a mão gélida como a d'um cadaver, e murmurou:

«Adeus... Ernesto...

Lacroze lançou-se sobre uma cadeira. Inclinou a cabeça sobre o peito, que respirava em tumultuosos archejos. Não saberia elle dizer se vivia.

O duque de Cliton entrava na alameda, e perguntava aos creados se d'Auvergne ja tinha chegado. Respondendo-lhe affirmativamente, o duque apeou-se com velocidade, e subiu com vehemente alegria a abraçar o seu unico amigo, a realidade da unica imagem que sua alma guardava, a par da de sua filha. A situação, em que o vio, assustou-o.

«Que tendes, d'Auvergne?... A hora terrivel veio hoje de dia?

«Creio que as horas terriveis vão, d'hoje em diante, seguir-se umas ás outras, como os elos da cadeia que vae chumbar-se n'um tumulo.

«Coragem, d'Auvergne! Será preciso que eu me dê como exemplo em heroismos de infortunio?

«Não é preciso duque. Eu sou o mais corajoso dos homens! A vida peza-me. Tenho o valor necessario para sacudil-a dos hombros. Verdadeiro heroismo é isto!

«E eu tenho o direito de vos dizer que vivereis, porque em quanto existe um amigo, não se tem sobre a existencia um direito absoluto. Quem tem um amigo não se mata... Fallastes á duqueza? Talvez, não.

«Fallei, e despedi-me... Hia retirar-me, deixando-vos uma carta, quando vos ouvi os passos.

«Despedir-se! Póis d'Auvergne despede-se?!

«Sim, duque.

«Por quanto tempo?

«Não sei... por muito... para sempre talvez!

«Isto é incrivel! Parecieis-me ainda hontem menos infeliz! Ha aqui um mysterio! Entra n'este enredo á viscondessa de Namur!

«Não profaneis a lingua com esse nome... Os ouvidos tem um certo pudor. que se envergonha de tal nome... Não vos dou explicações.

«Eu não consinto que vos retireis sem dar-m'as. Vejo que a minha dignidade precisa d'ellas...

«A vossa dignidade dispensa-as.

«Não, d'Auvergne! Sereis o meu algoz, se me deixaes na incerteza. Se vos é violenta a explicação, respondei-me ás perguntas que vou fazer-vos: Diz-se que minha mulher é vossa amante?

«Dirá. Quem o diz é uma mulher perdida; mas a calumnia virá em seu auxilio.

«Retiraes para desmentir a calumnia?

«A calumnia não se desmente assim. Retiro para que o meu nome esqueça.

«Quereis convencer-me de que a vossa consciencia é superior á calumnia!

«Não posso.

«Podeis. Não partireis.

«E' uma violencia!

«E' um sacrificio que vos pede o duque de Cliton.

«E, se elle vol-o não fizer?

«Direi que d'Auvergne receou que o tempo revelasse as provas da sua infamia.

«Essa conclusão é d'uma injustiça original, snr. duque!

«Tambem vos não doû explicações. Optai!

«Não partirei. Agora, senhor, tendes vós coragem para affrontar a calumnia?

«Tenho-a: a coragem do despreso.

«Que chamaes vós provas da minha infamia?

«E' muito melindrosa a resposta. Se ellas apparecerem, hei-de mostrar-vol-as. Vinde dizer á duqueza que não partireis.

O duque chamou o mordomo, que atravessava um corredor:

«Dae todas as ordens para que d'hoje a oito dias se dê aqui um baile. Sabeis os convites do baile passado: todos, excepto o visconde de Namur.

XXXIV

Este baile foi um insulto á viscondessa de Namur. Não era elle necessario, para que a vibora medisse melhor o salto. A sua colera não carecia ser exacerbada.

Este imprudente passo do duque foi um degrau descido no seu abysmo. O boato dos amores adulteros da

duqueza corria já: os ciumes da viscondessa eram notorios; e a auzencia d'esta dos salões de Cliton confirmou as suspeitas.

Indagaram os curiosos se a regeição fôra do convite, se da convidada. Concluiram da verdade que a indiscreta duqueza se denunciara excluindo de sua caza uma senhora, ornamento da sociedade de Pariz, e acolhida com respeito nos salões do imperador.

A opinião publica decidiu-se a favor da viscondessa. Além das rasões allegadas, a respeitavel opinião apresentava uma de direito costumeiro: dizia que a viscondessa tinha sobre a sua rival a vantagem de não ser hypocrita. Estava decidido.

Estes boatos não chegaram aos ouvidos do duque, e soavam já em Pariz. Uma carta de Ricardo de Clermont, escripta a seu genro, recommendava-lhe que observasse de perto o procedimento de sua mulher com um tal d'Auvergne, da Picardia, viajante mysterioso que *achava muito bom para a sua saude o clima de Angoulême.*

O duque de Cliton queimou esta carta, e respondeu a seu sogro com estas palavras:

«Para que me não importuneis com uma segunda carta, digo vos que recebi a primeira. Vosso affectuoso,

Duque de Cliton.»

Ernesto Lacroze creára uma reputação de conquistador. O duque de Cliton collocaram n'o abaixo da resignada impudencia do visconde de Namur. Este, abstracto nas locubrações historicas nocturnas, não podia syndicar os actos «contemporaneos» de sua mulher. Aquelle, sem poder dispensar-se da honra com a litteratura, conduzia pelo braço o amante arrufado a sua mulher lagrimosa! Appareceram epygrammas em verso. O duque recebeu o seguinte em carta de Pariz:

Savez-vous comment à Cliton
On fait présentement l'amour?
Au lieu d'un aveu tendre,
Eh bien!
On commence par prendre...
Vous m'entendez bien...

Era uma parodia do epygramma de Blot á corte de Luiz XIV.

No correio immediato, recebeu outra carta de Marselha. Continha este epygramma:

Ao duque de Cliton:

A la cour et dans le salon
On dit assez ce que vous êtes.
Monsieur de Cliton.

A la cour et dans le salon
On dit assez ce que vous êtes;
Et quand on croit les affaires bien nettes,
Il ne faut-il point de tambour ni trompettes
Monsieur de Cliton.

Outros vieram, depois, sordidos, asquerosos, respigados nas torpes «Memorias» de Luiz XV, com applicação ás adulteras do tempo.

O duque não desabafava um gemido. Branca nunca lhe notou uma desigualdade. D'Auvergne ignorava a existencia d'estes infames papeis, esperando-os todos os dias.

Vieram, depois, as longas cartas, que ao mesmo tempo partiam de Borgonha, de Tulon, de Angouléme, de Nantes, e de Pariz. Eram variadas as lettras, mas o estylo o mesmo. Formigava n'ellas a phrase obscena, a satyra de alcouce, a licença desenfreada, a chocarrice ervada no veneno do impudor.

A viscondessa de Namur desenvolvêra uma prodigiosa fecundidade de expressão, recrutada nos corrilhos da taverna, e da enfermaria das mulheres dissolutas desesperadas com as dôres da putrefacção do corpo em vida.

Algumas d'essas cartas designavam a hora em que d'Auvergne entrava em Cliton, a hora a que sahia, os passeios que dera no jardim, a sós com a duqueza. Estes promenores, contados em ar de novidade importante, faziam rir o duque; mas este rir do infeliz era peor que as lagrimas. Lá muito no reservado do coração escon-

dia-se a vergonha. Se a face a não confessava, Deus sabe que tormentosa astucia o brioso moço, com todo o ardor cavalheiresco dos vinte e nove annos, empregava. A confiança em sua mulher existia; o abono das virtudes de d'Auvergne não fallira; mas a tranquillidade era mentirosa.

E Lacroze continuava as suas visitas regulares a Cliton. Raras vezes, porém, encontrára sosinha Branca. Esses encontros elle mesmo os prevenia, evitando-os. A duqueza abençoava o pensamento de Lacroze, que advinhara o seu. O duque reparava no melindre do cavalheiro, que accedera ao sacrificio de ficar, encarecendo-se com privações inglorias, e cuidados na honra alheia: sugeitando-se ao violento refens, em que se dera, da sua nobreza, um momento equivoca para o marido de uma mulher calumniada.

E a viscondessa de Namur desesperava dos seus ignominiosos expedientes.

O que a torturava agora, mais que o despreso, mais que a resposta de d'Auvergne á sua carta, era a opinião publica, a mãe de monstros em virtude e vicio, a matrona, sem nome nem morada certa, que hoje vos dá um beijo n'uma nodoa infame, e ámanhã vos escarra na face pura. Essa tal opinião, que dizem viver teuda e manteuda com a canalha illustre, supposto arrastasse pelos cabellos a duqueza de Cliton, não enthronisava a virtude da viscondessa. O que esta não queria era inspirar piedade, e a opinião publica, que respeitamos muito mas sómente aqui no espaço que a palavra occupa sobre uma tira de pessimo papel de costaneira, a tal, que por nome não perca. o mais que fazia em favor da viscondessa era compadecer-se, reputando-a repellida pela bota do cavalheiro, não saciada ainda das blandicias da formosa duqueza.

Este conceito ignobil viera aggraval-o um successo de que muito se fallou. D'Auvergne assistira a uma festividade em que o arcebispo de Angouléme solemnisava a solemnidade do arcediago, a que fôra elevado um irmão do marquez de Alençon.

A viscondessa estava aí, prostrada diante da cruz, devorando paginas d'um livro de capa de ouro, que mui-

los mancebos imaginaram ser o primeiro volume do *compadre Matheus*.

A' sahida do templo, Lacroze recebia do seu lacaio as redeas do cavallo. A viscondessa passára por diante d'elle algumas pollegadas, deixando cahir o livro. O lacaio de Lacroze curvou-se para erguel-o, e o amo bradou-lhe com azedume:

«O'lá! O meu lacaio não se curva diante d'essa mulher.

A viscondessa fez-se côr de açafrão. Em redor muitos ouviram o insulto, e ella apenas teve o seu proprio creado que lhe levantasse o livro! Nem uma luva lançada á cara do forasteiro!

Ernesto esporeou o cavallo, e não teve a delicadeza de pedir perdão do escandalo aos illustres primos da galante viscondessa.

Assim ultrajada, que vingança nova idearia esta mulher?

A' pergunta respondeu a noite que se seguiu áquelle dia.

Lacroze voltava de Cliton, onde o medico levára a noticia do acontecimento, e ouviu a detonação de dous tiros, a pequena distancia. Passou por aquella prova sem estremecer. Esperou, momentos, uma dôr, que denunciasse algum ferimento, e riu-se dos assassinos, e de si.

«Só eu tenho o poder de morte sobre mim!» disse, com a sua consciencia, e caminhou seguro, como se os dous tiros fossem uma salva de alegria á suá passagem.

No dia seguinte á tarde uma carta, entregue por um desconhecido, avisava-o, como de pessoa amiga, que o duque de Cliton resolvera mandal-o assassinar, porque tinha provas inequivocas da infidelidade da duqueza.

Lacroze não prestou, um segundo, fé á calumnia. Nunca elle supposera tão longe de suspeitas o duque de Cliton.

A viscondessa, sabendo que as relações continuavam inalteraveis, não descoroçoou.

Sabia que o duque de Cliton tinha um escudeiro, que tractava com distincção, porque o conhecera desde pequeno em casa do marquez de Luso, «seu cunhado».

Empregou pequenos esforços por chamal-o a sua

casa, e conseguiu convencel-o de que se tractava de salvar a honra de seu amo, desenganando-o a respeito do desleal procedimento d'um falso amigo que recebia em sua casa. Fortaleceu as suas rasões, offerecendo ouro ao escudeiro para que espionasse os menores movimentos e palavras de d'Auvergne com a duqueza. Encarregou-o de transmittir-lh'as de modo que ella podesse avisar o duque sem faltar á verdade, nem compromettel-o, a elle escudeiro, com sua ama. Antecipou-lhe, por conta, ouro de fascinar um miseravel, e deu-se os parabens de matar a vibora da vingança que lhe mordia o seio.

O escudeiro entrou com disvelo na sua commissão. No primeiro dia, declarou que d'Auvergne estivera sempre com o duque, e algumas vezes fallara com a duqueza de fugida, na presença de seu marido. Esta revellação disse a viscondessa que não valia um franco. Esperou. No segundo dia, d'Auvergne chegara a Cliton, na ausencia do duque para a floresta da quinta. Fallou com a duqueza em voz que elle escudeiro não podéra ouvir da sala proxima. Pouco depois, o duque entrára, e a duqueza, a titulo de doente, se recolhêra.

Esta denuncia era importante como accessoria. A viscondessa intitulou-a «flor de rethorica».

A denuncia do terceiro dia é a mais detestavel de todas. D'Auvergne não apparecera em Cliton! A esposa do historiador, n'esse dia, verteu um tinteiro sobre o quadragesimo quinto capitulo da «Historia da Revolução franceza.» O erudito suicida-se se não tem o rascunho. Vingou-se, porém, chamando a sua mulher «douda» pela primeira vez!

Ao quarto dia, diz o escudeiro que o duque fôra visitar o visconde de Armagnac, doente havia um mez, e que, na sua ausencia, (estylo de escudeiro) viera d'Auvergne. Accrescenta que a duqueza estivera com elle ao fogão, e que muitas vezes, pela fechadura da porta proxima, a vira levar um lenço aos olhos. Diz mais que não podera ouvir-lhe palavra; mas, em compensação, declara que a vira a ella tomar a mão de d'Auvergne, e a levara aos labios. Por fim, declara em honra de seu amo, a quem muito presa, que d'Auvergne tivera no colo a pequenina duqueza Elisa, e a beijara muitas vezes, dando a

depois á mãe com muito carinho. Emfim, chegara o duque, e abraçara d'Auvergne.

Esta denuncia, com a outra, produziu a seguinte carta, datada em Angouléme.

«Ao duque de Cliton.

«Ainda que tarde, a providencia quer salvar-te de maiores vergonhas.

«A devassidão de tua casa é já transparente.

«Cá fóra vêem-se os mysterios que lá vão entre os damascos das tuas janellas, e os rases heraldicos das tuas portas.

«No dia 4 d'este mez passeavas na floresta da tua quinta, quando d'Auvergne entrou no teu palacio. E' verdade, duque?

«Tua mulher, quando tu entraste, estava com d'Auvergne; mas, como a tua presença a indispunha, retirou-se doente para o seu quarto. E' verdade duque?

«No dia 5, d'Auvergne não foi a tua casa. E' verdade, duque?

«No dia 6. foste visitar o visconde de Armagnac. Tua mulher aqueceu os deliciosos pés a par com os de d'Auvergne no teu fogão da sala das Aguias. A melindrosa chorou muito. Depositou ardentes beijos na mão do teu amigo. Comprimiu-a com todo o frenesi d'uma sancta em espectativa, e terminou o lance dando para os braços da tua «publica forma» uma creancinha, que a opinião publica chama tua, por uma regra muito conhecida de direito, que me não lembra. Será verdade, duque?

«Para sobre-mêsa destas iguarias, um teu amigo consagra-te esta velha copla, feita por seu pae:

A la cour, á la ville
On fait á présent des cocus;
J'en connais plus des mille
Qui ne s'en fachent plus.
Ne vaut pas la peine que Cliton
Lui seul fait le furieux.
S'il est sage, il fera comme eux.

Oui, c'est chose certaine.
Que sa femme a fait un beau choix.
Car....

«A copla dizia: *le sang de Lorraine*
Honore ce bourgois.

«Mas o sangue dos Mont-fort não póde honrar-se com o do cavalheiro da Picardia.

«Isto é, sobre tudo, o mais escandaloso. Até breve.»

Esta carta deixou o duque no torpor, no spasmo, na inacção do homem assombrado d'um raio!

Ali não se via o vago discurso d'uma calumnia, moralisando o crime com a doutrina dos prostibulos.

Marcavam-se factos! davam-se inducções! estabeleciam-se verdades que davam margem ás infamias arguidas!

O duque entrou na camara de sua mulher. Sentou-se. Violentou ao silencio o coração que lhe mandava aos labios um interrogatorio severo. Permaneceu mudo, como muitas vezes, alguns minutos. Branca deu-lhe a filhinha. Elle repelli-a com um gesto de enfado. Era o primeiro!

«Que modo esse, meu filho! Não queres Elisa! Não a vês sorrir? Aos oito mezes, é admiravel!... Não lhe dizes nada?!

«Deixa-me, Branca.

«Meu Deus, que gêlo nas tuas palavras!... Que é isto?...

«Choras!... sempre lagrimas!... Que felicidade em chorar!...

«Escarneces-me?!

«Não...

O duque arrependera-se do azedume, que era apenas uma faisca da lavareda. Ergueu-se d'um impeto. Deixou fugir um ai agudo, um grito que fez estremecer a duqueza, e saiu do quarto.

Viera encontrar d'Auvergne, que entrava. As suas primeiras palavras foram um desanexo de disparates.

«Não estaes tranquillo, duque...» — disse placidamente Lacroze.

«Um pouco agitado .. Cousas do organismo... São estas nuvens carregadas de electricidade... Isto passa com ellas...

«Como está a snr.ª duqueza?

«Creio que boa...

«A vossa filhinha?

Optima.

«Estaes desfigurado! Eu não costumo encontrar-vos assim...

«Desculpae-me... E' que me infeccionastes com as vossas horas de febre... Ouço o cavallo do visconde. Antes que elle chegue... Lembra-vos o nosso compromisso de tres mezes?... A vossa presença aqui é garantia d'alguma cousa,.. Quando eu vos mostre as provas da vossa infamia...

«Serei convencido de infame... Cuidado, porém, duque! Se me não convencerdes, a infamia será vossa! Tendes algumas?

«Não. Silencio, e coragem, snr. d'Auvergne...

Entrou o visconde de Armagnac.

XXXV

As informações do escudeiro á viscondessa eram de uma esterilidade estupida, como ella dizia.

Decorreram quinze dias, sem um symptoma favoravel ao desenlace previsto pela confidente do escudeiro.

Dizia este que a doença da duqueza fôra um contratempo, supposto que as visitas do cavalheiro continuavam com a maior frequencia. O duque era para elle o mesmo homem, ainda que passeava, longas horas, sósinho na floresta.

A viscondessa de Namur informou-se do medico á cerca da doença de Branca. Disse este que eram incommodos d'um parto proximo, e estimava que o segundo não fosse tão trabalhoso como o primeiro.

Cessarám as informações. O duque, de proposito, preparava ensejos de se encontrarem sós sua mulher com d'Auvergne. Mas o escudeiro não podia espionar o que se passava na camara da duqueza, onde o cavalheiro era familiarmente recebido.

Entre Lacroze e o duque estava a morte, sorrindo, em ar de festa, e affagando-os a ambos. Encaravam-se com aspectos sinistros, e trocavam-se raras palavras, em que não transpirava rancor, mas a ebulição do ethna que vae exhalar uma lava. Diante de Branca, mantinham a antiga juvialidade, e mascaravam quanto podiam as falsas posições. Que situação! Como é grande o homem em lucta com a suspeita e a vergonha!

E Branca parece ter ouvido uma voz do céo que a chamava. Os seus olhos nunca mais choraram desde que um sarcasmo do duque lhes seccara o pranto. Em seus labios lividos esvoaçava um sorrir angelico á feição do riso em labios infantis, rôxos da morte, mas risonhos para as alegrias do céo. Repartia entre Lacroze e o duque os mesmos raios d'um olhar sem brilho, a mesma brandura de affectuoso sorriso, o mesmo carinho de expressões, tardias sim, mas tiradas do melhor da sua alma.

Fallava em vaticinios de morte, e o medico afigurava-lhe as facilidades d'um parto, suppondo que era, n'aquelle lance, que ella esperava perder a vida.

Lacroze, em uma d'essas horas de resignado adeus ao mundo, achou-se só com Branca.

«Fizeste bem em ceder ao pedido do meu marido... —disse ella— foi bom que não partisses, Lacroze, meu querido irmão, porque me verás morrer...

«Morrer!

«Ai! tu o não crês! Se Deus se condoeu das minhas dôres, porque me não dará o pressentimento de que ellas estão no fim? Não lhe merecia eu alguma cousa pela resignação?! Deu-me o dom da profecia... Sei que morro... E tu... tu, que eu pude vêr no fim da vida, não ficarás muito tempo aqui... Este mundo não é o nosso... Lá é que se continuam as grandes paixões que foram calcadas pelos pés dos homens... Isto aqui... para uns é o ensaio da felicidade futura... Eu podia ter vivido muito feliz!... Pobre, mendigando, com meus

filhos nos braços; mas comtigo, Ernesto, comtigo!... Para outro, esta vida é o que foi para mim... um desejo incessante de me encostar ao seio d'um Deus, que nunca me abandonou, azedando-me as muitas palavras que chorei... Todas me foram dôces... Não chorei nenhuma de vergonha... Nem uma só!... Deus sabe que não... e tu, tambem, meu amigo, e meu marido... sabel-o-ha... Olha... Ernesto... espero deixar n'este mundo um grande testemunho da tua honra... Não me perguntes qual é... Sei que venho da sepultura coroar-te... se é que te não verei bem cêdo na presença do Altissimo: mas será essa corôa o distinctivo do teu martyrio, sem ser de espinhos... Já bastam os teus e os meus... Tanto tinha a dizer-te... Não sei o que me diz que não torno a estar só comtigo... Não é possivel dizer mais... Ouço os passos do duque...

Esta liberdade pareceu demasiada ao duque; e a impassivel constancia de d'Auvergne affigurou-se-lhe um escarneo provocante. A colera não o venceu. Reteve-se como quem susta as furias d'um possesso, como quem lucta braço a braço com uma fera. Mas a physionomia revelava tudo.

Ernesto Lacroze viu-lhe o coração. Ergueu-se com magestade. Tomou o braço do duque em ar de distracção, conduziu-o á ante-camara, pediu-lhe uma entrevista na sala immediata, e fallou com a segurança, não da coragem brutal, mas d'uma dignidade orgulhosa:

«Snr. duque, ha vinte dias que somos suspeitos um ao outro. Que ha entre nós? A honra da duqueza de Cliton está debaixo da minha tutella.

«E da minha, mais que da vossa, cavalheiro.

«Fallae...

«Não tenho nada a dizer-vos. Póde existir entre nós d'um para outro momento uma entrevista, de que hade retirar-se um só, ou nenhum.

«Não acceitarei a vossa entrevista, sem que haja n'um de nós uma nodoa, bem visivel, que deva lavar-se com sangue. Agora, se me dizeis que eu sou capaz d'uma infamia, essa entrevista seja já.

«E' cêdo, cavalheiro. Em quanto vos chamar cavalheiro, não vos exhautoro da honra.

«O escudeiro das denuncias interrompeu o dialogo. Annunciava dous cavalheiros que desejavam cumprimentar o duque, seu antigo amigo.

«Que subam — disse o duque.

Ao mesmo tempo, corria o medico participando que a snr.ª duqueza, contra todas as previsões, estava com as dôres de parto, e mandava chamar o capellão para confessar-se, declarando prohibida a entrada do seu quarto.

«Para confessar-se! — exclamou o duque — pois está perigosa?

«Não, snr. duque; mas não é possivel destruir-lhe a suspeita de que morre... Deixal-a... a confissão não faz mal a ninguem...

«Mas prohibe-vos de prestar-lhe os vossos cuidados.

«Não são urgentes...

O duque entrára na sala onde era esperado, muito affastada d'aquella em que deixava Lacroze, passeando. Eram os marechaes Berthier e Murat, camaradas de Benoit de Mont-fort na conquista do Egypto. Abraçaram-se com enthusiasmo. O duque disse que um fatal succeso o privava de gosar todo o prazer d'esta visita. Os marechaes quizeram retirar-se; mas elle impediu-os, promettendo-lhes um cavalheiro interessante para entretel-os até á hora do repouso.

Disseram elles que partiriam ao nascer da lua, e que a sua demora não excederia duas horas, porque vinham das fronteiras com marchas forçadas sobre Pariz.

Fallaram dos companheiros de combates. Lamentaram os mortos, e commemoraram as proezas dos bravos, que não morreram para a posteridade. Entre estes, o duque de Cliton citou o do marechal Ernesto Lacroze.

«Lacroze! — exclamaram elles — suicidou-se!... era um valente soldado!

«Sei que se suicidou... — tornou o duque — Deshonraram-n'o com uma suspeita vil...

«De deserção!... Foi uma calumnia!...

«Mas o cadaver nunca appareceu?

«Nunca...

«Deixou familia?

«A mãe que morreu de desgosto, e duas irmãs que recebem uma prestação do governo. Nunca se soube

ambem que fim levou a herança que elle recebeu d'um amarada poucos dias antes de suicidar-se. Eram cincoenta mil libras, em bom dinheiro corrente... Dizem ue as sepultára comsigo...

A conversa demorou-se um quarto de hora n'este ssumpto. O medico interrompeu-a noticiando, radiante le alegria, que a snr.ª duqueza acabava de dar á luz um nenino. Os marechaes abraçaram o pae, e deram-lhe ouro abraço para a ditosa mãe. O duque, sobresaltado, ueria correr ao quarto de sua mulher.

«Esperae... — disse elle — eu chamo o meu amigo... ara ficar comvosco... Doutor, dizei ao snr. d'Auvergne ue o quero apresentar a dous amigos...

D'Auvergne entrou. A' sua apparição os dous hospedes recuaram, e bradaram simultaneamente:

«O marechal Lacroze!

O duque de Cliton, ao som d'estas palavras, que lhe lesceu com a morte ao coração, murmurou o nome que uvira. O gelo da demencia atrophiou-lhe o cerebro. Os lhos, como de cristal, immoveis, fixos na face magesosa de Lacroze, ficaram n'esse spasmo da agonia, que iem a morte desfigura.

Os marechaes encaravam-se estupefactos. Lacroze leu alguns passos, e apertou-lhes a mão. Approximou-se lo duque.

«Espero as vossas ordens.

O duque não respondeu. Lacroze disse aos marechaes:

«Tendes a bondade d'entrar na sala proxima, senhoes?

Os hospedes sahiram machinalmente. Ernesto, tranuillo como a honra, disse ao duque:

«A qualquer hora, senhor, encontrar-me-heis em minha casa.

Retirou-se.

O duque de Cliton, quando sahiu d'aquelle eclipse moral, achou-se com a mão cerrada no seio como empunhando um fantastico punhal.

XXXVI

E' meia noute.

Os marechaes despedem-se do duque, abysmados em reflexões disparatadas. Julgam que o seu infeliz amigo fica doudo. Depois que Lacroze se retirára, empregaram a força para conter-lhe as furias d'uma demencia. Não dizia o que queria, nem a victima que procurava. Os olhos projectavam as chammas do delirio. Os dentes rangiam no stridor da gotta coral. Os braços, como catalepticos, sacudiam-se com os punhos cerrados.

Chamam o medico, que pasma, assombrado d'aquelle aspecto.

Berthier quer contar-lhe o acontecimento, e o duque, rugindo um som cavernoso como o derradeiro adeus d'um agonisante, leva com violencia a mão á bôca do marechal.

O doutor quer palpar-lhe o pulso, e o duque repelle-o com uma visagem de colera. O medico apavorado quer retirar-se: o marido de Branca segura-o pela gola com ar ameaçador, e exclama: «Retirae-vos de minha casa!»

O assistente da duqueza, não livre ainda do delicado tratamento do parto, allega que não póde sahir sem completar os seus deveres de medico para com a puérpera. O duque aponta-lhe carrancudo a sahida da sala, e o doutor consternado retira-se, perguntando ao escudeiro onde está d'Auvergne.

«D'Auvergne — responde o escudeiro — sahiu n'este momento do quarto da duqueza.

«N'este momento!?

«Sim... As creadas ficaram aterradas.

«Atterradas! por que?!

«D'Auvergne entrou vencendo a resistencia que lhe izeram. Ajoelhou ao pé do leito da duqueza. Beijou-he a mão, ergueu-se, e sahiu dizendo: «espero-te na ternidade!

«Tenho comprehendido tudo! murmurou o medi-o... mas... que sonho este!...—disse elle comsigo—a indignação contra mim como se explica!... Bem o uspeitava eu!... Fallou a verdade pelos labios d'uma nfame! A viscondessa de Namur não se enganou!...

E sahiu, receando chamar sobre si a colera mais xpressiva do duque.

Os marechaes, taciturnos diante do filho de Silvi-a, que archejava sobre uma cadeira, estenderam-lhe s mãos em despedida. O duque recebeu-lh'as, sem nurmurar uma palavra. Elles sahiram, e o desgraçado rgueu-se. Puchou os cordões d'uma campainha, e o scudeiro deu um passo dentro da sala.

«Lefevre, faz preparar dous cavallos... Hasde se-guir-me.

O creado retirava-se.

«Vem cá... O medico sahiu?

«Ha momentos, pouco depois do snr. d'Auvergne... que sahiu do quarto da snr.ª duqueza...

«Mentes! Esse homem sahiu d'esta sala.

«Se concedeis uma liberdade ao vosso velho crea-do, dir-vos-hei, snr. duque, que d'Auvergne d'esta sala foi ao quarto da snr.ª duqueza.

«Viste?

«Viram as creadas... e dizem que o cavalheiro ajoe-lhara, beijando a mão...

«Calla-te! Prepara os cavallos... Vem cá... Entra no quarto de Branca, e diz de minha ordem, ás creadas, que se retirem... Quero as minhas pistolas nos coldres... Vem cá... A ama de minha filha Elisa que venha aqui... Depressa...

«O duque atravessou alguns corredores. O castiçal cahiu-lhe das mãos... Palpando nas trevas, achou-se no seu quarto. Abriu um gavetão. Correu as mãos sobre alguns papeis, querendo reconhecer pelo tacto alguns que encontrou. Eram dous rolos, cuja inscripção o du-que viu a um raio da lua que se coava no postigo d'

portada. Cada rolo tinha sua marca: *cem mil francos: titulos do Banco d'Inglaterra.*

Arrancou com precipitação a gaveta: estendeu o braço no espaço que ella occupava; puchou uma pequena gaveta de segredo, e tomou um de quatro frascos de vidro. Leu ao clarão da lua a inscripção; dizia: *acido sulfurico.*

Entrou na sala, onde era esperado pela ama da duqueza Elisa.

«Minha filha?

«Dorme.

«Saia com ella para Armagnac, immediatamente. O visconde que me espere.

A ama não ousou balbuciar uma reflexão. O duque tinha o pavor do inferno nos olhos.

«O meu escudeiro?

«Prompto, snr. duque.

«Os cavallos?

«Vou aparelhal-os,..

«Vae... Espera... Todos os meus creados e creadas que se retirem desta casa... Quem é que passa n'aquelle corredor?

«E' uma creada.

«Que leva na mão?

«Um copo de agua para a snr.ª duqueza.

«Vai vuscar esse copo... Eu o levarei... Ordem terminante! todos os meus creados e creadas... todos os meus familiares dentro de duas horas hão-de ter sahido de minha casa.

«A estas horas!» murmurou a ama.

«Não vos peço reflexões... Quem não tiver cumprido hade luctar com a morte... O escudeiro entrou no quarto de Branca. Viu-a desfallecida, rodeada das suas aias, e do capellão que resava as orações da agonia. Pronunciou com voz firme as ordens do duque. Alterraram-se as servas; menos o padre que proseguiu tranquillamente na sua oração.

«Não ouvís, snr. padre La-Croix?—disse o escudeiro com insolencia.

O padre murmurava:

Eripe me de inimicis meis, domine, ad te confugi: doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu.

«Zombaes das ordens do snr. duque? Eu vou dizer-lhe que as desprezaes...

Educes de tribulatione animam meam, et in misericordia tua disperde inimicos meos.

Lefebre sahiu vociferando injurias contra o sacerdote.

As creadas fugiram, sem ainda atinarem com a causa do seu terror.

O duque de Cliton, quando a ama lhe mostrava a filhinha, que vagia sobresaltada do despertar violento, affastou-a com arremesso. Estava só.

Vazou o liquido do frasco no copo da agua. Parou no umbral do quarto.

O padre, de joelhos ainda, entoava:

Ad dominum cum tribularer clamavi: et exaudivit me.

Domine, libera animam meam à labiis iniquis, et à lingua dolosa.

«Padre... retirae-vos.

«Deixae, snr. duque, que eu cumpra a vontade da vossa esposa moribunda... Pediu-me que lhe assistisse até ao derradeiro alento.

«Saí, La-Croix!

«Não perturbeis os derradeiros momentos desta sancta. E' o seu confessor que vo'l-o pede.

«Retira-te, hypocrita!

O padre ergueu-se, e foi lançar-se aos pés do duque, exclamando:

«Hypocrita, não, senhor! Em nome de Deus vos juro, que vossa esposa está innocente... e morta!

O duque sacudiu-o de si, lançando-o com a ponta do pé, fora do quarto. Fechou a porta, e pousou o copo ao pé do cruxifixo, que, entre dous castiçaes, estava á cabeceira do leito.

Tomou o pulso á duqueza.

Reinava um profundo silencio, cortado pelos guinchos das aves que respondiam das florestas remotas aos estridulos gritos da floresta proxima.

O duque, sentado, ao pé do leito, parecia escutar a respiração de sua mulher, inclinado sobre o quasi cadaver com a mão no pulso. A seus pés estavam ainda lençoes ensanguentados, vestigios do parto effectuado duas horas antes.

Correram vinte minutos. A pendula do relogio, na sala proxima, com seu monotono balanço, dir-se-hia o anjo da morte soando uma pancada, a cada bago de areia coado na garganta da ampulheta.

Branca estremeceu, e abriu os olhos.

«Fixou seu marido, que retirava a mão do pulso.

Demorou-se n'esse spasmo, como revocando a consciencia da vida.

«Es tu ?...—disse ella, interceptando com a mão os raios vividos da luz que lhe feriam os olhos.

«Sou eu...» Respondeu seccamente o duque.

«Sê bem vindo, meu esposo... A' hora da despedida, tu d'um lado, mas do outro... falta-me um padre... Porque não está aqui La-Croix ? !

«Não precizaes de mais alguem aqui, Branca de Clermont ?

«Meus filhos... queria vêl-os... Que rosto o teu, amigo !... Soffres mais do que eu... Tenho sêde...

O duque tomou o copo d'agua, e offereceu-lh'o. A duqueza recebeu-o sem hesitação, demorou-se alguns segundos com elle chegado aos labios, sorrindo, e encarando o esposo, quando descerrou os labios para beber o liquido até á ultima gota.

«Onde estão meus filhos ?—Perguntou ella carinhosamente.

«Fugiram envergonhados de sua mãe.

«E tu... não foges envergonhado de tua mulher ?

«Não... a minha sensibilidade petrificou-se. Já agora, serei até ao fim o leal companheiro de Branca de Clermont.

«Pouco tempo o serás, meu esposo...

De repente, a duqueza leva ambas as mãos ao estomago como para arrancar uma serpente, que se lhe enrosca, cortando-lhe as carnes.

«Que dôr, sancto Deus !» exclamou ella, soltando um ai convulsivo e prolongado.

O duque ergue-se, cruza os braços, e fixa com impassivel beatitude de espirito a duqueza. Um vermelho-carmezim tinge a face d'ella. Os olhos scintillam, e a garganta cerra-se-lhe como apertada por uma gonilha.

«Envenenada por ti, meu esposo !» disse ella com

voz rouca, sentando-se d'um salto, sacudida pela agonia lacerante.

Falta-lhe o ar. Ergue-se sobre os punhos, firmados no travesseiro, abrindo a bôca para aspirar. Descae, outra vez, a refrigerar com as mãos o estomago que lhe arde, e as entranhas que se despedaçam a golpes repetidos.

«Podias dar-me outra morte... exclamou ella—se não querias esperar algumas horas... Estes paroxismos são dolorosos...

«E o duque não se desviava uma linha da sua attitude contemplativa. Podia, pelo esverdeado do rosto, pela immobilidade do corpo, julgar-se um cadaver em pé; mas a vida revelava-se nos olhos, que giravam no fundo das orbitas, acompanhando as contursões da duqueza. Nem uma palavra.

«Branca, apertando com as mãos as fontes, pendeu a cabeça fóra do leito. Era a agonia do vomito, que lhe vinha em guinadas abrasando o esophago. As ancias do coração viam-se nos archejos do peito meio descuberto.

Opilavam-se-lhe as faces; o scintillar dos olhos era menos vivo. A cornea transparente raiou-se de sangue, e a palpebra superior, distendida pelas contursões. parecia decompor-se em forma de membrana côr de violeta, humida d'um liquido similhante ao sangue em putrefacção.

O suor frio transpirava da cutis regorgitada, e coagulava-se em bagos, sobre o carmesim das faces, como as gotas de chuva que gelaram sobre a corolla da rosa encarnado.

O duque via-lhe o tremor das veias do pescoço, onde o sangue repuxava como a fugir á lavareda que subia do estomago.

«Meu Deus, acabae a minha agonia!... duque, meu esposo, abrevia-me esta morte... antes um punhal...

Principiava a desfiguração. O escarlate desapparecera. Seguiu-se um verniz côr de barro: os musculos bussinadores retrahiram-se, deixando sobresahir os ossos da face apenas cubertos d'uma sombra verde negra á feição do disco d'uma ulcera. As azas do nariz afilaram-se, como se a cartilagem, que as divide, se despregasse. Os labios fenderam-se em golpes côr de chumbo, e a lin-

gua que os humedecia parecêra tocada por um ferro em braza. Já não tinham brilho os olhos, mas rolavam-se em vertigens, como desligados dos musculos, nas orbitas que pareciam descarnadas nos bórdos. Em vinte minutos, o acido sulfurico fizera da formosa Branca uma horrivel monstruosidade!

Vieram os vomitos. Eram tecidos membranosos que sahíam envoltos em sangue. Era a membrana interna do estomago lacerada em pequenas porções. Eram as entranhas despedaçadas que se devolviam devoradas no fogo que lavrava na medula dos ossos.

E não se ouvia um grito. A agonisante colleava-se sobre o leito, que rangia. Rasgava os cortinados em que fincava as mãos. Desconjunctava as articulações em posturas violentas... mas nem um brado de soccorro!

E o duque parece que já tinha perdida a consciencia do assassino d'aquella infeliz. Não sabemos explicar o homem, se o considerar-mos homem neste momento. A alma retirara-se d'aquelle cadaver.

Vieram ás convulsões horriveis. Era o estertor.

Branca levantou o travesseiro. Tirou uma carta e offereceu-a ao duque.

«Has-de lêl-a, meu marido... Já... não!... Logo... Agora... uma supplica... Da-me aquella cruz...

O duque levantou a carta, que cahira da mão de Branca.

Accordou. A sua physionomia tinha o impossivel de descrever-se. Sahiu do quarto precipitadamente; não ouvindo a supplica da cruz. Attravessou a casa despovoada, e não viu o sacerdote que entrou no quarto da duqueza, apenas elle sahirá. Desceu ao pateo: esperavam-no os cavallos, com o escudeiro. O duque tirou da mão de Lefebre um castiçal. Entrou n'um basto armazem cheio de palha, que formava os baixos do antigo castello de Cliton, separado por uma grossa parede do edificio fabricado cem annos antes. Chegou a luz á palha. Levantou-se uma lavareda. Montou a cavallo, com os habitos domesticos: um farto casacão de velludo preto, e um bonet do mesmo velludo, bordado a ouro, com as armas de Cliton na copa.

O creado vestia a sua libré.

Era uma hora da noute.

O duque de Cliton gallopava na encosta de Armagnac, onde encontrou o visconde que descia para Cliton, vendo as linguas de fogo que sahiam do palacio.

«Que é isto, duque?

«Vamos a tua casa, meu amigo...

«Mas...

«Não te respondo a reflevão nenhuma... Segue-me.

XXXVII

O duque de Cliton, chegando a Armagnac, entrou na primeira salla onde viu uma luz. Abriu a carta de Branca.

Leu:

«Quando o pressentimento da morte nos falla muitas vezes, não devemos desprezal-o. Ha tres mezes que este presentimento me não deixa, e eu não posso ser superior ao receio que tenho de morrer sem que meu marido me possa ouvir, ou sem que eu tenha o animo de lhe dizer o que elle está lendo sobre a minha sepultura.

«Meu marido é um anjo, tem sido um martyr, era digno de ser feliz, foi victima como eu d'alguma vontade superior, que eu não posso attribuir á divindade.

«Eu fiz quanto humananiente se póde fazer por consolal-o; mas as minhas consolações eram frias, quando elle precisava do meu coração, com todo o ardor da juventude, para consolar-se. Não pude, porque elle bem sabe que eu fui arrastada, e não podia fazer a felicidade que só a dá o coração espontaneamente.

«Ainda assim, pedi a Deus um novo coração, e fui, se não ouvida, ao menos, desde então, menos desgraçada. Converti as minhas lagrimas em abnegação de mim mesma: renunciei ao direito que tinha de ser livre; familiarisei-me com o soffrimento, e sympathisei com os soffrimentos de meu marido, dizendo comigo: um infeliz é para outro infeliz. Se não fôr eu, quem o consolará?

«Enganei-me. Quando cedi a uma força, que não era d'este mundo, que não era minha, e disse a meu esposo, ao pae de minha filha, que o amava... encontrei-o incapaz de avaliar-me, cançado de mim, frio como um homem que nos despresa, mas delicado sempre como aquelle que não sorri do coração, mas sabe a maneira de matar a esperança com um sorriso de affabilidade.

«A esperança matou-m'a; mas, carinhoso com a sua graça de estatua, que se não desfigura, chamava-me sua irmã, sua amiga, e... com isto,.. dava-se a sua victima por indemnisada.

«Assim vivia-mos, sem a luz, sem o ar, sem sol da felicidade, quando n'esta casa entrou um homem, que eu encarei com o susto de quem vê o seu algoz.

«Era Ernesto Lacroze.

«Não te aterre este nome, meu esposo! Ernesto Lacroze era o mensageiro de Deus. Veio dizer-me que me perdoava. Chamou-me sua irmã. Declarou-se o anjo tutellar da minha virtude, e ensinou-me a chorar com dignidade.

«Chorei muito ao seu lado, e nunca os seus labios proferiram uma palavra de queixa. Como poderia elle queixar-se? O infeliz vinha despedir-se de mim, e queria perdoar-me para que o remorso não fosse depois a tribulação de toda a minha vida.

«Este homem, que tu chamas o teu querido amigo, duque, é digno de o ser. A calumnia tem querido infamal-o, mas uma convicção, que algum anjo bom te inspira, não consente que elle seja infame aos teus olhos.

«Aqui tens um martyr digno de ti, pela semelhança das dôres. Depois da minha morte, não sei o que será d'elle. Não o abandones, porque eu creio que esse homem precisará do teu amparo, para se não deixar vencer do pensámento do suicidio que é o seu constante pensamento.

«Se é possivel esta revellação indignar-te, não o despeças com despreso do teu coração. Diz-lhe que te ensine a ser virtuoso: conta a tua filha a historia d'esse homem para que ella não perca a confiança na virtude, e caminhe sempre no direito caminho, onde ella se encontra.

«Faz que esse homem se não suicide, que tal morte viria, aos olhos do mundo, deslustrar-lhe uma vida gloriosa de padecimentos incriveis.

«Não sei o que ha entre nós, meu marido.

«Leio a desconfiança ou o despreso nos teus olhos: Sei que a viscondessa de Namur me apregoa uma mulher aviltada até á ultima deshonra, reflectindo em ti os meus desatinos. Perdôo á viscondessa de Namur os meus soffrimentos; mas não os teus.

«As cartas anonimas vem todos os dias. Hoje tomei a liberdade de roubar-te uma, e julguei as outras. *D'Auvergne é o meu amante!* Eis aqui como Deus permitte que hajam algozes que flagellam, sem punição n'este mundo, os que devem ser mais depressa chamados á bem-aventurança. A religião é o meu amparo n'estas angustias.

«Eu quiz dizer-te quem era d'Auvergne: mas Lacroze não m'o consentiu. Se eu t'o dissesse, apressava-lhe a morte, porque elle protesta matar-se quando tu o conheças, e o suspeites traidor, indigno da tua confiança...

«Não sei o que está para acontecer... Lacroze acaba de dizer-me que a sua morte é necessaria á minha tranquilidade... A' minha tranquilidade! Ninguem me conheceu n'este mundo! Quando se tem a face immaculada como a minha, pode-se dizer a um marido: «fizeste-me perder um amigo, e eu morro, dizendo-te que não podia sobreviver-lhe.»

«Reparo que foges de Lacroze. Pergunto-lhe que nova desgraça se annuncia, e elle responde-me que não ha desgraças novas para nós.

«Não sei o que será d'elle, de ti, e de mim!

«Cumpra-se a vontade de Deus!

«Se alguma imprevista eventualidade fizer desgraçada minha filha, não a deixes abysmar-se. A infeliz é a vergontea d'um tronco corroido de vermes: serão amaldiçoados os seus fructos.

Branca.

O visconde não perdia um gesto do duque, durante a leitura d'esta carta. Viu mudanças terriveis n'aquelle

semblante. Interrompeu-se, algumas vezes; mas um signal de silencio com o braço tremulo, era a resposta.

Lida a carta o duque oscillava, fixando os olhos pavidos no visconde.

«Que é? que mysterio é este?» perguntou o visconde.

«Sou o assassino de minha mulher innocente!

«Assassino de tua mulher!

«Corre, que poderás salval-a ainda... Envenenei-a... matei-a! Depressa, visconde... Pede-lhe de joelhos perdão... porque eu sei que vou endoudecer... Terei uma horrivel morte... Não me despreses, tu, visconde... Hei-de chamar-te da minha sepultura para me justiçar perante a condemnação dos homens...

«Chama-me da sepultura, e eu quebrarei a pedra para descer aos teus ossos... Duque, só ha uma condemnação de Deus visivel no homem... é o remorso... Melhor mil vezes te fôra a morte...

O visconde correu a Cliton. O duque abriu uma janella, nem elle sabia com que fim. O clarão do incendio deu-lhe á face um aspecto de condemnado. Recuou. Não podia contemplar a sua obra. A porção do velho edificio de Cliton era prêsa das chammas, que, açoutadas pelos ventos, serpeavam por entre as frestas ponteagudas do velho solar dos Mont-forts. Pediam soccorro as sinetas da capella de Cliton, e os camponezes alarmados convergiam das aldeias proximas com grande alarido.

O duque tinha descido para o pateo, sem intenção. Cobria-lhe a face um suor glacial. Tremia d'um terror de creança. O quasi esquecimento da vida, a embriaguez, o somnambulismo, a petrificação eram os caracteres significativos da demencia, a não se ter antecipado o suicidio. Parece que nenhum objecto externo poderia ferir os olhos torvos d'aquelle homem. Lefebre viu o vulto; se lhe visse o semblante, não ousaria fallar-lhe.

«Estão aqui os cavallos, snr. duque.

«Ah!... estão ahi?...

E correu impetuosamente para elles. Montou com rapidez, e esporeou com frenesi na direcção de Angoulême. O creado seguiu-o.

O visconde chegára a Cliton. Atravessou a alameda

por entre a multidão de povo, que viera em soccorro ao toque das sinetas. O incendio não podéra estender-se á parte do palacio, onde os senhores donatarios residiam. A parede, que dividia o antigo do moderno, era cantaria d'uma grossura impenetravel, que, em tempos de feudalismo, formára a fachada do castello.

Entrou, e correu ao quarto da duqueza. Sentiu-se esvahir de terror, encarando-a sem signaes alguns da mulher, que vira, um dia antes. Os globos das olhos tinham saltado das suas prisões musculares, e sahiam fóra das orbitas. Estava de joelhos sobre a cama, amparando-se no pescoço do sacerdote, cujas forças não sustinham já o esterlor convulsivo da agonisante.

O visconde queria chamal-a, porque a duqueza de certo o não vira, supposto voltasse para elle muitas vezes, na inquietação dos paroxismos, a face onde parecia terem os vermes corroido todos os signaes. Queria chamal-a, mas a surpresa não o deixava fallar...

«Estaes aqui, snr. visconde?—disse La-Croix.

«Visconde!...—exclamou quasi imperceptivel a duqueza—é o visconde de Armagnac? Eu já não vejo... Vinde cá, meu amigo... Olhai que morte eu tive!... Não fallaes?...

«O visconde tomou-lhe a mão, e cobriu-a de lagrimas. Branca sentiu-as, e lançou-lhe o braço em volta do pescoço.

«Choraes, meu amigo!

«O medico!...—bradou o visconde—onde está o medico?

«Para que?... E' tudo inutil...

«O duque quér que vos salvem... Onde está o medico, padre La-Croix?

«Foi expulso pelo duque.

«Chamae-o... ide... depressa...

«Não vades...—disse a duqueza—Estou morta...

«Podeis ainda ser salva... Deixae-o ir... Senão, eu vou...

«Não... Sei que me não encontrareis viva... Olhai...

«Que é... que quereis dizer-me?

«Perdôo...

«Perdoaes?... a vosso marido? Preciso ajoelhar-me,

porque é assim que elle vos manda pedir perdão... Diz que vos matara innocente...

«Diz?... foi elle que o disse?

«Foi... foi elle, acabando de lêr em minha casa uma carta vossa.

«Graças, meu Deus!... Morro feliz!... Dizei-lhe que lhe perdoei...

O visconde sentiu deslaçar-se o braço que lhe cingia com violento frenesi o pescoço. Recebeu nos braços um corpo inerte, e ouviu o ultimo suspiro de Branca. O sacerdote estava de joelhos diante do crucifixo com as mãos erguidas encostadas aos labios.

Ouviram-se passos precipitados na sala proxima.

A porta do quarto estava aberta. O visconde voltou-se quando os passos eram já dentro do quarto. Espera vêr o duque. Era Ernesto Lacroze.

Este homem approximou-se do leito, ainda tremulo do estertor de Branca. Não lhe vira a face, que uma guarnição do chambre casualmente envolvera, quando cahiu morta nos braços do visconde.

«Dorme? Perguntou elle.

«Se dorme!...—disse o visconde.

«Sim... ou está desmaiada?—replicou Lacroze.

«Está morta» disse o padre, sem voltar o rosto á pergunta.

Ernesto descobriu-lhe a face, com uma serenidade impossivel de explicar-se pelos termos com que semelhantes lances se nos afiguram. Havia alli uma duvida n'aquelle brando movimento, n'aquelle silencio inconcebivel. Era o braço que se movia: mas a alma não o mandava. Essa, retrafra-se como cerrada n'um tumulo de afflições. Já vistes entre duas vagas encontradas, sobre um lençol de escuma, que ellas deixam repellindo-se, parar um baixel que parece entorpecido em calmaria, até que ellas vem de novo, e o despedaçam entre si? Não posso conceber d'outro modo Ernesto Lacroze. Essa serenidade augusta, esse bello horrivel de turpor moral, esse silencio... era o momento tranquillo do baixel que as duas ondas vão rolar comsigo á profundidade do abysmo.

O visconde não o comprehendia melhor que nós. Esperava alguma pergunta, e não lhe fôra feita nenhuma.

Ernesto Lacroze posera a mão sobre o coração de Branca, e alguma cousa dissera...mas que palavra foi essa?

E sahira.

Nas escadas encontrára um vulto, que lhe disse:

«Snr. Visconde.

«Não sou.

«Ah! sois o snr. d'Auvergne... Fazeis favor de me dizer se elle cá está, o snr. visconde?

«Está

«Vinha dizer-lhe que o snr. duque sahiu de lá a toda a pressa, e elle recommendou-me que o não deixasse ir á sala d'armas.

«O snr. duque de Cliton?... sahiu a cavallo?

«Sim, senhor.

«Que caminho tomou?

«O de Angouléme.

Lacroze partiu para Angouléme.

XXXVIII

O amante de Branca de Clermont, ás tres horas da manhã chegára a Angouléme. Sabia que procurava o duque de Cliton; mas não previra que vestigios deviam guial-o n'essa busca incerta.

Achou-se n'uma grande cidade, sem inducção alguma que lhe designasse a passagem provavel do marido de Branca. Retrocedeu ás portas da cidade, e perguntou se ali passara um cavalheiro.

«Dous vi eu» disse o guarda fiscal.

«Conhecestes algum?

«Penso que os conheci ambos pelo escudeiro. Se não era o duque de Cliton era o diabo por elle.

«Passou ha ainda hora e meia.

Lacroze imaginou que era procurado em sua casa, n'um burgo distante de Angouléme um quarto de legua.

Voou impellido pela ancia d'uma vingança prompta, porque VINGANÇA foi a palavra que elle disse ao ouvido do cadaver de Branca.

Em sua casa, dormiam os creados tranquillamente. Ninguem o tinha procurado. Mudou de cavallo e tornou a Angouléme.

Raiava a manhã.

Informou-se em todas as avenidas da cidade: soube que um cavalleiro com lacaio, ás duas horas, passara na barreira que se abre na estrada real de Sarnac. Partiu. A duas leguas distante, viu um cavallo morto: conheceu que era do duque. Duas horas depois, perguntava em Jarnac pelo cavalleiro. Disseram-lhe que se demorara ali comprando um cavallo, por que o seu lhe morrera, e partira duas horas antes na direcção de Rochefort, dezeseis leguas distante.

Rochefort é um porto de mar. Lacroze entendeu que o duque fugia, e perdeu, um momento a esperança de alcançal-o.

Em todas as povoações o informavam de que o duque passara duas horas antes: era um avance de quatro leguas.

Alem do rio Charente, está uma estalagem na orla da montanha, isolada, quasi escondida pelos castanheiros seculares que lhe formavam uma abobada de folhagem.

Ernesto Lacroze estava exhausto. O vigor do odio não acha sempre sugeitas as forças do corpo. A alma tinha a actividade da desesperação; mas a lassidão dos membros, o jejum de muitas horas, e a propria consumpção da angustia, que o tornara febril, não o deixavam, sem risco de vida, passar d'ali.

Lacroze atirou-se sobre uma cama, recommendando o tractamento do cavallo, que devia sahir algumas horas depois.

Em quanto elle repousa, nesse meio somno meio delirio do aturdimento do espirito e da materia, vejamos que distancia o separa da victima.

Em onze horas, o duque de Cliton vencera vinte e cinco leguas, que tanto dista de Angouléme a Rochefort.

Em uma estalagem dos suburbios d'esta cidade, chamou Lefebre, o velho escudeiro da sua infancia, e pediu-

lhe os seus vestidos, trócando por elles o seu cazacão de veludo, o seu bonet matisado a ouro, e os seus sapatos de pelle de lontra com broches de madre-perola. O escudeiro explicou a troca por um desarranjo mental na cabeça de seu pobre amo. Vestido, porém, o seu formato era de um ridiculo tão insinuante, que a dona da estalagem ao vêl-o perpassar perguntou se algum baile carnavalesco se dava, antes de tempo, em Rochefort. Lefebre fizera rir a estalajadeira quando as lagrimas lhe cahiam quatro a quatro. Seu amo despedira-o com estas palavras:

«Despeço-te de meu serviço, Lefebre. Aqui tens dous mil francos. Dou-te esses cavallos em que viemos. Não nos veremos mais... Recompensa-me a estima com que te tenho tractado, não dizendo á alguem que caminho sigo. Faz a tua residencia em Angouléme. Se algum dia eu precizar de ti, escrever-te-hei.

O duque entrou em Rochefort. Um navio mercantil hollandez sahia para Inglaterra, uma hora depois. O duque de Cliton tirára um passaporte que lhe custara dous mil francos, porque era necessario vencer com o dinheiro as formalidades da lei, e as vigilancías que particularmente nessa epocha syndicavam os passageiros de França para Inglaterra.

O passaporte era concedido a Sebastião de Mello, portuguez, droguista, residente em Lisboa, que viajava para fins commerciaes.

Entretanto, Lefebre desfez-se d'um cavallo que lhe era penoso na volta, e desfizera-se da tunica de veludo, que lhe dava um aspecto funebre de pintor grego, se podesse trocal-a por algum outro costume, que não fosse o dos aldeãos onde se achava nutrindo a cincera hilaridade.

Na noute desse dia chegou á estalagem de Charente, e exigiu, com soberana altivez, um quarto. Os estalajadeiros perguntaram-lhe se elle ali passara ao escurecer do dia anterior. Lefebre mentiu, dizendo que não, para assim desviar suspeitas do destino de seu amo, por quem sentia ainda uma tal ou qual saudade em decadencia. Dous mil francos, oitenta d'um cavallo, e outros tantos de prespectiva, neutralisavam-lhe a dôr da ausencia. E de mais Lefebre não tinha as pieguices das organisações sentimentaes.

*

«Queria darvos—dise o estalajadeiro—o quarto do sobrado que é caiado, mas está lá um senhor, que chegou aqui doente hontem á tarde, e lá está ardendo em febre. Não quer cirurgião e eu acho que elle está mais para receber um padre, que um cirurgião. Não tendes remedio senão ficar em est'outro quarto, que tambem não é mau: a ceia cá vos virá...

«Não quero ceia, nem me importuneis até ámanhã. Pensai-me bem o cavallo, e levae essa luz que eu quero dormir. Dizei ao alma do diabo do estafete que faça acomodar o burro, que toca as campainhas. Fechae a porta por fóra, e deixae ficar meia chave para cá e meia para lá por baixo da porta. Olhae lá, os ladrões costumam atacar o vosso alpendre?

«Não, meu senhor. E' cousa que não consta desde que meu avô se estabeleceu aqui ha mais de cento e quatorze annos.

«Estimo muito conhecer o vosso avô. Boas noites.

O estalajadeiro tinha ouvido o som da campainha no quarto de Lacroze.

Accudiu apressadamente, e viu-o sentado sobre o leito.

«Como estaes, meu senhor?

«Estou melhor. Dae-me alguma cousa de comer.

«Tendes um caldo de gallinha ás vossas ordens.

«E mandae-me aparelhar o cavallo. Comeu elle bem?

«Perfeitamente. E' um cavallo d'uma vez. Não fica a dever nada ao de um figurão que entrou ha pouco. Acho que é dos taes que pesam; mas assim me Deus salve que eu suppuz que não era homem destes reinos pelo vestido que traz. Traz uma cousa de velludo, assim á maneira da tunica d'um padre, e um bonet de velludo, com muitas trapalhadas de ouro, e umas armas reaes no alto. Em quanto a mim é cousa de marquez lá de Angouléme, que vae visitar as fortificações de Rochefort...

«Elle vae ou vem de Rochefort?

«Tambem vos não sei dizer. Elle entrou por ahi dentro, quando eu estava na cozinha, e não disse se ia ou vinha de Rochefort.

«Que idade tem?

«Deve ter pouco mais ou menos trinta annos.

«E a figura?

«E' bem apessoado, e tem maneiros nobres. Os olhos são negros como azeviche, e está um pouco amarello do cansasso da jornada.

«Veio só?

«Só com o cavallo?

«Deixaes-me ver o cavallo?

«Se podeis vir cá baixo á estrebaria...

«Vou.

Lacroze, apenas viu o cavallo, encostou-se ao bordo da manjedoura, e impallideceu de modo que o estalajadeiro botou-lhe a mão a um braço.

«Fez-vos mal vir cá abaixo... Tornemos para cima... Isto foi uma imprudencia.

«Vamos ..—disse Lacroze, despresando o apoio que lhe dava o admirador do barrete de Lefebre.

Entraram, outra vez, no quarto.

«Quereis ganhar cincoenta francos?—disse o amante de Branca.

«Se forem ganhos em boa consciencia...

«Eu imagino que o cavalheiro que tendes em casa é um meu amigo, e eu queria pregar-lhe uma peça...

«Sim? então dizei lá o que quereis.

«Podeis arranjar-me o bonet para eu o reconhecer?..

«Eu vos digo... Deixemol-o adormecer, e d'aqui a bocado eu abro a porta muito devagarinho, entro no quarto pé ante pé, e trago-vos o bonét e até a tal vestimenta negra, se a quizerdes vêr.

«Aqui tendes cincoenta francos.

«Nada, não acceito... não vale a pena por tão pequeno serviço... Eu cuidei que era outra cousa...

«Pois então acceitai-os pelo bom tractamento que vos devo, e que não ha dinheiro que o pague.

«Isso agora... em fim... como o outro que diz, mal parece agente fazer-se rica, quando sabe Deus o que por cá vae... Vós que me daes este dinheiro, é porque tendes muito. e além disso quando as mercês se fazem com tanta delicadeza, máo coração tem aquelle que as não acceita...

«E' verdade, meu amigo. Olhae lá... assim que vires que o homem dorme...

«Ora esperae... eu vou escutar no boraco da chave... e se elle ressonar...

«Ide... ide...

As feições de Lacroze estavam horrivelmente excitadas, A exaltação do odio dá, ás vezes, um bello colorido de sangue na tez pallida do soffrimento. O estalajadeiro veio encontral-o curvado sobre a cama com a face escondida entre as mãos...

«Estaes peor, senhor?

«Não... Dorme?

«A bom dormir; ressona como um cevado...

«E' possivel que elle durma!—dizia-se Lacroze.—Estarei eu enganado!... O assassino adormece!...

«Em que pensaes? Parece-me que vos torna á febre...

«Não é febre... é uma irrupção de sangue causada pela fadiga... Ides buscar o bonét

«Agora mesmo... Deixae aqui ficar esta luz...

O estalajadeiro foi feliz no seu programma. Lefebre, nem um momento cortou o ressonar profundo.

«Aqui tendes o bonét... e os sapatos. Não trago a gualdrapa porque a botou por cima d'elle, e não quero accordal-o... Então, snr.? Parece que vos faz mal a vista d'estas cousas!?

«E' o tal vosso amigo?

«Não... enganei-me.

«Pois sinto-o bem!... Posso lá ir pôr isto?

«Podeis...

Lacroze estava convencido de que ao pé de si estava o duque de Cliton. O cavallo era o delle. O bonét com as armas de Cliton, era o seu. Os sapatos de pelle de lontra, com broches de madre-perola, eram semelhantes aos de Branca. Mas o assassino dormia com a tranquillidade de um justo! Que alegria não era a d'aquelle homem que se embalara ao som dos derradeiros gritos da sua victima!

. . . .

«Quereis que prepare o cavallo?—Perguntou o dono da estalagem.

«Não... não me sinto com forças, nem me attrevo a andar só por estes caminhos.

«Tendes muito juizo; não sahireis de minha casa sem estardes restabelecido. Se quereis escrever para a vossa familia o correio está lá em baixo, e lança-vos a carla na caixa de Angouléme...

«Pois sim... esperae...

Ernesto Lacroze escreve a seguinte carta:

«Meu bom visconde.

«Ide a minha casa; despedi os meus creados; tomae conta d'alguns mil francos, que encontrareis na minha escrivaninha, e remettei-os a minhas irmãs, em Pariz, Rua de Voltaire, n.º 56. Queimai dous massos de cartas, que encontrareis com estas letras: *B. de C.* Quando receberdes estas linhas, já não vivem o duque Cliton, e

Ernesto Lacroze.»

Ao visconde de Armagnac—por Angoulême.

«Entregae esta carta ao correio, para que a lance em Angouléme. Prometteis cumprir?

«Eu vou já lá antes que elle adormeça.

....

E' meia noute.

Ernesto Lacroze atravessa um curto corredor. Na mão esquerda leva um castiçal em que bruxuleam os ultimos lampejos d'uma vella. Um sopro de vento extingue-lhe a luz, quando elle ajusta o ouvido ao orificio da fechadura. Lacroze está em cerrada escuridade. Corre a mão ao longo dos alizares da porta, e encontra uma chave. Roda com ella subtilmente na fechadura, e entra no quarto. Pára, escutando a respiração que deve guiar-lhe os passos. Depois, caminha com os braços estendidos, e encontra um obstaculo na ponta do pé. Curva-se, palpando, e depára os pés torneados d'um leito. Cinge-se ao longo d'esse leito. Sente-se vibrado por calefrios, e a mão direita que sustenta um punhal, mal póde sustel-o. Abre os olhos nas trévas, e vê as contursões de Branca. Recorda-se da palavra: «vingança», com a mão sobre o coração d'um cadaver, e os terrores dissipam-se, as caimbras cedem ao incendio do rancor, o instincto nobre recua espavoridó ao juramento do assassino. Estende o braço esquerdo sobre o leito... Encontra um braço nu, calcula a direcção do punhal... desce-o... Ha um ranger de costellas no ferro... Um grito surdo... um segundo

grito cortado na garganta pela lamina, e o estertor d'uma agonia silenciosa, e os golpes successivos indistinctamente sobre um cadaver.

Depois... era profundo o silencio... Ernesto Lacroze sondou o pulso morto da sua victima...

«Cumpriu-se...» murmurou com um sorriso feroz.

Seguiu-se um estrondo no pavimento. O estalajadeiro, acordado por sua mulher, fitou o ouvido, e pareceu-lhe ouvir um rolar, de corpo no chão.

Veio acima.

Encontrou um cadaver, sobre o sobrado. Reconheceu o hospede que lhe dera cincoenta francos.

Gritou, porque a candeia lhe cahira das mãos.

Acudiu sua mulher e creados.

Houve um grito de muitas vozes quando viram sobre o leito a face de Lefebre, cortada de modo, que se lhe não conhecia uma só feição. Era uma ulcera toda ella.

. . . .

As authoridades de Angouléme declararam que não poderam reconhecer em um dos cadaveres o duque de Cliton; mas juraram que o outro era o cavalheiro d'Auvergne. Porém o visconde de Armagnac, authorisado pela carta de Lacroze, declarou, supposto não visse o cadaver, que um dos mortos era o duque de Cliton.

Dez dias depois, um caixão de chumbo conduziu ao carneiro dos Mon-forts na capella de Cliton, o cadaver, que foi depositado a par do de Branca de Clermont.

Elisa duqueza de Cliton, e Arthur, duque de Clermont, aquella de dez mezes e meio, e este com quinze dias de idade, foram conduzidos a Pariz, por ordem do Imperador.

Os jornaes do tempo callaram a catastrophe.

O palacio de Cliton foi confiado á guarda do padre La-Croix, que lhe tinha o amor de trinta annos de residencia. No quarto da duqueza, porém, nunca elle entrou, nem consentiu que alguem entrasse. O copo do veneno ficou á cabeceira do leito. Os lençoes que receberam o suor da agonia nunca foram tocados. Um raio de sol nunca mais penetrou aquellas trévas, que pareciam contar com o seu silencio funebre uma historia horrivel.

E o povo, desde esse dia, conta visões pavorosas, e ao cahir da noute, foge das redondezas d'aquella casa, cuja capella se alumia a horas mortas, para celebrar um festim de mortos, que muitos affiançam ter visto.»

XXXIX

Sebastião de Mello vaga sósinho na face do mundo.

A expiação principia.

Sobre o occeano, escrevia elle a primeira pagina do LIVRO NEGRO, seis dias depois que o seu nome era gravado sobre uma lapide mortuaria.

E' esta:

«Existes, providencia? Onde estavas quando eu matei uma innocente? Se não tinhas força para suster o meu braço, porque te impões á humanidade? Se a tinhas, porque não voltaste sobre os labios do algoz o veneno que queimou as entranhas da victima?

«Que és tu, fantasma, que aterras o fraco? Onde te escondes, justiça eterna, que vês impassivel o estertor d'um anjo que te invoca em testemunho da sua innocencia?

«Como é compativel a minha existencia comtigo, Deus? Ou eu sobre a terra com a face manchada de sangue, ou tu, no céo escarnecendo a creatura que fizeste á tua semelhança!

«Dou-te eu muita honra, creador? Das tuas mãos sae o assassino sem punição, e a martyr sem um refugio em ti?

«Se tu és o arbitro, porque envenenaste aquella innocente? Se o crime é o fatalismo, para que déste ao homem o remorso!

«Desce do teu pedestal, fantasma! No dia em que tu não existires, a rasão do homem te expulsará das cousas humanas, e o crime não terá a coragem de te

insultar como inutil juiz que não castigas, se as leis não punem!

«Mas o remorso!...

«Que é isto que me despedaça? Que desejo de morte é este, e que braço invisivel me sustem pelos cabellos?

«Eu vivo ainda! Diante de meus olhos é tudo negro. A palavra «esperança» é um insulto á minha agonia. Perdi o ser moral. Não tenho contacto nenhum com a humanidade... e vivo! e ouço uma voz que me diz: «não morrerás, não morrerás!»

«Não morrerei! Quem me prohibe?... Sou eu que não tenho a coragem de anniquilar-me! Sou eu o covarde matador! Sou eu que perdi a memoria da honra, e hei-de offerecer-me como carrasco á justiça dos homens!

«Pois bem! Affastae-vos de mim, que eu só posso morrer afogado n'uma onda de sangue!

....

A penna cahira-lhe da mão. A face, contrahida em horriveis tregeitos, impressionara um passageiro, que o contemplava do beliche, com admiração e interesse.

«O' capitão — disse o do beliche, em mau francez, de modo que não podia ser ouvido por Sebastião de Mello — está acolá aquelle homem a escrever com um aspecto tão carrancudo, que me faz lembrar Colombo quando se julgava perdido, e mandava ao mundo a noticia das suas descobertas dentro d'uma garrafa. Não me sabereis dizer se aquelle magico falla alguma lingua viva? Ha vinte e quatro horas que navegamos, e dou-vos a minha palavra d'honra que lhe não ouvi ainda a milesima fracção d'uma palavra de duas syllabas.

«Posso affiançar-vos que falla muitas linguas. Perguntei-lhe se queria cerveja, ou aguardente, e respondeu-me em inglez que não. Ao pratico que é francez perguntou-lhe quantos dias tinhamos de viagem ás costas de Inglaterra. A um grumete allemão, que o mandou retirar de noute da tolda, porque o viu em ar de quem quer atirar-se ao mar, disse-lhe em allemão que se calasse. O que eu não sei é se elle falla o vosso hespanhol.

Portuguez é de crêr que falle porque declara o passaporte que é um commerciante de Portugal.

«Pois aquelle homem é portuguez!? Viva a peninsula! Tende a bondade de lhe dizer... senão eu vou lá pessoalmente...

«E o hespanhol atirou-se fóra do beliche, calçou um sapato, e dispensou o outro, que não encontrou. Sentou-se defronte de Sebastião de Mello, e pediu uma garrafa de cognac e copos. Encheu tres copos: offereceu um ao capitão, e outro ao companheiro de viagem, que parecia indifferente ao alvoroço que o hespanhol fazia tocando tambor sobre a mésa, e acompanhando com os calcanhares o improviso ruidoso das mãos.

«Companheiro! bebo á saude de Portugal! — disse o turbulento hespanhol, offerecendo o calix a Sebastião de Mello, que lhe fez um quasi imperceptivel aceno de cabeça.

«Se sois portuguez — continuou o enthusiasta bebedor de cognac — não deveis ser indifferente á sorte da Hespanha, neste momento em que se abraçam para debellarem o inimigo commum.

«Permitta — disse Mello em portuguez — que eu seja indifferente ás suas ovações patrioticas. Não me importa Hespanha nem Portugal.

«Se lhe não importa, nem a mim. Então bebo á sua saude.

«Agradeço... á sua saude, snr.» E tocou ligeiramente no calix.

O capitão, que os não percebia, retira-se.

«Como se chama, amigo?

«Sebastião de Mello.

«Eu sou Theororico de Montezuma, natural d'este planeta, e com esperanças de encontrar brevemente um outro melhor, porque este em que vivemos não presta para nada. Houve outr'ora em Hespanha um rei que quiz reformar esta maquina, que revella bem o pouco adiantamento das artes, quando foi feita. Não conseguiu nada, e eu já agora creio que morro qualquer dia gritando o fatal Eureka á hora da morte. O snr. sabe quem era Archimedes?

«Penso que sei... — respondeu Sebastião de Mello,

forçado a prestar attenção á verbosidade confusa do hespanhol.

«Era um grande parvo, com licença de todos os mathematicos, que vieram depois, não exceptuando Newton, cujas descobertas valem menos que a maçã que lhe cahiu no nariz. Um homem que gasta a sua vida a devorar a paciencia em conjecturas scientificas, devia ter um Torquemada á perna, e eu, que me honro de ser neto d'um judeu que o Torquemada queimou, não se me dava de ser provisoriamente o inquesidor de todos os fazedores de livros philosophicos, scientificos, didaticos, juridicos, theologicos, e toda essa caterva de esdruxulos, que são os algozes da razão pura com que todos viemos a este mundo para vivermos em boa harmonia de estupidos, e selvagens.

Maldito seja Gutteinberg que inventou as letras! Abençoado seja o cidadão prestante que mandou aquecer os banhos publicos com a bibliotheca da Alexandria! Abençoado o vesuvio que absorveu Plinio, esse insolente rabiscador de latim! Maldito Homero que cantarolava em Cuma as rapsodias com que fui moido em Madrid! Abençoado Virgilio que mandava queimar esse caustico poetico, com que me abriu chagas na paciencia um grande tratante frade franciscano que teve audacia de me dizer que a lingua latina era melodiosa. Maldito vinho de Falerno que produziu Horacio! Maldita indignação que produziu Juvenal! Maldito amor que produziu Petrarcha. Sobre a terra ha um só homem digno das benções universaes; é o inventor do cognac! *Idem*: á vossa saude, snr. Sebastião de Mello!

Montezuma bebeu o quarto copo, e continuou:

«Que ideia faz de mim, amigo?

«A melhor possivel..

«Nada de cerimonia! Se me chama pedante, vou-lhe meter cordealmente, n'um abraço de Eneas e Achates, de Thezeu e Pirithous, duas costellas dentro. Falle serio! O snr. imagina-me o primeiro tolo de Hespanha!

«Não posso fazer tal juizo..: sinto, porém, não ter a disposição necessaria para apreciar a sua conversação.

«Pois hade ouvir-me, porque eu sympatiso com sua pallidez, e ando por este mundo, como o meu

honrado patricio da Mancha, a verter o balsamo da consolação nas chagas da alma. O snr. Sebastião de Mello soffre? Hade perdoar a franqueza; mas eu vi-lhe ahi ha pouco n'essa bella cara uns sulcos de desespero que me tocaram certa corda, onde não chega a influencia desmoralisadora do cognac. O snr. hade ser meu amigo; e se não quer ser meu amigo, hade conversar com os companheiros de viagem, como homem delicado. Felizmente a nossa lingua é como os caracteres cuneiformes para esta gente. Podemos conversar em voz alta, na prezença d'estes barbaros do norte. Ora, diga-me: deixou em terra alguma d'essas raparigas d'olhos azues de Rochefort?

«Atormenta-me, snr... Peço-lhe obsequiosamente o seu silencio. Respeito á desgraça!

«Sim... Respeito á desgraça; mas consolação ao desgraçado.

«Não a quero.

«Nem eu lh'a poderei dar. Eu sei que se cavam abysmos na alma onde não chega o raio de luz da esperança. Sei que é uma loucura pôr a mão no hombro d'um homem, que se curva sobre a terra cavando com as mãos uma sepultura. Sei que é uma vaidade importuna querer crear um dia artificial na noute eterna do espirito. Vê que sou um homem com dous entes diversos? Vê como desapparece o riso emprestado do cynismo, quando as lagrimas saltam dos olhos deixando no coração abertas as chagas por onde sahiram? Errou, se me viu pelos olhos com que o mundo me vê. Duas palavras suas, disseram-me que estava defronte de mim um ente que expia as imperfeições da sociedade, uma victima que entrou no seio d'ella com a aureola do martyrio, uma d'essas hostias que se offerecem ao sacrificio de Moloch que as recebe nas suas entranhas de fogo. Os seus olhos irradiam-se, Mello! Eu creio que toquei a sua alma! Está-se ahi passando alguma cousa extraordinaria! Crê na Providencia?

«Não.

«Creia. Dous desgraçados não se approximam, conduzidos pelo accaso. Caminhavamos a par, e encontramo-nos aqui.

«Que importa o nosso encontro? Se é desgraçado, calle-se com a sua dôr, que a minha não respira.

«Eu não lhe peço confidencias, nem lh'as offereço, cavalheiro. O que eu quero é que não sejamos absolutamente estranhos um ao outro. Tem um destino qualquer?

«Nenhum.

«Seremos, por tanto, companheiros n'este deserto. Sabe que ha um remedio no mundo para toda a casta de dôres?

«Creio que não... a não ser o suicidio.

«E' o suicidio lento... Morre-se com a cabeça atordoada de bellas visões, e de visões do inferno. Não conhece esta arma?

«Não.

«E' a embriaguez. Sebastião de Mello, habitue-se á embriaguez. Opere em si uma lenta desorganisação. Allucine-se, até sahir de si, até rasgar a orbita negra que o cinge. Na minha dôr, que me rouba o senso intimo da dignidade, já não ha vergonha do mundo, nem medo do escarneo. Eu sou menos infeliz, sou fantasticamente ditoso, quando me sinto cahir aturdido. O jogo e a devassidão não podem nada sobre mim. O opio já me não embriaga. E' isto... é o cognac, é o alcool, é o absyntho que me queima as entranhas, mas sopra uma lavareda a escaldar-me o cerebro. Sinto baterem-me as bossas frontaes. Sinto o sangue em ebulição nas arterias. Corre-me uma faisca de fogo além do canal em que vêrto a morte... Que importa? O meu espirito é outro. Os meus labios fremem a gargalhada do despreso pelo infortunio dos outros. Anceiam-me desejos d'uma voluptuosidade calcinante. Canto não sei que fantasias que me fazem verter lagrimas deliciosas. Danço abraçado a um phantasma, a um cadaver de mulher, que arranquei d'um tumulo. Refrésco os meus labios ardentes nos seus labios de gêlo. Enlaço os meus braços palpitantes de goso aos contornos sêcos, descarnados, dos seus retesos do orgasmo da morte... Isto é encantador!...

Montezuma soltou uma estridente risada, e emborcou a garrafa do cognac.

Sebastião de Mello encarava-o com pasmo e terror.

Montezuma continuou:

«D'aqui a momentos, tem diante de si o primeiro infeliz desafiando a felicidade do primeiro sonhador de venturas, que nunca lhe mentiram. E' assim que morre o homem matando a dôr. As roscas da serpente cahirão despedaçadas... Que importa cahir exhausto sobre ellas!... O mundo é infame! Eu já lancei á providencia uma luva: ergueu-a um frade, que tinha o peito frio como o pedaço de marmore que Nero mandou pôr sobre o coração do seu cavallo. Explicou-me o soffrimento pela theologia! Frade maldito! Tu zombavas de mim!... O homem é o escandalo da creação! é o vilipendio do ultimo dia do Genesis! Ao setimo, Jehová descançou... diz Moysés! Não descançou...arrependeu-se! Sabes tu dizer-me, amigo, o que é a presciencia divina? Pois o frade foi vencido no repto! Eu tenho a presciencia de que faço um monstro, e dou ao monstro o sopro da vida! Deixemo-nos de Providencia! Gloria ao cognac nas alturas!... Quantos annos tens? Não respondes?!

«Tenho trinta annos.

«E eu vinte e nove! Que sabes tu mais que eu? Ensina-me ahi o antro onde se esconde a virtude! Dou-te os jardins de Armida, e o palacio de Salomão, se me trazes aqui a virtude por uma orelha! Sabes tu que eu já fui virtuoso? Ora!... Que cognac é este?! Faltam-me aqui as minhas visões... Tu afugentas a felicidade, portuguez! E's contagioso! Sae d'esse abatimento!... Deixa-me, que me matas com esse aspecto patibular! Não ha crime que valha um remorso, porque o homem é o algoz do homem! Vê se eu tenho na fronte o stygma da reprovação! Pois tens diante de ti o assassino de seu pae! Pergunta aos athenienses onde está o patibulo do parricida! Não o ha... Mata-se o homem que te furta um bocado de pão; atira-se ás hyenas e aos tigres o homem que mata o seu inimigo... e debaixo do céo, voga com vento prospero a taboa que conduz o parricida...

Um creado de Montezuma desceu á camara, e tomou seu amo pelo braço, puchando-o para o beliche.

«Deixa-me! — bradou elle, repellindo-o.

O creado dirigiu-se a Sebastião de Mello:

«Peço-lhe, senhor, a mercê de retirar-se d'aqui... A sua presença é perigosa a este desgraçado...

Montezuma sentára-se, forçado pelo velho creado.
Sebastião de Mello passeava no tombadilho, com a barba apoiada sobre as mãos enlaçadas.
A marinhagem, julgando-o doudo, contemplava-o com visagens de compaixão.

XL

PAGINAS TEXTUAES DO LIVRO NEGRO

(1809 — *Grecia*)

Perguntei a Montezuma, nas costas d'Inglaterra, que destino tinha. Respondeu-me:
«Nenhum. Tenho algumas onças no bolço: quando ellas se acabarem, morro de fome.
«Não morrerá de fome. Como o nosso banquete é de lagrimas, seremos convivas.
«De lagrimas não. Creio que ainda me não viu chorar.
«Hade chorar. Quando se não cahe morto debaixo do golpe, vive-se para o remorso, e as lagrimas são o desafogo do homem que não perdeu o instincto do bem. Para o criminoso incorrigivel, a recordação do crime é uma accusação que não offende; mas eu vejo que Montezuma procura o esquecimento na embriaguez. Que tem conseguido?
«Nada para a alma; mas o corpo dissolve-se; as amarras que me atam ao cadafalso vão partir-se. A emancipação do martyr... é a morte.
«Do martyr! Como póde dar-se um titulo que só pertence ao homem, que os outros flagellam injustamente?
«Posso, porque o fui, porque o sou...
Sebastião de Mello, que lhe ouvira, dias antes, uma revellação de parricida no afôgo da embriaguez, não

comprehendeu esta queixa amarga do parricida contra a injustiça do seu remorso. Por ventura aquella accusação seria um devaneio ebrio?

«Acredita na sympathia do soffrimento? Vejo que não ha uma dôr suprema. São todas maiores ou menores. O desgraçado encontra outro. Qual de nós será mais.

«Não sei, Sebastião de Mello... Desde que encosto a cabeça ao seu seio, sinto-me melhor. Se é um virtuoso, sabe o segredo de suavisar os ultimos dias do padecente. Dou-lhe a affeição que o condemnado tem ao padre que o acompanha ao patibulo. Vejo que me não falla em esperança. Fugir-lhe-ia como d'um impostor se me mandasse esperar...

«E quem sabe? Eu sinto-me chamado a não sei que martyrios, que me hão-de dar consolação na morte. A expiação talvez, depure a alma do remorso, e a purifique como ella foi antes do crime. Quem faz uma infamia com a certeza de que a faz, e colhe a ignominia onde esperava colher o respeito, esse tal mata-se. Mas o crime involuntario, a vingança injusta, e o arrependimento immediato, não aconselham o suicidio, fortalecem o coração para todos os tormentos, abrem-n'o para refugio de todos os infortunios, queimam-lhe o cancro roedor pouco a pouco com o fogo vivo do remorso.

«Não comprehendo as suas doutrinas, Mello... O homem, que se arrasta sobre espinhos não ergue assim a face para cousas que tocam no céo Ahi ha um sentimento religioso que eu não tenho. Eu não invoco Deus para as minhas dôres.

«E eu cahi de joelhos invocando o perdão de um anjo... Ergui as mãos convulsas de fervor, como aos seis annos; mas a devoção dos seis annos não era a fé. O desesperado, que não tem nada na terra, quer por força que exista um Deus. A sua fé tem o frenesi do fanatismo. A sua alma, cheia das impurezas do crime, converte-se em sanctuario, onde deve brilhar uma luz de alliança entre o remorso e o perdão. No momento em que orava, não sei dizer-lhe o que senti... O anjo da piedade ergueu-se entre mim e o tumulo... Parece que uma voz me dizia: «Longa e arrastada será a tua existencia: pro-

varás todas as dôres; e esquecerás a tua, tomando sobre teus hombros a cruz dos outros. Terás o teu calvario, por fim; mas a tua agonia será serena como a do justo. A imagem da mulher que...»

«Fallou em imagem de mulher...—disse Montezuma, ancioso pelo segredo, que nunca devêra ouvir-me.—Ha uma mulher... e uma mortalha nos seus soffrimentos?

«Há... não me pergunte mais nada...

«Não perguntarei... Para que? Ha dôres egoistas, que não se mitigam em presença d'outras maiores... Basta... Sabe que não posso ouvil-o? Ha em si um toque sobrenatural, que não é esse tormento sombrio que me chamou... essa profunda chaga em que eu vi a morte... Não tente dar a paz á alma que se deleita vertiginosamente em todos os infernos... O'lá — exclamou elle com impeto — traz-me cognac!

. . . .

Pouco depois, corria ebrio a querer precipitar-se no mar. Fechamol-o na camara. A's apostrophes sarcasticas a Deus, e aos homens, seguiram-se as gargalhadas. Depois, foi acordado d'um profundo somno, quando o capitão deu ordem de desembarque.

Este homem foi o instrumento providencial que me salvou. Como se a minha dôr comportasse mais angustias, recebi as suas, e compenetrei-me d'uma compaixão, que me roubava instantes á meditação da minha vida.

Quando me ajoelhara, pedindo a Branca perdão, senti alguma cousa sobrenatural. A imagem de minha filha, visão terrivel, saudade afflictiva, agonia incomprehensivel para o matador de sua mãe, passou entre mim e o espectro de Branca. Nos labios de ambos voava um sorriso santo, e na minha face desceram lagrimas d'um linitivo, que me fez curval-a diante de Deus.

Eu quiz revellar ás minhas consolações áquelle desgraçado; e não pude fazer-lh'as sentir. Quiz convidal-o a uma peregrinação de sacrificios, a uma redempção de prolongados serviços á humanidade soffredora, e consegui, apenas, fazel-o chorar.

Acreditei que Deus mandára salval-o, e afugentei-o

de mim, querendo impedir-lhe a embriaguez, que o reduzira ao completo marasmo do sentimento, ao idiotismo impassivel, á gangrena dolorosa das entranhas, que tomaram os ultimos dias da sua vida n'um paroxismo de dôres atrozes.

«No dia em que se lhe acabou a ultima onça, Montezuma fugiu dos suburbios de Londres, onde vivia comigo.

Encontrei-o, passados dias, n'uma maca do hospital. Acompanhava-o um velho creado, que guardava religiosamente o segredo d'aquelle homem. Visitei-o no hospital, e tentei em vão restabelecel-o com os meus cuidados.

As suas ultimas horas passou-as comigo.

Eis aqui as suas derradeiras palavras:

«Sebastião de Mello, ahi vae o meu segredo... Não sou hespanhol. Não sou Theodorico de Montezuma. Sou portuguez. Meu pae é o conde de Viso. Sou filho bastardo, porque o conde de Viso, abandonado de sua mulher que fizera victima, esqueceu á deshonra do abandono, fazendo uma victima nova. Foi minha mãe, pobre mulher do povo, atirada ao monturo, a estas horas, n'um hospital como seu filho, ou n'uma sepultura como tantas d'essas machinas quebradas no dia seguinte ao da libertinagem,

«O conde foi, talvez, violentado a receber-me em sua casa, no Minho. Primeiro, deu-me a consideração d'um creado; depois, por uma indisposição com os presumptivos herdeiros, chamou-me filho.

«Ha onze annos que eu amei a primeira e ultima mulher. Era muito nobre, mas pobre. Pedi a meu pae alguns meios de subsistencia. Negou-m'os, e disse que o meu futuro era o convento.

«Desde esse dia concentrei um profundo odio a meu pae. A ferocidade do seu caracter desvendou-se. Não houve despreso que eu não soffresse, porque a mulher que eu amava era sobrinha d'um homem, que lhe roubára a mulher, e nunca mais voltára a Portugal.

«Fui expulso de casa, e cheguei a pedir um bocado de pão aos meus creados. A vergonha não me deixava erguer os olhos para essa mulher, que nunca

penetrou as amarguras do moço de dezoito annos, cheio de brios, orgulhoso do seu nascimento, e obrigado a deitar-se na cama d'um creado, a occultas de seu pae.

«Lancei-me de joelhos aos pés d'este homem, pedindo-lhe um quinhão na meza dos seus creados. Mandou-me entrar n'um convento, ou sahir da sua presença. Eu tinha fome, sêde e frio. Aceitei o convento.

«Ahi, Sebastião de Mello, n'uma cella de Tibães, durante o anno do noviciado, perverti-me! A solidão, o pungente desprezo com que as minhas lagrimas eram recebidas, o mudo escarneo d'aquelles frades, que repartiam o tempo, entre a devassidão e o culto pago a ouro, converteram o meu padecimento surdo em entranhado rancor a meu pae.

«Nunca mais tive noticias d'essa mulher, que eu julguei esquecida de quem tão pouco valia aos olhos de seu pae. Ninguem me consentia que eu pronunciasse o nome d'ella. Os meus companheiros de noviciado galhofavam do meu sentimento, e saltavam, alta noute, os muros da cerca para semearem o grão da deshonra nas aldeias visinhas.

«Ao cabo, d'um anno, disseram-me que estava designado o dia para a profissão.

«Escrevi a meu pae pedindo-lhe licença para assentar praça. Respondeu-me que seria simples corneta ou soldado razo.

«Resolvi ser frade, porque pouco importava que a minha mortalha fosse um habito ou uma tunica.

«Na vespera da profissão, dobravam os sinos das egrejas circumvisinhas. Disseram-me que morrera Adelina, e pedira que o seu cadaver fosse enterrado na egreja de Tibães.

«Pouco, depois, fui chamado á portaria, e recebi quatro linhas:

Parece-me que serei sepultada no dia da tua profissão. Terás uma companheira toda a vida no mosteiro. Pede a Deus sobre a minha sepultura, o descanço da tua amiga.

«Não pude diluir nas lagrimas o fel do coração. O odio estava aqui. O algoz d'aquella mulher era meu pae. A vingança já não era por affrontas feitas a mim.

Fugi do mosteiro: não assisti aos responsos de Adelina... A' hora em que foi sepúltada... meu pae tinha uma bala no coração... E desde esse dia... ha onze annos...

O filho do conde de Viso contorceu-se nos trances finaes alguns minutos, e expirou, repellindo uma cruz que eu lhe cheguei ao coração.

XLI

Sebastião de Mello data as suas paginas até 1814.

São cinco annos de peregrinação, sem repouso. Vive entre os monges de S. Bruno na Italia; com os coptas na Armenia, com os soldados feridos, na guerra da independencia, na Grecia; com os selvagens nos sertões da Asia; com os arabes no deserto, onde passára os ultimos dias felizes da vida.

Em toda a parte, a morte se-lhe apresenta com um sorriso. A guerra, a peste, e a fome respeitam este homem que o dedo de Deus tinha assignalado.

Do duque de Cliton, não ha feição denhuma em Sebastião de Mello. As barbas cobrem-lhe o peito. O bronzeado pelo sol dos desertos perdeu o typo europeu.

Em Calecutt encontra o visconde de Namur, que viaja estudando a velha India para erguer com outro trabalho historico a segunda columna á perpetuidade do seu nome. O visconde pede-lhe esclarecimentos do Japão, e da-lhe em troca um exemplar da sua «Historia da revolução franceza.»

«Vejo que sois um sabio.» Diz Sebastião de Mello.

«Trabalho em honra da patria.

«E da vossa. De que departamento sois?

«De Charente.

«Conheci na Africa um militar desse departamento. Chamava-se de Mont-fort.

«Que depois foi duque de Cliton no imperio. Esse homem foi assassinado pelo supposto amante de sua mulher.

«Quem era o supposto amante de sua mulher?

«O marechal Lacroze, que viveu em Angouléme com um nome supposto.

«Ainda vive esse Lacroze?

«Não: suicidou-se, ao pé do cadaver do duque.

«Do cadaver do duque!... Ha a certeza.

«De que elle se suicidou? A prova é que o duque está enterrado na capella de Cliton, ao pé da mulher que elle envenenou, e o marechal Lacroze está sepultado em Angouléme, no carneiro do marquez de Alençon.

«Tinha filhos o duque?

«Tinha dous. Um, que é duque de Clermont, nasceu na mesma noute em que a mãe foi envenenada. A filha mais velha um anno—segundo diz minha mulher, que eu não me occupo d'essas insignificancias de cazamentos, partos, e obitos—é duqueza de Cliton, e não ha ainda um anno que eu a vi em Pariz.

«Vivem em Pariz os filhos do duque?

«Vivem, na companhia de parentes!

Vejo-vos muito interessado n'estas minudencias... Quereis escrever algum romance? Em que adiantamento está a litteratura na Tartaria? Creio que já me dissestes que ereis tartaro...

«Em muito attrazo... Não ha por lá espiritos laboriozos como o vosso.

«Vejo que fallaes correntemente o francez! Sempre cuidei que na Tartaria o francez era uma lingua morta... Porque não traduzís a minha historia, que eu prometto-vos uma medalha de honra da Sociedade Historica de França?!

«Traduzirei a vossa historia...

Estas revellações foram as primeiras que o filho de Silvína recebeu de França. Concebeu que o assassinado com o seu nome. foi o seu escudeiro. O fantasma de Lacroze perseguiu-o, na febre constante das suas vigilias, com o punhal que ferira o supposto marido de Branca. Queria odiar a memoria do homem, que sentira o goso infernal de matal-o, e não podia. A sombra angelica de

Branca era como a luz boreal, a transluzir d'entre as nuvens torvas que lhe desciam sobre o coração. A victima, de joelhos, apparecia-lhe em sonhos, pedindo ao Senhor o perdão de Lacroze, e o allivio ao infinito remorso de seu marido.

Em 1812, Sebastião de Mello estava em Londres.

E' n'essa epocha que elle resgata da prizão um portuguez, prezo por dividas. E' este o pirata, socio de Alberto de Magalhães, que apregôa, em 1833, na praça do Rocio, em Lisboa, a emancipação do povo, e a morte dos padres.

A 2 de Janeiro de 1813 entrou Sebastião de Mello em Portugal, no paquete inglez. Desembarcou na Foz do Douro.

O general, conde de Trancoso, achava-se então no Porto, de passagem para a capital.

Sebastião de Mello foi-lhe apresentado como suspeito negociador de Bonaparte com os jacobinos.

Interrogaram-no. As suas respostas eram conscisas, e negativas. Foram-lhe examinadas as suas bagagens, e respeitaram, apenas, um livro com muitas paginas brancas.

No quartel general do conde de Trancoso estava um ajudante de ordens, que vociferava contra os revolucionarios francezes que, vinte annos antes, lhe mataram seu thio, marquez de Luso.

Sebastião de Mello denunciou no rosto a emoção que este nome lhe causava.

O conde de Trancoso perguntou-lhe se conhecera o marquez de Luso.

«Conheci... mal me recordo... mas conheci-o em Pariz.

«Quem é, pois, o senhor?

«Não sei quem sou. Appareço no mundo, onde me chamam Sebastião de Mello. Não sei quem me pôz aqui.

«Que annos tem?—perguntou o marquez de Torres-Vedras, que estava presente.

«Trinta e cinco annos.

«Sabe onde nasceu?

«Não sei.

«Viveu algum tempo debaixo da protecção do marquez de Luso?

«Não respondo a v. exc.ª... Não tenho do passado recordações nenhumas.

«Não ouviu nunca pronunciar o nome de Paulo de Albuquerque?

«Não me recordo.

«Que perguntas são essas!?— interrompeu o conde de Trancoso.

«Tambem lhe não respondo, meu caro conde. Ha aqui um segredo... uma probabilidade d'um estupendo encontro... Queira acompanhar-me...—disse o marquez a Sebastião de Mello.

Entraram n'um quarto, que foi fechado pelo marquez.

«Ora attenda-me... Hade haver trinta annos que veio a Portugal o marquez de Luso, já então casado em Pariz com uma rica herdeira Susana de Mont-fort. Eu era amigo, desde creança, do marquez, e só deixei de ter noticias delle, quando elle e sua mulher foram victimas da carnagem de 1793. Disse-me elle, quando cá esteve, que fôra encarregado por Paulo de Albuquerque, ministro portuguez em Roma, da educação de um menino. Este encargo, feito á hora da morte, não declara o nome dos paes do menino. Todavia, é de crêr que seja muito elevado o seu nascimento, por duas razões: primeiro, Paulo de Albuquerque não se encarregava de vellar a educação d'um filho que não fosse de paes muito nobres, nem elle tinha d'outras relações; segundo, o patrimonio d'esse menino eram cem mil cruzados, quantia esta que só podia dispôl-a a favor d'um filho bastardo um dos nossos mais ricos fidalgos. Accresce mais, que o marquez, meu primo e amigo, muito queria que eu passados dous annos, tomasse conta dessa creança, por isso que a tinha confiado a uma amasia, que levára comsigo de Roma para Pariz e que de modo nenhum lhe convinha conservar, para não dar azo a suspeitas de Susana, a quem devia a sua fortuna.

«Sabe v. exc.ª como se chamava essa amasia de seu primo?

«Deixe vêr se me recordo... Era Laura.

«Laura!

«Sim... Era Laura... recordo-me de elle me contar de

lá uma celebre passagem d'um punhal cravado n'um retrato, e da fuga de sua Laura com um lord velho... Vamos ao caso; será o senhor essa creança que se chamava Sebastião?

«Sou.

«E'. Se me respondesse que não, creia que passava por mentiroso. Convem-lhe que se fassa saber o seu nascimento?

«Pois v. exc.ª sabe qual elle é?

«Não: mas o pouco que sei dá-lhe entrada na roda mais distincta dos nossos fidalgos.

«Não acceito, snr. marquez, a apresentação. Serei eternamente grato a v. exc.ª, conservando o segredo que sabe do meu nascimento.

«Conservarei; mas isso não obsta que viva comnosco, guardando o seu incognito. Ora diga-me: qual tem sido a sua vida durante trinta e cinco annos? Tem sido feliz?

«Tenho tido alternativas, snr. marquez.

«Onde tem vivido?

«Em quasi todo o mundo habitado.

«Mas a sua apparencia é a de um homem, que soffre ou da alma, ou do corpo. Conserva ainda alguma parte do seu patrimonio?

«Conservo ainda parte do meu patrimonio, sou independente.

«Se o não fosse, e quizesse seguir a carreira militar, tinha o meu amigo uma bella occasião de elevar-se depressa.

«Não desejo elevar-me... Agradeço a v. exc.ª o seu patrocinio.

«Tenciona demorar-se no Porto? Isto não é terra onde se viva. Venha comnosco ámanhã para Lisboa.

«Irei...

«Parece-me sempre abstracto! O snr. tem alguma cousa que o incommoda! Porque não apara estas barbas de ermitão, que o fazem parecer velho?

«Pareço o que sou, snr. marquez.

«Parece o que é! Será o snr. poeta? E' pena que não viesse ha seis annos, que conhecia ainda o Bocage, aquelle pobre tôlo que não soube tirar partido ne-

nhum dos sonetos. Era um gosto ouvil-o glosar! Tinha abstracções assim como as suas; mas, fóra d'isso, era um grande fallador em verso, que em prosa não se dá aos poetas a liberdade de fallar na nossa presença. Ora diga-me: a casa que era do meu parente e amigo marquez de Luso, dizem-me que passára a um filho bastardo do sogro?

«Creio que sim.

«Que foi feito duque de Cliton pelo monstro coroado... Conhece o tal duque?

«Morreu.

«Pois que esteja por lá muito tempo sem nós. Vae-se jantar, meu amigo. Hade ter a bondade de ser nosso commensal.

O general entrou na sala do jantar com Sebastião de Mello pelo braço:

«Apresento-vos um cavalheiro digno da vossa amisade, camaradas.

«Chama-se?»—perguntou o conde de Trancoso.

«Já tive a honra de vos dizer que era Sebastião de Mello.

«Mas a quaes Mellos pertence? E' aos do conde de S. Lourenço? Ou aos Mellos do Algarve, que são ramo bastardo da muito antiga linhagem dos Mellos de...

«Não temos aqui dissertação genealogica, meu caro conde—atalhou o marquez—E' um cavalheiro por cujos foros de fidalguia eu me responsabiliso, sem me comprometter com v. exc.ª a contar-lhe a historia do seu nascimento.

Sebastião de Mello attrahiu pelo mysterio a consideração que não teria se dissesse que era filho bastardo da casa de Lafoens, ou Cadaval.

«Ora vou contar-lhes uma novidade... —disse o conde de Trancoso—Levamos ámanhã na nossa companhia uma dama.

«Uma dama!—exclamou o marquez de Torres-Vedras—Quantas irão nas nossas bagagens!

«Não é dama de bagagem, general. Aqui estão já os nossos rapazes a sortearem-se a vêr qual delles será o abutre da pomba!... Não se impacientem, que ella tem mais de cincoenta annos...

«Oh diabo! Essa mulher entre guerreiros hade parecer a mãe dos Maccabeus!—disse o visconde de Monte-Alegre.

«Nenhum dos senhores se lembra do conde de Viso, um velho general. que foi gentil-homem de D. Maria 1.ª?

«Recordo-me eu»—disse o marquez de Torres-Vedras —por signal foi assassinado por um tiro na sua quinta do Minho, e nunca pôde saber-se quem o matou.

«Justamente. Pois esse homem tinha sido casado com uma bella mulher, que eu conheci, sendo eu cadete de cavallaria de Bragança. Chamava-se Silvina, e tinha mais graça que todas as tres graças que os poetas da Arcadia trazem sempre nos alforges. Quando o general, ha hoje bons trinta e tantos annos, foi chamado a Lisboa, depois da morte do conde de Oeiras, a boa da Silvina desappareceu com um fidalgote de provincia, seu visinho, e levaram o rumo do outro mundo, porque nunca mais appareceram. O general recebeu a nova em Lisboa, e a fallar-lhes a verdade, não deixou de comer, no que se parecia muito com vv. exc.ªs, que comem perfeitamente, excepto ali o snr. Mello que é todo ouvidos a escutar a historia, sem lembrar-se que o estomago é a mais respeitavel entidade que falla a esta hora...

«Eu cumpro ambas as attenções, a v. exc.ª e ao estomago, snr. conde.

«Dizia eu...—Marquez! á saúde de v. exc.ª, e do seu amigo Sebastião de Mello...—dizia eu que o conde de Viso não deu muita importancia ao escandalo de sua mulher, e a prova é que, apesar, dos seus cincoenta, seduziu a filha d'um procurador de causas, bonita rapariga d'olhos pretos, e buço castanho, que morava na rua da Oliveira, quando o general morava nas casas do Quintella no largo do Carmo. O conde sahiu de Lisboa, e trouxe com ella um filho de dez mezes de que eu fui padrinho, porque n'esse tempo estava eu ás ordens d'elle, e mereci-lhe a honra de ser o seu confidente em muitas e gloriosas asneiras de que não resam os fastos militares do velho soldado do conde de Lippe. Minha comadre, a snr.ª Therezinha dos Anjos, e meu afilhado Francisco, e meu compadre general nunca mais me deram novas suas. Esta manhã estava eu no pateo examinando o meu cavallo baio, e vejo en-

trar uma mulher vestida de negro, com uma destas mantilhas do Porto, que arrepiam as carnes ao senso-commum. Pergunto-lhe o que queria, e ella duvida que eu seja o conde de Trancoso. Teimo em que sou, e ella pergunta-me se conheço Thereza dos Anjos, minha comadre. «E' a senhora?» Sou eu a desgraçada—responde-me ella! Dou-lhes a minha palavra de honra que fiquei passado! Pois a tão linda Therezinha está reduzida a esta velhice, a esta pobreza! Conte-me lá a sua vida. Ora, os senhores de certo se não interessam muito em saber a vida da mulher; mas eu resumo-lh'a em quatro palavras, visto que o snr. Mello tem a delicadeza de ensarilhar armas para me ouvir. O general teve-a com sigo tres mezes, e mandou-a pentear macacos. A rapariga chegou aqui ao Porto, e deu alguns vintens que trazia a quem lhe roubasse o filho de casa do pae. O filho nunca veio, e a mulher teve fome. Trabalhou em quanto teve vista. Diz ella que aos trinta e cinco annos estava quasi céga de chorar. Escreveu ao conde, e este mandava lhe aqui dar uma esmolla, com que ella podia viver sem mendigar. Por desgraça o conde é morto, e o filho que estava n'um convento para ser frade, foge do convento no dia em que matam o pae, e nunca mais se soube d'elle. Desde então a minha pobre comadre pede esmola. Foi o que ella hoje fez: vinha pedir ao seu compadre um bocadinho de pão... Não admirem estas lagrimas, senhores! Um soldado tambem sabe chorar. A gente vê cair ao seu lado um amigo, e não chora, porque é gloriosa a morte d'um bravo em defesa da patria; mas uma mulher, que se conheceu virtuosa e bella, e nos vem depois, velha e esfarrapada pedir uma esmola... não se póde vêr sem lagrimas!... Ainda bem, que o snr. Mello soube comprehender a minha pena!...

«E mais alguem, snr. conde...—interrompeu o marquez—Vem vê que todos nós somos sensiveis á historia da sua comadre. E, então, é ella que vae comnosco para Lisboa?

«E', e vou tel-a em minha casa, para que ao menos tenha pão no resto da vida.

«Snr. conde!—disse Sebastião de Mello—se v. ex.ª me concedesse uma graça...

«Diga lá, meu amigo.

«Eu vou para Lisboa, e sou um homem só. Consente que essa senhora seja minha hospeda, visto que preciso d'uma administradora de casa?

«Pois não, meu caro senhor! Na sua companhía não terá d'ambicionar a minha. Partiremos juntos ámanhã.

....

Sebastião de Mello vivia em Lisboa n'uma casa que comprára na rua da Junqueira: A mãe do seu amigo morto n'um hospital de Londres, era a sua governante. Trinta e quatro annos depois que perdera o filho, a infeliz desfallecia sempre que fallava n'elle. O filho de Silvina guardou o segredo da sua morte, para que a pobre velha morresse na esperança de encontral-o, sem a consciencia de ter gerado o matador de seu pae.

Thereza dos Anjos era, ainda assim, feliz. Sebastião de Mello chamava-lhe mãe, e occupava o seu grande espirito ouvindo as repetidas historias do seu tempo que a encanecida senhora lhe contava. Ninguem diria que eram cincoenta annos aquelles cabellos brancos; mas a decrepitude intempestiva não podéra desvanecer vestigios d'uma perigrina belleza.

Sebastião de Mello, contra sua vontade, era apresentado pelo marquez de Torres-Vedras, e conde de Trancoso ás primeiras familias. O seu nascimento era sempre um mysterio, que a sua vida excentrica tornava mais apetitoso á curiosidade.

Alguns, menos credulos na palavra do marquez, e que sabiam a historia de Thereza dos Anjos, suspeitavam que elle fosse filho do visconde de Viso: mas a sua idade, que todos calculavam de quarenta annos para cima, destruia a conjectura.

Mello adquiria amigos, sem procural-os. A sua casa seria o receptaculo dos ociosos do circulo aristocratico, se a melancolia taciturna com que os acolhia, não fosse uma delicada despedida.

O seu viver era a solidão d'um quarto, por cuja janella raras vezes entrou a luz do dia. Uma noute de seis annos tinha passado por aquella alma, immersa na escuridão de todas as esperanças, desmemoriada de todos os gosos que poderiam valer-lhe no desalento, saturado n'esse doér continuo e monotono que é a mais amargurada das existencias.

Nunca mais em seus labios passou o sorriso, que póde ser, um instante, o esquecimento da pena, o allivio momentaneo do remorso.

Branca de Clermont vivia sempre na sua alma, e morria sempre, n'aquelle dilacerar cruento, n'aquelles estorcimentos do veneno, sempre na imaginação do infeliz.

E, por isso, a luz do dia não a supportavam olhos que choravam incessantes durante a noute.

Procurava o refugio dos livros; mas as letras de cada pagina casavam-se de modo que lhe davam uma legenda de condemnação.

Vinham os desesperos impetuosos, os frenesis do desalento, e o duque de Cliton cahia de joelhos, invocando Branca, que a dôr supresticiosa lhe affigurava, sempre no derradeiro estertor, e nunca nos tempos em que a branda tristeza lhe dava á face o colorido meigo que lhe realçava a formosura. Era sempre nos paroxismos que a visão lhe apavorava os sonhos do dormir momentaneo. Era sempre, desfigurada pelo veneno, vomitando as entranhas laceradas, que a imagem da duqueza se sentava a par com elle, e lhe fazia retirar dos labios o alimento indispensavel para não cahir exhausto.

Muitas vezes, Thereza dos Anjos era-lhe uma consolação, porque as lagrimas d'esta mulher recordavam-lhe um crime, que excedia a grandeza do seu.

Então, o rival de Lacroze pintava-se o quadro pela face negra com que o vira, quando offereceu a sua mulher um copo de veneno.

Queria absolver-se do crime, porque se julgou atraiçoado pela amante d'um homem, que vive debaixo das suas telhas com um nome fingido. Recorda os carinhos astuciosos d'essa mulher, quando se vê tão bem servida pela astucia infame. Explica uma a uma as razões que teve de julgar-se deshonrado, e quer assim convencer-se de que matou quem lhe tinha apunhalado o coração, e calcado a dignidade de homem.

Mas, depois, o fatal grito «mataste uma innocente» revoca-o á realidade cruel. A justificação do assassino, não ousa balbuciar-se na presença do phantasma, e o sangue a gotejar do peito de Lacroze vem borrifar-lhe a face, em que o terror abriu o estygma do precito.

Acolhe-se então ao seio da pobre mulher, que lhe não comprehende as palavras cortadas por soluços, e ajoelha diante de Christo pedindo misericordia para o seu bemfeitor.

Sebastião de Mello, que não póde supportar tão vagarosa a agonia, porque a blasphemia lhe vem aos labios cançados da supplica, busca o remedio na sociedade, onde a mão do anjo da expiação devia conduzil-o, para que ahi principiasse a ser punido o homem, condemnado a quinhoar do absyntho de todas as mortificações alheias.

Os primeiros passos que deu nos salões foram fatidicos. A primeira mulher que lhe estendeu a mão carinhosa tinha no coração o segredo de restituir aquelle homem a Deus, embora lhe custasse a vida. A sua alma seria o incensorio do sacrificio, e depois voaria ao céo, a receber a corôa que se fizera martyr para fazer um justo.

Era Francisca Valladares.

Sebastião de Mello, vendo-a, lera-lhe no olhar prophetico uma legenda de infortunios.

«Se o meu coração está morto — escrevia elle — que sensação é esta?

«A predestinação será este alvoroço que me vem com o sangue á face, quando aquelles olhos me fitam com piedade?

«Sabe aquella mulher o meu segredo?

«Fêl-a a Providencia instrumento da sua vingança incessante?

«Não bastam seis annos de remorso, seis mil annos de rastos, sem ter merecido ao céo o intervallo d'uma esperança, que me dê bem perto a morte?

«Branca, se me perdoaste, porque não pedes ao Senhor o fim d'este captiveiro?

«O odio, que me fez teu algoz, não m'o perdôas pela paixão com que te amei, pelo delirio que me levou ao crime, pela cegueira com que te violentei a ser minha, cuidando que te dava a felicidade!

«Poderei eu amar outra mulher na face da terra? Perdôa-me esta pergunta que eu te faço á minha dôr, oh filha da minha alma.

«No momento em que uma affeição renasça do pó

d'este cadaver, que se move em conlursões de desespero, eu verei na mulher, que me ressuscitar, a mulher que vem vingar-te, Branca!

«Se ella existe, eu recebo o calix da sua mão, com tanto que a minha alma se purifique para poder encontrar-te no seio de Deus.

Será esta, diante da qual os meus olhos descem como envergonhados d'um crime que a minha face denuncia?...

....

Sebastião de Mello, como se vê, pedia á superstição o segredo d'esse iman que o arrastava para Francisca Valladares.

Se nos perguntaes se era o amor, dir-vos-hemos que sim.

Se nos pedís uma rasoavel explicação d'esse phenomeno, depois de seis annos de torturas, dar-vol-a-hemos mais facilmente do que podem imaginar os que entram pouco nos abysmos do seu proprio coração, e os que vivem muito longe das vicissitudes da alma.

Essa dór de seis annos, sempre intensa, aguda sempre no primeiro como no ultimo dia, devia ter morto o duque de Cliton quinze dias depois do crime, ou devia devorar-lhe, n'esse lento roer do remorso, a sensibilidade.

Como tão tarde esse coração resurgiu do seu tumulo, isso, leitores que sentís e pensaes, é que é um phenomeno, que transcende a esphera onde giram estas pequenas cousas do mundo que nós vemos, palpamos, e explicamos, com grande orgulho da sciencia.

Quando recorressemos ao maravilhoso para admittir uma nova paixão no duque de Cliton, encontraria-mos a Providencia como elle a encontra para julgar-se sugeito á mulher que hade punil-o: á mulher que deve acordar-lhe no coração martyrios novos, á mulher que lhe hade encravar bem dentro na fronte os espinhos que nasceram do tumulo de Branca, nutridos em veneno, e orvalhados d'um sangue, que clama justiça ao céo.

E, se esse homem se crê impellido por Francisca Valladares, como a hostia para o altar, como o insecto para o fogo, como o penitente para o patibulo, porque

não irá elle a receber a morte como um sorriso d'amor, a anniquillação como um leito de rosas, a derradeira tortura como o beneplacito do céo?

XLII

Francisca Valladares era filha do governador eleito do Brazil, Filippe de Valladares.

Tinha dezoito annos. Realçava entre todas as formosuras. Impunha-se á sympathia por uma tristeza não affectada. E explicava a sombra eterna que lhe annunciava o céo da infancia, e as lagrimas constantes em que os raios dos brandos olhos se dilluiam, pela voz intima que lhe vaticinava uma morte proxima.

A sua vocação era o convento.

Seus paes, que lhe não queriam azedar a existencia, torcendo-lhe a propensão, esperavam a idade, e expunham-lhe, entretanto, como em leilão de quadros, os cazamentos que mais vantagens promettiam, e os mancebos mais galhardos da roda puritana em côr de sangue. Francisca não percebia essas tentações estereis. A sua alma não tinha mesmo o presagio de que podia ser chamada a comprehender outra.

O que ella queria era a solidão, e a sua amiga Cecilia.

Cecilia era filha d'um fidalgo de Traz-os-Montes, Christovão Coelho, que vivia em Lisboa, desde que ahi fôra receber seu pae, dezesete annos emparado na Junqueira por ordem do marquez de Pombal.

Cecilia não tinha a vocação monastica. Pelo contrario, gostava do sol, das flores, do amor, da liberdade, da convivencia. As duas indoles diversas cazaram-se em intimo enlace, porque uma tinha o que a outra não tinha, e aspiravam simultaneamente a fins diversos sem se contrariarem.

Cecilia amava o filho d'um judeu opulento. Azarias Pereira era um bello homem, um dissipador elegante, um rapaz que affastava de si os prejuizos de raça, cegando uns com o eclypse do ouro, e vencendo outros com a modestia hypocrita.

Era recebido nas primeiras casas da nobreza, e especialmente na de Filippe Valladares, que devia dinheiro, sem juro, a Moysés Pereira, honrado israelita da rua dos Fanqueiros, e pae do digno filho, que hospedava em sua casa com agrado.

Pode ser que assim se explique melhor a harmonia de Cecilia com Francisca.

Sebastião de Mello, impressionado da melancolia imperturbavel da filha do governador do Brazil, quiz avaliar de perto aquelle destincto genio.

Achou-a triste e morosa na expressão, prompta a comprehender palavras doloridas, curiosa de penetrar nos corações que soffrem, e tocada do semblante sempre triste do mysterioso cavalheiro.

Desde essas perguntas, os olhos de Francisca seguem Sebastião de Mello. Uma exaltação sublime anima-os quando o cavalheiro se approxima. Nos labios floresce-lhe um sorriso, que Sebastião de Mello não recompensa com um ar de graça.

A attracção, porém, é invencivel. O filho do dominicano de Santarem é impellido para a mulher que lhe povôa os sonhos, abraçada á imagem de Branca de Clermont. Este sonho prevaleceu sobre o raciocinio do homem que via phantasmas com os olhos da razão. O providencial entrava no sonho. O annuncio de Deus fôra-lhe dado. Era necessario estender o collo ao cutello, e abençoar a expiação.

Azarias Pereira, que se intitulava amigo de Sebastião de Mello, procurou-o, como mensageiro d'uma feliz nova.

«*Ave, Cezar!*—exclamou o judeu, abraçando-o.

«E o *crucefige eum*, depois?

«Não!... sempre *hossana*! como disseram os teus, e os meus, que eram todos excellentes creaturas. Sabes que as tuas barbas vallem mais que as de D. João de Castro? As matronas de Gôa deram os brilhantes com o penhor de um cabello; mas eu aposto o meu bigode, se ellas davam

o coração, como por cá se dá, sem teres o incommodo de hypothecar as tuas... Sabes que és amado de Francisca Valladares?

«Não sei... e crê que não indagarei.

«Não precizas indagar... jurol'o pelo Deus d'Abraham, que gerou Jacob, que gerou José, que gerou... Acho que José não gerou ninguem, mesmo porque tenho cá as minhas duvidas, por causa d'uma certa capa, que elle deixou nas mãos d'uma certa mulher... Não te impacientes, Mello! Não estamos no formalisado salão de Filippe de Valladares. Venho agora de perder duzentas peças em casa da condessa de Alfarella, e appresento esta cara de inspirado que tu vês, á maneira das illuminuras gothicas de que fallam os membros dispersos da Academia dos humildes... Entro agora em materia, e por isso declaro-me em intermittente de seriedade. Sabes que eu namoro a Cecilia Coelho?

«Não sei.

O' homem! pois és cégo?

«Não vejo bem o que me é indifferente.

«Pois fica sabendo, palavra de rabino, que namoro a christã encantadora, e sinto-me com as melhores disposições para renegar a religião não só de meu pae Moysés Pereira, mas até a do meu vigesimo quinto avô, Lamech Pereira, tudo por obra e graça do espirito diabolico d'aquelles olhos agarenos, e d'aquelle pescoço puro-caucasiano, se é verdade que o Caucaso tem melhores pescoços que Cacilhas. Dito isto, cumpre saber, como diz a Gazeta de Lisboa, quando cumpre mentir, que Cecilia, a minha joia de Bombaim, me disse que recebera da sua amiga Francisquinha uma espantosa confidencia, começando por lhe dizer que te amava com delirio: que não tinha já coragem para cumprir a sua palavra de ser freira; que não contava com o teu amor, mas queria viver, ao menos livre para não ter escrupulos de te adorar cegamente. Aqui está o que ella disse, e ao que eu não augmentei uma só palavra da minha casa. A' vista disto, não te levantas dessa modorra?

«Tens fallado muito, Azarias?

«E tu, creio que tens dormido! Queres que eu diga a Cecilia que tive a honra de te fazer cahir n'um somno de justo?

«Diz o que te approuver; mas aconselha essa senhora que receba as confidencias, e que se calle com ellas.

«Homem esse tom é synistro, como o do pregoeiro das doze tabuas da lei! Tu creio que não és d'este mundo! Fugiste naturalmente d'um conto arabe, e andas por Lisboa com licença! Falla sériamente: que heide eu dizer a Cecilia?

«Repete, se quizeres, fielmente a scena que presenceaste.

«Das duas, uma: amas, ou não amas?

«O contrario era uma grosseria; mas esse protesto de respeito não responde ao dilemma.

«Não tenho outra resposta, que te dê. Olha, Azarias: faz saber a essa senhora, que serei eu o portador da resposta.

«Isso assim é mais cathegorico. Diz-me cá: sabes que a Francisca Valladares é a mulher mais instruida da côrte? Não sabias! Foi educada por um jesuita francez, e falla-te umas poucas de linguas; mas não é sempre, por que, muitos dias, a tenho eu visto sem fazer só despesa d'uma palavra como *Fó*, *Tsong*, *Tsi*, que é chinez. Disseram-me que tu fallavas chinez? Eu da China só conheço o chá. A proposito de chá, heide levar-te uma noite a uma roda muito differente d'esta gente que conheces. Tu tens cara de quem estuda a sociedade, e hasde gostar de conhecer a muito nobre bacalhoeira retirada, a snr.ª D. Anacleta dos Remedios, que dá excellentes bailes, e appresenta a cara mais fresca, mais roman, mais provocante do globo! Passa-se lá soffrivelmente, quando se não tem mais nada. A minha familia é muito de lá, e a boa da bacalhoeira é rica, e tem bom gosto. As filhas tocam piano, dançam como fadas o minuete da côrte, e tem requebros capazes de dar em terra com a reputação d'um padre jesuita, em pleno espirito de Maligrida. Acceitas o convite?

«Irei.

«Vamos hoje? Hoje não que ha saráo em casa do Valladares. Dá-me um conselho. Se o Christovão Coelho me não der a filha, que heide eu fazer?

«Não entendo.

«Se devo tirar-lha de casa.

«Isso seria uma infamia.

«Dizes bem: era uma infamia, e o povo de Lisboa era capaz de erguer-se contra a raça israelita, como aconteceu por causa da candeia do frade de S. Domingos. A verdade é que tem amargado esta meia-conquista... *conquete* dizem os francezes. Primeiro repelliu-me com sacrilego desdem, depois amou-me, com a condição de não comprometter a tranquillidade de seu pae, que era capaz de morrer, se ella lhe desse um desgosto, emparedado, como seu avô. O emparedado é Christovão Coelho; olha que não é o desgosto. Fui agora incorrecto como um frade cruzio. O peor é se meu pae cumpre as ameaças que me faz todos os dias. Cada vez que apparece um credor com ordem minha, recebendo a bagatella de cem ou duzentas moedas, que me sugam no jogo as esponjosas marqueza de Alfarella e condessa de Picanhol, o venerando velho diz-me sempre que vae liquidar a sua fortuna, e que sahe de Portugal, onde eu trabalho para a deshonra das suas cans. Vê lá tu, meu circumspecto Sebastião de Mello, se eu me vejo na precizão de ir para a Hollanda, em que flagellos se não verá esta alma!

«Evita esse desgosto, não trabalhando para a deshonra das cans de teu velho pae.

«Sabes mais moral que o guardeão dos frades da Graça! Encontro-te sempre imaginando que vives na Thebaida, fazendo cestos, e ensinas ás pastorinhas a cartilha do mestre Ignacio d'aquelles tempos. Fazia-te depositario d'uma importantissima confidencia, se promettesses não me dardejares todos os raios do Jupiter Fulmineo, como diz Horacio.

«Sabes tu que és um typo moral muito semilhante ao d'um homem que eu vi morrer muito desgraçado!

«Pois reza-lhe por alma, meu compassivo Mello. Queres saber a revelação?

«Dispenso-a.

«Tem paciencia: é uma expansão cordeal...»

«Com que direito t'a recebo eu, Azarias? Interessam-me tão pouco os actos da tua vida!...

«Isso é uma ironia. Não creio. Tu não és grosseiro, para disparares uma artilheria d'insultos sobre uma praça que arreia armas, diante d'esse aspecto grave, como D. José 1.º de bronze. Queria dizer-te, sem enfatuamento, que

vaes vêr uma mulher que tem por mim a paixão mais douda, mais arrojada, mais impetuosa, que imaginar-se póde, depois da amante do Marco Antonio, e d'outras muitas que me não lembram agora. Esta mulher, se eu quizesse uma esposa rica, sería minha; se eu quizesse uma amante, sel-o-ia tambem. E' a tal Anacleta, que tem os mais bellos quarenta annos da era de Cezar?...

«Concedes-me que eu me recolha ao meu escriptorio? Tenho cartas a responder...

«Decente despedida! Até á noite... Darei a Cecilia o teu recado...

Sebastião de Mello, encerrado no seu quarto, dizia com o profundo sentimento d'uma verdade fatal:

Ha n'aquelle homem um germen d'infortunio!

XLIII

Quando Sebastião de Mello entrou na sala de Philippe Valladares, estava Azarias Pereira murmurando a Cecilia palavras, que a faziam corar de pejo ou indignação

Quem tivesse a incivil curiosidade de fitar o ouvido a curta distancia dos enamorados, ouviria este final do dialogo:

«Eu não te disse — dizia ella com acrimonia — que não dissesses a Sebastião de Mello o que Francisca me confiou.

«E eu entendi que obsequiava a tua amiga, preparando-lhe occasião de se entender d'um modo explicito com o meu amigo Mello.

«Que lhe ha de ella dizer!?

«O mesmo que te disse a ti, com mais modestia. A verdade não fica mal em labios d'uma dama d'alto nascimento; e a verdade que foge ao coração esquivo em confessar se, é a que faz as sanctas no amor. Porque não ha de Francisquinha ser o que tu não foste para mim, Ceci-

lia? Eu tive de amollecer com lagrimas a dureza do teu seio; ainda hoje me custam horas de soffrimento um teu sorriso misericordioso, e quem sabe as amarguras ineditas...

«Ineditas! que é isso?

«As amarguras novas que tem de provar a minha coragem?

«Não fallemos de nós, Azarias... Antes que Francisca entre na sala, vê se fazes com que o Mello não denuncie a tua imprudencia.

«Isso é a cousa mais simples do mundo, minha adorada Cecilia.

O judeu levantou-se, e foi cumprimentar Sebastião de Mello, que descrevia os costumes da Corsega a Philippe Valladares, fidalgo d'uma instrucção tão negativa, que acreditava na existencia da Corsega, depois que lêra, na Gazeta de Lisboa, que Napoleão era corso. E, supposto que ao primeiro intuito entendeu corsario e não corso, Sebastião de Mello viera capacital-o da existencia da Corsega.

«Meu caro Mello — disse Azarias. — Se te não é penoso dar-me uma palavra...

«Vá, vá — disse Valladares — mas depois queria que v. exc.ª me dissesse alguma cousa do reino do Congo. As chronicas fallam do meu quinto avô, que foi viso-rei do Congo.

«Do Congo? Talvez v. exc.ª se engane... Creio que Portugal nunca mandou viso-reis ao Congo.

«Então não será Congo; mas, se o não é, parece o.

O gevernador nomeado do Brazil foi vêr as *Decadas do Barros*, em quanto Mello para obstar a uma escandalosa gargalhada do israelita, a respeito do Congo do quinto avô de Valladares, lhe perguntou:

«Que querias?

«Por certos motivos, acho prudente que não dês a perceber a D. Francisca que fallamos a respeito d'ella.

«Eu tinha já tencionado isso mesmo... Recebi tudo que me disseste como uma galhofa de moço que precisou gastar uma hora, fallando sempre.

«Queres dizer que te menti?

«Não. Quero dizer que serias um habil compositor de novellas, pela vocação que te sinto para o phantastico.

Valladares voltava com a chronica sobraçada, exclamando, com os oculos montados na ponta triangular do nariz:

«Não é Congo, é Gôa! Eu logo lhe disse que as duas terras se pareciam muito. Que me diz o senhor a respeito de Gôa, onde foi viso-rei — (e aqui subia a voz uma oitava) — meu quinto avô Heitor de Valladares?

Sebastião ia responder ao neto do Heitor, quando Francisca entrou, cumprimentando de passagem os cavalheiros.

«Meu pae — disse ella — pedia-lhe que deixasse Gôa para outro dia; a mamã pede-lhe o favor d'ir ao seu quarto.

«Como está a senhora? — perguntaram algumas vozes.

«Está tolhida de rheumatismo; não é cousa de cuidado; mas em quanto não vier o estio, não póde sair da cama.

«Graças ao rheumatismo de s. exc.ª — murmurou Azarias ao ouvido de Mello — estás livre de fazer a prelecção geographica ao dono da casa.

Alguns cavalheiros tomavam chá. As jovens, que eram poucas, jogavam, o xadrez e as damas, com os velhos condes e marquezes. As velhas marquezas e condessas censuravam a falta de respeito com que Azarias Pereira conversava com Cecilia, prova de que, no seu tempo, aquellas praticas salvavam-se do escandalo por serem feitas sem testemunhas: o que de certo não era peor. Afóra isto, uma das singularidades que muito inquietavam os olhos modestos das respeitaveis filhas das cortezãs de D. João V, era o enorme bigode, e as barbas d'apostolo com que Sebastião de Mello se apresentava fallando com senhoras.

Como quer que fosse. Francisca Valladares parece que não tinha medo nem repugnancia ás barbas do mysterioso cavalheiro, com o qual se desviára um pouco das suas amigas.

«Parecem tão entretidos!...» dizia a velha condessa de Penajoia ao ouvido de uma austera fidalga de oitenta annos que fôra noviça em Odivellas, e sahira sem professar porque um valido do nosso Luiz XIV a obrigou a votos, que não eram os da regra do patriarcha S. Bernardo...

«Que dirão elles?...» responde a octogenaria senhora, levando ao olho direito, a sua luneta de ouro, com cercadura de perolas.

O que elles disseram nunca ella o soube; mas é justo que nós o saibamos.

«Sempre triste, sr. Mello! Quando teremos, as pessoas que o estimamos, um instante de prazer por lhe vermos um sorriso de satisfação?

«A's pessoas, que me estimam, direi que esse sorriso é impossivel... Nem fingil-o sei, minha senhora. Tambem v. exc.ª é triste; e, se o não fosse, a minha melancolia ser-lhe-ia indifferente como é para todo o mundo.

«Mas eu nasci assim com esta disposição para tristezas, sem motivo. E v. exc.ª decerto não foi sempre o que é hoje.

«Decerto não fui.

«Algum soffrimento que não se cura com o tempo... Revezes da vida que não deixam, sequer, a esperança...

«Viu a minha alma...

«Antes a não tivesse visto... Nem sequer a esperança?

«Em Deus? Tenho-a, porque as ultimas lagrimas do homem são como o ultimo vapor do incenso, que é o mais puro, e o que mais se eleva para Deus.

«E' tão rara essa linguagem nos moços d'este tempo....

«E' que eu pertenço a outro tempo muito remoto. Não vê v. exc.ª que estou velho,e que vou fugindo d'entre estes homens d'hoje que não são os meus?

«Velho com trinta e tantos annos! Quem me dera conhecer o que podia acordal-o d'esse lethargo! Se fosse uma mulher, iria pedir-lhe de joelhos o seu amor para offerecer-lh'o. Se é Deus, pedirei com fervor lhe restaure a mocidade, antes que a solidão da velhice o veja sahir deste mundo sem saudades d'elle.

«Sahirei...

«E eu queria que não! Veja que celebridade tão impropria d'uma mulher!... Queria vêl-o feliz!

«Recebo no coração esses compassivos desejos, minha senhora.

«Receba, receba, que é lá onde deve recebel-os... Não é já isto uma sympathia?

«E' uma virtude... é o perfume da piedade... V. Exc.ª, que tem uma dôr sem motivos, aprendeu a conhecer aquella que os tem. Não a tocam os sorrisos felizes, e captivam lhe a compaixão generosa as amarguras, que se não escondem. Lembrar-me-hei sempre com gratidão de que encontrei uma alma, cheia de innocencia e de dó, desejando-me bens, que eu já não posso gozar. E' muito... disse a verdade, snr.ª D. Francisca... é muito mover-lhe uma sympathia... O infeliz, no meio das esperanças que embriagam a sociedade que o rodeia, é uma nodoa, uma mortificação, uma censura acre ás doçuras da mocidade. Eu sou esse infeliz. Tenho movido a curiosidade; mas a compaixão, não. Uns perguntam-me quem sou. Outros calculam a minha riqueza pelo mesquinho apparato com que vivo. Este, vaidoso da sua philosophia epicurista, manda-me viver como vive a outra gente á mercê dos acontecimentos. Aquelle compraz-se em me chamar excentrico, porque esta palavra é a grande palavra com que se explicam todas as loucuras do genio atormentado, ou todos os soffrimentos do coração que se despedaça em segredo. Aqui está o mundo que me rodeia. Encontro agora uma alma, que amanheceu hontem, e parece anciar o seu occaso, porque talvez da terra se levantam vapôres negros, que lhe toldam os raios. E' necessario encontrar um soffrimento juvenil, que nos entenda o nosso, quando a corrupção entrar nos velhos. Foi v. exc.ª, com os seus dezoito annos, cercada de prazeres que porfiam felicital-a, com uma brilhante estrada de flores diante de si, é v. exc.ª que me vê, que me estrema entre o vulgo, que me adivinha, e vem, em duas palavras, pronunciar a historia da minha alma, que eu não tenho podido escrever em muitas paginas, meditadas em tenebrosas vigilias. Foi uma consolação... nem a esta eu aspirava já... Vejo que não se fecha de todo o anel do infortunio em volta do coração...

«Pois ahi tem, snr. Mello... A desesperação não é o termo da desgraça... Tenho lido cousas, que a experiencia não reconhece, mas o coração diz-me que as acredite. Não ha mal completo. O soffrimento é a tempestade; mas os dias seguem-se aos dias, e o sol nasce um dia desas-

sombrado de nuvens. O desejo da felicidade não é já de si uma esperança?

«Mas... essa flor não medra em sangue...

«Em sangue?!

«Foi uma palavra irreflectida, minha senhora... Queria dizer-lhe que ha o absoluto na dôr. Deus queira que a experiencia nunca lhe desminta o que o seu bom coração aprendeu nos livros. E' bom que as maximas da resignação se escrevam, para que os fracos não se valham do suicidio em dôres que se remedeiam. E' bom que se fechem os ouvidos a Rousseau, e se abra o coração ao Evangelho. Eu o tenho feito, com ser homem criado entre incredulos, e alimentado do mau leite d'um seculo que nos ensina a fatal maxima: «é nobre o morrer quando a vida nos deshonra.» Deshonra é a cobardia que foge á expiação... Onde vou eu divagando? Cuidei que fallava com algum espirito amadurecido pela experiencia... Parece-me que a sua amiga Cecilia está anciosa pela sua companhia...

«Não importa... eu sinto-me bem, soffrendo aqui...

«E eu não quero que soffra... Deixe-me exercer esta soberania sobre a sua vontade...

«Exerça, que eu preciso de sentir o seu dominio... ainda que elle me seja pesado como os grilhões d'um mau pae...

«Não lhe será pesado o dominio, snr.ª D. Francisca... Conselhos de amigo só importunam os falsos amigos... Disseram-me que v. exc.ª entrava n'um convento brevemente: é verdade?

«Assim o tenho dito, contra a vontade da minha familia.

«Antevê consolações na religião?

«Vou cegamente: dizem-me que lá se vive só, sem obrigação de conviver: o que me chama ao convento é o amor da solidão, o goso do soffrimento sem testemunhas...

«E o sacrificio da sua liberdade a Deus, não?

«Não pensei ainda n'esse sacrificio, e creio até que nenhuma mulher, da minha idade, entra n'um convento para sacrificar-se a Deus. Serei, talvez, a unica freira, que desde os doze annos sentiu crescer em si o vago de-

sejo de abandonar o mundo. Quando tive uso de razão, vi que o mosteiro, e o mosteiro sem fausto, era um logar talhado para mim.

«Quando entrar n'esse segredo de angustias calladas, minha boa amiga, olhe bem em redor de si, e veja se nenhum vinculo escondido a prende ao mundo...

«Talvez me engane.,. mas o resultado não me será penoso mais do que me está sendo hoje o presagio. Eu tenho um anjo que me diz que a quietação do mosteiro é muito para o meu genio: mas que uma campa no claustro será tudo para o meu completo repouso.

Francisca Valladares conheceu que as lagrimas viriam compromettcr a sua innocencia. Ergueu-se, para disfarçal-as, e entrou com Cecilia na roda das senhoras velhas, cuja honestidade já não podia soffrer, sem ruidosa murmuração, o longo entretimento da donzella com o homem das barbas indecentes.

Filippe de Valladares tinha lançado sobre a filha os olhos de revez; mas tão longe estava elle de quinhoar no pabulo satyrico das senis virtudes das fidalgas (e elle que as conhecia, melhor que o reino do Congo, e a Corsega!) que não deu valor ao caso, nem pretextou um desvio a Francisca. O representante de Heitor Valladares sabia que a sua *S. Thereza de Jezus*, como elle lhe chamava (sem saber que Thereza, antes de ser de Jesus, teve tentações de Satanaz, e não sabemos se resistiu a todas) não tinha coração para homens, e muito menos para aquelle, cujas barbas eram o terror das mulheres, e cuja fortuna era muito duvidosa, supposto que o seu illustre nascimento fosse affiançado por pessoas idoneas.

O circumspecto governador do Brazil, quando viu Sebastião de Mello desembaraçado da conversa da filha, approximou-se, dando tractos á memoria para lembrar-se da tal palavra parecida com o Congo. E como a reminiscencia lhe não fosse propicia, infidelidade que ella tinha até na maneira de escrever Filippe, as mais das vezes, com um só *p*, e Valladares com um *l*—o pae de Francisca entendeu que devia esperal-a mais favoravel, para honra sua, e fallou, entretanto, n'outro assumpto.

«Vejo que fallou muito tempo com a minha Francisca...

«Deu-me essa honra.

«Ella tem a mania dos livros. Aposto que estiveram a fallar em francez?

«Não, snr. Valladares; fallamos na nossa lingua, que é uma excellente lingua para fallarem portuguezes.

«Isso digo eu tambem; mas ella quiz aprender o francez com um padre jesuita que eu tive aqui por mestre e capellão. Desde que sabe o francez e o italiano, lê muitos livros, que não sei de que tractam: mas é, desde que os lê, que a tristeza anda de volta com ella, e que a idea de se fazer freira lhe entrou mais na cabeça. Tenho-a querido casar; mas ella não vae para ahi. Todos os homens lhe desagradam, e falla a todos com fastio. Eu, logo que a vi entretida com v. exc.ª, disse cá comigo: «lá está ella a fallar francez» porque é isso que a entretem mais, e eu, a fallar-lhe a verdade, aborreço de morte a tal lingua, só porque o grande patife do Napoleão é francez... E' verdade — bradou com vehemencia o terrivel inimigo do imperador dos francezes — agora me lembra... é *Góa*... Que me diz v. exc.ª a respeito de Gôa?

O leitor decerto prescinde de saber o que Sebastião de Mello disse, com grande pasmo do ditoso Valladares, que teve a fortuna de recordar-se da terra que seu quinto avô governára, em grande proveito para a casa que o neto hoje possuia, e grande gloria para a patria.

XLIV

Deixae gemer os corações, que se lamentam mortos. O amor é a vida. Em quanto as arterias pulsam, e a refracção da belleza corisca nos olhos, por mais cançados de lagrimas que sejam; em quanto o homem tem energia nas angustias, e saudade tormentosa que o volta para um amor passado: o coração não está morto; as palpebras não descahem sobre os olhos que se apascen-

tam no bello: o ideal, que se annuvia em remotas regiões, rasga um dia a fantastica mortalha, e caminha diante do proscripto da felicidade como a columna luminosa do deserto.

O duque de Cliton amava Francisca Valladares. A larva da duqueza não era já o pesadello de todos os seus somnos; a solidão do seu quarto não tinha já aquella negrura, que vem de longe cerrando as avenidas da esperança.

A esperança renascia!

A constancia em frequentar a casa de Valladares, o estimulo que o impellia para ali, o adormecimento das suas magoas ao som da voz imperiosa de Francisca, recordaram-lhe os primeiros assomos da paixão por Branca de Clermont. Tinha sido assim aquelle vêl-a sempre, aquelle anciar vago do incognito, com o qual o coração nem bem atina quando está bem perto d'elle, e bem presente aos olhos a mulher que se ama.

Nunca os seus labios balbuciaram esta confissão. O duque de Cliton condemnava-se ao silencio, porque, dizia elle «este silencio é talvez a expiação a que a Providencia me condemna.»

Quer fosse prejuizo, quer a verdade fosse aquella, Sebastião de Mello, convencido de que tinha a esgotar as fezes d'um novo calix, aceitou-o.

Aceital-o era abrir o coração ao amor de Francisca: era insculpil-o ahi com traços de fogo, que lentamente devorassem esse resto de vida, em silenciosa angustia.

Mas a filha do governador comprehendera-o, e voltára-se toda á confiança d'elle, para que cêdo ou tarde, os labios não receassem accusar o coração.

Decorreram seis mezes assim, tormentosos para o duque, e lucidos de esperança para Francisca Valladares.

Os murmurios das honestas velhas conglobaram-se n'um boato de namoro muito enraisado entre o mysterioso cavalheiro, e a dama inacessivel a todos os cavalheiros, que tinham uma fortuna conhecida, e um nascimento sem nuvens mysteriosas.

Sebastião de Mello era, segunda vez, flagellado pela emulação; mas o amor proprio de Sebastião de Mello já não era a soberba ultrajada do duque de Cliton. Offere-

cera-se ao martyrio, e acariciava as dôres pequenas que a rivalidade lhe causava. O despeito forjou calumnias. Inventaram-se infamias a Sebastião de Mello. Deram-n'o como aventureiro, que soubera illudir o conde de Trancoso, e o marquez de Torres-Vedras, com um nascimento fabuloso. Farejavam nos misteres mais vis o manancial da sua apparente riqueza. Diziam outros, que o excentrico das grandes barbas era um mercenario de França, emissario da revolução, sustentado por ella, até mesmo porque nunca o ouvíram fallar mal do imperador.

Não se lhe occultavam estes juizos. Azarias Pereira, fiel amigo, não o deixava hoje na duvida do que se dissera hontem.

E Sebastião de Mello recebia as affrontas com a serenidade da resignação, e não tinha uma palavra de queixa, nem se defendia da calumnnia.

Francisca Valladares sabia tudo de Cecilia. Chorava um dia todo, para, á noute, não verter lagrimas suspeitas na presença de Mello. Julgava-o ella ignorante dos boatos, que, mais cêdo que o costume, chegaram aos ouvidos faceis de Filippe de Valladares.

Estupido, sim; mas tambem, malicioso, era o nosso estudante de geographia. O seguinte dialogo é sobeja prova para os que pensam que se não póde ser esperto, sem saber aos cincoenta e quatro annos se a Corsega é fabulosa como a cidade do Sol de Campanella.

«Francisquinha, estás ainda na ideia de ser freira?

«Porque? meu pae quer que eu entre já no convento?

«Acho que é tempo. Eu não tardo a ir para o Brazil, e quero deixar-te arrumada... Que dizes?

«Digo que... por em quanto... não irei, se o pae não determina o contrario.

«Pois das duas uma: casar com o conde de San'Gens, ou com o marquez de Cezimbra, com um d'estes, ou entrar no convento.

«Não caso com nenhum d'esses, meu pae. Sobre o meu coração sou eu que governo.

«Isso não é modo de responder a seu pae, menina! Eu não lhe digo que caze; tenho-a deixado escolher; mas não estou disposto a consentir que vá escolher entre aquelles que eu não quero que escolha.

«Eu não escolhi ninguem, meu pae.

«Não é isso o que se diz. Por ahi falla-se muito na menina, e em Sebastião de Mello. Este senhor dizem que é muito nobre: mas eu não sei quem é; dizem que é muito rico; mas eu nunca lhe vi o seu dinheiro, nem as suas quintas. Outros dizem que não é nobre nem rico. Seja lá o que fôr, não me faz conta o teu ar de graça para elle, e o de aborrecimento para todos os outros. Será tudo uma calumnia, (abrira-se a torneira da eloquencia!) não duvido; mas a maneira de a fazer callar, é tu casares, ou entrares quanto antes no convento.

«Entrarei no convento.

«E, depois, não quero visitas de Sebastião de Mello ás grades.

«Heide recebêl-o todas as vezes que me procurar. Não me importa saber quem é. O que sei é que é muito nobre de coração, muito superior a todos os homens que conheço, tão zellador, ou mais ainda, da minha reputação que meu proprio pae. Não tenho motivos nenhuns para ultrajal-o, e o pae tambem os não tem. Se o maltractar, é injusto, e terá um dia de arrepender-se d'uma offensa, que Sebastião de Mello hade receber com resignação, porque... o pae não me entenderia se eu lhe dissesse como é a alma d'aquelle homem...

«Nem quero saber... A gente não se regula por uma cabeça de dezoito annos... Sabes tu o que acaba de acontecer?

«Não sei...

«A tua amiga Cecilia...

«Que fez?

«Que fez?! Fugiu a noute passada...

«Fugiu!... Oh meu Deus! Com quem fugiu?

«Com Azarias Pereira...

«E' crivel, meu pae! Elle tinha-a pedido a Christovam Coelho...

Tinha... e Christovam Coelho negou-lh'a, porque não queria sangue de judeu na sua familia...

«Por isso ella se despediu hontem de mim, banhada em lagrimas!...

«E queres saber mais?... O tal Azarias roubou uma antiga bacalhoeira da Conceição Velha, para poder fugir

com Cecilia! Que vergonha! Quem diria o tratante que a gente admittiu no meio de nós! Honrado era o pae, que lhe devo tres contos de reis, e foi ha mais de dous mezes não sei para que reino, e não m'os pediu... Ora ahi tens o que é regular-se a gente pela sua cabeça com pouco chumbo... Aquella, ainda que se case, já se não lava da nodoa...

«Deixe-me choral-a, meu pae, que me parece que a não torno a vêr... Minha pobre amiga, onde estarás tu?... Quem me dera poder abraçar-te quando todos fugiriam de ti!... Oh! Deus permitta que Azarias seja digno d'aquelle anjo!

«Não sei se é, nem se não... O caso é que o pobre pae deu-lhe um flato, que dura ha vinte e quatro horas. E' de crêr que se vá d'esta!... Quem é pae, vê-se em apertos bem afflictos! O que te peço é que me poupes a velhice, e não me faças andar nas boccas do mundo...

«Pouparei, meu pae...

«Pois então, resolve o mais depressa o dia da tua entrada. Tua mãe diz que te quer fallar a respeito d'isto mesmo.

XLV

Na noute d'esse dia, em casa de Filippe de Valladares, e em todas onde Cecilia e Azarias eram conhecidos não sobejou um momento para se tractar outro assumpto. A fuga, aggravada pela infamia do roubo a uma amante bacalhoeira, era o borborinho constante.

Um só homem não pronunciára sobre tal successo uma palavra: foi Sebastião de Mello. Quando lhe deram a noticia, a impressão gelou-o, e o vaticinio, que fizera seis mezes antes, assombrou-o d'um prestigioso medo aos seus juizos. «Serei eu a condemnação das pessoas que se approximam d'estes vermes contagiosos que me róem o coração?» escrevia elle.

«Que lhe parece o acontecimento de Cecilia? — perguntou-lhe Francisca.

«Foi uma desgraça!

«E não é mais de crêr que ella o repute uma ventura?

«Que importa o seu juizo? O abysmo está coberto de flores... Lá no fundo é que se sente a dôr da quéda.

«Que vaticinio! que prevê?

«Alguma cousa terrivel, sem significação na linguagem humana.

«Que duas punhaladas juntas eu recebi, meu caro irmão!

«Qual é a outra?

«Meu pae manda-me entrar immediatamente no convento.

Sebastião de Mello estremeceu. Sentiu um ligeiro vagado que lhe empanou momentaneamente os olhos; correu a mão pelo repentino suor da testa, e mordeu o labio inferior, como se assim fosse necessario conter um gemido com violencia,

Francisca Valladares, como se estivesse a sós com elle, distrahida de uma sociedade que a contemplava, apertou-lhe a mão, que descia da face, enchugando uma lagrima. O acto inaudito espantou os hospedes presentes, e grande esforço fez sobre si a noviça de Odivellas, para não bradar com a sua voz gosmenta: «menina! isso não se faz! ao que as outras, em côro, responderiam. «no nosso tempo não se faziam estas cousas diante de gente!»

O incidente escandaloso passou em desmancho na boa ordem d'uma critica á surdina.

Sebastião de Mello leu nos olhos flammejantes dos seus detractores a censura, que, no dia immediato, correria os beccos lamacentos da illustre opinião publica; e no rubor de Francisca viu tambem a reacção do juizo sobre o acto indiscreto d'um aperto de mão.

«Não soffra, minha amiga. Foi uma imprudencia que não terá resultados. Deixe reparar a virtude no seu delicto... Eu heide salval-a da oppressão em que a traz a calumnia.

«Salvar-me!... não póde, Sebastião de Mello... Não se

salva assim uma mulher, para quem acaba tudo... Que me importa a mim esse mundo, que nos observa? Receio por si...

«Por mim?!

«Sim... porque sei que é victima destes vís, ralados de orgulho, pisados na sua soberba, e indignos de me assustarem, porque me fazem tedio... e mais nada...

«Importa, respeital-os, Francisca... eu por mim respeito-os, quando entre elles vejo os cabellos brancos de seu pae...

«Meu pae... hade ser o meu tyranno...

«Não se exalte que nos escutam com curiosidade aquellas senhoras...

«Sebastião de Mello!... sempre discreto, sempre conselheiro de considerações á sociedade!... E' muita frieza!... é quasi uma ingratidão...

«Heide contradizel-a, minha amiga... mas com palavras, não...

«Sim, sim... prove-me que me ama...

«Que a amo, Francisca! Não lho tenho eu provado!... Que mais póde fazer um homem...

«Não sei... — disse ella com sublime enthusiasmo — não sei... Mais feliz do que sou neste momento é que não póde fazer-me, Mello... Nunca lhe ouvi essa palavra... nunca me disse que...

Filippe de Valladares chamou a filha d'uma sala proxima. Francisca foi acceleradamente:

«Que quer meu pae?

«A menina continua a dar escandalo a essa gente?! Não sabe que essas conversas só as tem os noivos? Isto não tem geito. Olhe que eu, se me aperta muito, digo a esse senhor que não torne a minha casa!

«Não faça tal imprudencia, meu pae, que mata sua filha.

«Então sempre é certo...

«Que o amo? E' certo: digo-lhe com toda a soberba do meu coração, que é certo, e que não tenho um momento na vida que não seja delle.

«Isto ninguem o acredita! A menina é uma douda! Eu passo a fechal-a n'um quarto, e mando-a sangrar. Pois que diabrura tem aquelle homem que deu comsigo nesta tolice?

«Não tem resposta a pergunta, meu pae. Não sei o que tem, sei que o amo, que heide amal-o sempre, aqui, no convento, nó céo, e no inferno. Não posso já soffrer reprehensões de todas essas velhas, que ahi estão na sala, essas mesmas que meu pae já disse que não perderam o seu tempo... Respeito meu pae, cêdo-lhe os pulsos para os ferros, mas o coração não ha nada que m'o domine, a não ser o amor. Fallo-lhe com toda esta franqueza, porque sei que vou ser freira, e não seria nunca sua filha indigna, ainda que encontrasse um perverso, onde encontrei um irmão.

«Tenho entendido... precisas de ser vigiada.

«Vigiada!... E' pena que o pae me não entenda!

«Entendo, entendo ás mil maravilhas. Ora, minha menina, vá até ao quarto de sua mãe, e passe lá a noute com ella, que está sozinha.

«Eu obedeço, meu pae.

Francisca antes de entrar no qnarto de sua mãe, entrou no seu, debulhada em lagrimas. Com a mão convulsiva pegou da penna, e escreveu estas linhas:

«Meu irmão... Creio que nos não veremos mais. Se me não quer fazer desgraçada, se póde ser meu marido, eu fujo de casa. Confio-me a si como á protecção divina. Meu pae é meu algoz.»

E, chamando a sua aia, confidente desde a infancia dos seus dissabores, disse-lhe com febril commoção:

«Veja se póde já já fazer chegar este bilhete ás mãos de Sebastião de Mello... Olhe... parece-me que ouço passos na escada... Vá depressa... E' elle talvez que se retira.

Effectivamente era.

Mello recebeu o bilhete. A aia esperava a resposta, na incerteza de a ter. O cavalheiro escreveu com lapis na pagina rasgada d'uma *Agenda* as seguintes linhas:

«O que eu posso minha irmã, é evitar-lhe o infortunio. Basta que eu lhe diga que sou indigno de si para restituir-lhe a tranquilidade. Anjo, não se despenhe. Viva para a virtude, mas não se sacrifique ao capricho d'um convento. Adeus. Deixo Portugal ámanhã; voltarei quando souber que é feliz.»

Sebastião de Mello, com a firmeza que se póde dar

á consciencia da expiação, entrou em sua casa, onde a extremosa Thereza dos Anjos o recebia sempre com affagos de mãe.

«Veio hoje mais cêdo, meu filho! — disse ella, acarinhando-o como a uma creança.

«Venho dizer-lhe um adeus, por algum tempo.

«Como assim?!

«Uma carta imprevista obriga-me a fazer uma excursão á Hespanha... Não chore, minha boa senhora... Se Deus quizer que eu volte, será bem cêdo... Aqui lhe fica a minha casa, e tenha sempre em vista que o seu filho não quer que se prive do maior nem do menor prazer. Receba como até aqui os seus parentes, e conhecidos. Não se entregue á solidão, que é o maior mal dos que soffrem, ainda que lhe pareça que é o maior bem. Hade fazer o que lhe peço?

«E, se não nos tornarmos a vêr... á hora da minha morte... direi: «meu bemfeitor... eu vou pedir por vós ao Altissimo.»

«E não se esqueça nunca de pedir, que eu sou o mais necessitado da sua misericordia.

. . . .

Na madrugada do seguinte dia, Sebastião de Mello, com uma guia militar, entrava a bordo d'um brigue hespanhol, que levantava anchora para Gibraltar.

Ao terceiro dia de viagem passaram ávante d'um hiate portuguez, e chegaram á falla.

Sebastião de Mello reconheceu entre a matalotagem Azarias Pereira: fez-lhe um ligeiro aceno de mão. Pouco depois, conheceu Cecilia, acenando-lhe com um lenço, que tambem lhe servia de enchugar as lagrimas. Seriam saudades? remorso? prescentimento? o grito do pae moribundo que lhe eccoara no coração?

«Como os desgraçados se avisinham de mim! Vou ferindo de lepra as pessoas que recebem o meu halito! O filho do conde de Viso neutralisava a vitalidade do remorso com a exaltação da embriaguez! Encontrou-me... Morreu!

«Azarias Pereira gosava a reputação d'um cavalheiro: jogava com o mundo um jogo atraiçoado!... Conheceu-me!... Elle ahi vem, arrancando a filha e a vida a

um velho, e ouro com infamia a uma pobre mulher, que o amava.

«Francisca Valladares sonhava com a felicidade do mosteiro: achava o mundo ingrato ás suas virtudes angelicas; fazia-se para Deus, que a chamava desde a infancia. Ouvir-me!... Ella ahi fica no desespero d'uma paixão sem a paciencia d'um martyr!...

«Que significação tem isto, providencia?»

....

Ao oitavo dia de viagem, o brigue abicára em Gibraltar, deixando apoz si um mar tempestuoso.

Sebastião de Mello alcançou que o transportassem a Tanger, porque a prespectiva lugubre do castello derrocado harmonisava com o crepe sombrio da sua alma.

Dous dias depois, o duque de Cliton descobriu das ameias da fortaleza um hiate desmastreado, á mercê das ondas, que o abismavam, depois que rossavam nas nuvens.

«E' o esquife dos desgraçados que se approxima!» — murmurou elle.

Perto do hiate negrejava e desapparecia uma lancha com tres vultos. Os gritos de soccorro ouviam-se em terra. De Tanger a Gibraltar sahiram chalupas, que vieram balroar nos fragoedos, accossados pela onda insuperavel. O hiate sumiu-se, e reappareceu no dia seguinte. E os brados de soccorro, e o bracejar dos naufragos, cada vez mais perto.

O hiate queria fazer-se ao mar largo, para evitar a costa; mas não tinha leme. As rajadas do sul impelliam-no, e o dorso verde-negro da vaga rolava-o como a boia da rêde, arrastada na ressasca. E a lancha com os tres vultos ia-lhe na esteira. Os praticos de Tanger reputaram perdido o navio e, talvez, salva a lancha. Os israelitas, que o reconheceram, offereciam mil onças pela salvação de cada marujo. E' que a bandeira do rabbi tremulava nos galhardetes.

Esta agonia de mar e de terra durou duas horas.

Parecia serenar o vento. Renasceu a esperança. A sêde do ouro encorajou a tripulação dos navios inglezes ancorados na bahia.

Desatracára de terra uma frota de chalupas. Esta-

vam já bem perto, quando o hiate recebeu de prôa um vagalhão, e mostrou o cavername de ré. Alguns marujos resvalaram ao mar, e desses alguns sahiram cadaveres no dia seguinte. A lancha fugia das chalupas. Uma rajada de vento escondeu-a vinte e quatro horas. No dia seguinte animavam a tripulação a lançar-se ao mar, antes que o vigamento do hiate os matasse n'um repellão.

Azarias Pereira saltou da lancha com Cecilia desmaiada entre os seus braços e os de um marujo corajoso. Quando uma corda os arrastou para bordo d'uma chalupa de Tanger, Cecilia estava morta, e o marujo tambem.

Sebastião de Mello desceu á praia.

Azarias Pereira olhava os circumstantes com terrivel aspecto, sentado ao pé do cadaver da filha de Christovam Coelho.

Os judeus de Marrocos descobriram-se na sua presença, e murmuraram palavras do rito.

Quizeram transportal-o n'uma cadeira de coxins amarellos, e conduziram umas andas para o cadaver.

Azarias repelliu com um gesto os serviços que lhe offereciam.

«Que queres, pois, fazer?» — disse-lhe Sebastião de Mello.

«Segue o teu caminho!» — respondeu com horrivel sobrecenho o amante de Anacleta.

«Seguirei: mas que fazes tu ao pé d'esse cadaver?

«Morro.

E começou a cavar com as mãos uma sepultura.

Sebastião de Mello approximou-se para o consolar. O judeu tirou do seio um punhal.

«Está doudo!» — murmuraram todos, affastando-se.

CONCLUSÃO

Sebastião de Mello experimentou dous agudissimos soffrimentos: saudade e remorso. As tregoas, que o espectro moribundo da duqueza parecia conceder-lhe, tinham acabado. Talvez lhas dera para que o espirito do infeliz se creasse uma esperança, que devêra ser, de-

pois, o seu tormento, morta ella. E morrêra bem cêdo: o amor de Francisca Valladares fôra-lhe uma engôdo, o sonho padecente no oratorio, sonho de vida. que desperta sob a mão do carrasco, que o chama.

E para que o amante de Francisca sentisse bem no intimo da alma que a hora da expiação soárá seis annos depois do crime, nunca do pensamento lhe fugia essa bella imagem, esse anjo de desconsolavel amargura, essa pallida virgem dos incomprehensiveis desgostos, que, raio de sol do outomno, viera na folha mirrada da sua alma enchugar os prantos, que deviam ser a seiva com que os espinhos reverdecessem, quando a flôr da esperança está fanada.

O filho de Silvina vagou ao acaso dezoito mezes, sempre com os olhos fitos no occidente, onde se lhe affigurava, entre os arreboes do horisonte, distinguir a mortalha alvissima que elle vestira ao seu novo holocausto, á abandonada mulher, que seria, áquella hora, mais uma larva do seu cortejo.

Ao descer do sol para esta orla do globo, Sebastião de Mello, nos visos do Calpe, mergulhava o olhar profundo no brilhar argentino, além do qual a phantasia hàllucinada lhe affigurava um leito, e uma agonia, uma luz a esvaecer-se, e um sorriso de perdão agradecendo o osculo da morte.

O véo da noute desdobrava-se além, e então a tristeza era escura como ella, o soffrer tinha o terrivel irremediavel, o coração queria invocar allivios do céo; mas a consciencia dizia ao desesperado que nunca o Senhor, na cerração da noite, fizera coar um raio limpido do sol.

E o desalento, quando as lagrimas o não desafogavam, passava ao frenesi da loucura. Sebastião de Mello corria longas caminhadas até matar a energia do corpo, cahindo exhausto.

A morte, porém, não vinha, e o homem não tem sobre si mesmo o imperio de um Deus.

Thereza dos Anjos recebeu, um dia, ao cabo de dezoito mezes, sem novas do seu bemfeitor, uma carta, que devia ser respondida, pelo venesiano que a trazia. Perguntava Sebastião de Mello pela filha de Philippe de Valladares.

Disseram-lhe que, quinze dias antes, entrára no convento de Santa Apollonia, na modesta ordem das carmelitas; e que era publico, em Lisboa, que uma paixão por Sebastião de Mello, paixão não apreciada pelo mysterioso cavalheiro, a reduzira a ser levada ao mosteiro mais para dar-lhe um tumulo que uma cella.

Thereza dos Anjos pedia ao «seu filho» que viesse receber-lhe o ultimo abraço porque não podiam ser muitos os seus dias.

Sebastião de Mello veio a Portugal. A sua vinda foi muito tempo ignorada. Quasi esquecido na alta sociedade, os que souberam da sua volta e quizeram satisfazer a curiosidade, procurando-o para sondal-o, encontraram-no com essa frieza do tedio, que repelle, e por muito favor, concederam-lhe as mais definidas disposições para demente.

Francisca Valladares ignorava tambem a vinda de Mello. Julgando-se em appressado recuar para o nada, d'onde os livros francezes lhe disseram que sahira, a sua paixão tinha, ainda assim, aquella serena resignação que muitos imaginam só poder-se dar nos que expiram invocando o nome de Jesus. Francisca Valladares morreria como Carlota Corday se Sebastião de Mello tivesse um Marat como o marquez de Luso. Restos de fé, se os tinha, apagaram-se como o lampejo d'uma luz de tumulo, quando a lufada passou por ella.

Muitas freiras, que não tinham sentido nunca em si o antagonismo do coração com o impossivel, não concebiam que se podesse ser desgraçado com aquelle sorriso angelico, com aquelles olhos de piedade sempre enchutos, e com aquella imperturbavel physionomia diante da morte que vinha accelerada. Queriam que ella consumisse o resto dos dias em purificações do espirito, contaminado por cousas da terra, e ainda, ao que parecia, prezo a saudades, que não deviam roubar o coração ás esperanças mysticas.

Não a conheciam: duas só eram as privilegiadas testemunhas do seu passado, que ella lhes contava sem queixume, nem lagrimas. Eram a prelada, e soror Adelaide.

Esta, mais que a outra, lhe soubera a vida, porque tambem a conhecêra no mundo, e de lá viera para o

claustro, aos empuchões da tyrannia paternal, que a sacrificou ás conveniencias de partilhas.

E' esta quem, nos MYSTERIOS DE LISBOA, conta o desenlace d'estes amargurados amores, á condessa de Santa Barbora.

Um dia, ao fim de dous mezes de noviciado, Francisca de Valladares recebe este bilhete:

«Quando o amor de Deus tiver vencido o amor dos homens, no coração da noviça de Santa Apollonia, fallaremos do céo, e perguntaremos ambos ao Altissimo se as lagrimas aqui choradas são, na eternidade, um triumpho ou um martyrio.

Sebastião de Mello.»

Foi soprar a chamma que se escondera nas cinzas de uma grande paixão!

N'esse dia, o duque de Cliton recebia uma carta de Francisca. Eram, tambem, poucas as linhas: o coração fôra violentado a mentir, na branda frase, onde se lê a resignação.

«Perguntaremos, pois, a Deus o nosso destino. Esta é a hora solemne de o interrogarmos: a minha vida vae fugindo: o vaticinio realisa-se. Sebastião de Mello, se me não encontrasse viva, deveria descer ao claustro, e ouviria dos labios d'um cadaver o adeus que não pude dar-lhe.

Francisca Valladares.»

Foi.

Deus creou as dôres supremas, e convenceu o homem da sua fraqueza, negando-lhe o poder de contal-as. Expira o coração, e a expressão nos labios fallece com elle. O martyr, quando tocou a extrema, gemendo, apenas, morre como o christão nas fauces do tigre.

No LIVRO NEGRO apenas encontramos palavras sem nexo, e essas diluidas em lagrimas. São as paginas que deviam contar-nos as tribulações d'um anno, nas grades do mosteiro de Santa Apollonia. Foi Soror Adelaide quem, dezesseis annos depois, levantou uma dobra desse doloroso mysterio, mostrando Padre Diniz ajoelhado sobre o tumulo da filha de Filippe de Valladares.

E pouco, bem pouco foi o que ella soube dizer!

Ella ouviu as blasphemias da agonisante: mas não soube quantas supplicas ferventes gemeu primeiro a fé.

Não soube que delirios de amor, que radioso lume a noviça projectou dos olhos abrasados sobre os de Sebastião de Mello, que poderia salval-a da morte, se a desgraça o não levasse ao fanatismo, se a imagem de Branca lhe não segredasse que seria o assassino da sua segunda mulher.

A religião salvou-o mais tarde; mas forçou-o a não ter uma fibra sem um espinho, quando a ultima se partiu no leito do hospital.

....

Thereza dos Anjos adormeceu para sempre nos braços do homem, que já podia recitar-lhe, como ministro de Deus, as orações da agonia. Quando cerrava os olhos, ouviu estas palavras:

«Vae encontrar teu filho, sancta! A misericordia do Senhor deve têl-o recebido, porque foi martyr antes de ser parricida...

«Parricida!... — disse Thereza convulsivamente.

«Perdoae-lhe.

«Deus ouça o perdão de sua mãe, e receba as minhas penas em desconto do seu crime.

....

Para quasi todos que o conheceram, Sebastião de Mello tinha morrido.

N'aquelle semblante, nem um contorno do antigo homem!

O mundo transfigura-se diante da sua transfiguração.

D. Pedro da Silva, a condessa de Santa Barbora, Anacleta dos Remedios são as consolações que Deus lhe manda.

A sua expiação será um longo praso. Morrerá vinte e dous annos depois. O mundo verá um santo. A expiação dar-lhe-ha um altar, e a lei ter-lhe-ia dado um cadafalso.

FIM.